Universidade Federal de Pernambuco

Bruno Marcello Mendonça Nascimento

A Escola de Psiquiatria do Recife:

fundação e 1ª sucessão -

de Ulysses Pernambucano a José Lucena.

Recife

2007

Bruno Marcello Mendonça Nascimento

A Escola de Psiquiatria do Recife:

fundação e 1ª sucessão -

de Ulysses Pernambucano a José Lucena.

Dissertação apresentada ao programa
de pós-graduação em neuropsiquiatria,
departamento de neuropsiquiatria,
centro de ciências da saúde,
universidade federal de Pernambuco,
CCS – UFPE.

Orientador: Prof. Dr. Othon Bastos

Recife

2007

Nascimento, Bruno Marcello Mendonça
A Escola de Psiquiatria do Recife: fundação e 1ª sucessão – de Ulysses Pernambucano a José Lucena / Bruno Marcello Mendonça Nascimento. – Recife: O Autor, 2007.
vii + 229 folhas: il., imagem. ; 30 cm
.
Orientador: Othon Bastos

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCS. Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento, 2007.

Inclui bibliografia, apêndices e anexo.

1. Escola de Psiquiatria. *2.* Ulysses Pernambucano. 3. José Lucena. 4. Psiquiatria pernambucana. I. Bastos, Othon. II.Título.

UFPE
616.8908134 CDD (20.ed.) CCS2012-031

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Neuropsiquiatria
e ciências do Comportamento

54ª DEFESA

RELATÓRIO DA BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DO MESTRANDO BRUNO MARCELLO MENDONÇA NASCIMENTO

No dia 29 de agosto de 2007, às 9h, no Auditório Térreo do Programa de Pós Graduação do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, os Professores: Ivanor Velosso Meira Lima (Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Membro Externo), João Alberto de Carvalho (Professor Doutor do Departamento de Neuropsiquiatria da UFPE -Membro Externo) e Everton Botelho Sougey (Professor Doutor do Departamento de Neuropsiquiatria da UFPE – Membro Interno), componentes da Banca Examinadora, em sessão pública, argüiram o Mestrando **BRUNO MARCELLO MENDONÇA NASCIMENTO**, sobre a sua Dissertação intitulada **"SUCESSÃO NA ESCOLA PSIQUIÁTRICA DO RECIFE: DE ULYSSES PERNAMBUCANO A JOSÉ LUCENA"**. Ao final da argüição de cada membro da Banca Examinadora e resposta do Mestrando, as seguintes menções foram publicamente fornecidas:

Prof. Dr. Ivanor Velloso Meira Lima	APROVADO
Prof Dr. João Alberto de Carvalho	APROVADO
Prof. Dr. Everton Botelho Sougey	APROVADO

Prof. Everton Botelho Sougey
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Ivanor Velloso Meira Lima

Prof. João Alberto de Carvalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

REITOR

Prof. Amaro Henrique Pessoa Lins

VICE-REITOR

Prof. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

PRÓ-REITOR PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

DIRETOR

Prof. José Thadeu Pinheiro

HOSPITAL DAS CLÍNICAS

DIRETORA SUPERINTENDENTE

Prof.ª Heloísa Mendonça de Morais

DEPARTAMENTO DE NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO

Prof. Alex Caetano de Barros

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA

COORDENADOR

Prof. Marcelo Moraes Valença

VICE-COORDENADOR

Prof. Murilo Duarte Costa Lima

CORPO DOCENTE

Prof.ª Belmira Lara da Silveira Andrade da Costa

Prof. Everton Botelho Sougey

Prof. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

Prof. Hildo Rocha Cirne Azevedo Filho

Prof. João Ricardo de Oliveira

Prof. Luiz Ataíde Júnior

Prof. Marcelo Moraes Valença

Prof.ª Maria Carolina Martins Lima

Prof.ª Maria Lúcia Simas

Prof. Murilo Duarte Costa Lima

Prof. Othon Bastos Filho

Prof. Raul Manhães de Castro

Prof.ª Sheva Maia da Nóbrega

Prof. Wilson Farias Silva

DEDICATÓRIA

A meus pais, Marconi e Iale, que abdicaram de muito para me proporcionar esta oportunidade; a Marcella e Caio, a vovó Mercês, a meus amigos-irmãos Ruschansky e Jarissé; assim como a todos os demais parentes e amigos que me querem bem.

A Juliana, é claro; a única que enche a taça que me embriaga e sapateia de tamancos em meu coração.

Ao mestre Othon Bastos, que me fez ver a humanidade da (na) psiquiatria.

Ao professor Ulysses Pernambucano, grande ser humano.

A todos os meus pacientes, que comigo compartilharam um pedaço de suas existências.

Ao mestre Zeto (in memoriam) e àqueles que têm Pernambuco como aldeia e aos pernambucanos de nascença ou afeição.

AGRADECIMENTOS

A meus colegas de residência Edson César Silva, Sílvia Helena Silva, Marta Victor, Lívia Vasconcelos, Lara Ventura, Cíntya Martins e José Vieira Filho; que comigo descortinaram os primeiros horizontes psiquiátricos. Especialmente a meu amigo Edson César, pela prontidão nas solicitações de ajuda.

Aos psiquiatras desta terra, professores das 'minhas primeiras letras psiquiátricas', alguns, hoje, além de professores, grandes amigos: Suzana Azoubel, Murilo Costa Lima, Antônio Peregrino, Kátia Petribu, Jane Lemos, Gilvanice Noblat e particularmente aos professores Osmar Gouveia de Melo, José Francisco de Albuquerque, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque e Tácito Medeiros, que se deixaram por mim entrevistar, muitas vezes me recebendo, de portas abertas, em seus lares.

Aos componentes da minha banca examinadora, os professores João Alberto de Carvalho, Ivanor Meira Lima e Everton Botelho Sougey; por mim escolhidos pelo valor científico e humano; cujas observações contribuíram de modo significativo para que este trabalho tomasse uma forma definitiva e estruturada. O que permanece inconsistente e amorfo é por teimosia do autor.

A dois psiquiatras de outras terras, que tanto influenciam, pelo exemplo, em meu fazer psiquiátrico, ambos da 'Escola de Campinas': os professores Paulo Dalgalarrondo e Mário Eduardo Costa Pereira.

Ao Sr. Adailson Medeiros, pelos auxílios bibliográfico/ iconográfico e ao professor Vicente Masip, pelas sugestões e comentários, sempre pertinentes.

A todos que me auxiliaram na realização deste trabalho.

EPÍGRAFE

Para isso fomos feitos:

Para lembrar e ser lembrados

Para chorar e fazer chorar

Vinícius de Moraes (Poema de Natal)

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado...

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica...

Antônio Cícero (Guardar)

A memória em vigília alcança o solto

perpassar de episódios, uns futuros

e outros passados, vagos...

E tudo num refrão atormentado:

memória, raciocínio, descalabro...

Jorge de Lima (Solilóquio sem fim e rio revolto)

Nosso tema é o homem todo em sua enfermidade (psíquica)

Karl Jaspers (Psicopatologia Geral)

RESUMO

NASCIMENTO, Bruno M. M. A Escola de Psiquiatria do Recife: fundação e 1ª sucessão - de Ulysses Pernambucano a José Lucena. Recife, 2007. Dissertação de Mestrado (Neuropsiquiatria), UFPE, 2007.

O presente trabalho investigou a existência e descreveu a fundação de uma Escola pernambucana de Psiquiatria, ou seja, de um conjunto de estudiosos que, trabalhando em conjunto ou separadamente, compartilharam semelhantes preocupações, interesses e objetivos. Examinou seu surgimento, assim como esboçou as principais características e investigou a adequada nomenclatura – propondo que seja conhecida como a Escola de Psiquiatria (Social) do Recife (EPR). Situou o psiquiatra e professor Ulysses Pernambucano como seu patrono e grande incentivador. A obra escrita do fundador da Escola foi analisada em pormenores, contextualizando sua produção científica. A atuação de Ulysses Pernambucano nos mais diversos campos do saber também foi objeto de atenção e, deste modo, analisaram-se seus feitos como docente, psicólogo, diretor de instituições, reformador dos serviços de assistência a doentes mentais no estado de Pernambuco, pensador, homem de ação e, sobretudo, como criador de Escola. Estabelecemos os marcos delimitatórios da fundação da Escola de Psiquiatria do Recife (EPR); relatando suas características, princípios e vertentes. Adentramos no percurso que chegou à 1ª sucessão na EPR; nomeando os continuadores da obra do professor Ulysses Pernambucano, tanto na área psiquiátrica sensu strictu como nas áreas correlatas e afins; detendo-se, mais amiúde, sobre algumas das personagens que o sucederam, tais como os psiquiatras e professores Gildo Neto, Arnaldo Di Lascio, Luiz Cerqueira, René Ribeiro, Zaldo Rocha e José Otávio de Freitas Jr., até chegar

naquele que viria a assumir a Cátedra de Psiquiatria da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1953; o professor José Lucena. Sobre este, e a fim de revelar-lhe o papel assumido; demos ênfase a algumas particularidades e caracteres pessoais, por meio de revisão histórica e relato (depoimento) de seus continuadores e discípulos; e, de forma mais detalhada, examinamos sua obra, sua produção científica e o grau de proximidade e vinculação desta com os trabalhos pioneiros de Ulysses Pernambucano, estabelecendo sua filiação, em razão de afinidades de corpo teórico – doutrinário, com a EPR. Propôs-se uma nova ordenação da produção científica do professor Lucena, trazendo dados novos como um reagrupamento dos trabalhos analisados, um acréscimo no intuito classificatório e uma atualização do seu valor, à luz da visão psiquiátrica atual. Concluiu-se este estudo com uma análise e interpretação do material estudado, com ênfase no alcance e nas conseqüências de seus resultados, ressalvando que, para tema tão pouco trabalhado como objeto de pesquisa, qualquer consideração conclusiva haveria de ser parcial, em virtude de sua própria natureza e amplitude, embora importante para ensejar novas abordagens sobre o tema.

Palavras-chave: Escola de Psiquiatria; Ulysses Pernambucano; José Lucena; Psiquiatria pernambucana.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Bruno M. M. The Escola de Psiquiatria do Recife: foundation and first sucession - from Ulysses Pernambucano to José Lucena. Recife, 2007. Master's degree Dissertation (Neuropsychiatry), UFPE, 2007.

The present work examined the existence and described the foundation of a Pernambucan School of Psychiatry, in other words, of a group of scholars who working together or separately, shared similar preoccupations, interests and objectives. It examined its onset, and delineated the main characteristics and investigated the adequate nomenclature – proposing it to be known as the Escola de Psiquiatria (Social) do Recife (EPR). It named the psychiatrist and professor Ulysses Pernambucano as its sponsor and great encourager. The work written by the founder of the School was detailedly analyzed, by contextualizing his scientifical production. The performance of Ulysses Pernambucano in the several fields of knowledge was also object of attention and so, his deeds as an educator, psychologist, institution director, reformer of the assistance services to mentally disabled people in the State of Pernambuco, thinker, man of action were analyzed, above all, he as a School founder. We established all the important milestones of the foundation of the Escola de Psiquiatria do Recife (EPR), by describing its characteristics, principles and branches. We penetrated in the course that led to the 1st succession at the EPR; appointing the successors of the work of professor Ulysses Pernambucano, so much in the field of psychiatry strictu sensu as in the correlated and relative fields. We examined more detailedly some of the characters, who replaced him namely, the psychiatrists and Professors Gildo Neto, Arnaldo Di Lascio, Luiz Cerqueira, René Ribeiro, Zaldo Rocha and José Otávio de Freitas Jr., until we came to that one who would eventually take over the chair of psychiatry in the

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) in 1953: the professor José Lucena. About this one and in other to bestow on him the taken role, we emphasized some particularities and personal characteristics, by means of a historical review and narrations (statements) of his successors and disciples; and more detailedly, we examined his work, his scientifical production and the degree of proximity and connection of it to other pioneering work of Ulysses Pernambucano, by establishing his parentage in view of theoretical – doctrinaire affinities with the EPR. We proposed a new disposition of professor Lucena's scientific production, bringing new data as a rearrangement of the analyzed works, an increment in the classificatory intention and an updating of its value, under the light of the current psychiatric vision. This study was concluded with an analysis and interpretation of the studied material, with emphasis on the scope and on the consequences of its results, stressing that, for a theme so little explored as research object, any conclusive consideration would be partial, because of its own nature and width, although important to foster new approaches on the theme.

Key words: psychiatric school; Ulysses Pernambucano; José Lucena; pernambucan psychiatry.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS (ordem alfabética)

ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria

CAPS – Centro de atenção psicossocial

CAPSad – Centro de atenção psicossocial para álcool e outras drogas

CAPSi – Centro de atenção psicossocial para infância e adolescência

D.O. – Diário Oficial

D.P. – Diário de Pernambuco (Jornal)

EEG – Eletroencefalografia

ER – Escola do Recife

EPR – Escola Psiquiátrica do Recife

EUA – Estados Unidos da América

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IM – Idade Mental

PE – Pernambuco

QI – Quociente Intelectual

SP – São Paulo

SUS – Sistema Único de Saúde

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UP – Ulysses Pernambucano

UPE – Universidade de Pernambuco

LISTA DE SÍMBOLOS (ordem no texto)

D. - Dom

n. – número

Kg - Kilograma

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto.....2

Folha de aprovação.....4

UFPE.....5

Dedicatória.....6

Agradecimentos.....7

Epígrafe.....8

Resumo (português).....9

Abstract.....11

Lista de abreviaturas e siglas.....13

Lista de símbolos.....15

Sumário.....XIV

1. Introdução 20

1.1 Identificação (do problema) e justificativa (do trabalho).....20

1.2 Objetivos.....23

1.2.1 Objetivo geral.....23

1.2.2 Objetivos específicos.....23

2. Metodologia.....25

3. A cidade do Recife.....27

3.1 O Recife (Pernambuco) do início do século XX.....29

4. Ulysses Pernambucano.....36

4.1 Notas biográficas.....37

4.2 Os primeiros anos em Recife.....40

4.2.1 O Hospital de Alienados e o 'caso das órfãs'.....40

4.2.2 A Vocação Docente.....41

4.2.2.3 A Escola Normal....41

4.2.2.4 O Ginásio Pernambucano....44

- **O início dos anos 30 em Pernambuco (clima político)....47**

4.3 O Serviço de Assistência a Psicopatas....50

4.3.1 O Serviço Aberto....55

4.3.2 A Colônia de Alienados....55

4.3.2.1 Assistência Hétero-Familiar....57

4.3.3 Manicômio Judiciário....58

4.3.4. Serviço de Higiene Mental....58

4.3.5 Instituto de psicologia....59

4.3.6 A Liga de Higiene Mental de Pernambuco....63

4.4 Ulysses Pernambucano: obra escrita....65

4.5 Obra não-escrita....82

4.5.1 Ulysses Pernambucano e a questão religiosa em Pernambuco....82

4.5.2 O Congresso Afro-Brasileiro do Recife, 1934....84

- **O pós-30 e pré-35 (clima político)....89**

4.6 'O Lixo Pernambucano'....91

4.6.1 A 'Intentona' de 35....91

4.6.2 1937, Estado Novo, Era Vargas, Agamenon Magalhães....94

4.7 O pós-35 (realizações)....97

4.7.1 1936 – Sanatório Recife....97

4.7.2 1938 – Neurobiologia....97

4.7.3 1938 – Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro...98

4.7.4 Escola para excepcionais....101

4.8 A Faculdade de Medicina.....103

4.9 'A indesejada das gentes'.....105

4.10 Influências formadoras.....108

4.11 Atualidade, um precursor em saúde pública e mental.....112

4.12 O 'enamorado da liberdade'.....114

5. A Fundação da Escola de Psiquiatria do Recife.....123

5.1 Outras Escolas do Recife.....138

5.1.1 A Escola de Neurologia/ Neurocirurgia.....138

5.1.2 As Escolas (de Direito e de Psiquiatria) do Recife: aproximações.....138

6. O início da sucessão na Escola Psiquiátrica do Recife.....143

7. O professor José Lucena (notas biográficas).....157

7.1 O professor Lucena visto pelos alunos e colaboradores.....162

8. Nova 'visão panorâmica da produção científica de José Lucena'*.....166

9. Discussão e conclusões.....195

10. Referências..... 201

11. Apêndices.....213

11.1 Biografias (ordem numérica).....213

11.2 Imagens (ordem numérica).....214

11.3 Ulysses Pernambucano (Lista de obras).....217

11.4 José Lucena (Lista de obras).....221

12. Anexo (Imagens).....230

1. Introdução

O presente trabalho tem como tema central a História da Psiquiatria em Pernambuco, ou, melhor dito, a História da Psiquiatria de Pernambuco, no sentido de realce não somente à Psiquiatria praticada como também à produzida neste estado. Carece-se, no exame de assunto tão vasto, de uma maior delimitação; da explicitação a respeito de qual aspecto histórico esteve sob análise e apreciação. Optou-se, quando se leva em conta o objetivo da pesquisa, por avaliar aspectos condizentes ao período compreendido entre o início das atividades profissionais de Ulysses Pernambucano como médico e psiquiatra – fins do segundo decênio do século XX -, até a sua sucessão formal no que tange às atividades docentes e consolidação de sua obra por meio dos alunos e discípulos (fins dos anos 70 do mesmo século), abrangendo, portanto, período equivalente a pouco mais de 50 anos. Depreende-se, desta forma, que não foram submetidos a estudo mais aprofundado, ainda que tenham sido abordados a título de ilustração ou de modo pontual, o período imediatamente anterior (ou dos primórdios da Psiquiatria em Pernambuco) e posterior, que termina por ser também o contemporâneo.

1.1 Identificação (do problema) e justificativa (do trabalho)

Em qualquer local em que haja serviços de saúde assistenciais de cunho psiquiátrico, há de existir, por conseguinte, uma prática *(práxis)* psiquiátrica. Porém, a existência de uma assistência médica em psiquiatria não exige necessariamente que ela esteja referendada por um modelo teórico próprio que a substancie, servindo-lhe de esteio. Pode mesmo haver uma prática psiquiátrica acéfala (sem fundamentação) ou ainda uma prática de caráter acrítico (por assimilação enviesada de conteúdos alheios). A Psiquiatria, assim definida como disciplina científica e especialidade médica, é de constituição relativamente recente, se comparada a outros ramos do conhecimento. Ao longo deste período de constituição, nas esferas mundial e nacional,

desenvolveram-se várias correntes de pensamento, que se foram sucedendo, interpenetrando-se e incorporando saberes, constituindo um corpo de conhecimentos. Àqueles que exercem a psiquiatria no nordeste brasileiro, em princípio, não caberia nenhum papel de destaque ou ações de caráter vanguardista neste campo. Não haveria, neste local, um modo particular e substanciado de se pensar o fato psiquiátrico, não haveria, entre estes, 'Escolas de Psiquiatria'.

No entanto, estudando-se escritos, depoimentos, análises, discursos, etc, envolvendo pessoas que exerceram (exercem) uma atividade profissional em Psiquiatria ou áreas afins no estado de Pernambuco, especificamente no período acima delimitado; percebe-se serem várias as citações e referências à Escola de Psiquiatria do Recife ou Escola Pernambucana de Psiquiatria.

A partir desta observação, algumas indagações foram colocadas. A que Escola estão a se referir? Em outras palavras, existiu (existe) uma Escola Pernambucana de Psiquiatria? À *práxis* psiquiátrica neste estado, corresponde um corpo de conhecimentos teóricos localmente produzidos, um *logos* psiquiátrico pernambucano? Evidentemente que, partindo-se dos pressupostos acima mencionados quanto à produção do conhecimento psiquiátrico e a construção de uma feição específica a este conhecimento; a existência de uma Escola de Psiquiatria nesta região haveria de ser explicitada em seus pormenores.

As abordagens que vêm sendo realizadas sobre esta pretensa Escola têm sido, ainda que produtivas, algo fragmentadas, feitas sem este propósito explícito, muitas vezes no calor de uma efeméride ou evento comemorativo. Não há, de fato, uma obra integradora, com análise específica a respeito deste tema. Carece-se, portanto, de um estudo mais detido, a fim de se esmiuçar, no tocante à suposta 'Escola': de início, a comprovação de sua existência, e, em sentido afirmativo; suas características e configurações, sua unidade interna. Exames

das sucessões ocorridas na Escola (e das pessoas nelas envolvidas) são ainda menos comuns, evidenciando-se uma lacuna em tal área.

Debruçar-se sobre este tema reflete, antes de tudo, preocupação com as origens, no que toca às questões psiquiátricas. Tentar investigar e conhecer como, ao longo dos anos, se deu a construção de uma forma de conceber teoricamente a prática médico-psiquiátrica. A análise histórica há de nos permitir assim fazê-lo. Tem, portanto, esta obra, um sentido de retorno, de *"presentificação do passado". (Bastos, O. in: 1)* Deseja-se por em evidência o tema, trazê-lo para discussão, examinar-lhe as entranhas. Reorganizar algumas questões já existentes, mas que, por carência de ordenação, não estão sendo encaradas em sua totalidade. É factível tal intento, em razão da disponibilidade das fontes e possibilidade de seu manuseio. O intuito é conseguir por foco em certos aspectos reveladores, colhendo as repercussões (teóricas, clínicas, sociais, etc.) que delas possam advir. Trata-se de trabalho com poucos correspondentes em termos de propósito (ao menos explicitamente). A confirmação de suas hipóteses reveste-se de importância, ao referendar uma 'Escola', ou seja, um *logos* psiquiátrico regional.

1.2 Objetivos.

1.2.1 Objetivo geral.

- Examinar a existência, sob o ponto de vista teórico – doutrinário, de uma escola pernambucana de psiquiatria.

1.2.2 Objetivos específicos

- Investigar a fundação de uma escola pernambucana de psiquiatria, a Escola de Psiquiatria do Recife.

- Esmiuçar as principais características desta Escola.

- Propor-lhe uma nomenclatura adequada, apoiada na análise de suas configurações e características.

- Relevar a figura de Ulysses Pernambucano como dela fundador, organizador e patrono.

- Analisar a obra escrita de Ulysses Pernambucano, inserida no contexto da Escola do Recife.

- Avaliar as realizações de Ulysses Pernambucano em diversas áreas além do campo estritamente psiquiátrico.

- Esboçar os primeiros integrantes (da Escola) no campo psiquiátrico e nas diversas áreas afins.

- Avaliar os rumos desde a fundação até a 1ª sucessão da Escola.

- Descrever a assim conhecida 'Escola (de Direito) do Recife', verificando suas interseções com a Escola de Psiquiatria.

- Examinar as características e a relevância social/ científica da obra de José Lucena.

- Identificar o psiquiatra José Lucena como sucessor formal de Ulysses Pernambucano, no campo psiquiátrico.

- Sugerir a continuidade temporal da Escola do Recife na época pós José Lucena.

2. Metodologia

A pesquisa apresentada pretende-se de tipo qualitativo, visto que intenciona lidar com *"a complexidade dos fenômenos e seus pormenores sem que haja necessariamente operacionalização de variáveis"; (1)* de tipo fundamental ou não-aplicada, porque tem como parâmetro *"aumentar o conhecimento sobre o homem, a natureza e a própria humanidade", (1)* sem tradução prática observável num primeiro momento. Em seus objetivos gerais, é de caráter exploratório, no sentido de *"proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses", (3)* ou ainda *"o aprimoramento de idéias e/ ou a descoberta de intuições". (3)* Do ponto de vista de delineamento (design), buscou utilizar-se de recursos das pesquisas documental e bibliográfica, valendo-se respectivamente de material que não tenha ainda ou já tenha recebido um tratamento analítico prévio. Em relação às fontes documentais, fez-se uso daquelas *"de primeira mão"*, quais sejam: *"diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, cartas pessoais, etc" (3)* assim como daquelas *"de segunda mão",* a saber: *"relatórios de pesquisa, tabelas estatísticas, etc". (3)* No que toca às fontes bibliográficas, foram utilizados livros tanto de *"leitura corrente" (3)* (obras literárias ou de divulgação) quanto de *"leitura de referência" (3)* (dicionários, enciclopédias, etc) assim como publicações periódicas (sobretudo jornais e revistas) e impressos diversos. Foi realizado um levantamento bibliográfico preliminar, com identificação das fontes. Alguns esclarecimentos são necessários. Entre as fontes disponíveis para a pesquisa, existem diversas que, pelo teor do trabalho, tornam-se fontes de 'dupla função', ou seja, são, *a priori*, documentais ou mesmo bibliográficas, mas podem ser encaradas como depoimentos/entrevistas, no sentido de que respondem a indagações do autor, ainda que as perguntas não tenham sido por ele formuladas. Há ainda outra fonte, por ora não mencionada. Trata-se de entrevistas, realizadas com pessoas/profissionais que participaram, direta ou indiretamente, do período mencionado no estudo. Sua seleção, assim como toda a seleção do material bibliográfico, deu-se, obedecendo a alguns critérios. No que toca à primeira parte do estudo, sobretudo no que se refere a Ulysses

Pernambucano e à Escola do Recife, foram aproveitados todos os materiais disponíveis, ou seja, a obra escrita de Ulysses Pernambucano e quaisquer obras que se referissem de algum modo à Escola do Recife passaram pela análise do pesquisador. No que toca aos aspectos da sucessão e especificamente àqueles relacionados ao professor José Lucena, fez-se uma análise de sua obra escrita e contou-se com depoimentos/entrevistas daqueles que com ele conviveram e foram, de uma ou de outra forma, seus alunos e/ou colaboradores. Cabe ressaltar, por fim, de que modo foram manuseados os dados de que se dispunha. A proposta era compendiar, aquilatar, organizar as informações; dando-lhes, evidentemente, certo toque pessoal, expresso, mesmo quando não aparente, seja na informação mais valorizada, ou ainda no próprio modo de organização das informações. Tentou-se evitar, é certo, uma mera proposição narrativa, factual. Optou-se por uma construção, pela realização de uma teia, em que, sem se desligar da veracidade dos relatos e contribuições; sem extrapolações não permitidas e sem fantasias especulativas; o autor pudesse, no entanto, por meio de certo engenho individual, distribuir e organizar o cabedal de conhecimentos e informações; por vezes, unindo depoimentos a questões mais objetivas; em outras, coadunando na mesma frase afirmações temporalmente separadas; como exposto, com o compromisso de não escapar à verdade factual mas com certa liberdade na construção do texto.

3. A cidade do Recife

"Outras cidades serão mais belas
- o mundo está cheio de corpos lindos -,
Mas nenhuma delas me daria esta
Sensação de permanente surpresa e
Descobertas,
Ser único e insubstituível, cuja forma,
Odores, maciez, eu reconheceria de
Olhos fechados
Recife, corpo amado."

Esfolhando o Amado Corpo, Luzilá Gonçalves.

"Recife dos tolos que sorriem pensando que sabem
E dos sábios que choram pensando que são tolos...
Flor de velório
Flor no nascimento
Recife que nesse instante
É palco do meu lamento."

Recife, Graça Nascimento.

"Amar mulheres, várias até. Amar cidades, só uma. O Recife."

Lêdo Ivo, poeta alagoano.

"Recife, cruel cidade, águia sangrenta, leão.
Ingrata para os da terra, boa para os que não são.
Amiga dos que a maltratam, inimiga dos que não
Este é o teu retrato feito
Com tintas do teu verão
E desmaiadas lembranças
do tempo em que também eras
noiva da revolução."

Guia prático da cidade do Recife, Carlos Pena Filho.

Ar-racif (árabe) – arrecife – recife:
Calçada, caminho, paredão, muralha, dique, parede de apoio, cais, linha de escolhos. (2)

"... seja tão significativo dizer-se 'o Recife' – Recife macho, Recife varão, Recife homem – em vez de simplesmente 'Recife'. O que não exclui ser esse Recife, assim valente, noutros dos seus aspectos cidade anfíbia com alguma coisa de sereia; e, portanto, de mulher. Cidade meio-terra, meio-água. Cidade mãe d'água, boa para os que procuram refugiar-se na sua ternura."

(O Recife, sim! Recife, não, 1967, p. 18 - Freyre, G. apud O Recife: passeio à antiga (2))

O aglomerado populacional que mais tarde viria a constituir o Recife teve seu ajuntamento iniciado a partir de 1537. Passaria de povoado a vila (de Santo Antônio do Recife) em 19.11.1709. A vila seria elevada à categoria de cidade, em tempos de D. Pedro I, em 05.12.1823. Anos mais tarde, em 15.02.1827, passaria a ser capital da província de Pernambuco, substituindo a Olinda. Esta, em fins do século XVI, era uma vila importante, contando com uma população de 20.000 habitantes. O Recife, passando a capital, já em 1850, possuía 50.000 habitantes, sendo à época, em população, a terceira cidade do país. **(Imagem 1)**

Construída sob inúmeras e contínuas influências, aberta a acolher os visitantes, que ao partirem, carregam um pouco da cidade, deixando também um pouco de si,

"A cidade tem ares cosmopolitas, aberta à entrada das invenções modernas, sendo sua história atrelada à permanência de costumes de fora que se entrelaçam com seus hábitos mais antigos. O Recife é uma cidade de cores múltiplas, iluminada, território de paisagens tropicais, de pontes, de mercados, de praças e bairros com seus casarões e quintais imensos." (Antônio Paulo Rezende in: Freyre, G., 2007 (3))

Debruçada sobre o mar e os rios que lhe cortam (Capibaribe e Beberibe), **(Imagem 2)** com os quais mantém íntimo contato, ao mesmo tempo deixa-se penetrar e se esconde,

"A cidade não se revela em todos os seus segredos, por mais atento que seja o olhar de quem a observa. Ela é uma invenção humana, resultado de inúmeras aventuras, território das múltiplas travessias da cultura.

O Recife não é uma cidade que se revela com facilidade. Nem todos conseguem captar seus mistérios." (Antônio Paulo Rezende in: Freyre, G., 2007 (3))

Desde o início de seu desenvolvimento, assim como ao longo da história, a diversidade cultural fez parte da estruturação do Recife como cidade,

"... traz traços de várias épocas (o Recife), cultura de vários povos (o escravo, o índio, o português, o holandês, o mestiço), e eis porque o Recife é uma cidade contraditória e cheia de contrastes. Tão rica e tão pobre, tão feia e tão bela, um estado de espírito na pura acepção da palavra." (Flávio Chaves in: Braga, J., 2007 (4)).

A capital dos pernambucanos insere-se hoje no rol das grandes cidades brasileiras, com uma população estimada em 1.501.008 habitantes (dados do IBGE, julho de 2005), que triplica quando se considera seu entorno (Região Metropolitana do Recife), representando a quarta maior aglomeração urbana do país. Tem 8,6 quilômetros de extensão de praias e uma área total de 220 quilômetros quadrados, sendo 67,43% morros, 23,26% planícies, 9,3% áreas aquáticas, 5,58% de área verde.

3.1 O Recife (Pernambuco) do início do século XX

"*Os mistérios que se prendem à história do Recife são muitos: sem eles o passado recifense tomaria o frio aspecto de uma história natural. E pobre da cidade e ou do homem cuja história seja só história natural."*

(Assombrações do Recife Velho, 1970, p.5 - Freyre, G. apud O Recife: passeio à antiga (2))

Na esfera econômica, via-se o florescimento das monoculturas açucareira/ alcooleira (foram fundadas 76 usinas de açúcar entre 1890 e 1930) assim como da indústria de algodão. A expansão da industrialização se dava também por outras vias, com as indústrias têxtil, de cervejas, cigarros e refrigerantes.

No contexto político, com a proclamação da República em fins do século XIX, tomavam maior visibilidade em Pernambuco algumas personagens políticas tais como o ***Barão de Lucena[1],*** de maior prestígio no governo de Deodoro da Fonseca; e Alexandre José Barbosa Lima, com maior atuação no governo de Floriano Peixoto. Ressalte-se outra importante personagem da cena política local, o Conselheiro ***Rosa e Silva[2],*** que, mesmo fazendo política à distância, como senador no Rio de Janeiro, *"controlou a eleição de 4 governadores em Pernambuco." (Andrade, M. C., 2004 (5))*

.....
.....

****Barão de Lucena[1]***

Henrique Pereira de Lucena, o Barão de Lucena, pernambucano de Bom Jardim, nascido em 27 de maio de 1835, estudou Letras no Rio de Janeiro e Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife. Ao longo de sua extensa vida pública, exerceu inúmeros cargos de importância, tais como: delegado, presidente das províncias de Pernambuco (05.11.1872 a 10.05.1875), Bahia, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul; ministro de Estado (no governo Deodoro da Fonseca); desembargador; juiz do Supremo Tribunal Federal; deputado (era presidente da 'Câmara dos Deputados' – Assembléia Imperial - quando foi votada a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888). Em seu governo em Pernambuco, realizaram-se obras de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade: a implantação do sistema de telégrafos submarinos, que permitiu ligar o Recife a Belém do Pará, ao Rio de Janeiro e à Europa; construção da Ponte da Boa Vista e do Mercado de São José, reforma do Palácio do Campo das Princesas; conclusão das obras do Teatro Santa Isabel; instituição da Escola Normal e uma entidade de amparo aos órfãos; lançamento da pedra fundamental do hospício da Tamarineira. Retirou-se, praticamente, da cena política com a ascenção ao poder de Floriano Peixoto. Faleceu no Rio de Janeiro em 10 de dezembro de 1913.

**** Rosa e Silva[2]***

Francisco de Assis da Rosa e Silva nasceu no Recife em 04 de outubro de 1857. Cursou, ainda bem moço, a Faculdade de Direito do Recife. Em Pernambuco, era o líder maior do Partido Conservador. Foi deputado provincial por diversos anos. Comandou o estado por mais de quinze anos, mesmo sem ter sido governador. Foi vice-presidente do Brasil entre 1898-1902 (governo Campos Sales). Chegou a dirigir o (jornal) Diário de Pernambuco. Derrotado para governador

(na turbulenta eleição de 1911 contra Dantas Barreto), elegeu-se posteriormente para o Senado, em 1913. Faleceu em 01 de julho de 1929.

.....

Em 1911, houve em Pernambuco a Campanha do 'Roso-Dantismo', em que concorreram à sucessão do então governador Estácio Coimbra os candidatos Conselheiro Rosa e Silva (pela situação) e (general) Emydio ***Dantas Barreto***[3] (pela oposição) – este, na época, era ministro da Guerra e contava com apoio do presidente do Brasil Hermes da Fonseca. (Mota, A., 2002 (6)) Inicialmente as urnas haviam sido favoráveis ao Conselheiro Rosa e Silva, porém, após recontagem dos votos, foi decretada a vitória de Dantas Barreto, general renomado, que lutara na Guerra do Paraguai e na destruição de Canudos. Este logo se indispôs com o governo federal e com os políticos locais (Gonçalves Maia e Delmiro Gouveia) e *"substituiu a oligarquia Rosa e Silva pela própria". (5)* Governou até 1915, sendo seguido por Manoel Borba, José Rufino Cavalcanti e Sérgio Loreto. (6)

.....

***Dantas Barreto**[3]*

Emídio Dantas Barreto nasceu em Bom Conselho, interior de Pernambuco, em 1850. Ingressou ainda muito jovem no exército brasileiro, no qual alcançou os mais altos postos (chegou em 1908 a general de divisão). Participou de diversas operações de guerra, tais como: a Guerra do Paraguai e a Guerra de Canudos (nesta, tomou parte no último combate em 01.10.1897). Foi um dos primeiros a escrever uma obra sobre Canudos. Além da carreira militar, exerceu atividades literárias (escreveu obras militares e romances históricos), chegando a ser eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira que fora de Joaquim Nabuco. Faleceu em 01 de outubro de 1931.

.....

De 1922 a 1926, governou Pernambuco o promotor público e juiz Sérgio Loreto, em cujo governo houve aumento do saneamento na cidade do Recife e sua expansão por Boa Viagem, com maior urbanização. Incrementando o campo da Medicina Social, convocara o genro, ***Amaury de Medeiros[4]***, para tratar as epidemias. Foi sucedido no governo por Estácio Coimbra, que já havia sido vice-presidente da república e governador de Pernambuco.

.....
.....

**** Amaury de Medeiros[4]***

Nasceu no Recife, em 07 de dezembro de 1893. Estudou no Ginásio Pernambucano e formou-se em Medicina no Rio de Janeiro (foi o orador da turma). Escolhido pelo então presidente da República, Epitácio Pessoa, em 1919, para representar o Brasil no Congresso da Cruz Vermelha de Genebra. Também representou o Brasil no Congresso Pan-Americano de Higiene. Convocado pelo governador Sérgio Loreto (de quem era genro), assumiu a direção do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco (DAS), quando promoveu uma ampla cruzada sanitária e reformadora, revolucionando a medicina e a higiene no estado. Coube a ele o pioneirismo na solução do problema dos mocambos, construindo vilas populares através da Fundação Casa Operária. Mais tarde, eleito deputado federal. Escreveu vários livros: Cruzada Sanitária, Atos de Fé, Um grito de Alarme. Morreu muito jovem, em desastre aéreo, em 03 de dezembro de 1928, dias antes de completar 36 anos.

.....
.....

Estácio Coimbra, que nascera em 1872, pertencia ao grupo do Conselheiro Rosa e Silva e havia sido deputado estadual e federal, assim como vice-presidente do Brasil no governo Arthur Bernardes. Neste novo governo em Pernambuco, cercou-se de pessoas como Antônio Carneiro Leão e ***Gilberto Freyre[5]***. Este, à época, sustentava uma pendenga cultural com Joaquim Inojosa, afeito ao Modernismo de 1922. Freyre, que propugnava a preferência por um certo 'Regionalismo', por estes tempos, dirigia o jornal 'A Província', tendo lançado dois manifestos, o 'Manifesto de 26' e o 'Livro do Nordeste'.

.....

.....

***Gilberto Freyre**[5]*

Nasceu no Recife em 15 de março de 1900. Realizou os estudos iniciais em Recife e, em 1918, foi aos Estados Unidos para os estudos superiores, retornando ao Brasil em 1923. Sociólogo, antropólogo e escritor; dirigiu os jornais recifenses 'A Província' e 'Diário de Pernambuco'; publicou o 'Manifesto Regionalista de 1926'. Foi chefe de gabinete do governador Estácio Coimbra, de 1927 a 1930. Publicou seu livro de maior alcance em 1933, 'Casa Grande e Senzala', obra de fundamental importância nas ciências sociais no Brasil. Escreveu ainda diversos outros livros, tais como: Sobrados e Mucambos (1936); Nordeste (1937); Homem, Cultura e Trópico (1962); Além do apenas moderno (1973), Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife (1934), entre outros. Eleito deputado federal em 1946. Recebeu diversos prêmios literários e condecorações de universidades estrangeiras. Morreu no Recife, em 18 de julho de 1987.

.....

.....

No tocante às Escolas de Ensino Superior de Pernambuco; a Faculdade de Direito do Recife **(Imagem 3)** já funcionava desde a época do Império, a de Engenharia passara a funcionar em 1895, e anos depois, já no início do século XX, surgiram a de Odontologia (1913), a Agrícola/ Veterinária (1914) e a de Comércio (1924). (5) É interessante destacar o percurso que se seguiu para a abertura do curso de Medicina em Pernambuco. Seu grande animador foi, sem dúvida, o médico piauiense ***Octávio de Freitas***[6], que ao tentar conseguir apoio político para seus intentos, colecionava inúmeros contestadores e desafetos. Disse, sobre os primórdios da Escola de Medicina, em escrito, o professor Salomão Kelner, que seria professor titular de Cirurgia Abdominal da futura Universidade Federal de Pernambuco *(Salomão Kelner in: Octávio de Freitas. Um homem à frente do seu tempo, 1993 (7))*, *"O primeiro movimento oficial de dotar Pernambuco de uma Faculdade de Medicina coube ao então governador Alexandre José Barbosa Lima, em 1895"* (com projeto enviado à Câmara dos Deputados por sugestão de Octávio de Freitas) sendo que *"Dr. Constâncio Pontual, senador médico, liderou com surpresa, e conseguiu dos seus pares, apoio para sua rejeição." (Kelner, S., 1993).* Em 25 de

abril de 1909 (portanto, 14 anos depois), o Recife sediou o 1º Congresso Médico de Pernambuco, organizado sob proposta do Dr. Octávio de Freitas. À sessão inaugural do Congresso, em que faria nova proposta para criação do tão esperado curso de Medicina, não compareceria, abatido pelo falecimento de seus dois filhos pequenos (acometidos, ambos, de febre amarela). Anos mais tarde, em sessão na Escola de Farmácia (que havia sido criada em 06 de abril de 1910), sessão ocorrida em 05 de outubro de 1914, a proposta pela criação da Faculdade de Medicina **(Imagem 4)** foi aprovada por unanimidade, tendo sido eleita sua diretoria;

DIRETOR: Octávio de Freitas;
TESOUREIRO: Alfredo Medeiros;
SECRETÀRIO: Tomé Dias.

Sobre este episódio, assim se manifestou o professor Octávio de Freitas, (apud 7)

"Deliberada a criação da nossa Faculdade de Medicina, com minha eleição para seu diretor, incontinenti iniciei a árdua campanha de tornar uma realidade o nosso ideal, escolhendo-se os futuros professores da Faculdade de Medicina do Recife e realizou-se a sua Primeira Congregação na sede da Escola de Farmácia, em prédio ocupado pela Escola de Engenharia, à rua do Hospício."

.....

.....****Octávio de Freitas**[6]*

José Octávio de Freitas nasceu em Teresina, Piauí, em 24 de fevereiro de 1871; tendo vindo ainda jovem para o Recife. Formado em medicina no Rio de Janeiro (janeiro de 1893), dedicou-se à demografia sanitária e à saúde pública. Decidiu retornar a Pernambuco. Publicou o Anuário Estatístico Demográfico Sanitário da Cidade do Recife, no fim do século XIX. Em 1900, lançou as bases da Liga de Combate à Tuberculose. É considerado o pai da medicina em Pernambuco, em razão de ter sido o grande animador da criação desta escola no Recife. Em 1925, fundou o Jornal de Medicina de Pernambuco e, junto a outros companheiros, em 1947, fundou a Sociedade de Higiene de Pernambuco. Era também escritor. Publicou, entre outros títulos: Lições de Microbiologia, Medicina e Costumes do Recife Antigo, Os nossos Médicos e a nossa Medicina e Minhas Memórias de Médico. Faleceu no Recife em 26 de janeiro de 1949.

.....
.....

Houve um hiato de 05 anos entre as reuniões da Congregação, período de ajustes e resolução das divergências, sendo que, *"Somente a 04 de maio de 1920 reuniu-se a Segunda Congregação da Faculdade de Medicina do Recife, que aprovou por unanimidade a ata da primeira Congregação realizada a 05 de abril de 1915 e deliberou sobre o corpo docente." (Kelner, S. in: 7)*

Obs. *Os resumos biográficos presentes nesta obra foram feitos pelo autor com base em informações contidas em fontes diversas, no entanto, as duas mais utilizadas foram: Trilhas do Recife, Guia Turístico, Histórico e Cultural, 6ª edição, Editora Bagaço, 2007 (João Braga) e endereço eletrônico da Fundação Joaquim Nabuco, www.fundaj.gov.br/pesquisaescolar*

4. Ulysses Pernambucano

'É até possível que o nome de ressonância mítica se tenha, misteriosamente, impregnado de tintas homéricas. E, por força desta circunstância, se ofereceu à vida do médico, do psiquiatra, melhor, do homem, atmosfera heróica, pela influência de um demônio ou luz interior, no objetivo de encontrar novos moldes conceituais e éticos para a mente em desencontro, dissociada'.

Jamesson Ferreira Lima

'Porque dificilmente há tamanha concordância entre o nome e os sentimentos de um homem: Pernambucano'.

Júlio Belo

'Faz exatamente um século que vinha ao mundo o professor Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho. Os contempladores e observadores da natureza, aqueles que costumam deter-se olhando o mar, as florestas e o céu com suas estrelas, por certo, deverão ter percebido naquela data algum sinal especial no firmamento, uma conjunção de astros ou algo semelhante, isto porque, naquele dia, acabava de nascer alguém muito especial, fato que praticamente só costuma ocorrer a cada cem anos. Alguém que iria desenvolver uma atividade precursora e pioneira, que ultrapassaria de muito sua própria geração, perpetuando-se com características de perenidade'.

Othon Bastos

'Um homem como Pernambucano nos obriga a acreditar no futuro, a ter confiança nos outros homens'.

José Lins do Rego

4.1 Notas biográficas

Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho **(Imagens 5, 6 e 7)** nasceu no Recife em 06 de fevereiro de 1892, filho de José Antônio Gonsalves de Mello e de Maria da Conceição de Mello (os pais eram primos). Quando criança, fez seus primeiros estudos no ginásio Aires Gama, situado à Rua do Hospício, no Recife; tendo sido o curso médico realizado na cidade do Rio de Janeiro. Revelando o nascente interesse pela Psiquiatria, durante os últimos anos do curso (1910-1912) foi acadêmico interno do Hospital Nacional de Alienados, na Praia Vermelha, sob orientação e influência do pai da Psiquiatria nacional, ***Juliano Moreira***[7]. Concluído o curso, em 27.12.1912 - contava então o jovem Ulysses 20 anos, defendeu sua 'These' **(Imagem 8) –** '*Sobre algumas manifestações nervosas na heredo-syphilis', 132 páginas,* aprovada com distinção (e à qual acrescentou 72 proposições para as cadeiras do curso médico – 3 para cada disciplina, além de nela ter reverenciado os professores Fernandes Figueira, Juliano Moreira e Antônio Austregésilo). (9) Em 1913, de volta a sua terra natal - Pernambuco, iniciou a prática profissional na cidade de Vitória de Santo Antão (a 54 km de Recife), (**Imagem 9)** no papel do que hoje se poderia chamar médico generalista; ou, no dizer da época, omniprático. Em 1915 foi ao Paraná para a cidade de Lapa, mesmo ano em que se casou com sua prima Albertina Carneiro Leão, com quem teria dois filhos: ***José Antônio Gonsalves de Mello***[8] ***e Jarbas Pernambucano de Mello***[9]***.***

.....

.....

****Juliano Moreira***[7] ***(1873 – 1933)***

No início do século XX, adotando muitas idéias Kraepelinianas, iniciou uma renovação teórica no ideário psiquiátrico brasileiro, que, até então, tinha marcada influência francesa. Em 1903, chamado pelo governo para assumir o Hospital Nacional de Alienados, deu início a um ambicioso projeto de mudança na forma de funcionamento do asilo, introduzindo inovações, por exemplo, no campo dos métodos de diagnóstico. Dedicou-se ainda ao estudo da 'Psiquiatria comparada' ou 'Psiquiatria transcultural'. 'Preto doutor', enfrentou o disseminado preconceito

racial presente nos estudos psiquiátricos brasileiros da época, tanto do ponto de vista individual quanto do científico. É considerado o fundador da psiquiatria nacional. (baseado em Oda, A. M. G. R; Piccinini, W.; Dalgalarrondo, P.; Juliano Moreira (1873–1933): Founder of Scientific Psychiatry in Brazil. American Journal of Psychiatry, 162:4, April 2005 – (8)).

.....

.....

Sobre os primeiros anos que se seguiram à sua formação como médico, não praticou o jovem Ulysses Pernambucano a Psiquiatria sensu strictu. Vivendo em cidades interioranas em Pernambuco e no Paraná, foi levado a ampliar sua atuação, abarcando a lide com situações diversas que escapavam ao saber especializado que obtivera na metrópole nacional, sob a orientação de grandes nomes da Psiquiatria nacional. Pode-se, entretanto, enxergar ter havido algo de voluntário em tal conduta, como sugeriu o escritor José Lins do Rego, em escrito a respeito do psiquiatra pernambucano (Lins do Rego, J. in: Neurobiologia, dez 1945 (10)),

"*Viera do Rio para viver na sua própria província, embora amizades com os mestres da metrópole pudessem tê-lo seduzido a viver no centro cultural do país. Quis morar e viver em Recife, agir na sua cidade natal, dar tudo o que era seu ao seu povo.*"

E sobre a estada em terras interioranas, em que praticou a medicina geral, incluindo procedimentos médico-cirúrgicos, depôs o próprio Ulysses Pernambucano,

"*Bem me lembro das ilusões do médico de 20 anos, que se pretendia psiquiatra e se viu da noite para o dia, mercê da necessidade de ganhar a vida, clínico e cirurgião, obstetra e ginecologista, oculista e otorrinolaringologista, pediatra e, às vezes, até dentista. Bem recordo – e já com saudades! – da penosa adaptação do citadino às marchas em montarias ordinárias... E se evoco as rigorosas cautelas dos meus primeiros clientes – sempre em guarda contra a inexperiência do jovem médico – verifico hoje quantas noites de sono, quanto sacrifício excessivo, tanta dedicação nem sempre compreendida esbanjei às mãos cheias.*"

Ulysses Pernambucano, Discurso no Congresso Médico de Garanhuns, em 1933.

("O Estado", 03.11.1933 apud Coelho Filho, H., 1983 (11))

.....

.....

***José Antônio Gonsalves de Mello*[8]**

Nasceu em Recife, em 16 de dezembro de 1916. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. A convite de Gilberto Freyre, dedicou-se ao estudo da língua holandesa e a pesquisas históricas para formação do livro Casa Grande & Senzala. Escreveu, entre outros, os livros Tempos dos Flamengos, Gente da Nação: Cristãos Novos e Judeus em Pernambuco e Tempo de Jornal. Assumiu a presidência do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano em 1965. Faleceu no Recife em 07 de janeiro de 2002.

***Jarbas Pernambucano de Mello*[9]**

Nasceu em 1917. Sucedeu ao pai na cátedra de Neurologia da Faculdade de Medicina do Recife, tendo sido aprovado em concurso com a Tese 'Estudo anátomo-clínico das atrofias cerebelares'. Jarbas Pernambucano criou a Clínica Neurológica da Enfermaria São Miguel do Hospital D. Pedro II. Faleceu precocemente em 1958.

.....

.....

4.2 Os primeiros anos em Recife

4.2.1 O Hospital de Alienados e o 'Caso das Órfãs'

Estabelecido em terras pernambucanas, Ulysses Pernambucano, jovem psiquiatra, era nomeado pelo Dr. Joaquim Loureiro (em 18.04.1917), à época diretor do hospital da Tamarineira, para servir naquele Hospício de Alienados, no qual iniciava sua atuação em 01.05.1917. Note-se que, por estes tempos, recém-retornado a Recife, não assumira ainda Ulysses Pernambucano a função de protagonista da Psiquiatria pernambucana, embora já desse sinais inequívocos da personalidade assertiva que viria a se constituir. Já por esses tempos, não cerrava o olhar aos problemas do hospital e denunciava situações com as quais não concordasse. Episódio enigmático desta época foi aquele que viria a ficar conhecido como 'o caso das órfãs'. O Dr. Ulysses percebeu estarem internadas indevidamente no Hospital de Alienados três jovens; Carlota (há 3 anos, 6 meses e 4 dias); Faustina (há 2 anos, 11 meses e 26 dias) e Virgínia (há 3 anos, 11 meses e 13 dias). Convocou uma reunião dos médicos do estabelecimento e, ao final, redigiu um memorial, dirigido à 'Meritíssima Junta da Santa Casa de Misericórdia do Recife', então responsável pela gestão do Hospital (o governador Sérgio Loreto, inspirado pelo diretor do Departamento de Saúde e Assistência, Dr. Amaury de Medeiros, passaria, anos mais tarde, o hospital, que era administrado pela Santa Casa, à administração direta do Estado). No dito documento, argumentou, *"Acusadas de insubordinação nos colégios da Santa Casa onde eram educadas, para o hospício de Alienados foram transferidas Carlota, Faustina e Virgínia." (apud 11)* Continuou,

"Os abaixo assinados reconheceram que nenhuma delas sofre de perturbações mentais que exijam o isolamento em Asilo de Alienados, conclusão aliás a que chegara a Santa Casa quando para aqui as enviou sem documentos que justificassem o internamento (boletim de transferência, atestado médico, etc)."(apud 11)

Ulysses Pernambucano procurou dar visibilidade a seu pleito, solicitando o auxílio de duas figuras importantes no Recife à época, o historiador Oliveira

Lima e Ribeiro de Brito. Frente a reações um tanto evasivas, tanto da Santa Casa de Misericórdia quanto de seu superior hierárquico no hospital, Ulysses Pernambucano iniciou contendas e discussões, explicitadas em crônicas nos periódicos locais, com o psiquiatra Joaquim Loureiro, que o indicara para o hospital de Alienados. A Sociedade Pernambucana de Medicina emitiu parecer concordante com as posições de Ulysses Pernambucano em 09.12.1919, assinado pelos médicos Dr. Edgar Altino (relator), Selva Júnior e Batista da Silva. E, com a força que conseguiu imprimir ao movimento pela retirada das jovens do Hospital de Alienados, internadas que haviam sido por mau comportamento, logrou êxito em suas intenções. Sobre o capítulo final deste imbróglio, disse o historiador da Psiquiatria Heronides Coelho Filho (11), *"A Junta (da Santa Casa de Misericórdia), diga-se de passagem, retirou logo as moças do Hospício mas 'encobrindo o fato com a pressa desajeitada de quem esconde um delito'."*

Desde 1919, Ulysses Pernambucano também trabalhou na Seção de Verificação de Óbitos, na Diretoria de Saúde Pública de Pernambuco e tempos depois foi designado para a Inspetoria de Propaganda, Estatística e Educação Sanitária, serviços dos quais se demitiu quando cresceu seu trabalho à frente da Escola Normal.

4.2.2 Vocação Docente

4.2.2.3 A Escola Normal

'Médico por formação, psiquiatra por profissão, psicólogo por opção e educador por vocação, foi no magistério que realizou a síntese de todas estas variadas tendências. Professor no ensino médio. Professor no ensino superior. De Psicologia. De Fisiologia Nervosa. De Psiquiatria. Como professor, foi mestre. Como mestre, fez escola. Extraordinário professor, um dos maiores que o Brasil tem tido em qualquer especialidade. '

Gilberto Freyre (sobre Ulysses Pernambucano)

'Ulysses me deu uma impressão nova de professor. Sentia-se o que ele ensinava. '

Ruy Coutinho

O psicólogo e pesquisador Paulo Rosas (12) localizou 1918 como o ano de fundação da Psicologia no Recife e em Pernambuco. Decerto, concorreu para tal conclusão o fato de que em 16.01.1918 se inscreveu Ulysses Pernambucano em concurso para preenchimento da recém-criada cadeira de 'Psicologia e Pedologia' da Escola Normal do Estado de Pernambuco. As Escolas Normais eram instituições de ensino médio às quais cabia a formação de professores para a escola primária, regidas em Pernambuco pela lei provincial n. 598 de 13.05.1864. Sua tese – **(Imagem 10)** '*Classificação das crianças anormais: a parada do desenvolvimento intelectual e suas formas, a instabilidade e a astenia mental*' – foi classificada em 1º lugar (com 15 pontos). A respeito deste seu trabalho; o psiquiatra Isaías Pessotti (Pessotti, 1984 apud 60) o identificou como o primeiro do gênero publicado no país, relevando as questões da criança excepcional e da Psiquiatria social. Naquela que viria a ser a primeira de muitas agruras a que seria Ulysses Pernambucano submetido; o candidato 2º colocado, Gaspar Loyo, que obtivera 14,3 pontos, foi nomeado para o cargo pelo governador. Vejamos mais detalhes sobre o concurso para Catedrático de Psicologia e Pedologia da Escola Normal,

"*O concurso realizado em 1918, foi disputado por cinco candidatos, Costa Pinto, Eládio Ramos, Gaspar Loyo, Manoel Arão, e Ulysses Pernambucano. Todos os candidatos foram aprovados, sendo o seguinte o resultado final: UP – 15 pontos; Gaspar Loyo – 14.3; Eládio Ramos – 11.1; Manoel Arão – 11; Costa Pinto – 10.3.*" *(11)*

Reparando a injustiça de sua não-nomeação após a realização do concurso em 1918, Ulysses Pernambucano assumiria a direção da Escola Normal em 17.04.1923 por ato do governador Sérgio Loreto (que governou PE de 1922 a 1926), tendo permanecido pelos anos de 1923 a 1927 (07.04.1927). Em 1923, era

opinião de todos que a Escola Normal se encontrava em condições bastante precárias. Vejamos o depoimento do professor Waldemar Valente, a respeito de um dos problemas correntes, o do contingente excessivo de alunos (Discurso do professor Waldemar Valente in: Neurobiologia, dez 1953 (13)),

",... basta que se diga que cursavam o primeiro ano, numa só classe, 146 alunos, e o 4º, 141. Em salas que não comportariam, e assim mesmo com certo risco de sacrifício da disciplina e da própria eficácia do ensino, mais de sessenta."

Ulysses Pernambucano propôs um arcabouço legal para as medidas que tentava introduzir, o que foi alcançado com o regulamento de 18 de outubro de 1923. E,

"Na vigência do regulamento de 1923, todo ele organizado sob a orientação de Ulysses Pernambucano, pôde ser posta em prática uma das mais revolucionárias reformas pedagógicas de que se tem notícia em Pernambuco. Sobretudo porque se apoiava no conhecimento científico da criança. Conhecimento não só de natureza física como psíquica. Porque não levava em conta apenas o interesse do educador pelos programas e pelas matérias. Porque não considerava a criança como uma massa inerte e passiva, incapaz de reagir, viva e ativamente, ante a multiplicidade dos estímulos." (Waldemar Valente in: (13)).

Podem ser elencados como feitos de Ulysses Pernambucano quando da direção daquela instituição:

- Abordagem do problema da superlotação das salas de aula
- Criação de uma nova maneira de colocação dos alunos nas salas (em função de caracteres físicos)
- Criação de diversos instrumentos, cuja meta era melhorar as condições do alunado, tais como: serviço de merenda e fardamento escolar, clínica dentária, caixa escolar (para as alunas mais pobres), promoção em conjunto ou média global (em que a avaliação levava em conta a média de aptidões), serviço de visitadoras, exame de seleção dos professores assim como do corpo técnico, como exemplo: cadeira-prêmio, curso de aplicação, entre outros.

** Para maiores detalhes sobre a atuação de Ulysses Pernambucano na Escola Normal, consultar Neurobiologia, dez de 1953, (13) Discurso do professor Waldemar Valente.*

Merece registro especial uma destas modalidades introduzidas, qual seja, o serviço de visitadoras, espécie de 'assistente social', cuja função precípua era identificar os condicionantes sociais que pudessem estar contribuindo para um prejuízo no desempenho dos estudantes, e, valendo-se para tal, de instrumentos tais como a observação in loco dos problemas a serem identificados. Nas palavras do próprio Ulysses,

"Os hábitos sadios que procuramos incutir nas nossas crianças são levados às famílias pela palavra da visitadora que verifica se eles não são contrariados no lar. A criança sente-se amparada no seio da família porque a palavra persuasiva do mestre vai-se ouvir dentro mesmo de sua própria casa. Em suas visitas de inspeção nada escapa à visitadora. Ela quer verificar onde dorme a criança, inspeciona-lhe o leito, mostra as vantagens da janela aberta, quer ver a escova de dentes, indaga da alimentação, verifica as condições higiênicas da habitação, procura descobrir se há doenças contagiosas na família para avisar a Saúde Pública, fala no asseio corporal, enfim todos os preceitos de higiene, para uma vida mais sadia e um perfeito desenvolvimento físico e psíquico da criança não lhe escapam nesta visita de inspeção."

Ulysses Pernambucano, falando aos membros do III Congresso de Higiene, São Paulo, 1927

Apenas a título de curiosidade, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre lembrou (in: 68) ter sido também na Escola Normal de Pernambuco que se deu, em 1928, a criação da primeira Cátedra de Sociologia estabelecida no Brasil.

4.2.2.4 O Ginásio Pernambucano

'Fundado em 1825 com o nome de Liceu Provincial; em 1866 (já Ginásio Pernambucano) passou à Rua da Aurora, "a mais recifense das ruas". '

Gilberto Freyre

'... a mais importante instituição de ensino da província, o verdadeiro centro de gravitação de todas as outras escolas.'

Mauro Mota

A fundação do Ginásio Pernambucano **(Imagem 11)** se deu em 1º de setembro de 1825, por decreto do presidente da província de Pernambuco, José Carlos Mayrink, sob o nome de *Liceu Provincial de Pernambuco*, numa das dependências do convento do Carmo. Teve como primeiro diretor o frade beneditino Miguel do Sacramento Lopes Gama (o Padre Carapuceiro). Após ter transferida sua sede por diversas ocasiões, em 20 de dezembro de 1866 o Ginásio Pernambucano se instalou, definitivamente, na Rua da Aurora. Foi, no dizer do professor Manuel Correia de Andrade, *"..., o segundo estabelecimento de ensino secundário fundado no país, inicialmente chamado de Liceu provincial." (5)* Nele, os estudantes faziam os estudos iniciais para que pudessem ingressar nas faculdades existentes no Império, *"... – as de Direito no Recife e em São Paulo, as de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, a Politécnica no Rio de Janeiro e a Escola de Engenharia de Minas, em Ouro Preto." (5)*

Ulysses Pernambucano, em 1º de agosto de 1918, prestou concurso para Professor Catedrático de Lógica, Psicologia e História da Filosofia do Ginásio Pernambucano. Assumiria em 22.04.1919. Vejamos detalhes sobre o concurso,

"Posteriormente a cadeira passou a denominar-se Filosofia e História da Filosofia. Disputou-a (Ulysses Pernambucano) com Álvaro Tomaghi e D. José Pereira Alves, futuro bispo de Niterói. A congregação, pelos votos dos professores Rodolfo Lima, Francisco Cabral, Francisco Clementino, Ernesto Miranda, Osvaldo Machado e Leal de Barros, deu a vitória a Ulysses. Pelo deão da Sé, votaram 4 catedráticos: Trajano de Mendonça, padre Batista Cabral, José Lopes e Pedro Celso." (11)

Chegou à direção do Ginásio em 04.08.1928 (visando implantar o ideário da 'Escola Nova', Reforma Carneiro Leão) – e renunciou em 09.02.30; deixando também nesta instituição sua marca de reformador, como atestou o escritor José Lins do Rego, em visita ao Ginásio, anos depois de lá ter estado como

estudante, *"Um médico de doidos, professor de psicologia, havia modificado o velho Ginásio como já fizera com a Escola Normal." (Lins do rego, J. in: Estudos Pernambucanos sobre Ulysses Pernambucano (14))*

- **<u>O início dos anos 30 em Pernambuco (Clima político)</u>**

Na esfera nacional, em fins da 3ª década do século XX, o presidente Washington Luís, paulista, que iniciara seu governo em 15.11.26, inclinou-se não para um mineiro (como era de se esperar na vigência da política do 'café-com-leite'), mas para outro paulista, Júlio Prestes, presidente de São Paulo. Antônio Carlos, presidente de Minas, juntamente com João Pessoa, presidente da Paraíba, apoiaram, deste modo, a candidatura do presidente do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas. Júlio Prestes (com suspeitas de eleição fraudulenta) foi apontado como o vencedor das eleições de 30. Acontece, então, a chamada 'Revolução de 30',

"... um movimento de uma parte da oligarquia brasileira, insatisfeita com o predomínio dos poderosos do café, com o apoio de muitos setores da sociedade que estavam cansados da velha e corrupta República, como os jovens tenentes e as classes médias urbanas. As forças que se opunham ao governo central, como os grupos políticos situacionistas dos Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba e alguns grupos de oposição de outros Estados, como o Partido Democrático de São Paulo, reuniram-se e formaram a Aliança Liberal, que alcançou forte apoio nos centros urbanos e nos Estados nordestinos. Os tenentes também apoiaram a chapa aliancista, Getúlio Vargas e João Pessoa. Diante do resultado das eleições, os tenentes empenharam-se na organização da revolução, convencendo o candidato derrotado a aceitar a liderança do movimento revolucionário. O assassinato de João Pessoa, em 26 de julho de 1930, então presidente da Paraíba e candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas, precipitou os acontecimentos e acelerou os preparativos para uma revolução armada contra o governo de Washington Luís. O movimento estourou a 3 de outubro de 1930 e, em 20 dias, já era vitorioso. Washington Luís entregou o poder a uma junta militar, aconselhado pelo cardeal do Rio de Janeiro, no dia 24 de outubro de 1930. Getúlio Dornelles Vargas, chefe do movimento revolucionário, assumiu o poder 'provisoriamente', a 3 de novembro de 1930, como Delegado da Revolução, em nome do Exército, da Marinha e do Povo." (Piletti, N. (15))

Em termos locais, ***<u>Estácio Coimbra[10]</u>***, então governador, intencionava eleger seu primo José Maria Belo, afastando a candidatura de Eurico Chaves, e nacionalmente apoiava Washington Luís em favor de Júlio Prestes à presidência, indispondo-se com João Pessoa. Após a eleição nacional e com a

vitória do Governo, a Aliança Liberal tentou impedir a posse de Júlio Prestes (entre eles ***Carlos de Lima Cavalcanti***[11], do jornal 'Diário da Manhã'). (5)

"Aqui no Recife, a Revolução teve início com o ataque ao Tiro de Guerra, sob comando do sargento Eli Coutinho, enquanto o coronel Muniz de Farias atacava o depósito de material bélico na Rua da Soledade. O governador Estácio Coimbra preferiu não fazer o enfrentamento, refugiou-se em um rebocador, viajou ao Rio de Janeiro e dali foi para o exílio na Europa." **(4)**

Juarez Távora, 'chefe' da Revolução no Nordeste, *"assume o comando da revolução no Recife" (5)* e *"coloca"* no poder Carlos de Lima Cavalcanti. Ressaltou, entretanto, o geógrafo e historiador pernambucano Manuel Correia de Andrade, *"O interessante é que, no Nordeste, os interventores designados pela revolução foram sempre jovens oficiais do Exército, enquanto em Pernambuco foi designado um político tradicional e homem da cana de açúcar." (5)*

Finda a Primeira República, não se assentaram em bases mais pacíficas as relações políticas em Pernambuco, já que os 'revolucionários' não constituíam um grupo uniforme, senão com diretrizes diversas. Veja-se, por exemplo, o caso da Aliança Nacional Libertadora, que,

"... aglutinava as várias forças de esquerda – incluindo comunistas como Cristiano Cordeiro e Souza Barros, além de figuras menos comprometidas com o Partido Comunista, apesar de declaradamente de esquerda, como Nelson Coutinho, Gilberto Freyre, Ulysses Pernambucano, Sílvio Rabelo, etc." (5)

.....
.....

****Estácio (de Albuquerque) Coimbra**[10]*

Nasceu em Barreiros, interior de Pernambuco, em 22 de outubro de 1872. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife muito cedo, aos 20 anos. Também bastante jovem iniciou carreira política: prefeito de Barreiros, deputado estadual, deputado federal (mais jovem da época, aos 27 anos). Compunha a oligarquia 'Rosista' (comandada por Rosa e Silva). Em 1911, assumiu o governo de Pernambuco provisoriamente (era presidente da Assembléia). Exerceu o Ministério da Agricultura e foi vice-presidente da República no governo de Artur Bernardes (1922-1926); e ainda presidente do Senado e do Congresso Nacional. Assumiu o governo do Estado em 1926, tendo sido deposto em 1930 com a 'Revolução' (embarcou em um rebocador

para o litoral sul e de lá para um exílio em Portugal). Teve relação de proximidade com o intelectual Gilberto Freyre. Faleceu em 09 de novembro de 1937.

***Carlos de Lima Cavalcanti**[11]*

Nasceu em Pernambuco em 07 de julho de 1892, na cidade de Amaraji. Diplomou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Usineiro e político, foi também proprietário dos jornais Diário da Manhã e Diário da Tarde. Em 1930, participou das ações revolucionárias com Juarez Távora, Muniz de Farias e Agildo Barata e, por isso, foi indicado por Getúlio Vargas interventor de Pernambuco. Em 1935, seria eleito governador (por via constitucional) de Pernambuco. Foi em seu governo que se realizou, sob a liderança de Ulysses Pernambucano, a grande reforma da assistência aos doentes mentais neste estado (anos 30). Faleceu em 19 de setembro de 1967, no Rio de Janeiro.

.....

.....

4.3 O Serviço de Assistência a Psicopatas

'... o nome de Ulysses pode figurar hoje ao lado do de Juliano Moreira, Franco da Rocha e Pacheco e Silva, como um dos realizadores dos modernos processos de assistência aos insanos no Brasil.'

Heitor Carrilho

'Em 1931 (Ulysses Pernambucano) criou a Assistência a Psicopatas de Pernambuco, já em termos de sistema, com oferta diversificada. Criou, realmente, tirou do nada, pois então não havia modelo a imitar, em parte alguma.'

Luiz Cerqueira

Foi, este serviço, sem dúvida, uma das grandes, senão a maior realização de Ulysses Pernambucano, como atestaram vários de seus colaboradores mais próximos e outros tantos grandes nomes da psiquiatria nacional. Refletiu, no campo das instituições e organizações, uma visão ampliada da Psiquiatria. Contou o historiador da psiquiatria Heronides Coelho Filho, (11) contextualizando o ambiente político local,

"A vitória da Revolução de outubro de 1930 em Pernambuco levou ao poder Carlos de Lima Cavalcanti que, na euforia dos primeiros dias de governo, imaginou um vasto programa de reformas e realizações progressistas para o estado. Cercando-se de elementos entusiastas, teve o bom senso de selecionar reais valores para dirigir os vários setores da administração. Impressionado com o elevado número de insanos internados no único hospital de alienados então existente – a Tamarineira – resolveu convocar Ulysses Pernambucano para mais uma vez dirigir o nosocômio."

O próprio Heronides Coelho Filho nos forneceu dados sobre o número de pacientes internados àquela época. Contava a Tamarineira com 1.128 pacientes em 1930. Ressalte-se ainda a questão do convite feito a Ulysses Pernambucano.

Este, mesmo que não fosse político militante, de certo modo, tinha seu nome ligado ao do partido deposto em 1930, pela 'Revolução'. A este respeito, disse Heronides, (11)

"Nesse sentido, Lima Cavalcanti pôs Ulysses inteiramente à vontade. Ao contrário de 1924, quando lhe foi confiada a reforma do hospício, mas subordinada ao plano geral de reformas de Amaury de Medeiros, cabia-lhe agora a suprema organização do planejamento."

Recordemos que na época em que Amaury de Medeiros era diretor do Departamento de Saúde e Assistência, Ulysses Pernambucano foi nomeado diretor do Hospital de doenças nervosas e mentais (1924 a 1926), tendo executado, entre outras ações, o pavilhão de observações, o de hidroterapia, o laboratório de análises, a portaria e o necrotério.

Ulysses Pernambucano pareceu reconhecer esta importância de que foi investido no cargo que assumia; vejamos suas palavras, (51)

"*Sem jamais ter militado em política nem ocupado cargos políticos, eu estava ligado por afeição pessoal aos dois governadores que antecederam a revolução (de 30), os ilustres pernambucanos Srs. Sérgio Loreto e Estácio Coimbra. Isto não impediu, apesar de por mim alegado, que o Sr. Lima Cavalcanti me investisse na direção geral dos serviços. "*

Ulysses Pernambucano tinha conhecimento das reais condições em que se prestava a assistência aos alienados em Pernambuco no início dos anos 30. Há um artigo seu, publicado em 'Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco' (revista) em um de seus primeiros números, intitulado "*Assistência a Psicopatas em Pernambuco – Idéias e Realizações", abril de 1932 (16),* em que expunha diagnósticos, assim como traçava seus planos e intenções, a respeito do trabalho a ser realizado na reforma da assistência aos doentes mentais. Examinemos este artigo em mais pormenores.

Ressalvava, (16) "*A assistência aos doentes mentais em Pernambuco restringia-se ao hospital de Alienados."; (lá) "... eram acolhidos não só os alienados como os que poderiam ser tratados*

em hospital aberto e ainda os loucos criminosos, os epilépticos, os toxicômanos..." (16). Prosseguia, *"Tal era a situação em Dezembro de 1930 quando o interventor federal em Pernambuco, Dr. Carlos de Lima Cavalcanti, resolveu enfrentar o problema, pedindo para isso minha colaboração." (16)* Parecia perceber a amplitude de seus intentos, *"A assistência aos doentes mentais já não é hoje tão simples como há vinte anos passados em que os hospitais de alienados satisfaziam todas as aspirações." (16)* Convocava para *"... a necessidade de por ao alcance dos doentes organizações hospitalares de outra ordem." (16)* Vaticinava sobre o que viria a chamar, em outro artigo de sua autoria, escrito anos depois, *"Recursos modernos de assistência aos doentes mentais" (Neurobiologia, jun de 1938 (17)),* em que dizia, *"A laborterapia deve ser, pois, uma prática comum a todas as organizações (hospitais e colônias) onde se abrigam doentes mentais." (17)* Não se esquecia de mencionar aquela que seria uma de suas grandes inovações, a instituição da Higiene Mental, *"Também seria preciso pensar na higiene mental. Sabe-se que o movimento nesse sentido partiu dos Estados Unidos e que Clifford Beers é o grande iniciador e animador dessa cruzada." (16)*

Em relação a este tema, recebeu uma série de críticas, eivadas de desconfiança. Como se pensar em tema tão específico e complexo, quando sequer os problemas básicos de saúde da população se encontravam resolvidos. Muitos achavam que o Dr. Ulysses Pernambucano dava um passo maior do que as pernas. Dado a debates, retrucava, *"Não é possível esperar que todos os grandes problemas... estejam resolvidos para cuidar de um deles em particular." (16)* e partia em defesa de suas idéias, *"Sem estatísticas perfeitas de morbilidade e mortalidade, sem conhecimento das causas das doenças não é possível fazer higiene. Esse trabalho prévio – sem cogitar mesmo de outras atividades úteis da higiene mental – justificaria a criação de um serviço especializado." (16)* Concluía, em relação aos insurgentes serviços, *"Essas considerações levaram-me a propor um tipo de organização que não será ideal nem perfeito mas é moderno, encara todas as faces do problema e sobretudo é econômico." (16)*

Em 10 de janeiro de 1931, o Estado de Pernambuco publicava o Decreto n. 26, de *'Reforma do Serviço de Assistência a Psychopathas'* **(Imagem 12),** cujo regulamento seria publicado em 24 de abril de 1931, pelo acto n. 583. Com a

publicação do regulamento, Ulysses Pernambucano sentiu-se à vontade para iniciar suas atividades à frente do Serviço de Assistência a Psicopatas de Pernambuco. Relatou o psiquiatra e professor Luiz Cerqueira, (18) aluno do professor pernambucano, referendando o acima exposto,

"Nomeado em Janeiro, só tomou posse em Maio, certamente porque não queria começar sem dispor de um instrumento legal proposto por ele ao Governo – o regulamento Geral – cogitando-se de órgãos de prevenção primária, secundária e terciária, já apontando para uma psiquiatria comunitária e visando, oficialmente, pela primeira vez no Brasil, em nossa especialidade, tratamentos extra-hospitalares e serviço aberto, bem como uma equipe multidisciplinar." (18)

Constavam no decreto, (19) à guisa de justificativa para sua existência, inúmeros 'considerandos', dos quais transcrevo alguns.

'Considerando'

- *'a necessidade de melhorar os serviços de assistência aos doentes mentais'*
- *'que essa assistência só compreende atualmente os alienados com exclusão dos demais psicopatas cujas desordens não pedem internamento em hospital fechado'*
- *'que muitos internamentos podem ser evitados, tratando-se os doentes, em tempo útil, em ambulatório e hospital especializados, com proveito para os mesmos e economia para o Estado'*
- *'que é preciso iniciar entre nós o serviço de prevenção das doenças mentais cujas causas podem, em muitos casos, ser removidas por medidas bem orientadas'*

Transcrevo, ainda, a seguir, algumas de suas propostas e resoluções, assim como o organograma proposto.

'Decreta'

- *'A criação do serviço, subordinado à secretaria da Justiça e Negócios interiores'*

A Assistência a Psicopatas compreenderá: **(Imagem 13)**

I- Serviços para doentes mentais não alienados:
a) ambulatório
b) serviço (hospital) aberto

II- Serviços para doentes mentais alienados:
a) hospital para doenças agudas
b) colônia para dentes crônicos

III- Manicômio Judiciário

IV- Serviço de Higiene Mental:
a) serviço de prevenção de doenças mentais
b) Instituto de Psicologia

Art 8º. *– O atual Instituto de Seleção e Orientação Profissional fica subordinado à Assistência a Psicopatas com sua primitiva designação de Instituto de Psicologia.*

É interessante destacar que Ulysses Pernambucano, desde o início, deu grande relevo às questões relacionadas ao custeio do programa que visava iniciar, de acordo com sua feição - característica - de administrador. Discorreu acerca das dotações orçamentárias relacionadas aos serviços que se avolumavam e sobre estes, comentou, *"Tínhamos somente assistência a alienados. Temos hoje colônia agrícola, serviço aberto, higiene mental e manicômio judiciário." (16)* Como a prestar contas às autoridades que lhe confiavam tarefa de marcada responsabilidade, expôs detalhadamente sobre os gastos, as verbas específicas para cada setor de

cuidados aos doentes, antes de concluir, "*,... não é exagerado dizer que, de fato, a Reforma da Assistência a Psicopatas foi feita quase sem onerar os cofres públicos." (16)* Percebia a quantidade de esforços a despender a fim de por em prática o que existia, até então, no mundo das idéias, "*Investido em 16 de maio de 1931 na direção geral do Serviço de Assistência a Psicopatas procurei imediatamente dar execução à reforma decretada. Tudo estava por fazer. Da organização estabelecida existiam apenas o Hospital de Alienados e o Instituto de Psicologia." (16)*

4.3.1 Serviço Aberto

De acordo com o decreto n. 26, deveria comportar um ambulatório e um pequeno hospital. Em julho (de 1930) foi iniciado o ambulatório no próprio hospital de alienados (sob os cuidados dos psiquiatras Gildo Neto e José Lucena). Em novembro, ainda em caráter provisório, foi localizado no centro da cidade, à Rua da Intendência (depois Manoel Borba), n. 131. Sobre a transferência para dependência própria, contou-nos o próprio Ulysses, acerca do Hospital Aberto,

"Em janeiro (de 1932) por proposta minha e por conta da renda do Hospital de Alienados, o governo adquiriu para esse fim uma excelente casa com grande terreno, à Rua Padre Roma n. 149. Situada a menos de 200 metros do Hospital de Alienados... facilitará todos os serviços administrativos com economia para o Estado." (16)

Este serviço foi instalado em uma casa adaptada, como mencionado, em local próximo ao hospital de Alienados, recebendo o nome de Correia Picanço, "*... homenagem dos psiquiatras pernambucanos ao goianense* (Goiana – PE) *que no primeiro quartel do século XIX foi uma das mais brilhantes figuras da medicina em Portugal e no Brasil." (11)* Corroborou o historiador da psiquiatria Heronides Coelho Filho, "*O Serviço Aberto, de começo instalado no prédio n. 131 da Rua Manoel Borba, foi transferido depois para uma das dependências do Correia Picanço." (11)* O jovem psiquiatra Gildo Neto dirigiu ambos os serviços (o Dr. José Lucena como assistente).

4.3.2 A Colônia de Alienados

Ulysses Pernambucano, ao saber que o Governo Estadual não reabriria a escola teórico-prática de agricultura localizada no município de Barreiros - PE, resolveu solicitar para seu Serviço aquelas *"excelentes instalações". (16)* Atendido em sua solicitação, chega a levar até lá o renomado médico e professor Ageu Magalhães, a fim de que este pudesse estudar as condições locais de salubridade (ausência de anofelinos, entre outras). Inaugurada em 12 de novembro de 1931; neste mesmo mês foram para lá transferidos 68 doentes, acrescidos de 11 em 28.11.31 e de 89 em 20.12.31. Desde outubro deste mesmo ano, o Dr. Vicente Gomes de Matos havia sido nomeado diretor desta unidade. O psiquiatra Heronides Coelho Filho comentou os primórdios do funcionamento da Colônia,

"Ocupando uma área de 428 hectares, em parte arborisada, dispõe de luz elétrica e água abundante. Inicialmente o corpo clínico compunha-se de um diretor e um assistente (Drs. Vicente Gomes de Matos e Ladislau Porto, respectivamente) e a parte administrativa integrada por um amanuense, um inspetor, 14 guardas, afora outros funcionários subalternos. Inicialmente abrigou 70 doentes." (11)

Inegavelmente, era função precípua da Colônia a reabilitação dos doentes mentais pelo trabalho, que, se não era exclusividade deste serviço, decerto encontrava nele sua maior proximidade e adequação, havendo sido concebida (a colônia) para o "exercício da praxiterapia". (11) Ulysses Pernambucano nos deu informações precoces sobre o funcionamento da colônia e comentou alguns de seus intentos, *"Assim é que temos turmas de trabalho em estrada, em serviços de enxada, em serviço de carro de mão, de limpeza a ancinho e gancho, de machado, limpeza interna da Colônia, cozinha, etc." (16)* Cuidava para que não se reduzissem as possibilidades de trabalho aos doentes, por exemplo, fazendo com que os já possuidores de determinada aptidão, pudessem dela se ocupar, *"Indispensável é, pois, logo que isto seja possível, instalarmos oficinas adequadas nas quais empreguemos os doentes já conhecedores do ofício e iniciemos ouros cujas tendências ocultas pudermos descobrir e aproveitar com manifesta vantagem para seu estado mental e proveito para o Estado pelo rendimento havido." (16)*

Pensava, então, em maiores saltos, em que, uma vez ingressados nas lides do trabalho, pudessem galgar os doentes, perspectivas de retorno ao convívio social, *"Aperfeiçoados em seu serviço, fácil nos será mais tarde ingressá-los na assistência hetero-familiar e posteriormente, com a alta a que fizerem jus, fazê-los voltar ao convívio da sociedade." (16)*

4.3.2.1 Assistência Hetero-Familiar

'Ao lado da assistência que dá a Colônia, pleiteei o imediato estabelecimento da assistência no seio de famílias. '

Ulysses Pernambucano.

Constavam do regulamento desta modalidade de cuidado 32 detalhados artigos, em que se expunham questões várias concernentes ao seu funcionamento. Caberia aos doentes (que assim consentissem) e que se encontrassem *"calmos, sem família ou por esta abandonados" (regulamento apud 16),* a possibilidade de serem assumidos por famílias *"com condições de moralidade" (regulamento apud 16)* [cujos critérios também se encontravam discriminados no regulamento].

Transcrevo apenas dois artigos, que considero de maior relevância.

Art 26º. *– O doente deve ser tratado com o maior respeito não se tolerando que seja tratado por "louco" sob pena de retirada imediata.*
Art 30º. *– O cuidador receberá 45$000 (quarenta e cinco mil réis) mensais por doente que hospedar.*

Os que se debruçaram sobre a análise desta modalidade de tratamento empreendida comentaram que, em relação ao sucesso obtido, no que tange aos doentes mentais, com a inserção no trabalho na Colônia de Barreiros, o mesmo não teria se dado em relação à assistência Hétero-Familiar (para isto

contribuindo fatores diversos). Lembre-se ainda, que tal instrumento de auxílio financeiro às famílias que se dispusessem a receber os doentes já estava presente na assistência a psicopatas do estado de São Paulo (Franco da Rocha), em que havia, no próprio orçamento do estado paulista, uma verba específica para que tal ação pudesse tomar corpo. Heronides Coelho Filho parece concordar quando, em relação à assistência Hétero-Familiar, afirmou *"... desde o início fracassou lamentavelmente." (11)*

4.3.3 Manicômio Judiciário

Ulysses Pernambucano não se furtou em estabelecer as influências que teve ele próprio para a proposição do funcionamento deste serviço, *"... inspirados inicialmente no Manicômio que se está concluindo no Juqueri.", (com) "... elementos oferecidos pelo Dr. Pacheco e Silva, diretor da Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo...". (16)* O Manicômio iniciava suas atividades, sem que tivesse sede própria, contrariando os desejos de seu idealizador. Disse o professor Alcides Codeceira, neuro-psiquiatra (apud 16), sobre o Manicômio, *"... iniciado no Hospital de Alienados em Setembro do mesmo ano (1931)..."; e "Destinado a essa tríplice função, estabelecimento de observação, de tratamento e de defesa social,..."; "O nosso futuro Manicômio Judiciário não deverá se afastar, em seu plano, desse programa científico e humanitário."* Ressaltou Heronides Coelho Filho, (11) *"O manicômio, entregue à direção do prof. Alcides Codeceira com a assistência de Rui do Rego Barros, tencionava Ulysses instalá-lo em terreno próximo ao Hospital de Alienados. Só viria a ser inaugurado, contudo, em agosto de 1953, no engenho Monjope durante a administração João Marques de Sá.".*

4.3.4 Serviço de Higiene Mental

Comentou Ulysses Pernambucano, *"Organizando o primeiro serviço oficial de higiene mental no Brasil procurei tanto quanto possível dar-lhe orientação científica, de acordo com os problemas regionais." (16)* De fato, soube dar um papel significativo, específico, à higiene mental, ressaltando seu valor e desvinculando-a, de certo modo, da prática médica, a fim de que mantivesse sua importância,

"Articulado aos serviços de medicina da Assistência a Psicopatas, a Diretoria de Higiene Mental só faz higiene. A prática tem mostrado – e qualquer higienista poderá testemunhar o fato – que quando se quer fazer higiene é preciso não fazer medicina. Os serviços médicos, pelo vulto que sempre tomam, absorvem todas as preocupações do higienista." (16)

Considerado por muitos o primeiro no gênero criado oficialmente no Brasil, foi chefiado pelo professor Costa Pinto que, ao se transferir para o Ginásio Pernambucano, deixou o comando ao professor José Lucena. Realizou o serviço diversos inquéritos sociais, por exemplo, acerca dos cultos afro-brasileiros; assim como diversos cursos, entre os quais, os de psicologia, em 1932; de neuropsiquiatria infantil, em 1933; de higiene mental, em 1934 e, finalmente, um curso oficial de higiene mental na Faculdade de Medicina, em 1935**.**

4.3.5 Instituto de Psicologia

Contou-nos Ulysses Pernambucano,

"Em 1925, a meu pedido, o Professor Armando Gaioso, então deputado ao Congresso do Estado, apresentou à Câmara o projeto criando o Instituto de Psicologia, anexo ao Departamento de Saúde e Assistência. Convertido o projeto em lei e logo regulamentado foram iniciados os trabalhos sob minha direção." (16)

Asseverou o relato de Ulysses o professor Heronides Coelho Filho, (Ulysses) *"... obteve do deputado estadual Armando Gaioso a apresentação de um projeto que transformado em lei pelo governador Sérgio Loreto, criou o Instituto de Psicologia (Ato n. 782, de 15 de junho de 1925)." (11)* Desta forma, passou Pernambuco a ser a primeira unidade da federação a possuir organização desta natureza e com estes fins, de acercar-se do estudo da psicopatologia e da aplicação de testes psicológicos. Em termos legais,

"O Instituto esteve submetido a diferentes instâncias (em 1929, a reforma da Educação o transferiu para este departamento com o nome de Instituto de Seleção e Orientação Profissional), até que em janeiro de

1931 foi o Instituto de Seleção desligado da Instrução e anexado ao serviço de Assistência a Psicopatas com o nome primitivo de Instituto de Psicologia, continuando, porém, a manter as atribuições anteriores acrescidas das constantes no decreto que reforma o Serviço de Assistência a ***Psicopatas". (11)***

O Instituto de Psicologia foi absorvido pelo serviço (de higiene mental). O professor José Lucena, psiquiatra pernambucano e auxiliar de Ulysses Pernambucano, comentando acerca do Serviço de Higiene Mental, deu-nos sua visão,

"O Serviço de Higiene Mental, ao qual competiam tarefas múltiplas de divulgação, estatística e Serviço social, representa no panorama da assistência psiquiátrica nacional, a realização mais avançada. Foi das mais felizes, sua decisão (de Ulysses) de dedicá-lo exclusivamente a fazer higiene psíquica cabendo aos outros departamentos os encargos puramente de medicina mental, tão absorventes. Pôde assim o novo serviço se consagrar inteiramente à investigação daquelas condições psicológicas, sociais, ecológicas de tão grande importância no aparecimento e desenvolvimento dos transtornos mentais. Aí, como em vários outros aspectos o professor Ulysses se antecipava às melhores organizações nacionais." (10)

Acrescentou,

"A rigorosa estandardização de numerosos testes de inteligência e de aptidão, os estudos sobre o vocabulário das crianças de Pernambuco, a criação e adaptação de técnicas de investigação, os bem sucedidos ensaios nos domínios dos testes pedagógicos e principalmente a considerável tarefa da revisão pernambucana da Escala de Binet-Simon-Terman, a mais metódica e completa das revisões brasileiras, representaram os primeiros resultados do labor do Instituto, por ele orientado com a colaboração de Anita Pais Barreto, durante esses anos em que a experimentação incidiu especialmente no meio escolar." (10)

Ulysses Pernambucano (16) fez ainda comentários acerca dos trabalhos internos do grupo de funcionários do Serviço de Assistência a Psicopatas, prestando contas de como ocorriam as nomeações, os provimentos de cargos e como se davam os contatos entre os membros,

"Mensalmente promovo uma reunião de todos os funcionários do serviço sanitário da Assistência a Psicopatas, médicos, internos, auxiliares do Instituto de Psicologia e visitadoras da Higiene Mental. Desta maneira há um controle direto e uma articulação de todos os serviços, sendo, muitas vezes

solucionados casos de interesse geral ou de um dos departamentos, depois de devidamente analisados e discutidos." (16)

Explicou como se deram as primeiras nomeações, *"O regulamento exigia concurso para provimento dos cargos de assistentes e internos. A falta de pessoal para a execução da reforma obrigou-me a fazer nomeações interinas."; (16)* e o que ocorreu após a realização do concurso a que aludia, *"Foram todos aprovados tendo sido nomeados assistentes: Drs. José Lucena, Rui do Rego Barros e Ladislau Porto; internos: José Carlos Cavalcanti Borges e Lauro Raposo; auxiliar técnico: Pedro Cavalcanti." (16)* Ainda salientou que,

"Para lugares de diretores que são exercidos em comissão o Governo nomeou por proposta minha: o alienista Professor Alcides Codeceira, diretor do Manicômio Judiciário; o assistente efetivo Dr. Gildo Neto, diretor do Serviço Aberto; o Dr. Vicente de Matos, diretor da Colônia de Alienados. Para o Serviço de Higiene Mental designei o assistente efetivo Professor Costa Pinto encarregado de responder pelo expediente no que foi substituído pelo Dr. José Lucena quando afastado para assumir a direção do Ginásio Pernambucano." (16)

Vangloriava-se da publicação por eles criada para dar vazão à produção científica do grupo que se estabelecia, os 'Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco' (1931), cuja diretriz era a de buscar *"... apresentar de preferência, trabalhos originais, de cunho prático e com larga experimentação." (16)* – 'lema' que viria mais tarde a se constituir, de forma semelhante, no objetivo da nova publicação, Neurobiologia (1938).

O psiquiatra Heitor Carrilho, em *'Estudos Pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano', (14)* em capítulo próprio, ressaltou o trabalho elaborado por Ulysses à frente da Assistência a Psicopatas em Pernambuco. Destacou três pontos na organização:

1. <u>Feição científica</u>

   Adquirida com a introdução dos modernos processos de diagnóstico e terapêutica das doenças mentais, em que eram valorizados a constituição, o temperamento, o caráter, o bioquimismo, os dados heredológicos, os

elementos integrantes da personalidade pré-psicológica e a reação psicopática em face de tal personalidade, além dos aspectos clínicos.

2. Caráter assistencial

Após ter diagnosticado a deficiente estrutura assistencial existente, quase que resumida ao hospital de alienados que não estava aparelhado para o atendimento de múltiplas demandas; conseguiu do interventor estadual o decreto n. 26, de 10 de janeiro de 1931.

3. Aspecto social

Sobretudo com a relevância dada aos aspectos da Higiene Mental.

Observou Heitor Carrilho a capacidade de Ulysses Pernambucano de aliar teoria e prática, escrevendo assim, no seu dizer, um *"capítulo fecundo e cheio de grande beleza da história da assistência a psicopatas no Brasil" (14),* resumido no trecho a seguir,

"Conjugando a idéia e a ação, Ulysses Pernambucano conseguiu: instalar com eficiência o ambulatório, articulando-se com os centros de saúde do recife e com os serviços antivenéreos; fazer funcionar em salas especiais do hospital de alienados para os doentes de neuro-sífilis e outros que se destinam ao serviço aberto, enquanto não fosse ele transferido para prédio próprio; construir novos pavilhões no hospital de alienados. Instalar, na antiga Escola Teórico-Prática de Barreiros, a moderna colônia de Alienados, destinada a proporcionar a terapêutica pelo trabalho aos alienados crônicos, conseguindo que, após a organização de ficha clínica e psicológica de cada doente, 80% deles tivessem ocupação certa; estabelecer a assistência hetero-familiar, com regulamento próprio; criar o Manicômio Judiciário que, embora não dispondo ainda de prédio próprio, está me funcionamento no Hospital de Alienados, realizando a tríplice função de órgão de defesa social, hospital para tratamento de psicopatas delinqüentes e instituto de observação psiquiátrica de acusados suspeitos de alienação mental."

Heronides Coelho Filho, ao opinar sobre o Serviço instituído, disse, *"A Divisão de Assistência a Psicopatas foi a maior realização de Ulysses" (11)* e enumerou-lhe as qualidades,

"... todos os aspectos dos problemas foram focalizados, desde a assistência aos doentes agudos (reaparelhamento do hospital da Tamarineira) e crônicos (criação da colônia agrícola), até a assistência aos pequenos psicopatas (ambulatório e hospital aberto); do cuidado aos loucos criminosos (manicômio judiciário), aos serviços de profilaxia e de estatística (saúde mental). Este último, isto é, o serviço de Higiene Mental foi mesmo o primeiro a ser criado no Brasil, pelos poderes públicos." (11)

4.3.6 A Liga de Higiene Mental de Pernambuco

'... o Professor Ulysses Pernambucano era a personificação das atividades da própria Liga de Higiene Mental de Pernambuco que ele fundou e por tantos anos encheu do seu entusiasmo e de sua animação.'

Rodolfo Aureliano

Tratou-se de outra iniciativa do professor Ulysses Pernambucano e que compunha o complexo projeto de assistência aos psicopatas em Pernambuco. Nas palavras do professor José Lucena, (10)

"Do período da administração da Assistência a Psicopatas data igualmente a Liga de Higiene Mental de Pernambuco, por ele (Ulysses Pernambucano) ideada nos moldes de associações homólogas e que tornou possível interessar no trabalho em prol da higiene psíquica grande número de pessoas de boa vontade dispersas e entregues a outras atividades."

Constava do programa de intenções da Liga o engajamento dos mais diversos setores da sociedade numa campanha em favor da higiene mental, como podemos perceber no trecho abaixo,

"Não só para a profilaxia das doenças mentais como também para consolidação da cura ele fundou a Liga de Higiene Mental que servia de nexo entre a sociedade e o Serviço de Higiene Mental. Em torno da iniciativa reuniu médicos, criminalistas, sociólogos e estudiosos dos problemas sociais, despertando em todos o interesse pelo estudo de vários fatores não só de doenças mentais como de desajustamentos sociais." (Aureliano, R. in (10)).

Fundada no Recife em 27 de dezembro de 1933, sob clara reverência dos criadores para com a figura de Clifford Beers (que teve o retrato exposto na sede em solenidade de fundação), teve eleita sua primeira direção, *"Por aclamação dos presentes foi o professor Ulysses Pernambucano eleito presidente da Liga. Foi nomeada uma comissão para elaborar os estatutos."* *(49)*

Ao longo dos anos, seus componentes dedicaram-se a afazeres diversos, entre os quais se podem destacar, *"Campanhas de grande repercussão social... em todo o território do Estado contra o alcoolismo, a sífilis, os ruídos desnecessários, os acidentes do trabalho..." (Aureliano, R. in (10));* assim como, *"Agindo em íntima cooperação com o Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, a Liga empreendeu a tarefa de construção da modelar Escola para Anormais..." (Lucena, J. in: (10)).*

4.4 Ulysses Pernambucano: obra escrita.

Ao nos determos sobre a obra escrita deixada pelo professor Ulysses Pernambucano, uma constatação parece evidente; a importância de seu patrimônio imaterial suplantou o que realizou o psiquiatra pernambucano sob forma de publicação. Embora não muito extensa, a obra escrita de Ulysses Pernambucano é plena de relevância e expressa com precisão suas preocupações, inquietações e interesses presentes nos diferentes momentos da vida. Vejamos manifestação do psiquiatra pernambucano José Lucena, (in: 13) ao examinar os estudos e o modo de concebê-los do professor Ulysses Pernambucano,

"Aquelas características que seu magistério intelectual buscou comunicar, seu gosto pelos estudos bem delimitados e objetivos, suas preferências pela utilização de técnicas precisas, como as da psicologia experimental, por exemplo, aplicadas no domínio particularmente impreciso e movediço da patologia mental, sua inclinação pelas pesquisas em campos comuns com os investigadores das ciências sociais - (o que testemunha a inspiração social de seu pensamento) -, sua aspiração de uma psiquiatria maior que, de fato, superasse as barreiras artificiais erguidas entre conhecimentos afins e que é tão expressiva de sua visão total do homem, seu interesse pelos problemas regionais da patologia e da higiene mental, - expressão de sua visão realista de administrador, - todas aquelas características constituem alguns dos atributos possíveis de serem encontrados também em trabalhos de discípulos seus, atributos da Escola Psiquiátrica do Recife, que podem e devem, aliás, ser enriquecidos de desenvolvimentos novos, pois nada mais contrário à disciplina de pensamento, por ele preconizada, que a rigidez ou a imutabilidade de concepções."

O psiquiatra Luiz Cerqueira (18) opinou de modo semelhante no que toca ao apuro do professor Pernambucano em relação aos estudos empreendidos, ressaltando também qualidades de seu auxiliar, o professor José Lucena;

"Nenhum de nós ousava escrever um trabalho de mera compilação. Ulysses exigia estudos monográficos com documentação clínica e/ou estatística, enriquecidos por sugestões e bibliografia suprida principalmente por José Lucena, um jovem assistente por todos considerado uma biblioteca ambulante. Não foi por acaso que se tornou catedrático da Faculdade de Medicina do Recife e uma das mais sólidas culturas psiquiátricas deste país."

Acerca dos temas abordados nas pesquisas, vejamos dois comentários, sendo o primeiro do próprio Luiz Cerqueira, (in: 10)

"Saíram da escola que ele (Ulysses Pernambucano) orientou, trabalhos muito sérios de psicologia, pedagogia, seleção profissional, organização, psicanálise, psiquiatria, neurologia, medicina social, sociologia, serviço social, estatística, folclore, antropologia, criminologia, higiene mental, eugenia, endocrinologia, pesquisas biológicas, terapêutica, biblioteconomia, nutrição, psiquiatria forense."

E o segundo, do psiquiatra René Ribeiro, (in: 10) reportando-se às áreas visitadas por Ulysses Pernambucano em seus trabalhos,

"Conferências e trabalhos sobre psicologia normal e patológica, psiquiatria clínica e forense, clínica e terapêutica neurológica, terapêutica psiquiátrica, pesquisas biológicas, serviço social, métodos de assistência psiquiátrica, estudos estatísticos sobre problemas de higiene mental, conferências sobre filosofia e psiquiatria, reforma do código penal, folk-lore, sociologia nas suas relações com a psicologia e a psiquiatria, etc...".

Grosso modo, pode-se dividir, segundo nossa proposição, a produção teórica de Ulysses Pernambucano em algumas grandes vertentes, em que predominam estudos de:

a) ***educação infantil***
b) ***psicologia geral***
c) ***neuropsiquiatria clínica e neurofisiologia***
d) ***neuropsiquiatria forense***
e) ***estatísticas em psiquiatria ou estudos de viés sociológico/ antropológico***
f) ***higiene mental, assistência à saúde (mental), elaborações teóricas acerca da psiquiatria***

Diga-se que, em muitos trabalhos, tal distinção não se faz possível e, em muitos deles, há abordagens que passeiam por várias das temáticas envolvidas, principalmente relacionados a higiene mental e assistência aos insanos, visto que muitos deles foram escritos quando o professor Ulysses Pernambucano ocupava cargos de direção em instituições psiquiátricas e afins ou quando

chefiava o Serviço de Assistência a Psicopatas em Pernambuco. Há ainda uma série de publicações que são transcrições ou resumos de comunicações orais (conferências, discursos, cursos, etc) feitas pelo professor Pernambucano em eventos, congressos, jornadas e que versam sobre os mais variados assuntos.

Abordaremos mais detidamente os trabalhos de maior interesse.

a) educação infantil

Foram realizados em grande proporção nas fases iniciais de sua vida profissional, muito ligados às atividades na Escola Normal, junto a colaboradoras próximas.

'Classificação das crianças anormais. A parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental' (20)

Foi a dissertação defendida para o concurso de Professor Catedrático de Psicologia e Pedologia da Escola Normal de Pernambuco. No dizer do psiquiatra Pernambucano, "*simples dissertação sobre um dos pontos do programa... escrita em poucos dias*". O professor convocava as autoridades a abrir os olhos às questões da criança anormal; propunha uma classificação científica atualizada (anormais verdadeiros e falsos); comentava sobre freqüência, etiologia, aspectos clínicos ou a 'psicologia do idiota / imbecil/ débil mental' (nomenclatura da época); além de diagnóstico e orientações para uma educação médico-pedagógica.

'As médias de estatura dos escolares em Pernambuco' (21)

Em 1924, Ulysses Pernambucano efetuou as medidas das médias de estatura e peso de alunos nas diferentes idades, mediu (com auxílio de 2 professoras) mais de 2.700 crianças e fez comparação com resultados semelhantes de outros países.

'Formação de hábitos sadios nas crianças' (22)

São reflexões presentes nesta obra, "*Como obrigar a criança a adquirir hábitos sadios? Em primeiro lugar educando os adultos. A criança é grande imitadora.*"; "*A escola tem de ser a grande modificadora da atividade automática da criança e nisto ela não se afasta da sua finalidade educativa concretizada na definição hoje clássica de 'passagem de conhecimentos do consciente*

para o sub-consciente'."; "O mestre será portanto o grande formador de hábitos, incutindo-os pela palavra persuasiva e especialmente pela ação."

'Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão (com Anita Paes Barreto)' (23)

Dizia Ulysses, "*Madame Pieron publicou, sob este mesmo título, um trabalho narrando os resultados obtidos com o emprego de seis testes de aptidão. Repetimos este trabalho. Também nós não fundamos nossa escolha na idade das crianças mas no nível intelectual."* Os testes eram os seguintes: 1. O teste das permutações de Claparède 2. O teste de memória das quinze palavras segundo a técnica de Claparède 3. O teste das frases absurdas, com algumas frases de Binet 4. O teste americano de formação de palavras com letras dadas, tipo de Whipple 5. O teste das analogias segundo o método de Woodworth e Wells.

'Ensaio de aplicação do teste das 100 questões de Ballard (com Anita Paes Barreto)' (24)

Foi aplicado a 3248 alunos em 42 escolas do Recife, era tido como, "*... um teste coletivo, muito simples, ... que não pede outro material senão meia folha de papel onde as crianças devem registrar suas respostas..."; "... a experiência nos provou que ele pode servir – em meios onde faltam recursos técnicos – para organizar classes escolares de uma certa homogeneidade de inteligência."*

'O vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife (com Anita Paes Barreto)' (25)

Ulysses Pernambucano contextualizou a necessidade deste estudo, "*Quem quer que se proponha à tarefa educativa não pode prescindir do conhecimento do vocabulário infantil."* Enumerou-lhe os objetivos, "*Determinar experimentalmente as palavras correntemente usadas entre as crianças da escola primária; estudar o desenvolvimento progressivo do vocabulário de idade a idade e segundo o sexo; fornecer uma lista das palavras conhecidas das crianças nas diferentes idades, de maneira a permitir, aos autores de livros escolares, preparar manuais que introduzam metodicamente as palavras novas, aos experimentadores, preparar testes que estejam inteiramente ao alcance das crianças, aos mestres, adquirirem um material que possam guiá-los no ensino; fornecer um material útil para o estudo do desenvolvimento psicológico das crianças."* Disse, ainda, dos métodos utilizados, "*O método empregado foi o da associação livre. Munidas, as crianças, de um lápis e duas folhas de papel, eram convidadas a escrever durante 15 minutos todas as palavras que lhes ocorressem. A prova era proposta sob a forma de um jogo, dizendo-se às crianças que elas tomavam parte num concurso e que se queria ver qual a classe que escreveria o maior número de palavras."*

'O teste "A bola e o campo" em crianças de 12 e 13 anos (com Alda Campos)', (26)

Consistia em um teste 'prático', que havia sido adicionado por Terman (Stanford Revision) à conhecida Escala de Binet-Simon, em cuja adaptação trabalhava desde 1928 o Instituto de Psicologia (de Pernambuco). Após a aplicação do teste, comentou Ulysses Pernambucano, acerca dos resultados, *"A defeituosa educação de nossas crianças, quer no meio familiar quer no escolar, explica perfeitamente porque elas fracassam quando colocadas diante de um problema prático. Esta verificação deve servir de incentivo aos que propugnam entre nós métodos ativos de educação. A escola deve preparar para a vida. O verbalismo tão do nosso gosto poderá, quando muito, apurar qualidades literárias mas não põe a criança em contato com as realidades práticas. Esta contato é que despertará a capacidade de encarar e resolver problemas, com o que implica o teste de Terman."*

'Quocientes de inteligência em escolares do Recife (com Maria Leopoldina de Oliveira)', (27)

Estabeleceu a pergunta motivadora do estudo, *"Qual é a média de inteligência do nosso povo e quão freqüentes são os seus vários graus acima e abaixo dessa média? Tal é a pergunta que, segundo Terman, cada nação deveria dirigir a si mesma."*.

b) psicologia geral

Entre estes se encontra uma série (de três volumes) publicada no Jornal de Medicina de Pernambuco e um significativo texto em que resume os primórdios da psicologia neste estado.

'A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento I, II e III' (28, 29, 30)

Três capítulos de um mesmo assunto. Vaticinava que, *"A psicologia... se está libertando de prejulgados e entra em caminhos novos e seguros."*; *"... o estudo dos fenômenos subconscientes e inconscientes se impôs e a psicologia deles se ocupou..."*; *(mas) "... restava o mecanismo íntimo desses fenômenos."*; já que *"... a demonstração positiva do modo por que se passam, no interior do nosso cérebro, as variadas e múltiplas combinações que constituem nossa vida mental não tinha sido apresentada."*. Aproximava-se de uma visão organicista, corrente à época, credora que *"... os atos espontâneos do homem e, mais ainda, os fenômenos da vida* mental *representam objetivamente reflexos cerebrais."*; ou quando afirmava, *"Há uma estreita correlação entre os fenômenos psíquicos e os processos materiais que se passam em certas regiões do cérebro."*

'A Psicologia em Pernambuco' (31)

Resumo da comunicação feita pelo autor na sessão da Liga Brasileira de Higiene Mental de 14 de março de 1930, quando solicitado a falar sobre o movimento psicológico em Pernambuco pelo colega Dr. Ernani Lopes, presidente da Liga. Ulysses Pernambucano, neste breve relato, dissertou sobre o surgimento da Psicologia em Pernambuco, incluindo a participação exercida por ele próprio. Iniciou pelo célebre concurso, em 1918;

"O interesse pelos estudos psicológicos nasceu no Recife após a criação da respectiva cadeira na Escola Normal e ao concurso que para seu provimento se procedeu em princípios de 1918. São desta época os trabalhos sobre a 'Gênese do Instinto' de Gaspar Loyo; 'Psicologia das crianças epilépticas' de Costa Pinto; 'Consciência' de Manoel Arão; 'Base física da memória' de Eládio Ramos e 'Crianças anormais e parada do desenvolvimento intelectual' de Ulysses Pernambucano."

Contou da posição de liderança que ocupava frente à equipe e da realização dos primeiros trabalhos em conjunto,

"Em 1924, achando-me na direção da Escola Normal, comecei a interessar professoras e alunas nas questões práticas da psicologia. São desta data os primeiros trabalhos, ainda tateantes; 'Jardim da infância e educação dos sentidos' da professora Alda Campos; 'O teste A de Rossolino em crianças normais e anormais' das professoras Maria das Neves Monteiro e Maria de Lourdes Vasconcelos."

Examinou, ainda, como se deram os trâmites legais para a consolidação do Instituto de Psicologia, *"Em 1925, a meu pedido, o então deputado ao Congresso do Estado e professor de psicologia da Escola, Dr. Armando Gayoso, apresentou à Câmara o projeto criando o Instituto de Psicologia, anexo ao Departamento de Saúde e Assistência."*

Revelou o primeiro grande intento do grupo recém-formado, *"... iniciei com a minha primeira auxiliar – a professora Anita Paes Barreto – o estudo de alguns testes de aptidão já experimentados por Madame Pieron."* e *"... a nossa grande tarefa: a revisão da escala de Binet – Simon."*; *"A dificuldade inicial era optar pela própria escala original de Binet e Simon ou por uma de suas revisões (Burt, Bobertag, Terman, etc). Preferimos... a escala revista por Terman, a chamada Stanford – Revision."*

c) neuropsiquiatria clínica e neurofisiologia

Aqui podemos agrupar um conjunto de trabalhos abordando aspectos teóricos ou práticos (casos clínicos) de doenças neuro-psiquiátricas, assim como assuntos ligados à neurofisiologia. Com um forte viés 'localizacionista' em relação às doenças mentais, também chama a atenção o vasto conhecimento neurológico do professor Ulysses Pernambucano, percebido nas revisões bibliográficas com que geralmente iniciava os trabalhos e a descrição minuciosa dos exames (físico, mental e neurológico) realizados nos pacientes. Inclui-se aqui sua tese de graduação em Medicina, de 1912, *'Sobre algumas manifestações nervosas da heredo-sífilis'.*

'Bases fisiopsicológicas da ambidestria' (32)

Trabalho complexo sobre fisiologia nervosa, em que buscou examinar as bases da ambidestria. Iniciava com extensa revisão histórica sobre os estudos que, ao longo dos tempos, vinham buscando, "*Encontrar a sede dos fenômenos psíquicos em uma das vísceras do corpo humano, na totalidade ou em parte do encéfalo.*" Concluía, no tocante a esta linha, mostrando que, "*Foram os estudos de fisiologia experimental feitos na época contemporânea que provaram que a inteligência é função do cérebro e, mais particularmente, do córtice cerebral.*" Aproximava-se então do assunto em pauta, "*... os indivíduos civilizados, porém, possuem novos processos de expressão: - a leitura e a escrita.*". Dizia, em tom de constatação, "*A predominância de um dos lados do corpo, produzindo indivíduos destros ou canhotos, é um fato geral, por toda a parte. Esta assimetria do homem normal não se limita aos movimentos.*", ressaltava, porém, "*A criança nasce ambidestra.*" E orientava, "*A educação defeituosa que damos aos nossos filhos aumenta de tal modo a assimetria que quase a faz perder os característicos de fisiológica.*"; "*A pedagogia deve, portanto, limitar-se a trabalhar para que a desarmonia entre os dois hemi-seres, a predominância de um deles, não sejam levados a um grau que exceda os limites do fisiológico para chegar aos extremos de enfermidade e incluir-se na patologia.*" Como conseguí-lo? "*... , evitando contrariar a tendência da criança para o ambidestrismo, não a coagindo ao uso sistemático da mão direita, mas ao contrário, permitindo-lhe que a esquerda se exercite em misteres vários.*"

'Um caso de palilalia post-encefálica' (com José Lucena), (34)

Relato clínico do acometimento de um jovem senhor, nascido em Palmeira de Garanhuns, atual Palmeirina - PE (observado em março de 1932). Como de praxe nestes

estudos, constava de revisão histórica mais ilustrações clínicas, relatos (excertos) de entrevistas, exame neurológico, etc.

'A neuromielite epidêmica (doença de Austregésilo) em Pernambuco', (36)

Extenso estudo, realizado em colaboração com Arnaldo Di Lascio e Alcides Benício, em que fez um relato de alguns casos da doença [que havia sido descrita em 1935 pelo professor (Antônio) Austregésilo em colaboração com Borges Fontes] em Pernambuco e suas características, exercitando, sobremaneira, sua face neurologista.

'Síndrome de atrofia paleocerebelar', (37)

Destaque minucioso de caso clínico, acompanhado de descrição pormenorizada do exame neurológico e considerações teóricas (a partir do caso em si), sobretudo histórico-clínicas, acerca do cerebelo.

d) neuropsiquiatria forense

'Neuropsiquiatria Forense' I e II, (38, 39)

Abordou o tema em duas edições consecutivas da revista Neurobiologia, em dois artigos de interesse. No primeiro deles, (38) 'desmontou' perícia realizada por um colega (que não era versado em Neuropsiquiatria), fazendo-o em tom irônico e mesmo irritadiço, em que a cada demonstração de equívoco por parte do colega, fornecia a informação e a análise mais adequadas a cada tópico. Exibiu seus conhecimentos psiquiátricos em toda sua profundidade, além de fazê-lo de forma bastante didática. Chamou atenção para o Instituto de Psicologia, na sua função precípua de realização de testes psicológicos (e que estaria sendo subvalorizado no sentido de atendimento das demandas potenciais). No segundo artigo, (39) tratou de perícia para a qual fora designado por autoridade judicial. Após exame dos autos do processo; em que teve contato com o histórico do paciente, no qual constavam avaliações realizadas por outros profissionais da Neuropsiquiatria pernambucana que o haviam assistido como médicos, além de detido exame do paciente; forneceu suas impressões. Educadamente, fez algumas ressalvas às observações sobre o paciente constantes nos laudos de três colegas; os Drs. Gouveia de Barros, João Marques e Zacarias Maciel. Numa 'aula' de psiquiatria, abordou, para subsidiar seus comentários, aspectos de psicopatologia, de psiquiatria clínica, de semiologia e semiotécnica psiquiátricas.

e) estatísticas em psiquiatria ou estudos de viés sociológico/ antropológico

Abordemos, dentre estes, os mais significativos.

'As doenças mentais entre os negros de Pernambuco (com Helena Campos)' I (40) e II (43)

Como de regra em seus estudos desta época, clamou por estatísticas em psiquiatria, "*Sem que as tenhamos bem organizadas e capazes de fornecer ricos elementos informativos, toda a atividade social do psiquiatra há de assentar em bases de areia movediça.*". Estudou, em momentos diferentes, as doenças mentais entre os negros, pretendendo apurar a freqüência destas comparadas às das outras raças e os tipos de doenças mentais presentes nos negros internados no Hospital de Alienados, nos períodos de 1928 a 1930 (40) e de 1932 a 1933 (43). Concluiu, em ambos os estudos, que, proporcionalmente, os negros eram mais internados (em relação à média da população) e padeciam mais de psicoses tóxico-infecciosas e psicopatias por lesões cerebrais e menos de psicopatias constitucionais (segundo classificação da época).

'Estudo estatístico da paralisia geral', (41)

Ressaltem-se os primeiros parágrafos do texto, em que Ulysses fornecia um vasto panorama dos estudos e das observações acerca desta importante doença, "*A paralisia geral parece ter o dom de apresentar, conforme as épocas, sempre uma face nova. Segundo Adauto Botelho foi, a princípio, o período nosográfico seguindo-se os períodos anátomo-patológico, etiológico, patogênico, sorológico. Acrescentaremos o período terapêutico, perfeitamente estabelecido por Von-Jauregg, cheio ainda de problemas como a interpretação do modo de ação da malária e psicoses post-maláricas.*"

'Alguns dados antropológicos da população do Recife (com Arnaldo di Lascio, Jarbas Pernambucano e Almir Guimarães). ', (42)

Justificava a realização de tal estudo, "*Foi a necessidade em que nos vimos de fazer por nossa própria conta a verificação de percentagem de brancos, negros e mestiços na população do estado que nos levou a fazer a presente pesquisa*", para, em seguida, falar dos métodos, "*Como material de antropologia foram usadas as escalas de Von Luschan (para cor da pele), a de Fischer (para cor dos cabelos), a de Martin (para cor dos olhos) e o necessário para o estabelecimento dos índices nasal e cefálico.*"

'Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em quatrocentos primeiros internados em casa de saúde particular', (44)

Iniciou com o característico apelo à estatística,

"É somente pelos estudos estatísticos de grandes massas de doentes, pela organização de registros genealógicos sistemáticos e extensos como os de Rudin, pela organização de monografias bem documentadas sobre as doenças mentais... que iremos aperfeiçoando nossos conhecimentos e permitindo que a higiene mental saia da situação atual de reservatório de noções apenas prováveis."

Neste estudo, intencionou *"... comparar as admissões em um estabelecimento psiquiátrico particular (Sanatório Recife) que recebe doentes de todo o Norte do Brasil, especialmente do Nordeste, com as de um hospital importante como o de Alienados, de Pernambuco."*. Foi utilizada para análise, a classificação da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal; que dividia as doenças mentais em três grandes grupos: as psicopatias constitucionais, as psicopatias orgânicas e as psicoses tóxico-infecciosas. O estudo realizado observou que *"... entre os doentes do Sanatório há uma percentagem maior de psicoses constitucionais que entre os do Hospital; as psicopatias orgânicas são muito mais freqüentes no Hospital que no Sanatório e um pouco mais freqüentes as tóxico-infecciosas."*. Ulysses Pernambucano tentou elaborar explicações para os achados,

"Razões econômicas explicam que um grupo de população possa evitar até um certo limite as doenças do grupo das psicopatias orgânicas, das tóxicas e infecciosas. Motivos econômicos que podem agir diretamente pelas facilidades de vida que proporcionam e indiretamente pela possibilidade de uma melhor educação que implica no conhecimento de evitar tantas causas que agem na gênese dessas doenças. Por outro lado, a incerteza dos conhecimentos atuais sobre as psicopatias constitucionais, especialmente sobre o fator hereditário, impedindo, até certo ponto medidas que concorram para evitá-las, explica a preponderância desse grupo nos doentes do Sanatório."

Concluiu com as respectivas medidas a serem tomadas, *"Que o esforço, em nosso meio, do neuro-higienista deve ser dirigido entre a gente de condição econômica superior no sentido de evitar as psicopatias constitucionais e entre as de condição econômica inferior contra as orgânicas e tóxico-infecciosas."*.

f) higiene mental, assistência à saúde (mental), elaborações teóricas acerca da psiquiatria

Aqui se acrescentam ainda os inúmeros discursos, conferências e relatos que pronunciou ao longo dos anos, nos quais Ulysses Pernambucano escreveu com grande vigor e paixão, deixando verdadeiras profissões de fé do psiquiatra.

'Assistência a Psicopatas em Pernambuco – Idéias e realizações', (45)

Extensamente analisado na exposição sobre a Assistência a Psicopatas de Pernambuco (tópico 4.3).

'O trabalho dos alienados na assistência a psicopatas de Pernambuco', (46)

'A Contenda com Dr. Ernani Lopes'.

O professor Pernambucano iniciava citando um colega que teria sido vítima de 'igual censura' (além de si próprio) por parte do Dr. Ernani Lopes, o Dr. Conrado D. Ferrer, professor suplente em Córdoba e médico do asilo de Alienados em Oliva. Apresentava textualmente as palavras pronunciadas pelo Sr. Ernani Lopes, "*Neste tema de terapêutica pelo trabalho, é intuitivo que o fator terapêutico tem naturalmente de primar sobre o fator econômico.*"; "*... afigura-nos preferível falar em 'praxiterapia' ou em 'terapêutica pela ocupação' do que em 'terapêutica pelo labor'...*". Dizia ainda o Dr. Ernani Lopes (citado por Ulysses), agora já se referindo ao modo de entendimento do psiquiatra pernambucano em relação à praxiterapia, "*Porque na eventualidade é quase uma regra que, quando se contempla em demasia o fator econômico, não se cura suficientemente do fator tratamento.*" Em sua resposta, o professor Ulysses Pernambucano comentou sobre a desigualdade de recursos destinados aos estados brasileiros no tocante às questões do alienado, acrescentando, "*A um administrador que se tem de mover dentro de recursos escassos não se pode exigir que faça abstração do ponto de vista econômico.*" Aproveitou para defender um de seus auxiliares da 'acusação' de que conduzia um trabalho sem bases teóricas e mostrou que a incorporação da preocupação com o fator econômico, em que a 'terapia pela ocupação' dos pacientes se acompanhava de produção econômica revertida em prol dos próprios pacientes (visto que diminuía os custos do internamento e possibilitava maiores pleitos junto aos governantes), não os privava de uma assistência fundada em bases científicas.

'Recursos modernos de assistência aos doentes mentais' (conferência na Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba em 13.05.1938), (47), artigo de abertura do 1º exemplar da revista Neurobiologia (publicado em junho de 1938)

Lembrar que nesta época, Ulysses Pernambucano não mais dirigia a Assistência a Psicopatas, podendo, portanto, como de fato aconteceu, fazer uma análise um tanto mais distanciada. Demonstrava estar familiarizado com as mais diversas modalidades de cuidado e assistência ao doente mental. Iniciava elaborando um panorama, *"Os problemas que se relacionam com a assistência a doentes tornam-se cada dia mais complexos. É preciso possuir hoje uma verdadeira cultura especializada para poder conscienciosamente planejar e dirigir um hospital moderno."*, diferenciando tal situação daquela existente em épocas passadas, "*Até o fim do século passado a preocupação essencial do médico consistia em prescrever medicação adequada e completa. Hoje, cumpre-lhe, ao demais, pensar socialmente, considerar o paciente em relação ao meio em que vive e sofre, tomar a decisão terapêutica e dar conselhos, sem perder de vista as reações que estes vão despertar no ambiente e as possibilidades que poderão advir da sua orientação.*". Dava um testemunho de como tentou fazer funcionar os serviços nos tempos em que esteve à frente deles, "*Em Pernambuco procuramos fazer com que o doente mental que nós fazíamos trabalhar por necessidade terapêutica, não se limitasse ao chamado trabalho diversão, passatempo, gioco-lavoro, mas se dedicasse, ao contrário, ao trabalho produtivo e capaz de restituir ao estado uma parte da despesa que o doente lhe dá. Afirmei que só agindo assim, poderíamos progredir e aperfeiçoar nossos serviços.*". Passava, então, a listar diversas experiências assistenciais no cuidado aos doentes, incluindo mesmo aquelas com as quais não tinha convivido de perto.

"*Como se está manifestando modernamente essa tendência para gastar pouco com a assistência aos doentes mentais e em fazer produzir os serviços para, com a renda assim obtida, atender ao aumento sempre crescente desses doentes e a necessidade de aperfeiçoar-lhes o tratamento? Entre outras pelas seguintes práticas:*

a) ambulatório para psicopatas
b) hospital aberto para pequenos mentais e psicoses em período inicial
c) assistência extramanicomial
d) colônia para crônicos
e) sistema de auto-direção
f) sistema de Simon
g) assistência hetero-familiar
h) assistência social post-nosocomial para a adaptação do doente à família, ao trabalho e à sociedade.".

Ulysses Pernambucano se demorou em análises específicas sobre cada uma das modalidades de tratamento, relevando-lhe as características. Quanto ao ambulatório,

disse *"…. reduz consideravelmente o número dos que devem ser internados tanto nos hospitais abertos como nos fechados"*, e mostrou o que caracterizava estes serviços (ambulatoriais), *"... isso faz dos serviços 'abertos' um precioso instrumento para o tratamento dos psicopatas, e aconselha o seu desenvolvimento cada vez maior em detrimento dos hospitais 'fechados'."* Comentou sobre a assistência extra-manicomial ou 'extra mural work', que permitiria *"... a alta precoce de certos doentes mentais, especialmente dos esquizofrênicos, aos quais o ambiente hospitalar pode, depois de certo tempo, tornar-se prejudicial."* No seu entender, a colônia para crônicos deveria *"... ser o instrumento direto e principal para a prática da terapêutica pelo trabalho."* Quanto ao sistema de auto-direção ou 'seção sem vigilância', afirmava conhecer *"... psiquiatras, em outros hospitais (que) experimentaram o processo sempre com resultados encorajadores"*, e contou que *"Sem nunca o ter praticado em toda a sua pureza tenho a convicção de que conscienciosamente aplicado deve dar excelentes resultados."* Sobre o método de Simon, *"Para Simon muitos sintomas como o maneirismo, estereotipias, negativismo, grafomania, colecionismo são, não tanto expressões diretas da doença, mas conseqüências indiretas do hábito e do ambiente. Nenhuma falsa piedade, nenhuma excessiva tolerância para com manifestações mórbidas, atitudes cômodas para os médicos e enfermeiros, mas prejudiciais para o doente que fica privado de empregar um esforço útil para reconquista de sua autonomia."* Acerca da assistência hetero-familiar, dizia acreditar que *"O meio familiar, mesmo estranho ao doente, é mais conveniente debaixo do ponto de vista de recuperação social que o melhor dos hospitais."* E concluía, abordando a assistência social post-nosocomial em suas diversas atribuições, *"... instituir a história pré-psicótica e mórbida do internado."*, *"... preparar o meio familiar e profissional para recebê-lo, poupar-lhes atritos, desconfianças."* Assim estavam expostos, segundo Ulysses Pernambucano, os elementos modernos de assistência aos psicopatas.

Analisemos em conjunto alguns pronunciamentos realizados por Ulysses Pernambucano, posteriormente publicados.

Ainda jovem, em 1922, discursou como paraninfo de uma turma de professorandas, (48) ocasião em que se deteve sobre o processo de educar, *"Educar é modificar tendências hereditárias de um ser vivo, enriquecer-lhe a inteligência pela aquisição de conhecimentos, moldar-lhe a esfera afetiva, robustecer-lhe a vontade, para chegar a regras supremas de moral, que são o coroamento da obra."* Continuou, *"A instrução não deve ser ministrada contra os ditames da fisiologia e psicologia infantil mas obedecendo-os à risca. O esforço do professor deve*

tender ao máximo aproveitamento do aluno com o mínimo de coação física, intelectual e moral." Citou o que deveria ser, em sua opinião, um dos dez mandamentos da professora, a percepção de que, "*A criança é imitadora: na esfera moral, dai-lhe mais exemplos que conselhos."*

Outro relevante pronunciamento deu-se em 1933, (49) no Rio de Janeiro, "*No dia 09 de outubro de 1933, reuniu-se na Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal para receber o professor Ulysses Pernambucano, diretor geral da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. Saudou o visitante o professor Henrique Roxo, '... alegrando-se de transmitir pessoalmente ao professor Pernambucano o voto de louvor aprovado na sessão anterior da Sociedade, pelo esforço do Governo e dos técnicos de Pernambuco em prol duma perfeita organização de assistência a psicopatas'."* Ulysses pronunciou então uma conferência, na qual expôs o funcionamento dos serviços assistenciais em Pernambuco assim como se deu sua chegada ao cargo de diretor geral. No final, 'abraçou' os ex-professores presentes, Antônio Austregésilo e Ulisses Viana.

Em outro momento, já em 1935, resolveu comunicar as deliberações tomadas após convite para ministrar um curso de higiene mental na Faculdade de Medicina, (50) "*Encarregado pelo Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Medicina de fazer um curso de extensão sobre Higiene Mental, abandonei qualquer orientação que parecesse simples exposição teórica, sem contato com a realidade de nossos problemas locais. Assim, usando da liberdade que me foi outorgada pelo Conselho, resolvi propor aos alunos inscritos – acadêmicos de Medicina dos três últimos anos do curso, médicos e professores primários – a preparação de uma série de monografias onde fossem estudadas: a) as constituições psicopáticas mais freqüentemente encontradas; b) as doenças mentais, segundo a classificação da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal."*

No centenário do Hospital Psiquiátrico Nacional, em 18 de julho de 1941, falou Ulysses Pernambucano, (51) representando a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro. Trata-se de um dos poucos momentos em que dissertou sobre suas influências.

Em Recife, no ano de 1942, realizou-se homenagem ao Dr. Adauto Botelho, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, que viera em viagem de inspeção às instituições de assistência aos doentes mentais para verificação das condições locais de funcionamento. Ulysses Pernambucano discursou recepcionando o convidado. (52) Fez um tributo à história da Higiene Mental, citando os esforços de vários psiquiatras, sobretudo Juliano Moreira. O Dr. Adauto Botelho o agradeceu em seguida, dizendo-se *"... acrescido em tudo pela honra que tive de merecer do grande mestre e amigo Ulysses Pernambucano as palavras bondosas que ele me dirigiu em vosso nome."* Estiveram presentes na ocasião, entre outros, os médicos Otávio de Freitas, Oscar Coutinho, René Ribeiro, Arnaldo Di Lascio, José Lucena, José Carlos Cavalcanti Borges, João Marques de Sá, Edgar Altino, Barros Lima, Nelson Chaves, Jarbas Pernambucano e José Otávio de Freitas Jr.

Encontra-se registrado na revista Neurobiologia (53) o último discurso de Ulysses Pernambucano pronunciado em vida, em novembro de 1943. Em época de segunda guerra mundial, trata-se de uma espécie de homenagem ao presidente americano Franklin Delano Roosevelt, em que exaltava seus feitos em contraposição ao 'gênio do mal'.

'A ação social do psiquiatra' (conferência de abertura do 3º Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, realizado em Natal, de 12 a 16 de outubro de 1943), (54)

Trata-se de seu 'canto de cisne', pronunciado pouco mais de um mês antes de sua morte. Só se pronunciaria em público, antes de seu falecimento, em mais uma ocasião, em novembro de 1943, no banquete de confraternização dos médicos brasileiros com os médicos das forças armadas americanas sediadas em Recife, (53) em que saudaria o 'homem predestinado', o presidente americano Franklin Delano Roosevelt. O texto de '*A ação social do psiquiatra*' serve como um testemunho de sua dedicação contínua à causa do alienado. Mostrou-se um tanto ressentido com o pouco reconhecimento e estímulos alcançados por psiquiatras do nordeste brasileiro, "*Nós outros que resolvemos a viver em nossas províncias, sabemos de antemão que temos de encontrar na alegria do trabalho o prêmio de nosso esforço. Pra nós não vêm representações oficiais em congressos, nem viagens ao estrangeiro, nem tournées de conferências.*", assim como com os governantes, responsáveis pelos desígnios da saúde das populações, "*Constituímos nós neuro-psiquiatras um dos*

ramos da medicina menos compreendidos dos Governos e da população. Julgam os primeiros que nossa função é conviver com os loucos, entendê-los, reclamar sempre para eles melhores instalações, medicamentos e alimentação.", embora também tenha reconhecido certa falha por parte destes mesmos profissionais, *"O que nós temos que confessar é que, fora raras exceções, ainda nos cingimos, no Brasil, em nossos trabalhos, aos problemas terapêuticos, a bisantinices de diagnóstico ou a estudos teóricos, aspectos de nossa atividade que não interessam aos homens de governo nem fornecem elementos com que nos possamos apresentar diante deles para pleitear alguma coisa além de ambulatórios, pavilhões ou pretensiosos institutos que o são só no nome.".* Fez interessante comentário sobre o acometimento mental dos jovens, *"Não admira que elas (as doenças) apareçam de preferência entre os 20 e os 30 anos. É a época em que o homem, inadvertidamente preparado para os problemas que a vida lhe vai apresentar, entra na concorrência, sofre os primeiros choques e, então, a doença mental ou é um refúgio ou uma reação.".* Dissertou sobre um de seus assuntos prediletos, a profilaxia em saúde mental, *"Vivemos nós neuro-psiquiatras a afirmar todos os dias, baseados nas nossas estatísticas, que a percentagem de cura das doenças mentais é muito maior quando se institui o tratamento precoce"*, mesmo que com medidas não restritas ao campo exclusivo da saúde, *"Quanto concorreria para diminuir o número de neuróticos uma preparação bem orientada dos pais para suas relações com os filhos e dos mestres com seus discípulos! E colégios? Tenho uma longa e dolorosa experiência de todo o mal que eles podem fazer – e realmente fazem – à saúde mental das novas gerações.".* Comentou sobre os propósitos iniciais da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, por ele fundada, (A respeito da SNPHM) *"... acolheria todos os representantes de outras profissões – fora do campo estritamente médico – para os quais se apresentassem, de uma maneira direta ou indireta os problemas da profilaxia e higiene mentais. Psicólogos, educadores, higienistas puros, sociólogos, juristas, biologistas, psicanalistas, juízes e jornalistas, todos nos têm oferecido uma colaboração que tira ao nosso trabalho, em certos setores, o aspecto puramente médico e dá ensejo a que determinados problemas possam ser encarados de pontos de vista muito mais amplos"*, concorrendo para o exercício de uma verdadeira psiquiatria social, *"Já se afirmou que o neuro-psiquiatra é o 'homem que escuta'. Sem deixar de dar a devida importância aos casos individuais, nenhum psiquiatra hoje, digno desse nome, deixa os novos aspectos do que se poderá chamar a psiquiatria social. É por esses estudos que nós chegaremos a assentar, em bases sólidas, a higiene mental.".*

Trago, por fim, as palavras de Ulysses Pernambucano, que também são aquelas com as quais ele concluía este seu trabalho, *'A ação social do psiquiatra'*, e que deveriam constar

em todos os serviços que se prestem ao cuidado integral do doente mental, como uma espécie de oração do psiquiatra.

"Diretores de serviços que não percebem o alcance dessa nova diretriz, que dormitam pelos gabinetes, alheios à responsabilidade de suas funções até serem sumariamente despedidos; homens que pleiteiam os postos de direção e por isso mesmo não podem exigir respeito ao seu saber; médicos que consentem que seus doentes morram à míngua de medicamentos e até de alimentos e não elevam um protesto indignados – não são psiquiatras! O psiquiatra é o protetor do doente mental. Essa função é inerente à sua pessoa. Quando um governo nomeia um diretor para um hospital de psicopatas não faz um funcionário de sua confiança. Designa antes um curador nato para esses doentes, um defensor de seus direitos a tratamento humano, a alimentação sadia, a cuidados de enfermagem, a dedicação dos médicos. Aquele que entre o doente que sofre e o Governo que paga e distribui benefícios prefere este – não é um psiquiatra. O que permite que sejam desorganizados serviços que encontrou em boa ordem – não é um psiquiatra. O que explora os doentes e suas famílias exigindo retribuições por serviços que deviam ser gratuitos – não é um psiquiatra. O que permite que seus doentes andem nus, cobertos de vermina e cheios de equimoses – não é um psiquiatra. O que consente ainda que por simples omissão de protesto que se destrua um grande hospital psiquiátrico, ligado, por tantos títulos ao desenvolvimento e história da assistência a alienados – não é um psiquiatra. O que não afronta poderosos para defender o doente mental quando privado de qualquer de seus sagrados direitos a assistência e proteção por comodismo, interesse pessoal ou receio de represálias – não é um psiquiatra. Réus desses crimes deviam sofrer um castigo além do desprezo que os cerca. Como o capitão que abandona seu navio em perigo, o comandante que deixa sem direção os seus soldados na batalha, ou o pastor que abandona aos lobos o seu rebanho deviam ser privados do direito de ter sob sua proteção doentes que não sabem se defender de agressões e exigir tratamento, ou sair para as ruas, à sombra da bandeira nacional, para solicitar pão e luz. Esta Sociedade não se constituiu para demolir nem para atacar. Queremos doutrinar os que ignoram, corrigir os que erram, aplaudir os que o merecem. O que ela não fará jamais – eu o espero – será tolerar a injustiça e apoiar a iniqüidade!".

4.5 Obra não-escrita

4.5.1 Ulysses Pernambucano e a questão religiosa em Pernambuco

'Quando Ulysses Pernambucano começou a tratar como gente viva aos negros de Pernambuco, aos párias que se defendiam da miséria no apego às suas resistências religiosas, ele punha, neste seu trabalho, não somente o entusiasmo de pesquisador, como seu coração de homem superiormente dotado de amor ao próximo. O grande médico de doenças mentais, o que tinha restabelecido o uso da razão a milhares, dizia que a religião dos negros era uma religião como todas as outras. E procurou, com os seus admiráveis assistentes, controlar, orientar, investigar os terreiros, os pais de santo, os cultos pobres. E o que viu e realizou neste sentido enche de espanto a ciência médica do estrangeiro. '

José Lins
do Rego

Inevitável se faz mencionar uma dentre as atividades empreendidas por Ulysses Pernambucano que se revestiu de grande relevância social, a saber, a luta pela descriminalização das práticas religiosas da população negra do Recife. Certamente contribuiu para uma visão mais tolerante por parte do psiquiatra pernambucano, além de seu ponto de vista individual sobre o tema, a convivência havida com relevantes estudiosos que faziam pesquisa social em Pernambuco e no Brasil, entre os quais seu primo Gilberto Freyre **(Imagens 14 e 15)** – cuja postura em relação ao estudo do negro e a contribuição para a formação do Brasil contemporâneo, inauguravam certo olhar sobre este assunto. Gilberto Freyre assim se manifestara acerca do 'Recife das muitas crenças',

"O catolicismo tem uma história secular na formação da cidade do Recife. Não há como negar sua presença cotidiana desde os tempos de colônia, quando os portugueses firmavam sua dominação colonial. O crescimento da cidade trouxe a afirmação de outras crenças religiosas com seus hábitos diferenciados. Há, portanto, uma diversidade visível, característica das cidades metropolitanas, com suas carências e sua heterogeneidade. A presença também dos cultos afro-brasileiros é expressiva, mostrando as bases culturais que alimentam a cidade, onde a contribuição africana é indiscutível." (3)

É esta nova postura, capitaneada pelo professor Pernambucano, que ressalvam – quando analisam os estudos históricos acerca das relações entre religiosidade e saúde mental - alguns dos mais importantes pesquisadores brasileiros nesta área. O psiquiatra e professor titular de Psicopatologia da UNICAMP, Paulo Dalgalarrondo, em livro de recente publicação, '*Religião, Psicopatologia e Saúde Mental',* (55) revelou, de início, o interesse teórico de Ulysses Pernambucano pelo assunto em foco, *"... preocupado com a questão das doenças mentais nos negros, (Ulysses Pernambucano) empreendeu e apoiou, nas décadas de 1920 e 1930, uma série de estudos estatísticos (Pernambucano, 1938) e etnográficos (Lucena, 1982).",* (55) para em seguida contextualizar tal posicionamento, *"Defendia uma visão tolerante em relação aos cultos afro-brasileiros; pois, ao que parece, não via neles a origem de transtornos mentais, mas a manifestação cultural das camadas pobres da população." (55)* A pesquisadora da história da Psiquiatria brasileira, Angélica Almeida, em sua tese de doutoramento *'Uma fábrica de loucos': Psiquiatria x Espiritismo no Brasil (1900-1950), (56)* analisou especificamente a visão da psiquiatria acerca dos 'fenômenos espirituais', e comentou, *"... os médicos ligados às escolas da Bahia e de Pernambuco habitualmente desenvolveram posturas mais culturalistas e tolerantes em relação às práticas mediúnicas, notadamente, em relação às religiões afro-brasileiras.", (56)* citando, para exemplificar, *"... trabalhos de Ulysses Pernambucano (Campos, 2001) e René Ribeiro (1952, 1982),..." (56)* e, numa perspectiva histórica, ressaltou, *"... a diferença básica em relação à postura anteriormente adotada estava na aceitação dessas práticas como potencialmente benéficas para a saúde dessas pessoas (Martins e Bastos, 1963; Martins, 1969)." (56)*

De modo concordante se manifestou o psiquiatra e professor Mário Eduardo Costa Pereira, da UNICAMP, em trabalho acerca do professor Ulysses Pernambucano, '*Ulysses Pernambucano e a questão da "Higiene Mental" ' (57),* ao afirmar,

"Foi igualmente (Ulysses Pernambucano), um defensor do direito ao exercício de religiões afro-brasileiras, em um momento histórico em que estas eram objeto de intensas perseguições pelas forças de ordem pública. Dessa forma, sua visão ampla das relações entre cultura e psicopatologia em muito contribuiu para o descentramento dos debates antropológico-psiquiátricos, na época cristalizados nas teorias sobre a suposta superioridade da raça branca, sobre a degenerescência engendrada pela mestiçagem e sobre a

correspondente necessidade de 'arianização' da população brasileira para a melhora global das condições de saúde e de cidadania no país, em direção a uma concepção mais sensível aos elementos sociais propriamente ditos, efetivos no surgimento e na manutenção dos transtornos mentais mais freqüentes no âmbito da ação psiquiátrica." (57)

Parece consenso entre os pesquisadores o fato de que o paroxismo da atuação de Ulysses Pernambucano no tocante à questão dos negros – sobretudo mas não exclusivamente no que concerne às manifestações religiosas, tenha se dado por ocasião do 1º Congresso Afro-Brasileiro, sediado em Recife; como atestaram os professores Mário Eduardo Costa Pereira,

"Extremamente interessado pelas questões culturais relacionadas à psicopatologia, em particular através dos trabalhos de Antropologia Psiquiátrica de Raimundo Nina Rodrigues, Ulysses Pernambucano dedicou-se ao estudo das condições de doença mental dos negros no Brasil. Em 1934, foi um dos principais incentivadores e articuladores do 1º Congresso Afro-Brasileiro, organizado em Recife por Gilberto Freyre, evento que teve profundas conseqüências para os debates sobre as raízes africanas da cultura brasileira, reconhecendo e legitimando a participação do negro e dos mestiços no processo de construção do Brasil enquanto nação." (57)

e Edgar Altino,

"Eram os seus grandes laboratórios. Seus estudos afro-brasileiros, continuadores dos ensaios de Nina Rodrigues, levados avante por Estácio de Lima, colaborando Ulysses com cientistas do porte de Gilberto Freyre, ensaiaram, no Recife, a organização daquele congresso em que se balanceou a relação sociológica da importação africana e da miscigenação no meio nacional." (in: 13)

4.5.2 O Congresso Afro-Brasileiro do Recife, 1934.

'Depois da publicação de 'Casa Grande & Senzala', Gilberto Freyre concebeu, com um grupo de correligionários e amigos, a realização de um evento dedicado à cultura negra. Esse espaço de debate dos temas negros, que congregou ativistas e intelectuais, foi um fato ainda mais escandaloso que a publicação de Casa Grande & Senzala.'

Enrique Larreta e Guillermo Giucci

Tinha o dito Congresso um objetivo geral muito evidente,

"... pesquisar a contribuição afro-brasileira à cultura nacional preocupado com as dimensões práticas do conhecimento antropológico necessário à elaboração de políticas sociais para as minorias negras. Dedicado à situação do negro e do mulato brasileiro, sua antropologia e sua importância na formação social da cultura nacional." (58)

Podendo ser encarado como um Congresso que se pretendia atuante, parecia também claro a todos o papel protagonista que coube a Ulysses Pernambucano na organização e condução do evento,

"... o presidente do Congresso era o professor e psiquiatra Ulysses Pernambucano, primo de Gilberto Freyre, reformista social e intelectual progressista de muito prestígio no Recife, que tinha entre seus múltiplos interesses a etnopsiquiatria. Suas pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras foram uma das causas do congresso, concebido originalmente como um encontro sobre esses movimentos religiosos." (58)

Deu-se, então, o I Congresso Afro-Brasileiro, em Recife, entre os dias 11 e 16 de novembro de 1934. Veja-se que, quanto aos objetivos inicialmente traçados pelos organizadores, houve uma extrapolação para situações não pensadas a priori, contaminando todo o clima intelectual local, como se depreende do trecho abaixo, um artigo publicado no jornal Diário de Pernambuco, numa 'chamada' (convocação) para o congresso, (DP, 7/11/34 apud (58)),

"O Congresso Afro-Brasileiro vai ser sem dúvida um feito de grande alcance. Não somente a ciência ganhará. Não será somente interessante pelos estados psicológicos das seitas veneradas na África e continuadas a ser praticadas aqui no Brasil. Será acima de tudo um movimento de gratidão. O Brasil mostra-se reconhecido aos negros, pois ele sabe que foram os negros que fizeram pedra por pedra os alicerces do grande edifício que inegavelmente hoje somos."

Opinião corrente entre todos que se propuseram a analisar os acontecimentos e a forma como se deu o Congresso do Recife é a referente ao seu caráter inovador, *"O caráter experimental do congresso esteve tanto no conteúdo quanto na composição e no formato." (58)* Entre as atividades organizadas, *"Estavam previstas*

reuniões noturnas em terreiros de seitas africanas do Recife, com danças e músicas." (58)
Quanto a estas reuniões, tidas como uma das marcas do Congresso, é preciso que se ressalte as costuras havidas para sua consecução, feitas com antecedência e como resultado de uma negociação entre as partes interessadas,

"Outra marca do Congresso foram as reuniões noturnas nos terreiros. Gilberto Freyre, Ulysses Pernambucano e seu grupo de assistentes esforçaram-se para garantir a colaboração de babalorixás. Houve reuniões preparatórias entre os organizadores do congresso e os babalorixás, ocorridas na Diretoria Geral da Assistência a Psicopatas. Os congressistas tentaram demonstrar a honestidade do propósito e propuseram medidas que permitissem o livre funcionamento das seitas, comprometendo-se a conseguir da polícia uma licença para tal efeito. Os babalorixás, por sua vez, tentaram demonstrar a seriedade de suas práticas religiosas e concordaram em abrir as portas aos participantes do Congresso." (58)

Exemplifico o fruto deste trabalho combinado e concordante, com o relato de um encontro acontecido num terreiro pernambucano, durante (e como uma das atividades previstas) o (do) Congresso;

"Um dos encontros do I Congresso Afro-Brasileiro ocorreu no terreiro do babalorixá Oscar, de culto gegê, outro no terreiro do babalorixá Rozendo, de culto xambá. O mais relevante foi realizado no terreiro do babalorixá Anselmo, culto nagô, situado no Fundão, na Rua do Progresso, 13. Os participantes reuniram-se de noite no Teatro Santa Isabel e seguiram em vários carros até o terreiro. Encontraram uma casa decorada com bandeirinhas e flores de papel, cortina de renda penduradas nas portas, retratos, fotografias, cromos e estampas de santos nas paredes. Os filhos e filhas do terreiro de Anselmo estavam vestidos com as cores características de seus santos protetores – azul, vermelho, branco, violeta. No chão, folhas de canela exalavam um odor 'brasileiro'. O 'toque' ocorreu num palanque enfeitado, ao som de dois ilus e um agogô. A demonstração dos ritos africanos, pelos diversos babalorixás do Recife, diante dos membros do Congresso Afro-Brasileiro, foi uma oportunidade para a expressão direta das variadas manifestações religiosas trazidas ao Brasil pelos antigos escravos. Permitiu, por outro lado, revelar a situação desses costumes em Pernambuco, onde se imaginava que estivessem quase extintos em conseqüência das campanhas policiais e do peso hegemônico de outras religiões. Os que nunca haviam assistido a 'trabalhos' de terreiros certamente não puderam compreender o que aconteceu ali, mas ficaram com uma vívida impressão das cenas. Perceberam um mundo inteiramente novo de ritmos e emoções, e entenderam que não se tratava de um engano para explorar os incautos." (58)

Acentuando o teor combatente do evento, este contou, em seus últimos dias, com uma série de decisões, tomadas pelos seus participantes, no sentido de fomentar a luta pela causa do negro no Brasil. Fizeram-se, então, diversas

moções (cinco no total), lidas por Gilberto Freyre na sessão final, na tarde do dia 15 de novembro de 1934. Vejamos algumas:

2. (segunda) O 1º Congresso Afro-Brasileiro louva a ação da Assistência a Psicopatas em Pernambuco, reconhecendo nas seitas africanas de organização definida cultos religiosos e resguardando-as das perseguições policiais; ao mesmo tempo protesta contra essas coações, onde quer que elas ainda se exerçam, em nosso país.

5. (quinta) O 1º Congresso Afro-Brasileiro, apelando para a colaboração dos africanistas do país, recomenda a fundação no Rio de Janeiro de um Instituto Afro-Brasileiro, nos termos da proposta do congressista Nóbrega da Cunha.

Foram diversas as personalidades que tomaram parte daquele inusitado congresso, entre as quais se podem destacar, além do próprio Gilberto Freyre e Ulysses Pernambucano; Lasar Segall, Di Cavalcanti, Manoel Bandeira (o pintor), Cícero Dias, José Lins do Rego, Mário de Andrade, Jorge Amado, Melville Herskovits, Arthur Ramos – que apresentou o texto '*Os mitos de xangô e sua degradação no Brasil'*, cheio de alusões a Freud e definido como *"Um ensaio de psicologia religiosa de caráter descritivo, que recorre a certas noções de psicanálise e a uma antropologia evolucionista das religiões para interpretar os mitos de Xangô, considerando-os uma ponte de união psíquica entre a África e o Brasil." (58)* A viúva de Juliano Moreira apresentou um trabalho que era uma homenagem ao marido, *"... psiquiatra mulato autor de uma obra precursora sobre os testes psicológicos", (58)* mostrando que a variedade nos níveis de inteligência entre as raças dependia mais do nível de instrução e educação de cada indivíduo que de seu grupo étnico. (58) Dois adolescentes, um de 17 anos, José Antônio Gonsalves de Mello Neto e outro de 16 anos, Jarbas Pernambucano, apresentaram, respectivamente, uma *"... pesquisa sobre o período de domínio holandês em Pernambuco..." (58)* e um ensaio sobre *"A maconha em Pernambuco". (58)* Lembremos que eram, ambos, filhos de Ulysses Pernambucano. O primeiro viria a se tornar um respeitado historiador em Pernambuco, sobretudo com trabalhos sobre o período holandês no Brasil. O

segundo, seguindo os caminhos do pai e enveredando pela medicina, viria a substituí-lo na Cátedra de Neurologia da Faculdade do Recife.

- **<u>O pós 30 e pré 35 (clima político)</u>**

Após a 'Revolução' de 1930, o novo governo, capitaneado por Getúlio Vargas, dissolveu o Congresso Nacional e as Assembléias Estaduais, nomeando interventores para os Estados. O descontentamento pela demora na (re) constitucionalização do país era mais notório em São Paulo, onde também crescia a revolta dos fazendeiros de café, que queriam reconquistar a influência perdida. Foi em São Paulo que estorou, a 9 de julho de 1932, uma 'Revolução Constitucionalista'. Após setenta dias de luta, a revolução foi sufocada, seus líderes foram presos e alguns deles exilados. Embora derrotados, os constitucionalistas de 32 conseguiram em parte os seus objetivos, pois Getúlio Vargas apressou-se em convocar as eleições para a Assembléia Constituinte. Eleita a 3 de maio de 1933, com 250 deputados e 50 representantes de classe, a Assembléia Constituinte foi instalada a 10 de novembro do mesmo ano, com a finalidade de estudar o anteprojeto de Constituição elaborado por uma comissão especial nomeada pelo governo. Sabe-se que, *"Entre os deputados... encontrava-se o advogado e professor* ***<u>Agamenon Magalhães</u>***[12] *que, posteriormente, seria Ministro de Vargas e interventor em Pernambuco, controlando a vida política pernambucana por mais de uma década." (5)* A Constituição foi promulgada em 16 de julho de 1934. Ainda em 1934, Getúlio Vargas foi eleito presidente da República, por via indireta. A Assembléia Estadual pernambucana elegeu Carlos de Lima Cavalcanti (derrotou o capitão da coluna Prestes, João Alberto) para governador de Pernambuco (1935-1937), *"Aprovada a Constituição de 1934, segunda da República, e eleito Vargas presidente, em Pernambuco Carlos de Lima Cavalcanti foi eleito governador;..." (5)* Carlos de Lima haveria de indicar Agamenon Magalhães, *"não sem posterior arrependimento", (5)* para o Ministério do Trabalho. Em Pernambuco, tentou fazer um governo progressista, contando em seu secretariado com figuras de destaque local, tais como Nelson Coutinho, Sílvio Granville Costa e Malvino Reis. (4)

.....
.....

***Agamenon (Sérgio de Godoy) Magalhães*[12]**

Nasceu na antiga Vila Bela (hoje Serra Talhada) no dia 5 de novembro de 1894. Veio com a família para o Recife quando tinha 11 anos. Estudou no Ginásio Pernambucano e graduou-se em Direito pela Faculdade do Recife em 1916. Elegeu-se deputado estadual em 1918 pelo Partido Republicano Democrata; em 1927, elegeu-se para a Câmara Federal. Em 1933, participou, como deputado, da Assembléia Constituinte. Getúlio Vargas o convidou para o ministério do Trabalho inicialmente e, em seguida, nomeou-o interventor em Pernambuco (1937-1945). Foi nesta época que, assim como criou o serviço social contra o mocambo , aterrou mangues e construiu inúmeras vilas populares; realizou, também, perseguição a políticos, profissionais liberais, artistas e intelectuais no estado de Pernambuco. Em 1945 foi convidado por Getúlio Vargas para o Ministério da Justiça. Em seguida, novamente deputado federal. Derrotou, em 1950, João Cleofas, elegendo-se governador de Pernambuco. Faleceu em 1952, aos 58 anos de idade, vítima de um infarto fulminante, ainda no exercício do mandato.

.....
.....

4.6 'O Lixo Pernambucano'

4.6.1 A 'Intentona' de 1935

No início da década de 30, o governador de Pernambuco Carlos de Lima Cavalcanti, que havia incumbido Ulysses Pernambucano a empreender uma reforma na assistência aos alienados em Pernambuco, mantinha-se no poder, embora seja necessário ressaltar que nas eleições para Constituinte de 1933, chegava ao parlamento aquele que mais tarde influenciaria, sob voz de comando, a política pernambucana durante mais de uma década e cuja atuação traria conseqüências importantes para a vida de Ulysses Pernambucano. Trata-se do advogado pernambucano, natural de Serra Talhada, Agamenon Magalhães. Corroborando com o que assinalara o historiador pernambucano Manuel Correia de Andrade sobre a diversidade de tendências dos revoltosos de 1930, eclodia, em Pernambuco, em novembro de 1935, uma nova revolta, "*Em novembro de 1935, os comunistas, agrupados em torno da Aliança Nacional Libertadora, iniciaram um movimento revolucionário no Rio Grande do Norte, que teve desdobramentos em Pernambuco e no Rio de Janeiro." (15)* Acontece que, "*A revolta de 1935 encontrou o estado com as suas principais autoridades ausentes do Recife; (Carlos de) Lima Cavalcanti estava na Europa,...". (5)* e a responsabilidade em revidar os ataques dos revoltosos recaiu sobre o secretário de segurança local, Malvino Reis, que *"organizou a resistência, derrotou os revoltosos e instalou um clima de terror (em PE)." (4)* Ressalte-se ainda,

"*Vencida a revolta que os estado-novistas chamariam de Intentona Comunista -..., seguiu-se um período de grande repressão, que atingiu até secretários de Estado..., além de professores, intelectuais, jornalistas e profissionais liberais. Foi um período que aterrorizou o mundo intelectual e operário de Pernambuco,..." (5)* e "*... o próprio Carlos de Lima Cavalcanti, apesar de ter o seu mandato respeitado, foi denunciado ao Tribunal de Segurança Nacional como conivente com a 'Intentona'...". (5)*

Ulysses Pernambucano vinha solicitando por parte do governo estadual o repasse de mais verbas para garantir o custeio e a adequada assistência aos doentes mentais do estado assim como para a ampliação dos serviços. Lembre-se episódio exemplar, que caracteriza bem o clima da época. Ulysses, em função

da superlotação do hospital de alienados (da Tamarineira) **(Imagem 16 e 17),** e como estratégia para que seu pleito se fizesse escutar, passou a não mais internar doentes naquela instituição. Estes, sem hospital para onde pudessem ser levados, acumulavam-se nas cadeias. O Titular da Chefatura de Polícia local chamou-o para uma conversa, exigindo os internamentos.

- Onde comem dois, comem três, teria argumentado.

- Onde comem dois, três passam fome, teria respondido Ulysses.

A conseqüência natural, frente ao ambiente hostil que se criara em torno do psiquiatra pernambucano e de sua forma de atuação, seria o seu afastamento da chefia dos serviços de assistência aos alienados. Sobre este fato, disse o professor José Lucena, (in: 59) *"... em 1935,... Premido pelas limitações e dificuldades orçamentárias asfixiantes o Prof. Ulysses Pernambucano renunciou ao cargo de Diretor Geral (da Assistência a Psicopatas)."* Ulysses solicitara demissão, e com isso, afastamento da direção geral da assistência a psicopatas de Pernambuco, em 08.11.1935. Em 27 de novembro de 1935, eclodia o 'movimento comunista'. Ulysses Pernambucano, por esta época, *"... era detido para investigação sobre a queda de um avião ou porque não ia à missa aos domingos..."., (Lucena, J. in: 59)* dias depois do movimento de 1935, foi detido **(Imagem 18 e 19)** como *"suspeito de ligações com o movimento subversivo"* (Lucena) e *"Cercado de inimigos teve (Ulysses) de amargurar 40 dias de prisão em cela comum...". (11)* Demais alegações para a prisão, envolvimento com 'inquéritos tendenciosos'; *"acusado de comunismo"; (57) "..., de divulgar idéias subversivas entre seus alunos..."; (57) ou "... 'pelo simples fato de ler Freud' (Freitas Jr., 1953)". (in: 13)* Inúmeros de seus amigos, contemporâneos ou discípulos, tiveram a oportunidade de se expressar a respeito do episódio da prisão de Ulysses Pernambucano. É consenso entre eles que a prisão se deu por enviesadas razões, nenhuma delas justificável, devendo ser entendida num contexto de acirramento político, todos os motivos alegados nada mais sendo do que subterfúgios retóricos de um regime de exceção. Assim reverberaram o primo Gilberto Freyre, *"Também ele não escapou à marca de 'comunista' com que, depois do lamentável movimento armado de 1935 os mesmos rotineiros, os mesmos invejosos, os mesmos reacionários procuraram libertar-se para sempre dos autênticos grandes homens do Brasil:..."*

(in: 8) e o colega médico, Dr. Valdemir Miranda, *"E assim se viu preso, no Recife, um grande médico, professor e chefe de escola, cuja obra de interesse social serviu para atirar sobre ele os rigores da repressão anticomunista." (in: 8)*

Nenhum dos colegas ou alunos esboçou com tanto afinco inferências causais sobre a prisão do professor pernambucano quanto o fez o psiquiatra Luiz Cerqueira, que assim se pronunciou,

"É evidente que o inquérito dos estudantes foi mero pretexto para a prisão de Ulysses. O inquérito policial com que posteriormente se tentou acobertá-la, deu em nada. Quero crer que ele o esvaziou ao desmontar o jovem delegado que o inquiriu. O episódio foi contado a vários de nós, pelo próprio Ulysses Pernambucano, no Sanatório Recife, numa de suas inúmeras vindas da delegacia. O policial teria lhe perguntado:
- É verdade que o senhor prega idéias subversivas a seus alunos?
E Ulysses, com aquela extraordinária presença de espírito que Deus lhe deu, teria respondido instantaneamente:
- O senhor é que pode responder, pois foi meu aluno no Ginásio.". (18)

Elaborou, também, o professor Cerqueira, em obra publicada passados vários anos do calor dos acontecimentos, (18) importantes reflexões acerca do episódio da prisão de Ulysses Pernambucano. Vejamos,

"Pernambuco inteiro sabia que Ulysses fora preso em 1935 por defender valentemente, à sua maneira, verbas para seus doentes e respeito por sua obra de administrador, e não por frágeis alegações políticas. Sabia também que ele estava pagando por sua irreverência anti-acadêmica, seu inconformismo, por sua coragem levada ao destemor de denunciar pela imprensa, em 1919, a internação de adolescentes femininas de orfanatos da Santa Casa, por castigo, como loucas, na Tamarineira, só porque contestavam os padrões de comportamento das freiras. Pagava também por outra heresia, à mesma época, jovem de 27 anos – a de ter tido a ousadia de concorrer com o Deão, famoso orador sacro, futuro bispo – D. José Pereira Alves – ao concurso para a cadeira de lógica no Ginásio Pernambucano, cabendo-lhe o primeiro lugar, tanto mais quanto, em prova pública de argüição recíproca dos candidatos, como era moeda, espetacularmente o perturbou." (18)

Forneceu-nos o professor Cerqueira, em torno deste tema, ainda maiores detalhes,

"Havia de terminar preso. O golpe comunista de 1935 foi a ocasião oportuna. Dois fatos talvez pouco conhecidos ocorreram um pouco antes, influindo na arbitrariedade mais do que os motivos alegados, embora para mim prevaleçam as causas remotas já mencionadas. O primeiro pode ser assim contado: Os nordestinos Ulysses Pernambucano e Agamenon Magalhães, professores, ambos, do Ginásio, eram amigos. Guindado o segundo a grandes alturas políticas do Rio, aceitou do primeiro sugestões para fazer eleger deputado classista, conforme a Constituição de 1934, um médico de Pernambuco. Agamenon comprometeu-se com um nome que naturalmente não era o de Ulysses, que nada pleiteava para si, mas o de um respeitável professor e cientista, então diretor da Faculdade de Medicina, isto é, o próprio irmão de Agamenon – Ageu Magalhães. O oportunismo político de Agamenon viu, certamente, a seguir, que não seria fácil manipular pessoas tão independentes na política com que se iniciava uma era de autoritarismo no Brasil, e rompeu o compromisso. Brigaram, então. O indomável Ulysses se tornara um líder incômodo para quem pretendia governar discricionariamente Pernambuco. Era preciso destruí-lo. Capacidade de odiar não lhe faltava. Gilberto Freyre é um dos que lhe atribuem influência direta na prisão de 1935. Segundo fato: Naquele ano a agitação provocada pela Aliança Nacional Libertadora, infiltrada pelos comunistas, deve ter deixado as autoridades preocupadas, exceto, ao que parece, o Governador Lima Cavalcanti, que foi passear sua displicência na Europa, onde o surpreendeu o golpe armado de Novembro. Seu substituto, provecto jurista, presidente da Assembléia Legislativa, deixou que o Chefe de Polícia fosse se tornando o super-governador. Ulysses vinha pedindo aumento de verbas para manter e ampliar os serviços da Assistência a Psicopatas e o recurso que achou, para pressionar o Governo, ao mesmo tempo em que ameaçava se demitir, foi recusar-se a internar mais doentes, que terminaram se acumulando nas cadeias. Não perdeu oportunidade de ir à forra. Verba não se mencionou, muito menos a briga azeda e recente com Agamenon, já dono da política estadual. Mas interferência com estudantes, patrocinando um 'inquérito tendencioso' sim. Agora não se tratava de gorada investigação, anos antes, sobre as condições de vida dos trabalhadores das usinas sugeridas num texto escrito pelo então considerado perigoso esquerdista Gilberto Freyre a pedido de Ulysses, e publicado pelos dois, mais Olívio Montenegro e Silvio Rabelo. A reação logo identificou Ulysses como o responsável, concentrando sua ira sobre ele, acha Gilberto que por ser, dos quatro, o único que possuía automóvel. Quem já se metera também com pais de santo, retirando da Polícia para o Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas o controle das seitas afro-brasileiras, se metera agora com os estudantes. Imperdoável. 40 dias de porta batida." (18)

Concluamos estes depoimentos com aquele do interessado, que assim se expressou, *"Sofro – permita-se-me a imodéstia – com estoicismo as conseqüências de denúncias anônimas caluniosas que me atiram como a outros homens públicos do Brasil". (apud Assis Rocha, L. in: (59))*

4.6.2 1937, Estado Novo, Era Vargas, Agamenon Magalhães.

Getúlio Vargas havia assumido o governo federal 'provisoriamente' em 03 de novembro de 1930. Dissolvera o Congresso Nacional e as Assembléias Estaduais, nomeando interventores para os estados. O que era provisório foi, no entanto, tornando-se permanente. Concorria para isto, de fato, a organização geopolítica internacional, *"A conjuntura internacional parecia amplamente favorável a uma solução autoritária. Na segunda metade da década de 30, o fascismo e o nazismo eram vistos por muitas pessoas como regimes 'dinâmicos', bem mais vigorosos que as 'decadentes' democracias." (Piletti, 1991)* Em novembro de 1935, a Aliança Nacional Libertadora iniciara um movimento revolucionário no Rio Grande do Norte, com desdobramentos em Pernambuco e no Rio de Janeiro, proporcionando, segundo parecer do historiador Manuel Correia de Andrade, *"... – a Getúlio o pretexto para fazer uma tremenda perseguição política contra todos os que se opunham ou poderiam vir a se opor a ele, e preparar as bases do golpe de 10 de novembro (de 1937), e a implantação do chamado Estado Novo." (5)* Getúlio Vargas também temia pela proximidade das eleições, marcadas para ocorrer em 03 de janeiro de 1938 e já articulava o golpe que lhe daria poderes ditatoriais. Em relação ao golpe, diga-se, *"..., com apoio das Forças Armadas (para coibir a 'ameaça comunista', apesar de estarem quase todos presos, acusados de estarem preparando uma nova revolução), foi dado a 10 de novembro de 1937, sem maiores dificuldades e sem resistência. Instaurava-se o Estado Novo." (15)* A Constituição do Estado Novo já havia sido preparada a mando de Getúlio Vargas.

À ascenção nacional de Getúlio Vargas, correspondeu, em Pernambuco, o aparecimento para a cena política de Agamenon Magalhães. Acerca deste, *"Empossado interventor, reuniu ao seu redor um grupo de jovens..., e mantinha uma revista (de direita), 'Fronteiras', onde fazia grande campanha contra os intelectuais de esquerda do Estado, sobretudo contra Gilberto Freyre e Ulysses Pernambucano." (5)*

<u>Repercussões sobre Ulysses Pernambucano</u>

Disse o professor José Lucena, *"Com o Estado Novo, Ulysses foi atingido pelo famoso art. 177. Não satisfeitos, os senhores da situação negaram-lhe – caso único, talvez, na História do*

Brasil – o direito de possuir uma enfermaria para a sua cadeira de Clínica Neurológica." (in: 10)
e confirmou o professor Edgar Altino,

"... a ditadura constitucional outorgada em 1937, não o poupou (a Ulysses). Tentou enxotá-lo da Faculdade de Medicina, - onde, alegaram, não poderia haver um professor comunista. E foi dado o prazo de oito dias. Honra ao Conselho Técnico e à Congregação que rejeitaram a intimação. Do inquérito feito, com as acusações do próprio governo, nada encontrou o famoso Tribunal de Segurança contra Ulysses. Ainda assim não lhe permitiram lecionar, na enfermaria do Hospital." (in: 13)

Também se manifestou, sobre este tema, o professor Luiz Cerqueira,

"... a mesquinhez foi a ponto de alterar-se o regulamento do Departamento Hospitalar, prescrevendo que os aposentados por aquele artigo estavam impedidos de usarem pacientes, instalações e material clínico do Estado para aulas e cursos, apesar do convênio com a Faculdade, suprindo a ausência de serviços clínicos. A medida atingia singularmente Ulysses, já demitido de alienista da Assistência a Psicopatas e assim praticamente com uma demissão branca também da Faculdade, uma instituição que, não por ser universitária, mas por ser, à época, particular, não estava ao alcance do braço policial, a não ser, indiretamente, através de recursos daquele tipo." (18)

O professor Edgar Altino nos relatou as 'providências' tomadas por Ulysses, após tal proibição,

"*Privado de enfermaria para o ensino da clínica neurológica no Hospital, seu espírito não se abateu nem se dobrou ante a injustiça renovada. Com ânimo forte e resoluto orientou a fundação do Ambulatório onde realizou, com as dificuldades conhecidas, seus últimos cursos admiráveis da Cátedra que tanto honrou, com doentes apanhados ali a acolá, de forma que a seus alunos não faltasse material de ensino nem o deleite proveitoso de sua palavra notável de Mestre insigne!" (in: 10)*

Ressalte-se, por fim, que Ulysses Pernambucano foi absolvido pelo Tribunal de Segurança Nacional, que decretou improcedente a denúncia, arquivando-a e isentando o professor de qualquer responsabilidade ou participação no 'fracassado movimento' (Lucena, J. in: (10)).

4.7 O pós-1935 (realizações).

4.7.1 1936 – Sanatório Recife.

Com o alijamento progressivo dos cargos públicos, Ulysses Pernambucano inaugurou, em 12 de julho de 1936, uma instituição de assistência psiquiátrica particular, o Sanatório Recife, **(Imagem 20)** da qual foi o primeiro diretor e cuja propaganda inicial referia-se aos adequados espaços físicos nela presentes e aos modernos métodos terapêuticos ali utilizados. O professor Luiz Cerqueira, que mais tarde também seria diretor desta instituição, comentou, *"Em 1936 (Ulysses) fundou o Sanatório Recife, primeiro e modelar estabelecimento particular em todo o Nordeste." (18)* Foi no Sanatório Recife que se deu o encontro do estudante Luiz Cerqueira com o professor Ulysses Pernambucano, aquele em busca de 'patrocínio' e orientações para a realização de um inquérito sobre as condições de vida dos estudantes, mais tarde tido como 'tendencioso'.

4.7.2 1938 – Neurobiologia

A comunidade neuro-psiquiátrica pernambucana estava órfã de um instrumento de divulgação dos trabalhos que se produziam, desde o término da publicação dos *'Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco'* (em 1936). Sobre o surgimento da nova revista, disse o professor Luiz Cerqueira, *"Em 1938 (Ulysses Pernambucano) fundou Neurobiologia, para substituir os Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, extintos um ano após sua demissão da Tamarineira." (18)* No prefácio da primeira edição deste periódico, de junho de 1938, o primeiro diretor, o professor Ulysses Pernambucano, esboçou o contexto de nascimento da referida revista,

"Esta revista nasce em meio provinciano onde somente de alguns anos para cá começaram a aparecer os que interessados pela psicologia, neurologia e psiquiatria, não se limitaram a especulações teóricas, mas, ao contrário, observando e experimentando, procuraram reunir fatos concretos que justificassem suas conclusões. Não sendo cultores da ciência pura, mas médicos, não só o individual os preocupou." (17)

Acrescentou, então, a posição a ser ocupada pelo novo periódico, *"NEUROBIOLOGIA quer ser mais que o reflexo da atividade neuro-psiquiátrica pernambucana. Ela já é o órgão da Sociedade que no Nordeste Brasileiro congrega neuro-psiquiatras e neuro-higienistas." (17);* assim como uma pretendida abertura aos profissionais que compartilhassem certos ideais, *"NEUROBIOLOGIA aspira ser um repositório de trabalhos dos que pelo Brasil afora se dedicam aos mesmos estudos e por isso, saudando-os com emoção no momento em que inicia sua vida, abre-lhes suas páginas com fraternal simpatia." (17)*

O professor René Ribeiro, primeiro secretário da revista (juntamente com Antônio Couceiro), definiu, baseado no que sabia ser prioritário para o condutor da publicação, a característica editorial por ela proposta, *(uma) "Revista de difusão de trabalhos em que o contingente de originalidade e de esforço pessoal... (predomine) sobre o tratamento teórico e a contribuição bibliográfica." (17)*

4.7.3 1938 – Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro

'E o Serviço de Higiene Mental, ao qual competiam tarefas múltiplas de divulgação, estatística e Serviço Social, representou no panorama da assistência psiquiátrica nacional, a realização mais avançada. Foi das mais felizes sua decisão de dedicá-lo exclusivamente a fazer higiene psíquica cabendo aos outros departamentos os encargos puramente de medicina mental, tão absorventes.'

José Lucena

'Outra realização de Ulysses Pernambucano, só por si suficiente para consagrar um psiquiatra foi a fundação, ... , da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, depois do Brasil.'

Luiz Cerqueira

Parece evidente que uma Sociedade deste porte nada mais poderia representar do que a concretização e realização institucional de um projeto de higiene

mental, calcado em bases sólidas por profissionais que sempre atuaram como higienistas. O professor Mário Eduardo Costa Pereira, em artigo intitulado *"Ulysses Pernambucano e a questão da Higiene Mental" (57),* analisou o processo de construção da mentalidade do psiquiatra pernambucano no tocante a este assunto. Relacionou, de início, a concepção de Ulysses Pernambucano acerca da Higiene Mental com sua estada em cidades do interior (de PE e do PR), como médico, antes até do que como psiquiatra,

"Tal exposição precoce e imediata à rude realidade de seus pacientes daria à sua concepção de 'higiene mental' um caráter menos eugenista, como o que imperava em seu tempo, do que propriamente político-institucional, voltado à organização efetiva das ações médicas e governamentais no sentido de responder às condições sociais concretas, supostamente patogênicas ou implicadas nos processos mórbidos, da população." (57)

Acrescentou a contribuição que exerceu para Ulysses Pernambucano, a vivência em cargos ocupados no serviço público pernambucano,

"Ao regressar a Recife,..., além das atividades clínicas na Tamarineira, Ulysses Pernambucano assumiria o cargo de chefe do Serviço de Demografia Sanitária, Estatística e Propaganda de Departamento de saúde Pública de Pernambuco, o que certamente contribuiu para ampliar suas visões sobre as relações entre a psicopatologia e os fenômenos sociais, bem como para desenvolver uma abordagem ao mesmo tempo científica e política das condições sociais concretas que interferiam nos quadros clínicos apresentados por seus pacientes." (57)

O professor Mário Eduardo assinalou, ainda, como se deu a materialização de um conteúdo teórico para a fundação de uma instituição, alicerçada em diretrizes e orientações,

(foi Ulysses) "... um psiquiatria que transformava em obras institucionais concretas uma certa concepção de psicopatologia e de terapêutica psiquiátricas baseada na idéia de que as condições sócio-econômico-culturais específicas nas quais estava inscrita uma determinada população eram determinantes no aparecimento dos transtornos mentais próprios àqueles grupos humanos. Correlativamente, a modificação planejada de certos variáveis do ambiente social teria efeitos profiláticos e/ou terapêuticos sobre os quadros psiquiátricos, o que tornaria sustentável teórica, prática e politicamente uma perspectiva de 'Saúde Mental' em psiquiatria." (57)

Esboçou, também, o professor da UNICAMP, certo olhar perscrutador sobre o contexto sócio-histórico e mesmo político em que floresceu a obra de Ulysses Pernambucano, em relação às questões de higiene mental,

"No início dos anos 30, a publicação de 'Casa Grande e Senzala' de Gilberto Freyre, primo e interlocutor intelectual de Ulysses Pernambucano, constitui um patamar decisivo para a organização do olhar do Brasil sobre si mesmo. É embebida neste Zeitgeist (espírito do tempo, em tradução corrente), no qual a questão da realidade social brasileira é colocada em primeiro plano, que se inscreve a abordagem teórica e, sobretudo, prática de Ulysses Pernambucano das relações entre psicopatologia e sociedade, com suas conseqüências para a elaboração de propostas preventivo-assistenciais coerentes e efetivas." (57)

Vejamos alguns itens do Estatuto de Fundação da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, **(Imagem 21 e 22)** aprovados em reunião realizada a 14 de maio de 1938 em João Pessoa, Paraíba.

Art I. ***Fica fundada a Sociedade... cuja finalidade será promover o maior contato entre os médicos que se dedicam à neuro-psiquiatria e congregar em torno do movimento pró-higiene mental os elementos mais destacados de todos os setores da atividade humana que tenham boa vontade e espírito de colaboração.***

Art IV. ***Terá a Sociedade 1 presidente, 1 secretário geral e 1 representante de cada estado do Nordeste que constituirão a Diretoria.***

Presidente. ***José Maciel***
Secretário Geral. ***René Ribeiro***
Representantes:
Paraíba. ***Onildo Leal***
Pernambuco. ***Ulysses Pernambucano***
Ceará. ***Jurandyr Picanço***
Alagoas. ***Edgard Falcão***
Rio Grande do Norte. ***João da Costa Machado***

<u>Art VII.</u> Será órgão oficial da Sociedade a revista trimestral NEUROBIOLOGIA, constituindo a assinatura da mesma a contribuição obrigatória de cada sócio.

Enquanto vivo esteve, Ulysses Pernambucano organizou três Congressos da Sociedade, os de João Pessoa (1938), Aracaju (1940) e Natal (1943). **(Imagem 23 e 24)** Consta que nenhum tenha se dado no Recife por resistência nos meios políticos locais à figura do psiquiatra pernambucano.

4.7.4 Escola para excepcionais

'A primeira escola para anormais, praticamente uma cadeira complementar anexada ao curso de aplicação da escola normal, foi criada por ato do então governador Sérgio Loreto, em 27 de janeiro de 1925. Para regê-la, fui nomeada por ato do dia seguinte. '

'... ela própria (Helena Antipoff) nunca deixou de atribuir a Ulysses Pernambucano o pioneirismo, no Brasil, no campo da educação de excepcional, e até na coordenação das pesquisas psicológicas, através do instituto de psicologia do Recife.'

'... declarava (Elisa Dias Ribeiro) que, todas as vezes que ela (Helena Antipoff) era indicada como pioneira no campo da assistência e educação dos excepcionais, fazia questão de assinalar a precedência do trabalho de Ulysses Pernambucano.'

Anita Paes Barreto

Tanto na esfera pública quanto na esfera privada colheram-se frutos do trabalho de Ulysses Pernambucano no que toca à educação para excepcionais. No campo privado, com o auxílio de Anita Pereira da Costa, Cecília Di Lascio e Marta Carvalho; Ulysses iniciou o funcionamento (em 1934) de uma escola de atendimento a sub e superdotados (que passou à Rua Cônego Barata em 05.12.1953, no aniversário de 10 anos de sua morte). No setor público, por ato do interventor federal Agamenon Magalhães, n. 137 de 27.01.41, foi criada a escola Aires Gama, que passava a ter como diretora Anita Paes Barreto (de 1941 a 1957). Também por ato, n. 125 de 22.01.47, o interventor federal determinava

que *"... passe a se chamar Escola Especial Ulysses Pernambucano a Escola Aires Gama, situada na capital e instituída como externato primário para anormais educáveis." (D. O. de 23.04.1947 apud (60)).*

4.8 A Faculdade de Medicina do Recife

A história do professor Ulysses Pernambucano com a então Faculdade de Medicina da Universidade do Recife teve seu primeiro capítulo escrito em 1920, quando, convidado pela congregação da faculdade para assumir a Cátedra de Psiquiatria, rejeitou o convite. Em uma prova de desprendimento a cargos e posições, renunciou em favor do professor Alcides Codeceira, que fora 'pré-escolhido' em 1915 (na primeira reunião da congregação) para essa disciplina. Sobre este episódio, contou-nos o psiquiatra Luiz Cerqueira, (18)

"Ao se iniciarem as atividades da Faculdade, em 1920, (Ulysses Pernambucano) abdicou da cátedra de psiquiatria, tão importante para suas ambições de professor e reformador, só para não perder o respeito de seus contemporâneos acaso em dúvida sobre um direito, que para qualquer um seria líquido e certo, pois toda uma congregação o indicara nesta ocasião. Mas como, em 1915, ele com 23 anos, no Paraná, recém formado, clinicando na Lapa, a Faculdade em gestação, fora lembrado para o lugar o provecto Alcides Codeceira, uma eventual contestação podia não lhe deixar a cavaleiro para denunciar valentemente mentiras, falsidades, contradições e injustiças."

Aceitou, Ulysses Pernambucano, a nomeação para professor substituto de Clínica Neuriátrica e Psiquiátrica. O professor Edgar Altino assim se manifestou,

"A Faculdade de Medicina, então incipiente, requisitou-o – dando-lhe o posto de professor substituto da seção Clínica Psiquiátrica – Clínica Neurológica, de que eram catedráticos Alcides Codeceira (Psiquiatria),... e Gouveia de Barros (Neurologia) – o experimentado Mestre,... . A esse tempo já era Ulysses destacado alienista do nosso Hospital de Alienados e professor catedrático por concurso, da cadeira de Psicologia e Lógica e História da Filosofia do Ginásio Pernambucano." (in: 13)

Disse-nos também, o professor Edgar Altino, das atividades de ensino do psiquiatra pernambucano à época e da intensidade com que as praticava,

"Apesar de substituto, vivia ele intimamente ligado aos interesses da nossa Faculdade, então, em seus primeiros passos. Presta serviços como docente de Química; encarrega-se do curso de fisiologia nervosa do 3º ano (Ulysses Pernambucano lecionou, como professor contratado, a cadeira de Química e,

interinamente, a de Fisiologia); cria o curso de especialização em neuro-psiquiatria infantil. E nesses cometimentos houve-se com tantos quilates que a Faculdade, por consenso unânime de sua douta Congregação, criou a cadeira de 'Semiologia neuro-psiquiátrica' para confiá-la ao saber do notável Mestre."(in: 13)

Ulysses Pernambucano passou então a reger a cadeira para ele especialmente criada, tomando posse em 04 de novembro de 1933. (9) Neuro-psiquiatra, como se dizia à época, quis o destino que o eminente psiquiatra jamais viesse a assumir a Cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina, o que aconteceria em relação à cátedra de Neurologia, a qual, vaga após a morte do professor Gouveia de Barros, em 1938, passava a ser ocupada – 23 de abril de 1938 (9) - por Ulysses Pernambucano. Asseveram-nos nesta constatação dois ilustres professores, o 'fundador' da Faculdade de Medicina do Recife, o médico piauiense Otávio de Freitas, quando nos diz a respeito de Ulysses, "*Em 1938, 'foi promovido a professor catedrático de Clínica Neurológica com o falecimento de Gouveia de Barros' (Otávio de Freitas apud Coelho Filho (11)).";* e o já citado Edgar Altino (professor de Clínica Médica da mesma faculdade), "*A morte de Gouveia de Barros, em 1938, deu a Ulysses a sucessão natural que lhe coube de catedrático de Clínica Neurológica." (in: 13).* Sobre a prioridade que imprimiu às questões docentes o professor Ulysses Pernambucano, recordou-nos um de seus ilustres alunos, o psiquiatra José Lucena, "*Suas intensas atividades administrativas e de direção soube realizá-las sem sacrifício de suas funções docentes na Faculdade de Medicina do Recife." (in: 13)*

4.9 'A indesejada das gentes'

'Recife. Ponte Buarque de Macedo
Eu, indo em direção à Casa do Agra
Assombrado com a minha sombra magra
Pensava no destino e tinha medo'.

Augusto dos Anjos (As cismas do destino)

'Quem viu a morte tão de perto como eu vi, quem chegou a desejá-la para fugir a um sofrimento acima da resistência humana, considera a vida como contingência que fatores os mais diversos e às vezes imprevisíveis podem cortar.'

Ulysses Pernambucano

'O coração, doou-o a quantos dele se acercaram; matou-o o coração, ferido pelos vexames, que são uma estranha forma de tortura.'

Leduar de Assis Rocha

'Esse idealista que viveu pelo coração, tombou, afinal, pelo coração.'

Edgar Altino

De fato, como sugeriram os dois professores que enunciaram as frases acima citadas, Ulysses Pernambucano apresentou adoecimento, manifestado paroxisticamente em padecimentos cardíacos, sendo de forma mais aguda em duas ocasiões, a primeira delas em 1936. Alguns discípulos e/ou admiradores do professor Pernambucano tentaram propor (inevitáveis) inferências causais

entre o acometimento cardíaco e as agruras à época vividas por Ulysses Pernambucano no terreno pessoal,

"A incompreensão, a revolta, acabam por, passando pelo espírito, tomar lugar em seu corpo,... as injúrias assacadas... acabaram por lhe trazer transtornos físicos e psicológicos. Já em 1936, no meio dessas vicissitudes, sofre agudo ataque cardíaco." (60);

"... seguiram-se o primeiro enfarte, longa convalescença e a aposentadoria compulsória dos cargos estaduais, pelo artigo 177 da constituição do Estado Novo, em 1937." (Cerqueira, L. in: (59)).

Interessante relato foi feito pelo professor Edgar Altino, que presenciou o primeiro infarto sofrido pelo psiquiatra pernambucano, chegando mesmo a prestar-lhe os primeiros socorros,

"Estou, ainda agora, a sentir, em cores fortes, a tragédia daquela manhã de 1936 – em que inesperadamente irrompera a crise dolorosa violenta que o prostaria naquela imobilidade pungente de defesa! Recostado ao leito, - com o semblante marmóreo a transudar bagas sucessivas! Sem pulso radial! Mal podendo articular sons para exprimir a angústia suprema que o oprimia e que, ele e eu, pensáramos – o iria matar! A morfina que eu fizera, incrédulo, realizou, no entanto, o milagre -: o sangue voltava-lhe às faces, a dor cedia e pouco a pouco se restabelecia o equilíbrio circulatório." (Altino, E. in: (13))

É certo que, como já comentado em outros momentos neste trabalho, após estas primeiras intempéries na saúde, Ulysses Pernambuco não se deixou abater de todo, chegando mesmo a iniciar novos projetos como a inauguração do Sanatório Recife e a retomada na publicação de um periódico, a revista Neurobiologia. Seus alunos, seguidores e pessoas próximas, entretanto, não deixaram de observar nele certa mudança, ao menos maior introspecção, em razão de todas as situações a que vinha sendo submetido. Referiram que foi contumaz a perseguição que a ele se impôs, iniciada anos antes, o que teria contribuído para minar suas forças de maneira sorrateira, sobretudo com sua destituição do exercício de funções públicas, *"E a 5 de dezembro de 1943, no Rio de Janeiro, vem a morte fulminante." (60)*

Ou no dizer do professor Arnaldo Di Lascio, psiquiatra radicado em Pernambuco e um de seus mais estimados alunos, (in: 10) *"Em uma manhã de setembro de 1936, uma traiçoeira crise de angina prostrou-o pela primeira vez, separando-o temporariamente do nosso convívio; em uma manhã de dezembro de 1943, outra crise semelhante prostrou-o pela segunda vez, e desta separou-o definitivamente do nosso convívio."*

Novo infarto acometia Ulysses Pernambucano. Encontrava-se no Rio de Janeiro, era domingo. O professor Di Lascio (in: 10) interpretou a razão da morte como intrinsecamente ligada a características pessoais do próprio Ulysses Pernambucano,

"Senhores, a dor que se manifesta no infarto do miocárdio é atroz e brutal, capaz de matar em poucos segundos ou causando em caso contrário os mais cruéis padecimentos com uma permanente e angustiosa sensação de morte próxima. E, se estou acentuando essas particularidades de sua doença, é unicamente porque elas fazem salientar um traço mui característico da personalidade de Ulysses Pernambucano: o desassombro com que enfrentava as situações mais ruidosas e incômodas que se lhe deparassem."

O professor Luiz Cerqueira (in: 10) comentou sobre o sentimento de ter estado presente em seu enterro, ocorrido longe da província, *"... (fui dos) que tiveram a fortuna de acompanhar-lhe ao cemitério carioca que o recebeu, longe do seu querido Pernambuco – o teatro das suas maiores lutas – ou do recanto bahiano de Monte Serrat, onde ele há pouco tempo disse que gostaria de morrer."*

O primo Gilberto Freyre, em homenagem, (in: 10) lhe resumiu a vida, lembrando o momento em que se deparou com o corpo já sem ânimo,

"... era, entretanto, no nome de 'Ulysses' e no de 'Pernambucano' que o morto parecia trazer dos antepassados os traços inconfundíveis de sua vocação contraditória: um pernambucanismo intenso, um grande amor à terra e à gente de Pernambuco, uma profunda identificação com as necessidades e as dores cada dia maiores desta hoje tão infeliz província e, ao mesmo tempo um espírito de aventura intelectual, um universalismo, um modernismo, um americanismo, um gosto pela pesquisa e pela descoberta científica, bem de um Ulysses moderno."

4.10 Influências formadoras

Não é de todo simples lucubrar acerca das possíveis influências formadoras de Ulysses Pernambucano. O próprio Ulysses muito pouco se manifestou a este respeito. De modo que aqui se tenta, sobretudo, chegar a algumas aproximações, buscando auxílio em escritos a este respeito do psiquiatra pernambucano, de seus alunos/ colaboradores e de inferências tiradas da leitura e análise de suas obras. Entenda-se por influência, tanto questões de ordem teórica quanto aquelas relativas ao modo de se portar, sob os pontos de vista científico e ideológico, de exercer suas atividades e expressar em atos suas concepções teóricas acerca do mundo.

Lembremos de início, que o jovem Ulysses Pernambucano estudante de medicina, conviveu de perto, na função de aluno interno do Hospital de Alienados, com o grande mestre da psiquiatria brasileira, Juliano Moreira, e toda uma equipe de ilustres psiquiatras, fundadores da psiquiatria nacional. Sobre estas primeiras inegáveis influências, disse o professor José Lucena, a respeito de Ulysses Pernambucano (in: 10), *"Sobre sua formação intelectual uma influência decisiva se exerceu nessa época: a do prof. Juliano Moreira."*, acrescentando, *"Ao lado de Juliano, o Prof. (Antônio) Austregésilo, com seu dinamismo realizador e Fernandes Figueira, que soube atrair-lhe o interesse para os problemas da infância exerceram sobre o jovem estudante uma impressão inapagável." (in: 10)* Ressalte-se que o próprio professor Austregésilo, um dos citados, admitiu a influência sobre o jovem Ulysses, embora tenha ressaltado, em seguida, a reciprocidade desta influência, *"Fui-lhe mestre, mas do aluno para o professor, e deste para aquele, formaram-se correntes tão poderosas, que o tempo ainda não pôde enfraquecer, nem modificar... Desta perpetuidade moral eu me ufano com toda a franqueza e sinceridade." (in: 14)*

Outro discípulo, o professor Luiz Cerqueira, em efeméride comemorativa do aniversário da morte de Ulysses Pernambucano, reforçou a impressão do colega José Lucena, citando os professores que fizeram parte da formação do jovem Ulysses, estudante no Rio de Janeiro,

"... sua verdadeira idolatria por Juliano Moreira e Fernandes Figueira, espíritos tão irmãos do seu, identificados igualmente com os problemas dos doentes mentais e os da infância, aqui corajosamente enfrentados por Martagão Gesteira – objeto da maior admiração de Ulysses – todos lutando contra a rotina e o preconceito." (in: 10)

O professor Edgar Altino, colega de Ulysses Pernambucano na época do internato, narrou, em algumas passagens, o cotidiano daqueles tempos,

"Pude seguir-lhe a evolução mental desde seus mais verdes anos, ali, naquela Escola Memorável de Juliano Moreira, de Austregésilo, de Ulysses Viana, no antigo Hospício de Alienados, da Praia Vermelha, ao lado de Esposel, de Plínio Olinto, de Heitor Carrilho, de Mariano da Rocha, de Fonseca, de Jesuíno de Albuquerque e outros companheiros de internato, em que a alegria irrequieta e a agilidade mental de Ulysses nos deram ensejo de sobrever o futuro psiquiatra e homem de ciência que haveria de ser." (in: 10)

E foi o mesmo Edgar Altino, que, de forma sucinta, porém bastante explicativa, ilustrou-nos o comportamento do jovem Ulysses nos tempos de estudante, incluindo ilações biotipológicas,

"Seu longitipo, paradoxalmente, não lhe conferia a menor laiva de esquisoidismo. Era alegre, sintônico, palrador, alvoroçando, com sua agilidade mental notável, aquela nossa 'casa dos internos', onde, na realidade éramos 18 irmãos unidíssimos. Na 'Seção Pinel', onde trabalhávamos juntos, sob a orientação de Ulysses Viana, era de ver o afinco, o interesse perscrutador, a insaciedade no indagar da verdade científica, no pesquisar dos sinais, na observação dos casos, até a diagnose psiquiátrica, ao sabor do alcorão daqueles tempos que era Kraepelin!". (in: 13)

Invocou descobertas e encontros do psiquiatra em formação o professor de psiquiatria da UNICAMP Mário Eduardo Costa Pereira, em passagem que inclui depoimento do próprio Ulysses,

"Na 'Seção Pinel', ligada àquele hospital (Hospício Nacional de Alienados, no RJ), teve a oportunidade de trabalhar sob a orientação de Ulisses Viana, que teria grande influência no começo de sua formação e sobre sua visão da psiquiatria. Em seu discurso proferido na Academia Nacional de Medicina, em abril de 1932, Ulysses Pernambucano afirma que, apesar de seus pendores psiquiátricos terem nascidos sob o

influxo de Juliano Moreira, 'o homem que verdadeiramente (o) iniciou na psiquiatria foi o professor Ulisses Viana'." (Pernambucano, U. apud (57))

Nesta linha, busquemos um raro momento em que ouvimos do próprio Ulysses Pernambucano, um relato sobre pessoas que lhe despertaram admiração e respeito, extraído de seu discurso na sessão comemorativa do centenário do Hospital Psiquiátrico Nacional, em 18 de julho de 1941, (51) em que representou a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro. Disse Ulysses, "*Os moços de hoje dificilmente poderão compreender a fascinação que há 30 anos passados exerciam entre os estudantes de medicina as sugestivas personalidades de Osvaldo Cruz e Juliano Moreira." (51);* e mais adiante,

"*Calcule-se que respeitosa admiração deveria despertar no espírito de um jovem de 20 anos, ver-se colocado no cenário onde ainda se percebiam as vozes de Miguel Pereira, Austregésilo e Afrânio Peixoto! Onde se encontrava na eminência aquela figura de mestre e apóstolo que era Juliano! Aquele velhinho tão sábio e tão doce que era Fernandes Figueira! Aquele homem modesto e bom mas profundamente dedicado aos discípulos que era Ulisses Viana! No ensino oficial era Teixeira Brandão uma grande figura da assistência psiquiátrica, uma personalidade distante e respeitada; era Márcio Néri, o substituto da cadeira, de cujas aulas guardo ainda uma impressão de método e clareza; era já Henrique Roxo, no início de sua vitoriosa carreira." (51)*

Numa esfera mais especulativa, cumpre ressaltar uma possível influência do 'mundo real' sobre o ainda jovem Ulysses Pernambucano, advinda dos anos em que combateu o bom combate, auxiliando populações pobres, que habitavam em locais de baixas condições de salubridade, na função de 'omniprático' (generalista). Sobre estes anos, contou o professor José Lucena, (in: 59) "*Como médico do interior em Vitória (de Santo Antão) (Pernambuco) e na Lapa (Paraná), teve ocasião de ver de perto o drama de doença e de ignorância das populações do interior.".* A realidade social do interior do nordeste brasileiro se mostrava ao jovem médico em todas as suas cores e o psiquiatra incipiente, formando sua visão de mundo, a ela não estaria imune.

Não nos esqueçamos do fato de que Gilberto Freyre, importante teórico da sociologia brasileira, que, em 1933, publicou 'Casa Grande e Senzala', obra que (no dizer do professor Mário Eduardo Costa Pereira) "*constitui um patamar decisivo para a organização do olhar do Brasil sobre si mesmo" (57);* além de ser um grande agitador cultural do Recife das primeiras décadas do século XX, era primo de Ulysses Pernambucano, tendo havido entre eles, além de óbvias relações familiares, um convívio intelectual que, decerto, a ambos beneficiou.

Podemos ainda nos servir de importante relato de um dos seus grandes alunos da escola pernambucana, filho do fundador da Escola de Medicina do Recife, o psiquiatra José Otávio de Freitas Júnior, que relacionou alguns teóricos pelos quais o professor Ulysses nutriria certa admiração,

"Incutindo em seus companheiros e discípulos uma visão amplamente social dos problemas psiquiátricos com a segurança crítica e criadora de um Adolf Meyer. Aceitando e utilizando tudo o que de novo e verdadeiro foi surgindo no decorrer de sua atividade científica, profissional e sobretudo humana, desde as descobertas da Psicanálise, os processos laborterápicos de Simon, os novos terapêuticos orgânicos, aos métodos pedagógicos renovados por Montessori, Claparede, Dewey. Desde as novas descobertas científicas, ou especulações filosóficas, às mais ousadas experiências artísticas, de um Lúcio Costa, um Cícero Dias, um Burle-Marx, ou um Manoel Bandeira." (in: 13)

4.11 Atualidades (um precursor em saúde pública e mental)

Ressalte-se o marcado senso de ação coletiva que Ulysses Pernambucano imprimia a quaisquer das atividades sobre as quais se debruçasse. Chegam a impressionar, ao se examinar com olhos atuais, as propostas que expôs e tentou aplicar na 3ª e 4ª décadas do século passado, em diversos campos de atuação, partindo do terreno da educação infantil e chegando à assistência aos insanos; ações que ainda hoje mantêm sua atualidade. Ulysses Pernambucano, melhor examinado, deveria ser considerado como um dos grandes precursores do que se hoje se entende por movimento de reforma psiquiátrica; em razão da visão que possuía no tocante à organização de serviços assistenciais ao doente mental, incluindo aí, já naquela época, um olhar crítico sobre o papel hegemônico que assumia o hospital psiquiátrico (fechado) como mola-mestra nestes cuidados. O psiquiatra pernambucano trabalhava e estimulava para que se trabalhasse, no que toca à assistência aos alienados (hoje, doentes mentais), em conjunto com todas as profissões que tivessem contribuição a dar no cuidado ao mentalmente enfermo, numa perspectiva de atuação multidisciplinar. De modo que psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, praxiterapeutas (terapeutas ocupacionais), nutricionistas, pesquisadores sociais, conviviam harmoniosamente, no intuito maior de fornecer ao indivíduo acometido por doença mental o melhor tipo de assistência possível frente às evoluções científicas da época. Pregava assistência em diversas modalidades, que incluíam: hospital aberto, ambulatórios, colônias para doentes crônicos (voltadas especificamente para a reabilitação pela (o) ocupação/ trabalho), assistência hetero-familiar, visitas domiciliares para o exame de condições sócio-econômicas e de salubridade.

Exemplifiquemos. Dizia Ulysses Pernambucano, (16) em tom de solicitação, exibindo uma noção do que hoje se entende por 'rede de saúde', *"...em contato o nosso serviço especializado com os 4 Centros de Saúde do Recife, (que) os diferentes serviços médico-cirúrgicos desses Centros encaminhassem ao Ambulatório os psicopatas que os*

procuram.". Como não compreender o trecho que abaixo transcrevo como um exemplo do eu hoje se convencionou chamar de 'busca ativa' de casos de doença no seio da comunidade, *"... alguns doentes abandonaram o tratamento antes de obter alta. Recorremos ao Serviço de Higiene Mental solicitando a volta desses doentes a fim de concluírem o tratamento; consideremos que estes doentes graves, abandonados à própria sorte, teriam os seus males agravados, e talvez perdida a oportunidade de uma remissão." (16)*

Notemos as similitudes existentes entre o projeto de Ulysses Pernambucano de assistência hetero-familiar, em que famílias eram estimuladas a acolher em seus lares os doentes que tivessem condições para tal e que assim desejassem, tendo em contrapartida, e como estímulo, um auxílio financeiro para custear os gastos com os doentes; e o projeto atual do Ministério da Saúde, no contexto da Reforma Psiquiátrica, denominado *"De Volta Para Casa"*, lei n. 10.708, de 31 de julho de 2003, que visa, *"... a desinstitucionalização de pacientes de longa permanência (dois anos) em hospital psiquiátrico, pela concessão de auxílio reabilitação psicossocial e inclusão em programas extra-hospitalares de atenção em saúde mental." (62, 63)* Decerto, inúmeros outros exemplos poderiam ilustrar o argumento que invoco, o do papel precursor de Ulysses Pernambucano no terreno da Saúde Mental, mas, o que aqui se inteciona é apenas mostrar que uma visão ampla do problema da assistência ao doente mental, substanciada numa concepção acerca do fato psiquiátrico, de suas origens e de suas características; e que derivava em uma forma de pensar os serviços assistenciais em psiquiatria e higiene mental (precursora da saúde mental de hoje); já estavam presentes no pensamento e nas ações deste psiquiatra pernambucano, que pensava a coisa pública como prioridade, um 'psiquiatra com alma de sanitarista'. (Cerqueira, L. in: 59) Fazia-o baseado, é bom que se diga, em pressupostos teóricos de cunho científico, escanteando qualquer laivo de interesse individual ou formulações preconcebidas que pudessem interferir no planejamento das ações assistenciais, o que poderia conduzir, como nos mostra a realidade atual, a distorções e/ou reducionismos de toda sorte, derivando para uma 'antipsiquiatria' ou 'politiquiatria' (Bastos, O. in: (1)), a muitos, sobretudo aos doentes mentais, prejudicial.

4. 12 O 'enamorado da liberdade'

'Em Ulysses Pernambucano penso que o contato com os doentes mentais lhe dera a suficiente tolerância para o convívio dos sãos.'

Sílvio Rabello

'O contato assíduo com alienados, para um espírito como o seu, proporcionou a Ulysses a chave do conhecimento dos homens.'

Edgar Altino

A importância que representou a figura de Ulysses Pernambucano para a ciência médica (particularmente para a Neuro-Psiquiatria), de Pernambuco e do nordeste brasileiros; além de seu relevo como intelectual combativo e atuante, aliados à precocidade da perda – a morte no vigor do intelecto, em dezembro de 1943, aos 51 anos; fez com que não fossem poucas as homenagens a ele prestadas; por instituições, amigos, alunos e colaboradores, por importantes homens de ciência de Pernambuco e do Brasil, todos reconhecendo o valor e o caráter daquele que passava a ser considerado o maior médico de doentes mentais que se conhecera por terras pernambucanas. A edição da revista NEUROBIOLOGIA de dezembro de 1943 (64) comunicava oficialmente a perda do grande mestre ao público, sem lhe prestar homenagens mais demoradas (a explicação viria depois). Escrevia o corpo de redatores, dizendo,

"Aqui,... nesta oficina comum de trabalho, recolhera-se mal sarado dos efeitos do raio que tentara fulminá-lo e que teria de voltar para poder reduzi-lo, a fim de continuar a sua obra em benefício do doente mental e da psiquiatria nacional. Não somente era para ele esta revista uma tribuna de onde proclamava a necessidade de um incessante aperfeiçoamento dos métodos de assistência a esta classe de doentes, mas ainda um instrumento de formação dos médicos que se consagraram à prevenção e à cura das afecções psíquicas. O incentivo ao pesquisador moço através das oportunidades de divulgar os seus trabalhos, a

disciplina do pensamento que se obtém ao preparar artigos e comunicações científicas, o freio aos entusiasmos e às leviandades dos recém-iniciados nos segredos de uma ciência onde às vezes se abusa do verbalismo, com a formação do hábito de comunicar experiências ou observações e o domínio, pelo uso repetido, de todas as particularidades do método científico, ele conseguia por meio deste periódico científico." (prefácio)

Em 31 de dezembro de 1943, dias após a sua morte, prestaram-lhe homenagem na Assistência a Psicopatas de Pernambuco os colegas e colaboradores Alcides Benício, Pedro Cavalcanti e Alda Campos. Em janeiro de 1944, realizou-se, na Sociedade de Medicina de Pernambuco, uma solenidade que reuniu muitos de seus admiradores, juntos a discursar, cada qual evocando um feitio de suas contribuições. Foram oradores desta feita: José Lucena, Edgar Altino, Geraldo de Andrade, Gilberto da Costa Carvalho, René Ribeiro, Rodolfo Aureliano, Arnaldo Di Lascio, Valdemir Miranda, Jarbas Pernambucano. O estado vizinho, a Paraíba, também em sua Sociedade de Medicina, rendeu-lhe homenagem, nas pessoas de José Maciel, Luciano de Morais e Oscar de Castro. Na edição de NEUROBIOLOGIA de dezembro de 1945, (10) a homenagem mais detalhada e acurada, com as justificativas pelo atraso,

"O presente número é dedicado à memória do professor Ulysses Pernambucano, fundador e diretor de NEUROBIOLOGIA. É a homenagem de saudade que lhe prestam os seus discípulos, diretores e colaboradores desta revista no 2º aniversário de sua morte, transcorrido a 5 de dezembro do corrente ano. Infelizmente as contingências do regime político do qual emergimos há bem pouco, nos levaram a retardar a sua publicação que deveria ter ocorrido a 5 de dezembro de 1944, isto é, na passagem do 1º aniversário do seu falecimento. É que o grande e querido Mestre estava no 'index' do Estado Novo. E, se a máquina de compressão das consciências já dera sinais inequívocos de estar prestes a funcionar, por ocasião daquelas homenagens ao inigualável psiquiatra e homem público do Nordeste, então com maior razão mais fácil e silenciosamente atingiria este veículo de difusão das idéias do Mestre e do intercâmbio entre os especialistas desta região e de todo o País. Agora, porém, que o Brasil voltou ao regime democrático, dámo-lo à publicidade,... " (prefácio)

Outra edição especial de NEUROBIOLOGIA seria publicada em dezembro de 1953, (13) comemorando a passagem dos dez anos de seu falecimento, sendo que se fez um programa de homenagens, que contou com missa na capela do

hospital da Tamarineira (hoje, Hospital Ulysses Pernambuco) subscrição para ereção do busto (de Ulysses) **(Imagem 25)** no pátio do hospital de alienados, inauguração da escola para crianças excepcionais, da Fundação Ulysses Pernambucano e uma solenidade na Sociedade de Medicina; atividades organizadas em conjunto por várias das instituições que ele criara ou ajudara a funcionar, entre elas, a Liga de Higiene Mental de Pernambuco, a Assistência a Psicopatas, a Faculdade de Medicina, a Sociedade de Medicina, o Instituto de Educação e o Colégio Estadual. Em 1978, a Academia Pernambucana de Medicina reuniu em uma publicação, *o 'Ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano', (59)* diversos discursos proferidos e trabalhos elaborados a respeito do mestre Ulysses Pernambucano, realizados em grande parte em fins dos anos de 1976 e 1977, por pessoas de grande importância na medicina pernambucana e que, em sua maioria, privaram do contato e da amizade do psiquiatra pernambucano, tais como: João Marques de Sá, Jamesson Ferreira Lima, Luiz Cerqueira, Ana Paes Barreto, Leduar de Assis Rocha, Waldemar Valente, Gilberto Freyre, José Lucena. Lembrem-se ainda diversas outras homenagens que lhe foram prestadas por pessoas dos mais diferentes matizes, como, por exemplo, em *'Estudos Pernambucanos, dedicados a Ulysses Pernambucano', (14)* em que abordaram sua vida e obra, entre outros, José Lins do Rego, Heitor Carrilho, Olívio Montenegro, Aníbal Fernandes, Antônio Austregésilo, Sylvio Rabello, Júlio Belo, Octávio de Freitas, Ruy Coutinho, Samuel Campelo, o padre Batista Cabral, Estevão Pinto, Pedro Cavalcanti e Gilberto Freyre.

Muitos lhe ressaltaram os caracteres pessoais e como estes se impuseram em suas realizações. Tinha, no dizer do escritor José Lins do Rego *(in: 13), "... intuição e sensibilidade de artista e segurança de técnico."*

Foram muitos os que configuraram seu caráter como comprometido com a execução prática de suas idéias como; por exemplo, o professor Sylvio Rabelo (in: 13), quando afirmou, *"... é na ação – na permanente disposição para a vida ativa - que*

se irá encontrar o traço que mais incisivamente marcava a sua personalidade" e, em outro excerto,

"... a ação era para ele a sua expressão natural e por isso espontânea, pela qual chegaria a realizar-se em toda a plenitude de espírito. Não é que lhe faltassem interesse e às vezes um certo gosto pela discussão das idéias, pela generalidade dos princípios, pelo estudo teórico e desinteressado da ciência, mas acentue-se que esse interesse e esse gosto pelas formas especulativas do conhecimento não eram a direção principal da sua inteligência."

Neste mesmo sentido se pronunciou o professor Mário Eduardo Costa Pereira (57), *"Aquele que viria a ser conhecido como o criador da Escola de Psiquiatria Social do Recife e um dos expoentes maiores da chamada 'Higiene Mental' no contexto brasileiro, era, antes de tudo, um homem da ação."*

Foi com esta forma assertiva de atuar que Ulysses Pernambucano exerceu sua atividade nos mais diversos segmentos e locais. Vejamos ilustrações sobre esta variada atuação, por meio das palavras de diversos alunos, colaboradores ou admiradores; expressando realizações em inúmeras instituições e campos de fazer profissional.

Acerca do trabalho no antigo hospital da Tamarineira,

"..., Ulysses Pernambucano realizou em Recife a obra de um outro Pinel: aboliu os calabouços da Tamarineira e a camisa de força, transformando um depósito de loucos num moderno hospital" (Cerqueira, L. in: 10));

"Quem analisar o sistema empregado no tratamento e na assistência aos insanos, no nordeste, há de constatar duas épocas bem distintas: - uma antes, outra depois de Ulysses. Surgiu... uma nova era – a era científica, a era das pesquisas, nas quais os modernos processos de tratamento destinados aos doentes mentais substituíram definitivamente os calabouços, as correntes, as camisas de força..." (Morais, L. in: (10));

ou sua obra precursora no campo da educação infantil, *"Ulysses foi o precursor de toda a renovação pedagógica de nossos dias" (Belo, J. in: (14));*

ou no campo do ensino superior,

"Foi na Cátedra que Ulysses Pernambucano revelou em toda sua plenitude o seu talento. Sua poderosa inteligência, sua cultura geral e especializada, sua palavra fácil, sua austeridade, suas virtudes de homem público e na vida privada, e o seu modo singular de ensinar, tornaram-no um emérito professor. Suas aulas sobre psicologia, lógica, filosofia, neurologia ou psiquiatria eram concorridíssimas e com uma naturalidade encantadora e sutil, ele sabia cativar a confiança, a estima e o respeito de seus ouvintes. E os moços que escutavam suas palavras, transformavam-se em seus discípulos, em seus adeptos e em ardorosos propugnadores de suas doutrinas e de seus feitos." (Morais, L. in: (10))

Também não foram poucos os que lhe cantaram loas ao se referirem à organização que imprimiu à Assistência aos Insanos em Pernambuco,

"... em 1931, porém, sua capacidade de realizador ia se afirmar em toda sua plenitude com a reforma dos serviços da Assistência a Psicopatas de Pernambuco." (Lucena, J. in: (10));

"Ulysses reformava a assistência aos doentes mentais quando ainda no seu apogeu tudo o que representavam as palavras da santa casa de misericórdia – a forma mais medieval de assistência social. Ulysses dirigia o Ginásio e a Escola Normal quando o ensino aqui ainda não se emancipara da escolástica" (prefácio, (8));

mesmo na voz daqueles que observavam o processo com o olhar distante,

"Grandes psiquiatras nacionais tiveram ensejo de apreciar o funcionamento da nova organização e sobre ela se externaram com louvores. Sobre ela publicou Heitor Carrilho em 1937 extensa apreciação em que salientava a eficiência e a simplicidade do mecanismo administrativo." (Lucena, J. in: (10))

É importante salientar, como registro, a marcada atuação de Ulysses Pernambucano, na esfera pública, na qual trabalhou durante quase toda sua vida,

"Sobrava-lhe aquilo que desgraçadamente rareia entre os homens cultos do Brasil: o interesse pela coisa pública." (Andrade, G. in: (10));

"Ulysses é bem o homem para quem o interesse público vale mais que o seu próprio interesse" (Lins do Rego, J. in: (14)).

Um de seus grandes colaboradores, o professor Arnaldo Di Lascio (in: 10), forneceu-nos, a este respeito, um panorama de suas ações,

"Aqui (em Pernambuco) desempenhou várias funções de caráter público: adjunto, substituto e alienista do Hospital de Alienados; médico do Departamento de Saúde Pública; professor de Psicologia, Lógica e História da Filosofia do Ginásio Pernambucano; chefe da Seção de Estatística, Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde e Assistência; diretor da Escola Normal; diretor do Instituto de Psicologia; diretor do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais; diretor do Ginásio Pernambucano; diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional; diretor-geral da Assistência a Psicopatas; professor substituto de Clínica Neurológica e Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Recife; professor catedrático de Semiologia Neuro-psiquiátrica e finalmente professor catedrático de Clínica Neurológica da mesma Faculdade."

Disse sobre ele, não sem certa ironia, um colega daqueles tempos, *"Não sei de funcionário que mais revolucionariamente tivesse desmantelado o protocolo das repartições do Estado, do que Ulysses Pernambucano." (Rabello, S. in: (10)).* Não carregava, no entanto, o psiquiatra pernambucano, qualquer laivo de soberba ao ocupar tais postos, *"Seu desapego aos cargos era admirável: deixou-os todos ao perceber que sua permanência neles estava em desacordo com os seus princípios." (Cerqueira, L. in: (10))*

Acusavam-no de exercer uma atuação política, no sentido mais pragmático do termo. Vejamos interessante observação feita por um colega paraibano, *"O Professor Ulysses Pernambucano foi, em suma, um mártir da política sem nunca ter sido político!" (Maciel, J in: (8)).* Os que com ele conviviam mais de perto lhe admiravam o fervor, a intensidade nos posicionamentos, vendo nestes uma forma mais abrangente de manifestação política, de uma visão (e atuação) frente ao mundo,

"Confundem a obra genuína e pura de homem que não depara o aperfeiçoamento das instituições públicas só a problemas de saúde mental, com a obra dos terroristas; a obra do educador, com a obra do

revolucionário; o seu desengano dos governos sem ideais públicos com a blasfêmia dos rebeldes; a ação, enfim, do higienista mental, com a ação do conspirador." (Montenegro, O. apud Altino, E. in: (10)),

ou ainda no dizer do professor Geraldo de Andrade (in: 10), o mesmo que lhe emprestou a alcunha de '*enamorado da liberdade*',

"Não nasceu para espectador. Havia nele o dom da prioridade que legitima os vanguardeiros e não permite o comodismo abstencionista... Seus princípios doutrinários eram democráticos. Acreditava que só são felizes as nações nas quais a constituição dispõe e a prática consagra que todos são iguais perante a lei... Minha evocação... é do homem possuído de espírito público, do democrata que sempre acreditou no povo e nunca duvidou da sua supremacia, jamais admitindo que o poder tivesse outra origem que não as puras nascentes populares."

Tal forma 'política' de atuar, sobretudo na esfera pública, em que sempre militou, não haveria de deixá-lo impune à inveja proveniente de algumas figuras não tão afeitas a um comportamento, por assim dizer, independente,

"Em verdade – não se pode negar – grande também foi o número de seus adversários – uns honestos e cultos, dele se afastavam por divergência de idéias, de princípios e de pontos de vista opostos; outros, porém, carecedores de valor intrínseco e esmagados pela superioridade do grande psiquiatra, colocavam à serviço de seus próprios interesses o brilho superficial que, não raro, se encontra nessas inteligências inferiores, e que, num incontido egoísmo, procuravam vir à tona, embora o fizessem com uma única credencial: - adversários de um homem de talento; outros ainda rancorosos e violentos, usavam das características represálias dos prepotentes e vingativos e não trepidaram até em encarcerá-lo demonstrando assim um notável menosprezo pelo saber humano e uma impiedosa falta de consideração pelo precário estado de saúde do maior psiquiatra de Pernambuco. Mas, Ulysses tudo enfrentava com ânimo sereno e uma coragem de abnegado. A aspereza da luta retemperava o seu espírito, redobrava suas energias e tornava-o mais forte e mais vigoroso para empreender novas lides e novas campanhas. É que ele possuía uma alma de idealista que reagia e vibrava no mais aceso das refrega; uma alma de nordestino habituada a viver em eterno conflito com as hostilidades do meio e a incompreensão dos homens. Era o seu destino e ele o cumpriu integralmente." (Morais, L. in: (10))

Seu primo Gilberto Freyre comentou sobre o trocadilho infame que tais indivíduos chegaram a esboçar com seu nome,

"Dizem-me que nos meios nazi-jesuíticos de Pernambuco – onde talvez se acoitam os piores inimigos da personalidade e da obra admirável de Ulysses Pernambucano – caricaturavam-lhe o nome eminentemente respeitável em 'Lixo Pernambucano'." (Freyre, G. in: (10))

Alguns dos que lhe eram próximos refletiram acerca de sua prisão e posterior morte, em tempos de perseguição política, *"Esta coragem (de Ulysses) que mesmo na Grécia levou à cicuta, na Idade Média à fogueira, no Brasil de nossos tempos à cadeia ou ao pelourinho da calúnia e da infame acusação." (Freitas Jr.; J. O. in: (13));* uma das razões alegadas, *"O simples fato de ler Freud – de um eminente psiquiatra conhecer Freud em 1937 – em Pernambuco, naqueles tempos constituía motivo de ilustre dono da vida de então acusar e justificar por isto qualquer restrição à sua liberdade." (Freitas Jr.; J. O. in: (13)).* Anos após a prisão, veio a morte,

"Preso, em 1935, sem poder defender-se, data dessa sua prisão longa e estúpida, na imunda Casa de Detenção do Recife- que eu também tenho a honra de conhecer... – a doença que acaba de roubar ao Brasil Ulysses Pernambucano de Mello ainda no vigor da idade." (Freyre, G. in: (10))

Frente ao cadáver de Ulysses, assim se manifestou o primo Gilberto Freyre, avaliando a sua não-atuação em instituições de âmbito nacional,

"É uma pena enorme que, com a tendência atual para se darem os cargos principais ou decisivos na administração e na organização de serviços públicos a indivíduos docemente medíocres tenha falecido anteontem no Rio um Ulysses Pernambucano de Mello, sem que nenhum departamento nacional de ensino, de higiene ou de ciência tivesse sido fecundado por sua extraordinária capacidade de chefe, de guia, de orientador, de mestre, de reformador." (Freyre, G. in: (10))

Passados 10 anos de sua morte, sua ausência ainda era sentida,

"Milagrosamente – decorridos 10 anos sobre o corpo inanimado de um psiquiatra – ainda perdura viva e atualizada a obra que ele realizou, em terras de província onde a rotina dos métodos de vida se sobrepunha a qualquer espírito de reforma. E o que hoje se observa ao contrário do envelhecimento natural a que se destinam as coisas humanas, é que, dia a dia, mais se agiganta aos nossos olhos o sentido de suas realizações, sua repercussão no nordeste, humanizado perante Deus e a civilização pela arrancada de um médico cuja alma, embora livre de crenças, era sensível ao sofrimento alheio. Santo ou Diabo – como indagara de uma feita o padre Cabral, um de seus lúcidos intérpretes, - o que ficou de sua vida, aí está,

mais como obra de santo que de homem, mais de profeta que de médico, mais de homem público que de especialista." (Miranda, V. in: (13))

Deixou, o professor Ulysses Pernambucano, importante exemplo de vida dedicada a uma causa, à do alienado, pela qual empreendeu todos os seus esforços, como atestaram dois de seus maiores colaboradores,

"Ulysses Pernambucano, senhor absoluto de todos estes problemas, soube fazer sentir a nós seus discípulos as necessidades deste tipo de doentes, criando assim uma mentalidade psiquiátrica definida." (Di Lascio, A. in: (10));

"De Ulysses Pernambucano recebeu cada um de nós o incitamento original que lhe decidiu a vocação científica." (Lucena, J. in: (13))

Seu filho Jarbas Pernambucano comentou (in: 10) que era comum quando um dos alunos finalizava um trabalho teórico ou uma pesquisa, sempre surgir a pergunta; em geral, formulada por outro colega próximo,

"Já ouviu a opinião de Ulysses?", afirmando ainda o que era para o próprio Jarbas, a qualidade maior de seu pai, "O que deu a Ulysses Pernambucano prestígio e fama como homem público não foi tanto a inteligência – majestosa, é verdade, mas possuída por um bom número – mas as suas qualidades morais – o seu destemor, a sua acérrima inimizade com tudo que fosse injustiça, flagrante ou velada, com tudo que fosse despotismo, grande ou pequeno." (Pernambucano, J. in: (10))

José Lins do Rego (10) sintetizou,

"Ulysses realizou a maior obra de medicina social que um homem só, já realizou no Brasil."

Nas palavras do professor Mário Eduardo Costa Pereira, (57)

"Deixa (Ulysses Pernambucano) o legado de um trabalho pioneiro, que marcaria profundamente a reforma da assistência psiquiátrica no Brasil e que contribuiria para uma concepção mais ampla e conseqüente das relações entre a realidade social nacional e as formas específicas do sofrimento psíquico e de seu cuidado."

5. A Fundação da Escola de Psiquiatria do Recife

'Ao lado de Teixeira Brandão, Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, Carlos Eiras, Henrique Roxo, Austregésilo, Pacheco e Silva, Heitor Carrilho e outros, o Prof. Ulysses Pernambucano foi um dos grandes construtores da Psiquiatria Brasileira, tendo fundado, no norte de nosso país, uma das mais florescentes escolas neuro-psiquiátricas da América Latina.'

J. Carvalhal Ribas

'Ao honrar-me com seu título máximo, a Sorbonne atribuiu-me uma iniciativa de que participei, mas da qual deve ser considerado animador e até orientador principal Ulysses Pernambucano: a criação de uma Escola brasileira de Psiquiatria Social. Escola considerada pelos mestres da universidade de Paris pioneira, inovadora, abridora de novo caminho e, como tal, contribuição do Brasil, em setor tão importante, de valor universal.'

Gilberto Freyre

'Ao lado dessa obra formidável criou o seu autor em derredor de si uma escola de psiquiatras da melhor espécie. O seu espírito, a sua coragem, a sua inteligência encontraram entusiastas que são os seus discípulos.'

José Lins do Rego

'... por essa plasticidade de compreensão da natureza humana, que ele (Ulysses), durante mais de 20 anos, pôde reunir, em torno de si, o grupo de médicos e de educadores mais cheios de consciência do dever e mais animados de espírito público de que se tem notícia em Pernambuco.'

Leduar de Assis Rocha

'Suponho que a escola de Ulysses Pernambucano é a mais significativa em toda a história da medicina de Pernambuco. '

Jamesson Ferreira Lima

'Nos primeiros decênios de século XX existiam três escolas psiquiátricas no Brasil: a de Juliano Moreira, que vicejou em torno do hospício; a do Juqueri, em São Paulo; e a de Ulysses Pernambucano, no Recife, que nasceu e cresceu em torno do Hospital da Tamarineira e da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina. Só esta última subsiste com alguma identidade cultural e influência no mundo da psiquiatria. '

Luiz Salvador Miranda Sá - Jr.

'... que se formou a escola psiquiátrica pernambucana, de que Ulysses foi o animador único.'

Aníbal Fernandes

'... eu queria assinalar que surgem... três núcleos primordiais de cultura psiquiátrica no Brasil,... (que) se localizam no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Pernambuco. '

Ulisses Vianna Filho

'..., merece destaque especial a escola do nordeste fundada no Recife, nos primeiros decênios deste século, por Ulysses Pernambucano e continuada por José Lucena.'

Gilberto Macedo

'Eu não fui discípulo da Escola Psiquiátrica de Recife, fundada e orientada por Ulysses Pernambucano de Mello. Dediquei-me a esses assuntos em outros meios e sob uma orientação diversa. Mas, lá no sul, desde estudante de medicina, eu ouvia os mestres da neuro-psiquiatria brasileira proclamarem numa significativa harmonia: - Ulysses Pernambucano é o maior e o mais notável psiquiatra do norte e um dos mais eminentes médicos do Brasil contemporâneo.'

Luciano de Morais

'Essa a dúvida: há uma psiquiatria brasileira?

...

Nós psiquiatras fomos tutorizados e 'spoon-fed' por Paris, Munique, Viena, Londres Nova Iorque e Buenos Aires (ai! de nós!). Mas digerimos tudo isso à nossa maneira. '

José Leme Lopes

Escola. [Do gr. Scholé, pelo lat. Schola].

s.f. 5. Sistema ou doutrina de pessoa notável em qualquer dos ramos do saber.

6. Conjunto de adeptos e/ou seguidores de um mestre ou de uma doutrina ou sistema.

7. Determinada concepção técnica e estética de arte, seguida por muitos artistas.

8. Ensinamento; exemplo; lição.

12. Seguidores, imitadores.

Novo Dicionário Aurélio, 2ª edição, 1986.

O psiquiatra e professor de Psiquiatria Luiz Salvador de Miranda Sá-Júnior, **(Imagem 49)** estudioso da história da psiquiatria pernambucana, examinou (in: 1) o surgimento e a evolução histórica da Escola de Psiquiatria do Recife (EPR), estabelecendo aquelas que constituiriam, no seu parecer, suas principais características, *"A escola de Ulysses foi se mostrando, ao longo do tempo, marcada e demarcada por algumas características essenciais que a assinalam até hoje". (1)*

Estas teriam sido influenciadas por:

- personalidade de seu fundador (Ulysses Pernambucano) e de seus continuadores
- influência do ambiente social e político em que se desenvolveu
(Nordeste brasileiro e, sobretudo, Recife)

<u>Princípios / características da Escola do Recife,</u>
<u>na visão do professor Luiz Salvador de Miranda Sá - Jr.:</u>

- *a atividade docente* seria considerada como sua principal característica

- *cientificidade rigorosa*, expressa no rigor da produção e dos procedimentos quando da realização de trabalhos ou estudos

- *largueza e liberdade de visão*, no sentido de abertura para todas as tendências do pensamento porém não num sentido de pura mistura entre conhecimentos díspares *[mais um "ecletismo do que um sincretismo" (Sá - Jr. in:1)]*

Veja-se que dentre os constituintes da escola na primeira época estão presentes referências profissionais que englobam vários campos do saber.

Medicina: Gildo Netto, Vicente de Matos, Jarbas Pernambucano, José Carlos Cavalcanti Borges, João Marques de Sá, José Lucena, Albino Fernandes, René Ribeiro, José Otávio de Freitas Júnior, Abaeté de Medeiros, Alcides Benício, Arnaldo Di Lascio, Zacarias Maciel, Ladislau Porto.

Antropologia: Waldemar Valente, Pedro Cavalcanti (também René Ribeiro, Aníbal Fernandes)

Psicopedagogia: Anita Paes Barreto, Anita Pereira da Costa, Eulália Fonseca, Sylvio Rabello.

- *humanismo*, vendo no humano *"a medida de todas as coisas", (Sá - Jr. in:1)* assim se explicando o cultivo das humanidades e apreciação de todas as belas-artes, revelando uma visão culturalista do mundo

- *humanitarismo*, laico em seu teor, exigindo um extremo cuidado no trato com os doentes mentais

- *tolerância com a diferença*, não só com as opiniões senão também com os opinantes

- *perspectiva biopsicossocial*, integradora, refletida no entendimento da origem das questões e, deste modo, esboçadas na conduta prática

- *consciência política* progressista (de Ulysses Pernambucano e discípulos), entendendo-se não a vinculação a esta ou aquela corrente ideológica ou política e sim um respeito às manifestações individuais de crença, ainda que discordantes

- *identidade médica*, com a utilização de recursos diagnósticos e terapêuticos mais eficazes, sem qualquer preconceito quanto a sua procedência, no

entanto em completa ressonância com a consciência da necessidade de integração com outros agentes profissionais.

Relembre-se que a Escola do Recife serviu de *"berçário" (1)* para a enfermagem psiquiátrica, a psicopedagogia, o serviço social psiquiátrico e a praxiterapia (terapia ocupacional) em psiquiatria.

O psiquiatra e professor pernambucano José Lucena dedicou-se em alguns de seus escritos (65, 66) a especular, de modo ordenado, acerca da Escola, sem deixar de lado o aspecto afetivo, incluindo-se como um de seus integrantes,

"Constituiu-se no Recife, não um simples agrupamento, dependente de contingências administrativas, mas uma verdadeira escola psiquiátrica. Nos trabalhos de nosso grupo existem evidentemente certos traços comuns que lhe criam uma fisionomia muito própria e transparecem através das diferenças individuais como outros tantos sinais de natureza até certo ponto definitiva. Experimentemos fixar aqui estas características." (65, 66)

E assim o fez. Eis algumas das características da Escola de Psiquiatria do Recife, segundo um de seus componentes.

I. Na produção científica:

- Do ponto de vista de orientação:

1. para a escola do Recife a Psiquiatria não seria apenas uma simples clínica mental; haveria, no entendimento dos componentes da Escola, um alargamento de tais limites, com a integração das diferentes disciplinas científicas. Referenda a observação anterior a utilização dos métodos de investigação e resultados de ciências conexas ou correlatas, sobretudo no tratamento de questões chamadas fronteiriças. Uma suposta perda do valor exclusivo da ciência psiquiátrica estaria justificada em função de um esforço contínuo em favor de uma psiquiatria maior.

2. freqüência com que são tratados temas de alcance ou repercussão social. O professor Lucena lembrava que, *"Não sendo trabalhos de sociologia, pois produções tipicamente psiquiátricas, em tema e em técnica; podem representar material para o sociólogo." (65, 66)* Ainda comentava que, embora examinados sob uma visão psiquiátrica (referentes a uma psiquiatria 'alargada'), muitas vezes a interrogação suscitadora da pesquisa havia sido, em muitos casos, formulada de um ponto de vista sociológico.

Detenhamo-nos um pouco mais no exame das proposições acima elaboradas. Recorramos à definição do professor Lucena a respeito do que denominou de psiquiatria 'alargada',

"A compreensão da extensão da psiquiatria, verdadeira psiquiatria maior penetrando aspectos cada vez mais dilatados da conduta humana, a utilização oportuna das técnicas psicológicas e das ciências sociais, mas sem desprezar o concurso das disciplinas neurobiológicas, o interesse pelos temas regionais e locais, o gosto pelas investigações bem delimitadas, - que preserva os jovens daquelas sínteses arbitrárias e das afirmações autistas – ...". (Lucena, J. in: (10)).

Conclamava a uma aproximação da psiquiatria com a ciência psicológica, tendo em mente que, *"O ensino da Psicologia iria robustecer aquela exata compreensão da Medicina Mental... que mais tarde procurou comunicar à Escola por ele (Ulysses) formada." (Lucena, J. in: (10)).*

Foram diversos os pesquisadores, estudiosos ou interessados neste tema, que identificaram a Escola de Psiquiatria do Recife como uma Escola de Psiquiatria Social, em função das características por ela assumidas. Citemos, entre estes, os psiquiatras e professores Luiz Cerqueira e Ulisses Vianna Filho. Vejamos parecer deste último, ao se referir à característica social da Escola, (in: 67)

"... o desenvolvimento da escola pernambucana, a escola de Ulysses Pernambucano difundindo-se em todos os setores. Marca-se a influência da cultura pernambucana, da cultura do Nordeste, em todos seus aspectos positivos e negativos, repercutindo na filosofia e na ideologia psiquiátrica. Neste particular, a atuação da escola de Ulysses pernambucano é a da criação de uma psiquiatria social no Brasil."

O psiquiatra e professor Gilberto Macedo também se manifestou traçando um amplo painel acerca do viés socializante da Escola de Psiquiatria do Recife, (in: 67)

"As contribuições da escola do Nordeste caracterizam-se, ao lado da presteza metodológica, pela largueza de idéias, envolvendo os conhecimentos científicos correspondentes aos diversos níveis do comportamento psicopatológico, desse modo os seus interesses especulativos estendendo-se dos mecanismos neurocerebrais às influências sociais capazes de, em conjunto, revelar a natureza da doença mental. Porém, sem que uma conjunção implicasse na falta de uma tendência ou orientação, a qual se define pela preocupação culturológica da grande maioria dos seus trabalhos..., Conforme se constata nas contribuições de (José) Lucena, (José Carlos) Cavalcanti Borges, René Ribeiro, (Arnaldo) Di Lascio, (Luiz) Cerqueira, Anita Paes Barreto, (José) Otávio de Freitas Jr. e Salustiano Lins, (Galdino) Loreto, Zaldo Rocha, (Antônio) Souza Costa e outros."

Assim também se comportou Gilberto Freyre, primo de Ulysses Pernambucano, em alusão a texto de José Lucena, quando reafirmou o caráter social da Escola que vinha sendo erigida por Ulysses,

"... e criando (Ulysses), ao mesmo tempo, uma escola psiquiátrica cujos traços já foram salientados, em interessante estudo, por um dos seus discípulos mais ilustres, o Dr. José Lucena: uma escola psiquiátrica de lugar já definido na vida e na história científica do nosso país. Uma escola psiquiátrica que se destaca pelas suas preocupações sociais." (Freyre, G. in: (10))

O mesmo Gilberto Freyre já havia se referido à Escola de Psiquiatria do Recife como *"a mais 'social e humana' das escolas psiquiátricas nacionais." (Gilberto Freyre apud Lucena, J. in: 10),* destacando sua longeva vinculação com a nascente Escola, (in: 68)

"... – já ser antiga minha associação com psiquiatras brasileiros que, como Ulysses Pernambucano e alguns dos seus discípulos mais velhos, encontraram em meu modo de ser estudante de Antropologia (inclusive de Psicologia e Sociologia) – um modo transbordante que me levava à intensa curiosidade por problemas de psiquiatria – apoio para o alargamento de seus estudos de psiquiatria em indagações de psiquiatria social com um sentido dinamicamente sociológico de cultura..."

O psiquiatra Mário Eduardo Costa Pereira, da UNICAMP, enxergou o caráter social da Escola do Recife tanto no esboço de sua teoria acerca da doença mental quanto na sua atitude de enfrentamento,

"Tal maneira de conceber o fenômeno psicopatológico a as formas de intervenção de caráter médico-social que dela decorriam deram origem ao que ficou conhecido como 'Escola de Psiquiatria Social do Recife', de grande importância nos destinos da psiquiatria brasileira e que teve em Ulysses Pernambucano a figura de referência maior." (57)

O psiquiatra e professor Luiz Cerqueira opinou sobre o tema assunto chamando atenção para uma diferenciação que se fazia necessária, (in: 67)

"O próprio Ulysses Pernambucano não percebeu que os reacionários e oportunistas de todas as épocas, configurando a estrutura social, não perdoam as inovações, maldosamente chegando a identificar psiquiatria social com psiquiatria socialista."

Ressalte-se novamente, pretendia-se não uma sociologia de temática psiquiátrica senão uma psiquiatria que incorporasse temáticas sociológicas como objeto de estudo, a fim de ampliar o entendimento sobre o fenômeno da doença mental. Neste sentido, invoco parecer definitivo do já citado professor Gilberto Macedo, (in: 67)

"... vale destacar a influência aí exercida por trabalhos isolados ou em conjunto, tanto de sociólogos como Gilberto Freyre, Roger Bastide e Donald Pierson, com sugestões advindas de observações feitas no Brasil, quanto de etnopsiquiatras como René Ribeiro e (Albino) Fernandes, e antropólogos, como Waldemar Valente, todos no Recife. Influências não-absorventes, mas a serviço da compreensão do fenômeno psicopatológico, fazendo-se, assim, não uma sociologia das doenças mentais, mas autêntica Psiquiatria sociológica, no sentido amplo desta palavra."

3. o caráter local, regional, nacional de seus estudos. Disse o professor Lucena, *"Não existe na Escola a preocupação de que os temas de pesquisa sejam os mesmos de Paris ou Berlim ou que sejam abordados simultaneamente com estes últimos." (65, 66)* Cabe dizer que abordados sem laivos de subjetividade gratuita e permeados de significação documentária.

- Quanto às técnicas ou processos de produção científica:

1. trabalhos utilizando meios ou recursos essencialmente psiquiátricos.
    a. de ordem clínico-descritiva
    b. processos psicotécnicos ou das ciências sociais
    c. disciplinas neurobiológicas estimadas em todo o seu valor mas restituídas à sua verdadeira função de auxiliares

II. Característica 'provisória'

- contribuição pessoal, às vezes mínima mas pessoal, de investigação direta de problemas parciais e bem delimitados.

Concluía o professor José Lucena sua análise, ressaltando o papel referencial do 'Mestre' Ulysses (era assim que o chamava) para os discípulos e seguidores, dizendo, *"Hoje, se... cada um de nós sabe o que quer, deve a Ulysses Pernambucano tal resultado." (65, 66)*

O tema da história dos primórdios da Escola de Psiquiatria do Recife (EPR) interessou a outros estudiosos, que tiveram a intenção de examinar a origem e as características da dita Escola. Adailson Medeiros, psicólogo potiguar, radicado em Pernambuco, professor e pesquisador da história da saúde mental no estado, assim o fez em premiada obra dedicada ao estudo de Ulysses Pernambucano, *'Ulysses Pernambucano – Um mestre adiante de seu tempo'*, (60) concedendo capítulo próprio ao exame da Escola,

"O vigor das idéias e ações de Ulysses Pernambucano no campo da Medicina psiquiátrica, da Educação, da Psicologia, e da Antropologia bem como a formação de um notável grupo interdisciplinar de auxiliares e pesquisadores redundou no surgimento da 'Escola Psiquiátrica do Recife' com características bem marcantes."

Para o professor Adailson Medeiros, seriam estas as assim chamadas vertentes da Escola de Psiquiatria do Recife:

1. *Atuação docente,* na qual se ressaltava o ideário de uma psiquiatria humanista, higienista, social; atuação esta que teve lugar principalmente no ensino de Psiquiatria na Faculdade de Medicina do Recife, contribuindo assim esta Cátedra para a 'irradiação' da Escola, *"A atuação docente de Ulysses Pernambucano foi, com efeito, a primeira grande vertente para a formação da Escola Psiquiátrica do Recife.", dizia. (60)*

Examinemos esta assertiva, de bastante significação. É opinião corrente entre aqueles que de alguma forma tomaram parte na Escola Psiquiátrica do Recife ou compuseram-na, o fato de que ela só pôde surgir e tomar corpo a partir da dedicação e do apreço de Ulysses Pernambucano pela questão do ensino e do contato amiudado com os alunos e colaboradores. No dizer do professor Luiz Cerqueira (in: 10),

"Como mestre e orientador de pesquisas, Ulysses Pernambucano constitui um exemplo singular: não criava capangas científicos, mas colaboradores. Observava na Faculdade os melhores alunos e com sua extraordinária fascinação os interessava no estudo da psiquiatria admitindo-os como internos residentes no hospital e posteriormente como assistentes do serviço, fazendo-se a seleção por concurso. Essa praxe salutar, já adotada em 1931, veio se constituir na porta larga por que passaram os integrantes da 'admirável escola do Recife', no dizer de Ernani Lopes: Gildo Neto, José Lucena, Alcides Benício, João Machado, Arnaldo Di Lascio, José Carlos (Cavalcanti) Borges, Pedro Cavalcanti, João Marques de Sá, Edgar Falcão, Antônio Couceiro, Ladislau Porto, René Ribeiro, Valderedo Ismael, etc., homens de todas as filosofias, de todas as religiões, de todos os credos políticos, mas tendo em comum o mesmo interesse pelo doente mental e o mesmo entusiasmo pelo mestre, cada um por certo tempo ocupado no estudo de um problema em consonância com suas próprias inclinações, aceitando todos a crítica construtiva dos demais."

Via de mão dupla se estabelecia entre a confiança depositada por Ulysses Pernambucano em seus alunos, no dizer do professor da Faculdade de Direito do Recife Luiz Delgado (in: 10), *"Em Ulysses Pernambucano, porém, havia mais do que isso: havia a capacidade de reconhecer o talento alheio e dar-lhe orientação algumas vezes e estímulo sempre.";* e certa obrigação que também lhes cabia, (a da) *"plêiade*

entusiasta... (sentir) as suas inclinações, seus anseios e tendências espirituais." (Oscar de Castro, in: (10))

Aos alunos, carentes de auxílio em suas primeiras empreitadas, já caberia certa porção de responsabilidade, (in: 10)

"A responsabilidade das tarefas que ele delegava, recaía por inteiro no aluno. Este tinha por si mesmo de resolver todas as dificuldades e a mais ampla liberdade na escolha dos métodos a aplicar, bem como na aferição e crítica dos seus resultados. As falhas do trabalho científico lhe eram apontadas, mas ele tinha de julgar do seu alcance e dos meios de remediá-las. Desse modo, preservava o mestre a personalidade de quantos o cercavam, ao mesmo tempo em que conseguia de cada um o rápido domínio de todas as sutilezas e exigências do método científico e sua afirmação pessoal como investigador. Foi também esse processo, menos intencional do que perfeitamente condizente com o feitio psicológico de Ulysses Pernambucano, que garantiu a continuidade de sua obra."

2. *A Assistência a Psicopatas de Pernambuco*

Em 1930 assumiu o poder, em Pernambuco, como interventor, Carlos de Lima Cavalcanti. Em dezembro do mesmo ano Ulysses Pernambucano foi convidado a reestruturar a assistência a psicopatas do estado. Apenas um mês depois, sob sua inspiração, era assinado o decreto (ato) n. 26, datado de 10 de janeiro de 1931, que criava o Serviço de Assistência a Psicopatas de Pernambuco (regulamentado em 24.04.1931, ato n. 583). Relatou o pesquisador Adailson Medeiros (60) que, da necessidade que tinha Ulysses Pernambucano de trabalhar com pessoas que pudessem lhe auxiliar nesta grande empreitada da qual se incumbia, contribuía para fomentar um contato mais direto com muitos de seus discípulos, tendo como efeito a disseminação de uma práxis psiquiátrica, fruto desta interação, *"Aglutinando uma plêiade de jovens brilhantes, deu um passo decisivo no que se convencionou chamar a Escola Psiquiátrica do Recife." (60)*

<u>Foram auxiliares diretos (de Ulysses Pernambucano)</u>:

Alcides Codeceira (direção do Manicômio Judiciário)
Prof. Costa e Pinto e, logo a seguir, José Lucena (Serviço de Higiene Mental)

Dr. Vicente Gomes de Matos (Colônia de doentes crônicos)
Gildo Neto, 1º interno da Tamarineira, (Serviço Aberto).

- *Veiculação de periódicos*

Principais

- Arquivos da Assistência a Psicopatas **(Imagem 26)**
  N. 1, outubro de 1931, semestral.

Diretor geral – Ulysses Pernambucano
Secretário – José Lucena
Instalações – Rua da Aurora, 363, 1º andar.

Estabeleciam-se os 'Arquivos' como o primeiro grande veículo de publicação da produção intelectual do emergente grupo da EPR. O papel de liderança de Ulysses Pernambucano era tão marcante que, após seu afastamento (em 1935) da Direção Geral da Assistência a Psicopatas, encerraram-se as atividades de tal periódico (em 1936).

- Boletim de Higiene Mental **(Imagem 27)**

Produzido pela editoria de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, mensal, 1º número – 2ooo exemplares, dezembro de 1933, 4 páginas, distribuído junto aos jornais e rádios locais. Chegou a funcionar por mais de uma década, de 1933 a 1945, dedicando-se mais a uma abordagem *"de caráter formativo e noticioso" (60),* até que teve findada a sua circulação.

Substanciemos vários dos pontos que têm sido abordados como características da EPR, entre os quais, o caráter social e local dos trabalhos; a preocupação com os doentes; o estímulo destes à reinserção social por meio de atividades de

trabalho, etc.; com o 'aviso' *[contido na edição de julho de 1934, ano II, número VII (p. 4) apud (60)],* do referido boletim:

"ESTE NÚMERO DO BOLETIM DE HIGIENE MENTAL FOI IMPRESSO POR DOENTES MENTAIS."

Passava o boletim, com este número, a ter sua impressão efetuada nas gráficas da Assistência a Psicopatas. São referidas ainda as condições em que se dão tal empresa;

"Trabalham sob uma orientação rigorosamente científica; trabalho que é tratamento dosado, sem riscos de acidentes, provando que o doente mental pode ser útil à coletividade, quando entregue à ocupação que lhe seja adequada, debaixo da supervisão médica." (60)

- Neurobiologia **(Imagem 28)**

Lançada em junho de 1938, trimestral, funcionaria como 'Órgão oficial da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do nordeste brasileiro', criada no mesmo ano..

Fundador e diretor geral – Ulysses Pernambucano
Diretor-gerente – Alcides Benício
Secretário – René Ribeiro

Trata-se, hoje, de um dos veículos mais antigos em circulação na América Latina dentre aqueles que abordam o tema da neuropsiquiatria.

3. Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do nordeste brasileiro.

Fundada em 13.05.1938, no intuito de servir de *"elo de amarração da Escola Psiquiátrica do Recife". (60)* Lembre-se que tal sociedade foi o embrião da mesma sociedade em caráter nacional, a Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Brasil. Realizou vários congressos itinerantes, de início pelas capitais

do nordeste (João Pessoa, Aracaju, Natal); expandindo-se depois para outras regiões do Brasil (Belo Horizonte, Porto Alegre).

A Escola de Psiquiatria do Recife tem aqui suas características esboçadas. Para que se constitua como escola, um determinado modo de pensar (e atuar) deve ser coincidente entre seus membros componentes, deve haver *"... uma estrutura homogênea e harmônica de pensamento, compartilhada por todos os seus membros,..."; (69)* possuindo ainda a capacidade de deixar alguma espécie de legado para as gerações futuras. O psiquiatra e professor Ulisses Vianna Filho comentou a respeito do caráter expansionista, de 'exportação' da EPR, (in: 67)

"... eu quero dizer que Pernambuco não influiu somente em termos locais com sua escola de psiquiátrica. A influência da psiquiatria pernambucana no Rio de Janeiro por exemplo, é notável; eu receio de cometer injustiças omitindo nomes, mas vemos a influência, a colonização, talvez cultura, que Pernambuco exerceu no resto do Brasil, através de várias pessoas, como a figura de Antônio Austregésilo, a figura de meu pai Ulisses Vianna, as figuras de Pedro Pernambuco, Heitor Carrilho, e outros elementos marcantes no desenvolvimento da psiquiatria no Rio de Janeiro. Uma outra geração se segue: Heitor Peres, Cincinato Magalhães de Freitas, Robalinho Cavalcanti, Aloísio Marques, José Otávio de Freitas Jr., todos esses elementos que Pernambuco (de uma maneira extraordinária) deu à psiquiatria do Brasil. Mesmo na era da influência da psicanálise, Walderedo, Ismael de Oliveira, o nosso Luiz Cerqueira, Pedro Cavalcanti, são figuras que a psiquiatria brasileira no Rio de Janeiro deve à psiquiatria pernambucana."

Assim se expressou o psiquiatra pernambucano René Ribeiro (in: 13), acerca da continuidade da Escola e dos ajustamentos por ela sofridos após a morte de Ulysses Pernambucano,

"Polarizados embora pela memória desse homem excepcional e pelas lealdades desenvolvidas numa convivência de anos, seus discípulos, para a ação efetiva e fatigante que a continuação de sua obra impunha, necessitaram de reajustar as inter-relações que o funcionamento do grupo conhecido como a escola de Ulysses Pernambucano estava a exigir após a perda do mestre. Novas polarizações sucederam e outros ajustamentos permitiram sua revitalização que hoje se expressa tão magnificamente nesta atual obra modesta, porém testemunho.".

5.1 Outras Escolas do Recife

5.1.1 A Escola de Neurologia/ Neurocirurgia.

O professor Marcelo Valença, neurologista e neurocirurgião radicado em Pernambuco e interessado nos aspectos históricos das ciências psiquiátrica e neurológica/ neurocirúrgica neste estado, invocou, em artigo escrito sobre o tema, (70) a contribuição de neurologistas e neurocirurgiões pernambucanos na introdução e disseminação destas disciplinas em âmbitos locais e nacionais. Disse o professor, *"A participação de pernambucanos no ensino médico e na criação das especialidades Neurologia e Neurocirurgia é por dizer surpreendente." (70)*

Comentou sobre as participações pioneiras de Correa Picanço, Gouveia de Barros, Alcides Codeceira, Ulysses Pernambucano e deteve-se, de modo ilustrativo, no professor Antônio Austregésilo Rodrigues Lima, nascido no Recife, considerado o 'pai da Neurologia Brasileira'. Deu-nos ainda maiores dados acerca desta importante personalidade, de relevante papel na vida de Ulysses Pernambucano, como já ressaltado anteriormente neste trabalho,

"Diplomou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1899, e em 1912 assumia a Cátedra de Neurologia, criada pela primeira vez no Brasil como disciplina independente, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Homem de uma cultura geral louvável, foi membro da Academia Brasileira de Letras. Também contribuiu de uma maneira fundamental na criação da especialidade em Neurocirurgia no Brasil. Em 1928, convidou Alfredo Alberto Pereira Monteiro, brilhante cirurgião-geral e catedrático em Anatomia, e o ainda jovem José Ribe Portugal para criar a especialidade no Brasil. O Ribe Portugal considerava Antônio Austregésilo o estimulador e o pai espiritual da Neurocirurgia no nosso País." (70)

5.1.2 As Escolas (de Direito e de Psiquiatria) do Recife: aproximações.

Com gênese num determinado contexto histórico, o Recife da 2ª metade do século XIX, e gravitando em torno da Faculdade de Direito do Recife - sua referência - edificou-se nesta cidade um movimento que viria a desempenhar importante papel no contexto cultural brasileiro, sobretudo no tocante às ciências humanas, no decorrer dos anos seguintes. Trata-se da assim chamada

Escola do Recife. Aqui, visamos a estabelecer alguns parâmetros comparativos entre a Escola do Recife (ER), predominantemente jurídica embora com extrapolações para demais ramos das ciências sociais e a Escola de Psiquiatria do Recife (EPR).

Afirmou o eminente professor de Direito em Pernambuco, Nelson Saldanha, em livro no qual "*compendia e aquilata*" *(71)* temas referentes à Escola do Recife, haver uma rica e vasta bibliografia sobre o tema (a própria Escola), que vem sendo, no entanto, "*insuficientemente sintetizado*", *(71)* justificando inclusive a realização de seu estudo. Tal não se pode dizer em relação à EPR. Não há obras explícitas sobre a Escola de Psiquiatria do Recife. Os autores que a ela remontam, assim o têm feito no corpo de outras obras, quase sempre em ocasiões fortuitas e de modo esparso.

1. Nomenclatura e 'duração'

Em função da importância de seu líder, a Escola do Recife é por vezes reconhecida como a 'Escola de Tobias', referência a Tobias Barreto, seu primeiro animador. Sílvio Romero, 12 anos mais moço que Tobias foi, por assim dizer, o grande propagador da Escola, além de seu padrinho, visto ter sido ele quem cunhou e disseminou a expressão 'Escola do Recife'. Eram ambos sergipanos de origem. A Escola de Psiquiatria do Recife carece de nomenclatura definitiva; é indistintamente conhecida como 'Escola de Psiquiatria (ou Psiquiátrica) do Recife, 'Escola Psiquiátrica de Pernambuco', 'Escola Psiquiátrica do Nordeste', 'Escola de Psiquiatria Social'.

É fato relevante que um distanciamento temporal contribui para uma melhor delimitação de qualquer movimento que esteja sob exame. Talvez graças a sua origem algo mais remota, a Escola do Recife venha sendo mais bem examinada (em relação à de Psiquiatria). 1860 é dado como seu ano de início, reconhecendo-se como o momento em que a obra de Tobias Barreto começa a

ganhar destaque. 1914 é tido como sua clausura (embora tenha havido estertores nos anos seguintes), em função de ter sido este o ano da morte de Sílvio Romero, seu grande propagador. É de difícil tarefa a delimitação do início ou da fundação da Escola de Psiquiatria do Recife. 1931; ano em que Ulysses Pernambucano propôs a reforma na prática assistencial psiquiátrica em Pernambuco, com o seu 'Serviço de Assistência a Psicopatas em PE' e que, em função das novas incumbências, passou a ter contato mais assíduo com muitos de seus colaboradores, pode servir como ano símbolo de fundação da Escola de Psiquiatria do Recife.

2. Principais representantes

Na Escola do Recife tornaram-se as figuras de maior destaque dois sergipanos emigrados para terras pernambucanas; Tobias Barreto e Sílvio Romero. Proximidades e diferenças estão presentes ao se examinar a vida e a obra destes dois personagens (o que foge ao escopo deste trabalho). Ressalte-se apenas certa 'insubordinação' por parte de Sílvio Romero quanto à precedência de Tobias Barreto. Aquele se considerava *"patrício e camarada", (71)* não aluno de Tobias. O fato é que, da interação destas duas lideranças, frutificou a Escola, *"A Escola inicialmente foi o mero convívio de Tobias Barreto e Sílvio Romero"*, no dizer do professor Nelson Saldanha. (71) A Escola Psiquiátrica do Recife é filha de Ulysses Pernambucano. Os demais configuram-se como seus seguidores, continuadores ou discípulos.

3. Características dominantes, áreas de interesse, influências

Ao pronunciar-se a respeito da Escola do Recife, afirmam alguns autores se tratar de *"... um grupo indefinido e heterogêneo ...", (71)* de *"... orientações filosóficas variadas ..." . (71)* Para outros, entretanto, há uma *"... relevante e substancial unidade na orientação fundamental dos estudos e das convicções."* A Escola de Psiquiatria tem sido

também passível de observações contraditórias. Convoco parecer do professor Nelson Saldanha, em que relativiza a questão da unidade das 'Escolas'; (71)

"Uma 'escola' pode fundar-se em ortodoxias de conteúdo maiores ou menores, ou ser considerada mais como grupo de estudiosos com independência de opiniões. Claro que tal independência não poderá comprometer a sobrevivência ou o mínimo de coesão do movimento. Se houve uma 'Escola' romana na pintura do Renascimento, ou uma 'Escola' verdista na ópera italiana, houve variantes pessoais.".

Coabitam, segundo nossa proposição, nas duas Escolas recifenses, algumas linhas gerais características, a saber:

- *Interesse teórico por questões nacionais*
- *Crítica às posições estabelecidas e vigentes, em seus respectivos campos de saber.*
- *Composição por eminentes especialistas*
- *Ampliação do espectro de análise dos temas abordados*
- *Cultivo de certo estilo próprio de escrita (Ensaio)*
- *Abordagem de temas de relevância social*
- *Permanência de atuação (como influências sobre outras Escolas)*

É evidente que, por abordarem disciplinas científicas diversas, fizeram-no de modo peculiar e condizente com seu objeto de apreciação. Ressalte-se ainda que os componentes das duas Escolas, cada qual dentro de seu grupo, tinham-se como referências mútuas e era comum abordarem, em seus próprios estudos, trabalhos de colegas. Assim, *"... ao opinarem sobre as obras uns dos outros, fizeram da crítica um instrumento de cimentação da Escola,...". (71)* Acreditamos serem válidas, como instrumento caracterizador da Escola de Psiquiatria, (por analogia) as palavras do professor Nelson Saldanha, referentes à Escola do Recife, "*Se ainda se*

discute sua unidade doutrinária, realmente insuficiente, não se discute que ela existiu como grupo e movimento, e mais ainda, como lastro e fonte de uma ambiência intelectual inconfundível." (71)

6. O início da sucessão na Escola de Psiquiatria do Recife

'Pode-se considerar que a herança deixada por Ulysses (Pernambucano) era volumosa e valiosa demais para ser usufruída por uma só pessoa...'.

'... e, para nossa sorte, mesmo tendo (Ulysses Pernambucano) desaparecido tão cedo,... todos os seus sucessores estiveram à altura intelectual e moral do modelo que deixou.'

Luiz Salvador Miranda Sá – Jr.

Ulysses Pernambucano, segundo se depreende dos relatos dos que com ele conviveram, sabia reconhecer o talento específico dos alunos e, identificando-lhes as tendências, encaminhá-los para as áreas de seus interesses. Lembremos de início que, entre estes, não apenas psiquiatras, mas também profissionais de áreas correlatas, em consonância com uma das características fundamentais da Escola do Recife, o trabalho multiprofissional. Lembrou Sá - Jr., (in: 1) revelando-lhe os seguidores no campo estrito da *Neurologia*, que,

"... seu filho dileto, o neurologista Jarbas Pernambucano, deixou a vida muito cedo. Os dois Alcides, o Benício e, depois, o Codeceira, além de José Alberto Maia, Luiz Ataíde e Salustiano Gomes, que haveriam de ser seguidos por Wilson Farias, foram seus continuadores na clínica neurológica. Todos, ao menos um pouco neuro-psiquiatras."

Na *Psicologia*; Alda Campos, Sílvio Rabello e, sobretudo, Anita Paes Barreto foram seus seguidores; esta última tendo-o acompanhado por muitos anos, com relevante contribuição em estudos de Psicotécnica, Pedagogia e Psicopedagogia, além de ter presidido o Movimento de Cultura Popular em Pernambuco. Estes autores, isoladamente mas, em geral, na companhia de Ulysses Pernambucano, escreveram diversos trabalhos que versavam, predominantemente, sobre questões pedagógicas ou de testagem psicológica, tais como, *'O desenho como meio*

de pesquisa'; 'Ensaio de aplicação de testes pedagógicos'; 'Estudo psicotécnico do teste de Dearborn'; 'Um decênio de atividade no Instituto de Psicologia'; 'Revisão Pernambucana da escala Binet-Simon-Terman'; 'Estudo psicotécnico de quatro supernormais'; 'Ensaio de padronagem do Test Columbian' e tantos outros.

No *Serviço Social* Psiquiátrico, atividade da qual também fora Ulysses Pernambucano precursor, Cezarina Moraes foi sua *"continuadora natural" (Sá – Jr. In: (1)).* José Mariz de Morais (1º psicanalista da Escola do Recife) e logo depois Wamberto Moraes (emigrado para Londres) foram os que primeiro enveredaram pela área da *Psicanálise,* este último tendo também construído uma obra de caráter sociológico de relevância.

Na *Direção* de clínica particular, seguiram-no João Marques de Sá e Luiz Inácio de Andrade Lima. René Ribeiro prosseguiu o trabalho do professor Pernambucano na *Antropologia* (e juntamente com Arnaldo Di Lascio, na direção do Sanatório Recife). Também Luiz Cerqueira, psiquiatra nascido em Alagoas, foi discípulo direto de Ulysses Pernambucano. Vejamos em mais detalhes um pouco da vida e da obra destes dois importantes seguidores de Ulysses Pernambucano, a saber, <u>*René Ribeiro e Luiz Cerqueira.*</u>

René Ribeiro desempenhou importante papel na Escola do Recife, sobretudo no tocante aos estudos envolvendo aspectos antropológicos e, particularmente, religiosidade, derivando sua atividade estritamente psiquiátrica original. Também foi um dos incentivadores de 'Neurobiologia' desde seu início (foi seu secretário), estando neste periódico grande parte de suas publicações. Citemos alguns de seus trabalhos: *'Estudo de um grupo de menores delinqüentes' (1938); 'Técnicas de aplicação do método de Sakel' (1938); 'Estudo estatístico sobre a idade dos doentes mentais' (1939); 'Resenha crítica da atividade do Juizado de Menores do Recife, no período 1937-39' (1940); 'Técnica e resultados dos tratamentos da esquizofrenia no Sanatório Recife' (1940); 'Os choques protraídos na insulinoterapia' (1941); 'Distúrbios mentais na velhice simulando demência senil - Levantamento de interdição' (1942); 'Colocação familiar inadequada – Tentativa de suicídio de menor' (1944); 'Problemas de higiene mental...' (1943).* Devem

constar ainda, três obras de fundamental importância. A primeira, publicada em 1952 pelo antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, *'Cultos Afro-Brasileiros do Recife: Um estudo de ajustamento social' (74);* em cujo prefácio, Roberto Motta vaticinou ser o trabalho *"... a bíblia de todos os interessados pelo Xangô de Pernambuco."; (74)* dizendo ainda que, nele, descreveu René Ribeiro, *"... com coerência e detalhes, a organização, a ideologia e o ritual do Xangô de Pernambuco." (74)* Outra é uma obra publicada em 1954, pelo serviço de documentação do Ministério de Educação e Cultura, *'Religião e relações raciais'. (68)* Nesta obra, Gilberto Freyre escreveu o prefácio, no qual se dirigiu de modo afetuoso ao autor do livro, (in: 68)

"O professor René Ribeiro, formado moral e intelectualmente numa 'Escola do Recife'... – a Escola de Psiquiatria Social, desenvolvida de 1930 a 1940 na velha capital de Pernambuco, por um então ainda jovem Ulysses Pernambucano de Melo – junta às suas virtudes de pesquisador lúcido e paciente de assuntos antropo-sociológicos o sentido ético e até estético de sua especialidade, que não lhe permite confundir sua ciência com a Antropologia ou a Sociologia polêmico-jornalística,..."

E a terceira, publicada em 1982, já pela Fundação Joaquim Nabuco, *'Antropologia da Religião e outros estudos' (75),* espécie de síntese de seus trabalhos nesta área. O professor René Ribeiro é também citado no importante livro do professor Paulo Dalgalarrondo, *'Religião, Psicopatologia e Saúde Mental' (55),* no capítulo em que este analisa historicamente os estudos brasileiros sobre religiosidade e saúde mental. Refere-se a René Ribeiro como um estudioso que deixou contribuições por meio de suas obras. Disse o professor Dalgalarrondo,

"Em relação aos fenômenos da possessão e seus diversos aspectos etnográficos e de psicologia social,... (René Ribeiro), realizou uma série de investigações (décadas de 30 e 50) originais em sujeitos freqüentadores de cultos negros do Recife, assim como negros pobres convertidos a igrejas pentecostais. Assim ele concluiu ser a possessão um fenômeno normal, compreendido por meio da identificação de padrões culturais dos participantes e dos condicionamentos que as normas grupais impõem." (55)

O professor *Luiz Cerqueira* ***(Imagem 45)*** foi um dos que, 'formados' sob a orientação da Escola Psiquiátrica do Recife, exerceu suas atividades de

psiquiatra em terras do nordeste brasileiro e, em seguida, do sudeste. No Recife, entre 1934 e 1939, deu-se a fase de seu *"encontro existencial"* (Medeiros, T. in: 1) com Ulysses Pernambucano. Anos depois iria à Bahia, via Sergipe. Já na Bahia, defendia a tese *"Psicodiagnóstico de Rorschach: uma classificação regional de respostas"*, tornando-se livre-docente em 1945. Em 1948 foi ao RJ. Vejamos o que disse sobre estes anos de mudanças e viagens o psiquiatra e professor pernambucano Tácito Medeiros, rememorando passagens em que privou de seu convívio mais estreito,

"Certamente foi (Luiz Cerqueira) um personagem múltiplo, vivendo intensamente suas muitas vidas – Alagoas, Recife, Aracaju, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Ribeirão Preto ponteiam a geografia da trajetória dos 73 anos de inquietação e transbordamento que nunca puderam caber em limites estreitos." (Medeiros, T. in: 1)

Na Escola do Recife, chegou a exercer algumas tarefas, *"... foi interno da Tamarineira, interno do Sanatório Recife, auxiliar técnico do Serviço de Higiene Mental, presidente da Sociedade de Internos dos Hospitais de Recife." (Medeiros, T. in: 1)* Estabelecido em Ribeirão Preto (SP), foi um grande incentivador da saúde mental de nossos dias, estando seu nome direta e *"... definitivamente ligado a terapêutica ocupacional e à assistência psiquiátrica." (Medeiros, T. in: 1).* Os estudiosos ressalvam a importância de sua obra científica, *"Sua abundante produção científica foi a sua linguagem viva, opinativa, para expor, refletir, criticar, divulgar, ensinar sua prática psiquiátrica." (Medeiros, T. in: 1),* estabelecendo como seu livro maior, *'Psiquiatria Social – problemas brasileiros de saúde mental'*, *"seu testamento à psiquiatria brasileira." (Medeiros, T. in: 1). 'Pela reabilitação em Psiquiatria' e 'Por uma Psiquiatria Social'* são outros livros de sua autoria. Citem-se ainda outras publicações, *'Um inquérito entre os estudantes que freqüentam serviços médicos no Recife' (1938); 'Organização racional de uma biblioteca de neuro-psiquiatria' (1939); 'A ação social do serviço de Assistência a psicopatas de Sergipe' (1940); 'Incidência das psicopatias nos leptorrinos, mesorrinos e platirrinos da Bahia e de Sergipe' (1944); 'Terapêutica Ocupacional – Um tratamento da pessoa' (1975).* Para maiores detalhes sobre o professor Luiz Cerqueira, consultar *"A vida e as vidas de Luiz Cerqueira"; [Medeiros, T. in: A História da Psiquiatria em Pernambuco e outras histórias (1)].*

Ainda podem ser citados, no campo estritamente psiquiátrico, como componentes da 1ª geração da Escola do Recife, porque foram discípulos de Ulysses Pernambucano (segundo definição do professor Othon Bastos), os seguintes: Rui do Rego Barros, Benjamim Vasconcelos, Ozanan de Oliveira, Manoel Gomes de Sá, Amauri de Souza, Abaeté de Medeiros, Tancredo Pinto Coelho, Benedito Silveira Lyra, Albino Gonçalves Fernandes, José Carlos Cavalcanti Borges, Pedro Coelho da Silva, Pedro Cavalcanti, Gilberto de Macedo, Nelson Pires, Zacarias Maciel, Waldemar Valente, Hélio Codeceira; sendo que assumiram maior papel de destaque *Gildo Neto, Arnaldo Di Lascio, José Otávio de Freitas Jr. e José Lucena.*

De acordo com o professor Othon Bastos, a 1ª geração da Escola do Recife se compõe, como acima descrito, dos discípulos diretos de Ulysses Pernambucano. Fariam parte da 2ª geração desta Escola, os discípulos do professor José Lucena (com grande destaque para o professor Zaldo Rocha). Na 3ª geração, também tomariam parte os alunos do professor Lucena, porém aqueles que, ao menos em certa medida, foram alunos dos alunos do professor Lucena, ou seja, em cuja formação contribuíram os professores Zaldo Rocha, Galdino Loreto, Paulo Sette, Othon Bastos, Cheops Teixeira, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque e Tácito Medeiros.

Falemos um pouco acerca do professor *Zaldo (Antônio Barbosa) Rocha*, representante da 2ª geração da Escola do Recife. Natural de Amaraji – PE, formado em Medicina em 1953, pela faculdade de Medicina do Recife, foi, no dizer do professor Othon Bastos, *"... pioneiro da psiquiatria da criança e do adolescente em todo o Norte/ Nordeste do país..." (1)* Como integrante da Escola de Psiquiatria do Recife, exerceu com vigor a sua vocação docente,

"*Professor de psicologia educacional e de psicologia do desenvolvimento na Faculdade de Filosofia de Pernambuco (FAFIPE), depois Faculdade de Educação da UFPE; professor de psicopatologia da infância e da adolescência no curso de orientação educacional da Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE) e*

professor adjunto da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, tornou-se professor livre-docente em memorável concurso público, em 1975, tendo apresentado uma tese sobre tema inédito no país, de grande interesse psicopedagógico – Investigação Psiconeurológica em crianças com dificuldades para Leitura (Dislexia)." (Bastos, O in:1)

Deixou inúmeros trabalhos de importância publicados nos mais diversos periódicos, além de três livros, *'Como educar nossos filhos' (1967); 'Investigação dinâmica da mente infantil' (1970) e 'Curso de psiquiatria Infantil' (1984) e um trabalho de referência, de 1973, 'Diagnóstico Pluridimensional em Psiquiatria Infantil',* que *"... ainda é alvo de citação freqüente na literatura especializada nacional e internacional,...". (Bastos, O in: 1)* A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) homenageia o professor pernambucano, concedendo o prêmio anual 'Professor Zaldo Rocha' ao melhor trabalho versando sobre 'Áreas de Transtornos mentais e comportamentais da Infância e Adolescência'.

Abordemos, mais amiúde, os primeiros sucessores do professor Ulysses Pernambucano no campo psiquiátrico, iniciando pelo psiquiatra pernambucano *Gildo Neto.* Nasceu em Recife, em 24 de maio de 1905 e veio a falecer em 06 de outubro de 1935 (aos 30 anos, portanto). Era filho de João Brissant Neto e Rosa Amélia Muniz Neto. Formou-se em Letras pelo Ginásio Pernambucano em 1920. Concluiu o curso médico em 1926 (como Ulysses Pernambucano e José Lucena, também com pouco mais de 20 anos), pertenceu à segunda turma de médicos formados pela Faculdade de Medicina do Recife. Já em 1924, foi nomeado interno de Clínica Psiquiátrica do professor Ulysses Pernambucano, tendo sido o primeiro interno de hospitais do Recife (Tamarineira). Foi ainda sócio fundador e primeiro presidente da Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife. Tornou-se assistente do Hospital de Alienados por proposta do professor Alcides Codeceira. Em 1927, assumiu a função de assistente interino da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina (por proposta do professor Ulysses Pernambucano). Em 1928, foi nomeado assistente de Fisiologia da mesma faculdade (também por proposta do professor Ulysses Pernambucano). Também indicado médico legista adjunto do Instituto de Medicina Legal do

Estado. Em 1931, com a reforma da Assistência a Psicopatas em Pernambuco, foi nomeado diretor do Serviço Aberto, cargo que ocupou até a morte. Em 1933, assumiu a docência na Clínica Psiquiátrica da Faculdade, lugar que conquistou após concurso. Em 1934, passou a chefe de Clínica Psiquiátrica da Faculdade, por proposta do professor Alcides Codeceira. Ainda neste ano, foi nomeado professor catedrático de Filosofia Sistemática da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife. Em 1935, foi aceito sócio correspondente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, por proposta dos professores (Antônio) Austregésilo, Ulisses Vianna e Valdemiro Pires. Foi ainda 2º secretário da Sociedade de Medicina de Pernambuco e membro do Conselho Deliberativo do Sindicato Médico de Pernambuco. (baseado em 76)

Trabalhos de Gildo Neto apresentados e/ou publicados:

- *'Em torno de um caso de paralisia geral juvenil', Revista Acadêmica, 1926.*
- *'Em torno de um caso de loucura moral', Sociedade dos Internos dos Hospitais do Recife, 1926.*
- *'Sífilis e loucura', Sociedade dos Internos dos Hospitais do Recife, 1926.*
- *'Considerações a respeito de um caso raro de infecção puerperal', Sociedade dos Internos dos Hospitais do Recife, 1926.*
- *'As constituições psicopáticas', Tese de Doutoramento, 1926, aprovada com distinção.*
- *'O tratamento da demência paralítica pelo impaludismo', Jornal do Comércio, 1929.*
- *'Nova concepção sobre o psiquismo humano', Arquivos da Assistência a Psicopatas, 1931.*
- *'Malarioterapia na paralisia geral' (com Ulysses Pernambucano e Alcides Benício), Arquivos da Assistência a Psicopatas, 1931.*
- *'Debilidade mental. Internamento. Roubo impulsivo. Irresponsabilidade. – Perícia. ', Arquivos da Assistência a Psicopatas, 1931. (?)*
- *'Ataxia tabida grave e malarioterapia', Sociedade de Medicina de Pernambuco, 1932.*
- *'Punção sub-occipital' (com Alcides Benício), Arquivos da Assistência a Psicopatas, 1932.*
- *'Malarioterapia na tabes' (com Lauro Raposo), Arquivos da Assistência a Psicopatas, 1932. (?)*

- *'Hipertrofia da ambição. Avareza excessiva. Deficiência do julgamento. Capacidade civil. ' Perícia (com Costa Pinto). Arquivos da Assistência a Psicopatas, 1932. (?)*
- *'Alcoolismo e moral', Jornal Pequeno, 1932.*
- *'Psicoses postmalarioterápicas' – Tese de livre-docência -, 1933.*

(trabalho notável que recebeu os melhores louvores dos especialistas nacionais e estrangeiros).

- *'Paralisia geral após eletrocução', Arquivos da Assistência a Psicopatas, 1933.*
- *'Hemiplegia. Anartria. Capacidade civil. ' Perícia. Arquivos da Assistência a Psicopatas, 1934.*

É de conhecimento público a afeição que devotava o professor Ulysses Pernambucano pela figura do jovem Gildo Neto, acrescida de reconhecimento pelo seu valor; percebido, por exemplo, pela leitura do trecho seguinte, *"O Serviço Aberto foi entregue à direção do jovem e eminente psiquiatra Gildo Netto, o primeiro interno acadêmico que Ulysses preparara e a quem dedicava verdadeira atenção paternal.". (Coelho Filho, H in: 11)* Mas quis o destino que o 'escolhido' pelo professor Pernambucano para sucedê-lo não pudesse cumprir os seus desígnios, *"Em outubro de 1935, morre Gildo Netto, com apenas 30 anos (Coelho Filho, 1953), discípulo predileto de Ulysses e seu continuador natural. Esta morte, ocorrida em condições trágicas (suicídio) abala profundamente o dedicado professor." (Coelho Filho, H in: 11)* Assim também vaticinou Sá – Jr. (in: 1), *"Gildo Neto foi seu discípulo dileto e, se não tivesse tido morte prematura, teria assumido seu lugar na cátedra...".* Era tão natural a sucessão de Ulysses Pernambucano por Gildo Neto, que até mesmo o professor José Lucena (que viria a ser ele mesmo o futuro sucessor), deu seu parecer nessa direção, *"Esse restrito agrupamento nordestino cedo foi desfalcado pela morte... de Gildo Neto, discípulo mais representativo da Escola e seu continuador natural." (65)*

Falemos acerca do professor *Arnaldo Di Lascio,* **(Imagem 46)** um argentino de 'alma paraibana', que, no seu próprio dizer, *"filho de imigrantes, nada poderia fazer errado..."* (alguns, no intuito de deparar-se com sua reação irada, lembravam-lhe ser ele próprio um imigrante). Formou-se em medicina no Recife em 1936 (foi o aluno laureado), tendo sua turma tido como paraninfo Ulysses Pernambucano. Já durante o curso médico, havia se destacado na cadeira de Fisiologia Nervosa,

ministrada por Ulysses Pernambucano, que o convidara para ser acadêmico interno da Tamarineira. De 1937 a 1943, exerceu a função de assistente de clínica neurológica. A partir da década de 50, tornou-se professor assistente da clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina da UFPE e depois professor adjunto. Aqueles que com ele conviveram, ressaltaram suas qualidades mais marcantes, homem *"reto por excelência" (Bastos, O. in: 1),* tinha como características suas, além da retidão, *"probidade, honradez, lealdade, seriedade" (Bastos, O. in: 1)* Tido por alguns como (Sá – Jr. in: 1) como uma *"consciência crítica (e ética)",* em que *"seu exterior ácido escondia um espírito bom e generoso". (Sá – Jr. in: 1)* O professor Othon Bastos (em depoimento pessoal ao autor) narrou interessantes passagens que refletem bem o modo como o professor Di Lascio encarava seus afazeres. Tinha uma rigorosa assiduidade ao trabalho, sendo que, em momentos de necessidade, em que tinha que cuidar da saúde, optava por tirar férias e não licença médica (ainda que esta se justificasse). Além do mais, para evitar transtornos no atendimento aos pacientes durante a semana, consertava o aparelho de EEG aos sábados e domingos em sua própria residência. Neuropsiquiatra por excelência, *"curinga técnico" da equipe (Sá – Jr. in: 1),* (tomava parte em todas as atividades científicas embora se dedicasse muito à eletroencefalografia). Pode mesmo ser considerado um dos últimos neuropsiquiatras recifenses, no sentido de que portava, ao lado de sólida formação biológica, saberes relativos às áreas de Psicologia social, Sociologia e Antropologia.

O professor Galdino Loreto (Loreto, G. in: 73) sintetizou as atividades exercidas pelo professor Di Lascio ao longo da vida, *"... prática assistencial, de ensino e produção científica";* ensaiando, ainda, uma divisão de sua produção teórica em alguns grupos, *"casos clínicos, EEG/ clínica, revisão crítica de temas psiquiátricos" (Loreto, G. in: 73).* O professor José Lucena se aprofundou na avaliação de sua obra escrita e propôs uma distribuição, que pode ser assim esboçada (Lucena, J. in: 73).

<u>Obra escrita do professor Arnaldo Di Lascio.</u>

1º grupo. Análises de casos clínicos (com comentários teóricos).

Uremia convulsivante; Choque protraído grave durante o tratamento de Sakel; Síndrome de Menière pós-traumática; Caso de meningite pneumocócica; Infecções não-supuradas do sistema nervoso; Encefalite a vírus filtrável; Síndrome de hiperostose frontal interna; Papilite epidêmica ou aracnoidite cerebral generalizada; Caso de gargoilismo; Dermatomiosite em pacientes oligofrênicos com surtos psicóticos; Tentativa de suicídio pela imipramina (vários destes trabalhos são em colaboração com René Ribeiro, Jarbas Pernambucano, Cheops Teixeira e Paulo Sette).

2º grupo. Trabalhos discursivos, relatórios e contribuições monográficas de atualização e discussão crítica de problemas neuropsiquiátricos.

A neuromielite epidêmica; Esquizofrenias – aspectos etiopatogênicos e diagnósticos; Distúrbios psiquiátricos na epilepsia.

3º grupo. Dados de EEG.

Alterações eletroencefalográficas em menores com distúrbios de conduta; Eletroencefalografia em portadores de Doença de chagas; Enxaqueca – dados clínicos e eletroencefalográficos; Estados psicóticos de pacientes epilépticos com foco do lobo temporal; Alterações neuropsiquiátricas e eletroencefalográficas em esquissomóticos tratados pelo nitriazol.

4º grupo. Pesquisas formuladas do ponto de vista das ciências sociais aplicadas.

Incidência das psicopatias nos lepto, meso e platirrinos de Pernambuco; Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em 400 primeiros internados e casa de saúde particular (com Ulysses Pernambucano); Psicopatias simultâneas, das relações entre pais e filhos – um estudo sobre a escolha de profissões (com a professora Cecília Di Lascio, sua esposa); Desnutrição e saúde mental – aspectos biossociais, a propósito da desnutrição e saúde mental.

Ressalte-se que a quase totalidade desta produção teórica se encontra publicada na revista 'Neurobiologia', da qual foi o professor Di Lascio um dos grandes pilares. Na Escola de Psiquiatria do Recife, entre os herdeiros de Ulysses Pernambucano, *"Era (Di Lascio) uma espécie de tio, irmão mais velho do chefe e líder maior, José Lucena, muito querido e estimado por todos,...". (Bastos, O. in: 1)* Rememore-se

episódio inusitado vivido pelo professor Di Lascio, quando, acometido Ulysses Pernambucano de seu primeiro infarto, teve de lhe prestar os primeiros socorros, como assinalou o Professor Titular de Cirurgia da UFPE, Salomão Kelner (Kelner, S. in: 73).

"Sua responsabilidade e preocupação aumentaram em 1936. Ulysses Pernambucano, às três horas da madrugada, sofreu intensa crise de angina. Enquanto aguardavam a chegada dos médicos assistentes, professores Fernando Simões Barbosa, Edgar Altino e Ageu Magalhães, numa atitude para aliviar o sofrimento, Di Lascio colocou no precórdio de Ulysses um chumaço de algodão embebido de cloretila, que parece ter amenizado a dor do mestre.".

Concluiu o professor Othon Bastos, sobre a importância do professor Arnaldo Di Lascio para a Escola de Psiquiatria do Recife, dizendo que por tanto *"zelo e dedicação por tudo aquilo que representava a obra de Ulysses Pernambucano", (Bastos, O. in: 1)* talvez não tenha sido Arnaldo Di Lascio *"devidamente reverenciado por seus colegas e alunos". (Bastos, O. in: 1)*

Passemos à pessoa de *José Otávio de Freitas Júnior;* nascido em 1920, formado em 1943 e falecido em 1981. Faço, de início, uma evocação pessoal, a fim de ressaltar-lhe a atualidade, assim como a dos temas de que tratou. O autor deste trabalho, formado em Medicina em janeiro de 2002; ouviu do orador de sua turma discurso em que este 'pedia licença' ao grande mestre do passado para 'plagiar-lhe' o título de seu relato (o Dr. José Otávio havia sido aluno laureado e orador de sua turma em 1943, ano de sua formatura). Dizia que este (o título) 'não poderia ser outro' que não 'A Medicina no mundo contemporâneo' e, portanto, repetia-o, o orador, passados quase 60 anos. Foi o professor José Otávio um homem plural, de atuações múltiplas, entre elas políticas, partidárias e literárias. Para sua formação confluíram influências diversas, que podem ser sumariamente explicitadas,

"De Ulysses Pernambucano herdou o amor aos testes psicológicos, à Neurologia, à Psicologia, à Psiquiatria social. De Jarbas Pernambucano, a experiência neurológica; de Sylvio Rabelo, o interesse pela

Psicopedagogia e pela Literatura. De Emílio Mira y López e José Leme Lopes, a aptidão para a clínica psiquiátrica e para a psicometria." (Bastos, O in: 1)

Podem-se acrescentar, como temas de seu interesse, a semiologia e a propedêutica psiquiátricas. No terreno das 'humanidades', lembremos que aos 21 anos foi vencedor de prêmio literário, *'Prêmio José Veríssimo de Critica Literária da Academia Brasileira de Letras',* em 1942; tendo publicado seu livro *'Ensaios de Crítica de Poesia',* com prefácio de Gilberto Freyre. Já no ano seguinte, publicaria *'Ensaios de Nosso Tempo',* coletânea de artigos de revistas e jornais, com prefácio de Mário de Andrade. Era, na observação do professor Luiz Salvador de Miranda Sá – Jr. (1), "*das mais brilhantes e nobres expressões dos mestres da nossa Escola*", carregado de "*brilho intelectual, honestidade científica, auto-exigência em matéria de estudo, rigor metodológico nos trabalhos, coragem cívica e moral" (1)* e no dizer do professor Othon Bastos, (in: 1)

"*José Otávio sempre buscou e exerceu em plenitude sua dignidade, tanto no terreno pessoal quanto no profissional e científico. Sua probidade humana e zelo profissional foram incontestáveis, constituindo-se, ao lado dos seus valores e convicções éticas, políticas e científicas, nos fundamentos e nas diretrizes de sua existência."*

Em 1958, recebeu convite do professor José Leme Lopes (quando este assumiu a Cátedra de Psiquiatria da antiga Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil) para ser seu primeiro assistente; recusou-o pelo simples fato de ter, para assumir o posto, de deixar o Recife. Anos mais tarde, em 1964, por questões de ordem política, haveria de deixar sua cidade. Na ida ao Rio de Janeiro, recebeu apoio de várias pessoas, *"..., particularmente Ulisses Vianna Filho que, a exemplo do que fizera seu pai (Ulisses Vianna) com Ulysses Pernambucano na época do Estado Novo, o acolheria em seu Sanatório Botafogo..." (Bastos, O. in: 1).*

O professor Othon Bastos (in: 1) tentou elencar, de maneira resumida, suas obras, algumas das realizações e a importância das mesmas.

<u>Principais trabalhos publicados:</u>

1. *Introdução ao Estudo Psicobiológico da Tuberculose Pulmonar, 1946.*
2. *Contribuição ao Estudo da Psicotropia – Tese de Livre-Docência, 1949.*
3. *Investigação Semiológica em um Grupo de Deprimidos de Ambulatório. Tese, 1951. (Trabalho de extrema importância, pioneiro em seu gênero, tese modelar e inovadora)*
4. *Conceito de Incapacidade Psiquiátrica em Previdência Social, 1957.*
5. *Freud e o Significado Atual da Psicanálise, 1956.*
6. *Um Índice de Psicometria e suas Possibilidades Semiológicas, 1955.*
7. *Contribuição ao Estudo do Desenho da Figura Humana como Parte do Exame Psíquico, 1956 (teste pioneiro de "psiconeurologia")*
8. *Diagnóstico Biotipométrico e sua Importância em Clínica Psiquiátrica, 1958.*
9. *Seleção de Estudantes ao Curso Superior, 1957 (pesquisa original).*
10. *Introdução ao Estudo Psicológico da Classe Média, FAFIRE, 1955 ("Ensaio valiosíssimo, o mais importante e valioso ensaio de psicologia social, com forte conotação política marxista." (1) Esboça o que seriam as mais universais características psicológicas da classe média: "a desconfiança, a incapacidade de confiar, de se integrar afetivamente" (1)).*
11. *Elementos Básicos de Semiologia Psiquiátrica, 1958.*
12. *Contribution to the Clinical Study and Concept of Schizopathic Neurosis. Zurique, 1957.*
13. *Quelques Épreuves Semiologiques pour lê Diagnostic de la Schizophrénie. Zurique, 1957.*
14. *Contribution à l'Étude Biotypométrique de quelques Mesures segmentaires pour la Diagnostique Constitutionelle des Schizophrénies. Zurique, 1957.*
15. *Valor Diagnóstico de Algumas Provas Psicomotoras em Clínica Psiquiátrica, 1958.*
16. *Personalidade e Epilepsias, 1960.*
17. *Um Inventário de Sintomas Psiquiátricos, 1972.*
18. *Aspectos Semiológicos da Patologia Mental na Velhice, 1973.*
19. *Testes Psicológicos no Diagnóstico Psiquiátrico, 1974.*
20. *Uma Flor no Túmulo de Jung, 1975.*
21. *Marxismo e Psicanálise, 1968.*
22. *Histórico e Causa da Prostituição, 1966.*
23. *Pavlov: Vida e Obra, 1966.*
24. *O Exame Psiquiátrico: Objetivos, Modalidades e Diretrizes, 1975.*

Acrescente-se artigo de 1940, publicado em Neurobiologia, *'A noção de mana nas superstições do norte do Brasil'.*

Listem-se, ainda, suas atividades docentes e literárias:

1. *Prêmio José Veríssimo de 1942 da Academia Brasileira de Letras, com Ensaios de Crítica de Poesia, com prefácio de Gilberto Freyre.*
2. *Ensaios de Nosso Tempo, com prefácio de Mário de Andrade, 1943.*
3. *Livre-docente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Recife (UFPE), 1950.*
4. *Aprovado em segundo lugar para o Concurso de Professor Catedrático de Clínica Psiquiátrica da FMUR (UFPE), 1952.*
5. *Professor Adjunto de Clínica Psiquiátrica da UFRJ, 1970.*
6. *Participação nos I e II Congressos Mundiais de Psiquiatria, em Paris (1950) e Zurique (1957).*
7. *Assistente de Ensino de Clínica Neurológica da FMUR, 1950.*
8. *Professor de Psicologia da Faculdade de Filosofia da UFPE, 1953.*

Lembre-se que há pelo menos dois fatores que devem ser considerados em sua biografia; a *"desorganização de seu desempenho pessoal e seu pouco caso pelas convenções sociais" (Sá – Jr. in: 1),* além do engajamento político, que, iria obrigá-lo a cumprir *"exílio em seu próprio país", (Sá – Jr. in: 1)* após os primeiros dias de abril de 1964. Morreu após breve e inclemente enfermidade.

7. O professor José Lucena (notas biográficas)

'O professor Lucena, o mais expressivo representante dessa Escola (do Recife), tem mantido a chama acesa e dado prosseguimento à obra de seu antecessor. '

Othon Bastos

'O pensamento do professor Lucena manteve-se bastante fiel às características da Escola Psiquiátrica orientada pelo professor Ulysses Pernambucano.'

Galdino Loreto apud Éverton Sougey

'... mas, foi na obra de Lucena que a Escola Psiquiátrica do Recife corporificou-se, em sistemática e estrutura.'

Éverton Sougey

No exame dos discípulos diretos de Ulysses Pernambucano que propusemos empreender, resta-nos focalizar as atenções para aquele que, formalmente, viria a ser considerado o sucessor do professor Ulysses, no campo psiquiátrico sensu strictu, sobretudo por ter assumido a Cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife (atual UFPE) – em 1952, embora não tenha vindo a suceder Ulysses Pernambucano, que nunca ocupou esta cátedra (vide capítulo anterior desta obra, 4.8). Trata-se de José Cavalcanti Lucena da Mota Silveira, ou simplesmente José Lucena; nascido em 20 de fevereiro de 1909, em terras do engenho Paróis, Murupé de Vicência, então município de Nazaré da Mata, na zona da mata pernambucana. Lembremos que nos documentos oficiais consta 1908 como ano de nascimento porque teve de 'aumentar' a idade para ingressar no curso médico em Salvador. **(Imagem 29)** Descendia por linhagem

materna de Henrique Pereira de Lucena, o Barão de Lucena, (vide notas p. 11) seu tio-avô e que desempenhou papel de destaque no assentamento da pedra fundamental para a edificação do asilo da Tamarineira em Pernambuco. José Lucena fez os primeiros estudos no próprio engenho Paróis, o curso secundário e o pré-médico foram feitos no Recife. Iniciou o curso médico em Salvador, de onde se transferiu para o Rio de Janeiro, para a Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, tendo-se formado em 1929, aos 20 anos de idade (como Ulysses Pernambucano). **(Imagem 30)** Data desta época o encontro do ainda estudante (interno) José Lucena com o então médico residente José Leme Lopes (que seria depois Professor Emérito e Titular de Clínica Psiquiátrica da Universidade Federal do Rio de Janeiro). O professor Leme Lopes escreveu a respeito deste primeiro contato, (in: 67) ocorrido em 1927, num almoço na Casa de Saúde Dr. Eiras, no Rio de Janeiro, quando avistou um jovem estudante que, embora almoçando, permanecia com um volume às mãos,

"Curioso e também amigo de livros, consegui ler o título do volume, que tanto interesse despertava ao nosso comensal. Não identifiquei o autor. O romance se chamava 'À l'ombre des jeunes filles em fleur' (À sombra das raparigas/moças em flor). Lucena, era ele o novo interno, conduzia-me assim ao caminho de chez Swann. Disso até hoje lhe sou grato."

Em 1931 ingressou José Lucena na Assistência a Psicopatas de PE, **(Imagem 31 e 32)** com a defesa da tese '*A paralisia geral em PE'*. Passava então a conviver de modo mais amiudado, como colaborador, com Ulysses Pernambucano, tendo exercido alguns cargos de direção na nascedoura Assistência a Psicopatas de Pernambuco. Sobre este período, vejamos relato de um seu contemporâneo e amigo, o psiquiatra e professor (UFPE) Arnaldo Di Lascio, (in: 67) *"Sua atuação na reforma fundamental empreendida por Ulysses Pernambucano humanizando e dando cunho médico-científico à assistência psiquiátrica em Pernambuco – ... marca o verdadeiro nascimento da psiquiatria em nosso meio – ."*

Em 1933 concorreu à Livre-docência de Fisiologia e em 1938 à Livre-docência de Psiquiatria, com a importante tese sobre *'As formas de início da esquizofrenia'*

(segundo relato de alunos, o professor costumava dizer que havia muitas portas de entrada na esquizofrenia e poucas de saída). No início dos anos 40 concorreu à Cátedra de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife (havia tido um 'namoro' com a fisiologia antes do interesse pela psiquiatria, o que, aliás, também havia ocorrido com o professor Ulysses Pernambucano), concurso no qual enfrentou o já renomado professor Nelson Chaves, genro do diretor da Faculdade, professor Oscar Coutinho, tendo sido aprovado e classificado em segundo lugar. Para ilustrar seu afinco nas atividades de ensino ao longo da vida, busquemos depoimento de seus colaboradores (67, prefácio)

"*O setor de atividade, porém, em que teve atuação mais destacada foi sem dúvida o do ensino, para o qual revelou desde cedo vocação autêntica e irresistível. Sua carreira docente começou pouco depois de formado, quando se tornou assistente do professor Ulysses Pernambucano na Cátedra de Fisiologia Nervosa da então Faculdade de Medicina de Pernambuco. Antes de completar dez anos como médico já se submetera a dois concursos de Livre-Docência: um para a referida cadeira e outro para a de Clínica Psiquiátrica. A partir de 1942, quando se classificou em segundo lugar no concurso para Catedrático de Fisiologia, restringiu toda a sua atividade científica e docente ao campo da Psiquiatria. De 1939 até 1949 regeu todos os anos cursos equiparados da Clínica Psiquiátrica. Em 1950, assumiu a cadeira em caráter interino e dois anos depois tornou-se efetivo, com a aprovação em primeiro lugar no Concurso para professor Catedrático. Ainda em 1950, participou da fundação da Faculdade de Ciências Médicas, hoje integrante da Universidade de Pernambuco.*"

Em 1950 foi aos EUA, participou de cursos de pós-graduação em Psiquiatria Social e Especial e de aulas sobre diagnóstico de personalidade (Boston). Freqüentou também um curso de terapêutica psicobiológica (orientado por Muncie, seguidor de Adolf Mayer). Em Pernambuco, criou a primeira unidade psiquiátrica em hospital geral ao norte da Bahia, funcionando no Hospital Pedro II e, em seguida, no Hospital das Clínicas (da UFPE). Em 1952, tornou-se professor catedrático de Psiquiatria da Universidade do Recife, defendendo a tese '*Modificações psicológicas observadas no decorrer do choque hipoglicêmico de Sakel*', em concurso bastante disputado, do qual também participou o professor José Otávio de Freitas Jr. Em 1954 e 1955 foi à França, realizou pesquisa epidemiológica, conheceu os serviços do professor Jean Delay (voltaria para lá

em 1960, quando também atuaria no Centro Psiquiátrico de Saint Anne, dirigido por Daumezon). **(Imagem 33)** Em seguida, visitou as clínicas psiquiátricas alemãs em Bonn, Heildelberg, München, Tubingen, Wurzburg, Göttingen.

Em 1974, no curso de sua presidência à frente da Associação Brasileira de Psiquiatria, organizou no Recife o Simpósio 'Esquizofrenia Hoje'. Vejamos seu próprio depoimento a respeito, na nota de abertura do evento, (87) **(Imagem 34)**

"A Associação Brasileira de Psiquiatria inicia neste momento o Simpósio 'Esquizofrenia Hoje'. Propósitos de afirmar sua presença integradora nas diferentes áreas do país, de recolher, na fonte, as expressões do pensamento psiquiátrico nacional e de permitir intercâmbio crescente das correntes de idéias que dividem, às vezes, mas às vezes aproximam médicos voltados para os enigmas da patologia mental, convidou um grupo significativo de figuras representativas de nossa especialidade para debater, mais uma vez, o que é possivelmente o problema central da psiquiatria, o problema da psicose por excelência, a questão da esquizofrenia, tal como se apresenta nos dias atuais."

Compareceram a este Simpósio eminentes figuras do meio psiquiátrico nacional, tais como Álvaro Rubim de Pinho, Eustachio Portela Nunes, Ulysses Vianna Filho, José Leme Lopes, Luiz Cerqueira, Oswald Moraes Andrade, José Caruso Madalena, entre outros.

Anos depois, em 1978, ano em que se daria sua jubilação da Cátedra de Psiquiatria da UFPE, foi a vez do professor José Lucena ser homenageado, em evento organizado pela ABP em Recife, ocorrido em março e a que se deu o título de *'Raízes e Tendências da Psiquiatria no Brasil',* ao qual compareceram, para discutir o tema e louvar o psiquiatra pernambucano, entre tantos outros, os psiquiatras José Leme Lopes, Ulysses Vianna Filho, Wandick Ponte, Salvador Miranda, Luiz Cerqueira, Heronides Coelho Filho.

Durante os últimos anos de vida, esteve o professor Lucena envolvido com problemas crônicos de saúde, tendo-os enfrentado de modo condizente com sua personalidade, "*como um estóico*" (disse o professor Othon Bastos). Faleceu no

Recife em 03 de setembro de 1997. Ao longo da vida, residiu em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Boston, Paris e Heildelberg (cerca de 30 viagens).

Resumem-se abaixo os principais cargos, postos e atribuições exercidos.

- *Professor Catedrático de Clínica Psiquiátrica da antiga Universidade do Recife (atual UFPE)* ***(Imagem 35)***

- *Professor Fundador e Catedrático de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco (hoje UPE)* ***(Imagem 36)***

- *Professor Emérito da UPE* ***(Imagem 37)***

- *Ex-presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), 1973- 1975*

- *Ex-presidente da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil*

- *Na antiga Divisão da Assistência a Psicopatas do Estado de Pernambuco: Diretor do Serviço Aberto, Diretor do Manicômio Judiciário e Diretor Geral*

- *1º presidente do Departamento de Psiquiatria da Sociedade de Medicina de Pernambuco (embrião da futura Sociedade Pernambucana de Psiquiatria)*

- *Membro da Academia Pernambucana de Medicina* ***(Imagem 38)***

- *Perito em Dependências a drogas da Organização Mundial da Saúde* ***(Imagem 39)***

- *Membro da Academia Brasileira de Ciências Médico - Sociais* ***(Imagem 40)***

- *Detentor das Medalhas de São Lucas e Maciel Monteiro, prêmio da Sociedade Pernambucana de Medicina*

- *Psiquiatra de língua francesa, relator de diferentes temas em vários congressos mundiais de Psiquiatria*

7.1 O professor Lucena visto pelos alunos e colaboradores

Foi, o professor José Lucena, homem admirado por seus alunos e colaboradores. Na preparação deste trabalho tive a oportunidade de entrevistar alguns de seus colegas e discípulos, que privaram de seu convívio mais próximo, escolhendo, entre estes, decerto com um critério algo pessoal, aqueles que seguiram carreira docente. De forma consensual, tinham-no como um possuidor de notória cultura psiquiátrica. O psiquiatra e professor (UFPE) Tácito Medeiros* **(Imagem 41)** ressaltou no professor Lucena a erudição, como já fizera em escrito o psiquiatra Luiz Salvador Miranda Sá - Jr, quando afirmou, *(Sá – Jr., in: 1)*

"... lia atentamente (José Lucena) e com avidez em espanhol, inglês, francês, italiano, e alemão. Tinha uma biblioteca invejável pelo ecletismo e refinamento científico e literário."

O professor Othon Bastos* **(Imagem 42)** lembrou uma brincadeira que os alunos de Lucena (incluindo o próprio relator da história) lhe faziam e sob a qual nunca tiveram êxito ao longo de vários anos. Consistia em, abordado determinado assunto psiquiátrico nos seminários ou reuniões clínicas, perguntar se era do conhecimento do professor Lucena um livro recém-publicado ou mesmo algum que acreditavam ser inusual ou pouco estudado, como que a 'testar' o velho professor. Este, ao longo de anos, nunca 'desconheceu' qualquer das referências e, na maioria das vezes, detinha-se em análises aprofundadas acerca de capítulos específicos, (nas palavras de Salvador Miranda*) "... com preciosidades como o número da página e a posição do parágrafo nela." (Sá – Jr., in: 1);* qualidades e defeitos da obra, como que a destruir os planos 'maledicentes' dos alunos. O psiquiatra e professor (UFPE) Osmar Gouveia* **(Imagem 43)** ressaltou-lhe o conhecimento sobre psicopatologia e a

proximidade com a 'escola alemã de Psiquiatria'. A psiquiatra e professora (UFPE) Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque* **(Imagem 45)** o via como um grande cientista, fenomenologista, observador, também lhe aproximando da escola alemã.

Dentre os alunos, discípulos ou colaboradores, são muitos os que lhe ressaltaram características pessoais que se refletiam em comportamento e conduta como professor. Foram referidos o rigor (Dra. Maria Cristina Cavalcanti*), a meticulosidade e a organização (Dr. Osmar Gouveia*), - refletindo mesmo certos traços obsessivos, além da notória timidez. Ilustremos o dito acima com dois exemplos de pessoas que conviveram muito proximamente com o professor Lucena, os psiquiatras e professores (da UFPE) Arnaldo Di Lascio e José Carlos Cavalcanti Borges. Vejamos depoimento do primeiro, ao comentar sobre o colega Lucena, (in: 67) *"... (de) personalidade organizada, obsessivamente organizada no desempenho de suas obrigações, extraordinariamente produtiva, por demais escrupulosa em suas responsabilidades,..."*

Transcrevo diálogo ocorrido entre os psiquiatras José Carlos Cavalcanti Borges (o Zé, no dizer do amigo Lucena) e José Cavalcanti Lucena da Mota Silveira (o Mota, no dizer do colega Cavalcanti Borges), em que o primeiro, que além de psiquiatra foi teatrólogo e ator, conclamava o colega Lucena, após assistir uma aula sua, a nelas inserir uma pitada de fazer artístico, a despeito do reconhecido conteúdo teórico e originalidade já presentes, (in: 67)

(O professor Lucena inicia o diálogo)
"Então, seu Zé?
- Bem, muito bem. Muito bem, mas...
- Mas o que?
- Mas carece de sangue na guelra do falante. Falta uma cota de vibração, uma certa musicalidade! Ritmo no tocar o seu instrumento de dizer, precisa. Isso, Mota. Precisa uma dose de histrionismo. Você sabe que o professor lucra em ser seu tanto ator teatral; mormente em atos solenes!

- Não posso agir de outra maneira.

- Mas promete que vai tentar, mais tarde, na hora?

- Não prometo. Não posso cumprir. É uma violência contra mim que não posso praticar."

Certamente mais por questões ligadas à personalidade do que pelo inquestionável saber psiquiátrico, seus alunos são de opinião corrente que as aulas teóricas do professor Lucena estavam aquém de seu conhecimento sobre o assunto, pelo caráter um tanto monótono que assumiam.

No trato com os doentes, disse seu ex-aluno, Dr. José Francisco de Albuquerque*, psiquiatra e professor (da UFPE), *"... humildade, compromisso com o paciente e uma abordagem ampla e humanística"*, no que corroborou o professor Osmar Gouveia*, *"... (trabalhava) indo a fundo e se detendo nas minúcias de cada caso. Mesmo depois de estabelecido o diagnóstico, continuava-se a entrevista."*. Sobre o mesmo tema, de novo seu amigo e contemporâneo Cavalcanti Borges, (in: 67)

"Madrugava, queria ver com folga os pacientes recém-entrados. Indagava, inquiria, verrumava antecedentes de qualquer espécie; metia-se no passado, no presente e no futuro do doente novo. Apalpava, percutia, auscultava, realizava sistemático exame neurológico, beneditino em guerra pacífica contra as circunstâncias quase sempre adversas - ...".

Muitos dos alunos relembraram passagens de cunho pessoal, em que deixaram transparecer a afeição pelo professor Lucena. Dr. Osmar Gouveia* contou tê-lo conhecido no 3º ano de medicina e, a partir de então, ter passado a aprofundar seu interesse pela psiquiatria; tinha por José Lucena grande admiração (que era, segundo alunos, recíproca) e era por ele orientado em trabalhos científicos. Dra. Maria Cristina Cavalcanti* lembrou que, como ocorria com Ulysses Pernambucano (a quem José Lucena chamava 'Ulysses, o Grande', também o professor Lucena sabia, no que toca ao aluno, *"... identificar as potencialidades."*.

Autor de obra psiquiátrica extensa e variada (que será abordada em capítulo próprio), foi, a um só tempo, homem de ciência,

"... de probidade e seriedade científicas, de pertinácia e espartana disciplina profissional, que lhe permitiram cumprir à risca o próprio dever com zelo inigualável e simultaneamente manter-se sempre na vanguarda dos conhecimentos psiquiátricos, constantemente atualizado e a par de todas as novidades científicas" (73)

e *"profundo conhecedor da natureza humana (dos pacientes e dos alunos)"*,
nas palavras de Maria Cristina Cavalcanti*.
Aglutinou seguidores, em função de sua dedicação para o ensino com os mais novos e as atividades como preceptor da residência médica. Foi o professor José Lucena, no dizer de um dos que com ele conviveram como aluno, (Sá – Jr., in: 1)

"Mestre por vocação irresistível, autêntico chefe e criador de Escola, haja vista ter sabido aglutinar ao seu redor durante quase meio século e, particularmente, nestes últimos... anos em que esteve à frente da Clínica Psiquiátrica do Hospital Pedro II, uma vasta legião de alunos e discípulos, hoje espalhados praticamente por todo o país. E com que habilidade e isenção de preconceitos de ordem política, social, religiosa ou cultural, soube escolher seus colaboradores."

.....
.....

** Depoimentos pessoais/ entrevistas ao autor.*

8. Nova 'visão panorâmica da produção científica de José Lucena' *

'Se se pudesse resumir, se se pudesse dizer em uma simples palavra o grande valor, o grande mérito da obra do professor José Lucena é ter dado continuidade e dado estrutura à escola psiquiátrica pernambucana.'

Ulysses Vianna Filho

* referência ao relato '*Visão panorâmica da produção científica de José Lucena*', feito pelo professor Galdino Loreto na 1ª Jornada Pernambucana de Psiquiatria, em 03/12/1981 e posteriormente publicado em Neurobiologia (77)

O psiquiatra e professor (UFPE) Galdino Loreto teve a oportunidade de, em duas ocasiões, analisar a produção científica do seu colega e antecessor, o professor José Lucena. A primeira, quando pôde saudá-lo na solenidade em que este recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco e a segunda quando atendeu a convite do presidente da Sociedade Pernambucana de Psiquiatria, proferindo palestra em 03.12.1981, na 1ª Jornada Pernambucana de Psiquiatria, ocasião em que, respondendo aos reclamos, resolveu, em suas próprias palavras, "*tornar mais conhecidas entre os jovens psiquiatras as investigações e as idéias de um estudioso da Psiquiatria.*" *(77)* O professor Galdino Loreto recolheu as publicações do professor José Lucena, e, a partir de método próprio por ele explicitado, (77) um "*critério misto*", em parte relevando o "*tema estudado*", em outra parte, "*a natureza dos recursos empregados*", propôs um agrupamento em função das semelhanças encontradas.

É a tarefa parecida que se propõe o autor destas linhas. Como força impelidora, notam-se pelo menos três razões que o impulsionaram para tal empreitada, quais sejam: o surgimento de novas publicações de José Lucena após as revisões feitas por Galdino Loreto [mesmo após 1981 frutificaram algumas produções do

professor Lucena, sendo que algumas de marcada importância, p. ex. seu derradeiro trabalho de uma série sobre as dependências químicas, (99)]; em segundo lugar, a distância de quase trinta anos da avaliação realizada, um razoável tempo histórico, ainda mais se levarmos em consideração a velocidade atual dos avanços científicos, a nos propor novas ordenações e novos modos de percepção de temas já consagrados; cabendo, portanto, uma atualização sobre o trabalho realizado e, por último, principalmente a fim de atender a um dos propósitos específicos deste trabalho, o de, ao avaliar e classificar a produção escrita do professor José Lucena, investigar os vínculos e relações (assim como as proximidades e divergências) com as características da Escola de Psiquiatria do Recife. Ressalte-se aqui, que, em virtude da qualidade dos textos do professor Galdino Loreto, não há como empreender qualquer tarefa neste sentido que não parta da análise de seus trabalhos. O que se pretende, com efeito, é propor discretas contribuições a um novo ordenamento, introduzindo pequenas alterações e alguns acréscimos. Registre-se também que não se trata, de maneira concordante com o teor dos estudos do professor Galdino Loreto, de fazer considerações quaisquer sobre os conteúdos dos temas abordados por José Lucena. A esta empresa já se engajou, com maior capacidade e talento, o próprio professor Lucena. Intenciona-se muito mais a uma descrição, não sem certo teor contemplativo visando a uma classificação, das análises por ele empreendidas.

Faça-se uma nota introdutória sobre a amplitude dos textos escritos pelo professor Lucena. Quaisquer de seus trabalhos, independentemente do desenho de estudo proposto, podem ser encarados como de revisão histórica, tal a multiplicidade de referências e citações neles presentes, demonstrando o psiquiatra um largo conhecimento acerca dos temas estudados e das obras citadas, percebido ainda no tom peculiar com que a elas se dirigia. Anedoticamente exemplifico. Em um dos textos em que abordou a questão da maconha, (93) para substanciar uma afirmação sua, invocou (para lhe confirmar a observação) 19 autores que haviam realizado afirmações na mesma linha. Cito

outro exemplo. Cultor da neuropsiquiatria, não deixando de lado a 'porção médica' do trabalho psiquiátrico, realizava, em seus pacientes, minuciosos exames físicos/ neurológicos, um dos quais aqui reproduzo, (93) chamando atenção para a riqueza de detalhes na descrição,

"Ao exame: indivíduo de estatura mediana, leptossomático (à inspeção). Conjuntivas oculares congestas. Círculos percorneanos. Gânglios de Ricord palpáveis. Não apresenta esternalgia nem tibialgia. Nada de anormal nos aparelhos respiratório e digestivo. Ictus cordis no 5º espaço, linha mamilar, forte, difuso. Bulhas claras, taquicardia. Pressão arterial: Mx. 10 Mn. 6,5. Marcha normal. Todas as posições são possíveis. Romberg ausente. Não se verificam anormalidades dos reflexos tendinosos e cutâneos. Pupilas de diâmetro igual e normal, reagindo bem à luz e acomodando prontamente. Durante a exposição à luz, as pupilas se dilatam e se contraem ritmicamente."

Era também versado em apreciações menos ortodoxas ao campo da Medicina, em que sobressaía o analista da sociedade, como comprova excerto de escrito seu que transcrevo, (65) em trecho no qual procurava delinear o panorama em que iniciava a vida profissional o médico Ulysses Pernambucano,

"A época em que se desenrolou sua atuação como médico, em 1912, até sua morte, em 1943, correspondeu a um período de transformações, (que gradualmente se aceleraram) da sociedade e da cultura do Brasil. Foi um período em que nosso país sobretudo depois da 1ª Guerra Mundial, começou literalmente, a cair em si. Época de inquietação reformista e, por vezes, revolucionária, marcada pela inquietação político-social, manifestada nos dois 5 de julho, na Revolução de 30, de cujas aspirações libertárias conflitantes resultaria contraditoriamente o chamado Estado Novo, no aparecimento de núcleos partidários da extrema direita e da extrema esquerda, devotos de violência. Marcada, também, no domínio das idéias, pelo movimento modernista de 1922 e o manifesto regionalista de 1926, renovadores das letras e das artes, pelas correntes da Escola Nova, modificadores de estrutura do ensino, pelo empenho de conhecer e diagnosticar melhor nossa realidade social, conduzindo ao surgimento, no início da década de 1930, ao marco que é Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freyre. Foi, ainda, a época da aceleração do crescimento urbano, do advento de novas técnicas de produção, do início de nossa progressiva industrialização e da crescente significação do proletariado urbano. Gradualmente e com excessiva lentidão, emergiu uma hesitante legislação previdenciária. Passamos a distanciar-nos da imagem do país essencialmente agrícola dos tempos de Wenceslau, mas quase sempre sob os signos da assimetria, incoordenação, desnível regional e arritmia persistente."

Faz-se necessário ainda um comentário acerca de certa ousadia pessoal 'cometida' pelo professor José Lucena, ladeado por alguns de seus mais íntimos

colaboradores. Trata-se do uso experimental de cannabis, realizado para 'fins científicos', segundo relato do próprio autor. Nesta ocasião, cada um dos participantes, a seu turno, fez uso da substância aludida e pôs-se a ser observado pelos demais, que questionavam e tomavam notas. Lembre-se que, apesar de ousada, não era tal experiência original, tendo já sido empreendida por outros autores, como nos lembrou o próprio professor Lucena. Nas suas palavras, (91)

"No intuito de verificarmos com maior segurança as modificações frequentemente referidas com grande imprecisão por nossos observados... decidimos, juntamente com os nossos companheiros de serviço, acadêmicos Arnaldo Di Lascio, René Ribeiro, João Vieira de Menezes, realizar a experiência de fumar a planta com as devidas precauções. Cada um de nós teve ocasião de o fazer em dia diferente, deixando-se então observar pelos outros."

Deixo uma contribuição pessoal, antes de partir para o exame mais detido acerca de sua produção. Nos estudos para a realização deste trabalho, pude manusear alguns textos originais do próprio José Lucena, e, em alguns deles, perceber observações pessoais e correções (grafadas de lápis a posteriori), denotando um esforço contínuo por melhoramento nos artigos, mesmo naqueles já publicados.

Baseado no 'critério misto' já explicitado, dividiu o professor Galdino Loreto a obra de José Lucena em cinco grandes grupos, a saber:

1. *Trabalhos predominantemente clínicos*
2. *Pesquisas em que foram empregados testes psicológicos*
3. *Trabalhos sobre Psiquiatria Social e Epidemiologia Psiquiátrica*
4. *Ensaios sobre aspectos históricos da Psiquiatria Brasileira e sobre temas psicológicos*
5. *Trabalhos de elaboração teórica ou de reflexão crítica*

O professor Galdino Loreto incluiu no 1º grupo uma gama de publicações; duas delas citadas como laudos periciais, (78, 79) uma que abordava reações psicóticas em reservistas, (80) ensaios clínicos com a clorpromazina e a

reserpina, (81, 82, 83, 84) uma pesquisa sobre idade da menarca e doença mental, (85) ainda dois trabalhos que versavam sobre a esquizofrenia (86, 88) e dois sobre psicoses induzidas, (89, 90) concluindo com uma série de estudos sobre o 'maconhismo' (91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99). Comentou com mais detalhes alguns deles, que considerou os mais relevantes deste grupo.

No 2º grupo, mais uniforme, aglutinou aqueles que tratavam da aplicação de testes psicológicos, quais sejam: Rorschach, (100, 101, 102, 103, 104) Szondi, (105) Bender-Gestalt, (106) Cornell-Index e Raven, (107) Sargent, (108) aplicados na averiguação de vários aspectos dos pacientes. Examinou mais detidamente aquele trabalho que se constituiu Tese da Cátedra de Psiquiatria (100) do professor Lucena.

Englobou no 3º grupo, lado a lado, os estudos que examinavam as questões de Psiquiatria Social e de Epidemiologia Psiquiátrica (109, 110, 111, 112, 113, 114), detendo-se naquelas obras que lhe chamaram mais atenção.

No 4º grupo reuniu tanto aqueles mais voltados para a história da psiquiatria brasileira (65, 115, 116, 117, 118) quanto outros que tratavam de temas psicológicos. (119, 120).

Por fim, descreveu o professor Galdino Loreto um 5º grupo, de escritos de elaboração teórica e reflexão crítica, (65, 66, 121, 122) realizados pelo professor Lucena.

Partindo da análise dos trabalhos publicados pelo professor José Lucena (tanto os já revisados pelo professor Galdino Loreto quanto os produzidos em seguida, bem como aqueles mais remotos, escritos nos primeiros anos de prática profissional), pretende este autor propor uma nova síntese, que é, em alguns pontos, muito próxima e, em outros, um tanto diferente da obra de avaliação de Galdino Loreto.

Eis a nova divisão proposta:

1. *Psiquiatria Clínica*
2. *Descrição de (ou Avaliação por) Testes Psicológicos*
3. *Epidemiologia em Psiquiatria*
4. *Psiquiatria Social, História da Psiquiatria e Serviços Assistenciais Psiquiátricos*
5. *Temas psicológicos*
6. *Elaboração teórica, análise crítica, exame do fato psiquiátrico*

No que toca aos trabalhos de *Psiquiatria Clínica (1º grupo),* propõe-se uma subdivisão, com acréscimo de algumas categorias:

a. *esquizofrenias e psicoses reativas/ induzidas (80, 86, 88, 89, 90)*
b. *psiquiatria forense (78, 79, 89)*
c. *psiquiatria transcultural e transhistórica (88, 89)*
d. *psicogeriatria (79, 118, 120, 123)*
e. *maconhismo (91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99)*
f. *análise de casos clínicos (78, 79)*
g. *psicofarmacologia (81, 82, 83, 84)*

Da lista anterior depreende-se que algumas obras compõem mais de uma categoria, em função de versarem, sob a nossa análise, sobre mais de um tema. Ressalte-se ainda que abordagens psicopatológicas, etiológicas e nosográficas perpassam por vários dos trabalhos citados embora não sejam o mote principal ou o objetivo imediato das publicações. Seguem comentários acerca dos textos de maior interesse componentes deste grupo.

Há duas obras (78, 79) em que o professor Lucena chegou a conclusões forenses, mas somente após detida análise clínica, como seria de se supor. Na primeira delas, '*Evolução regressiva de perturbações mentaes na idade involutiva', (78)* foi considerada a impressão final sobre um caso que José Lucena tinha observado e para o qual havia sido instado a compor um laudo forense. Análise clínica permeou todo o relato. Discutiram-se questões como a distinção entre a 'velhice fisiológica' e a demência

'vera', ou ainda as perturbações mentais da senilidade e as (ocorridas) na senilidade, sendo que no caso em questão, fundamentando o laudo final estava a observação de que uma evolução favorável com o decorrer do tempo falava contra uma demência senil e a favor de um quadro de confusão mental. Na segunda, '*Reação delituosa decurso de paralisia pseudo-bulbar', (79)* foi feito o relato clínico de um caso sobre o qual havia tido José Lucena a oportunidade de se pronunciar no foro. Disse o professor que embora fosse "*... a delimitação da paralisia pseudobulbar primitivamente um conceito neurológico*", a observação "*tem revelado na referida afecção um certo número de alterações psíquicas comuns*"; delimitando-as no decorrer do texto, principalmente mas não exclusivamente interessando a esfera afetiva: riso e choro espasmódicos, hiperemotividade, irritabilidade, incontinência emocional assim como distúrbios na esfera intelectual, p.ex. déficit de atenção e de memória.

Abordando a esquizofrenia ou psicoses correlatas, José Lucena deixou transparecer preocupações relativas à assim chamada Psiquiatria Transcultural/ Transhistórica. (88, 89) Em contribuição a evento realizado para debater a esquizofrenia, '*Simpósio Esquizofrenia Hoje' (Recife, 1974)* – época em que estava à frente da presidência da Associação Brasileira de Psiquiatria, abordou tal enfermidade em artigo intitulado '*Esquizofrenia e sociedade contemporânea – Conceito e mudanças sintomatológicas'. (88)* Neste, dissertou acerca da natureza da esquizofrenia, comentou a mudança sintomatológica dos quadros da época, que, segundo seu aval, teria relação com: progressos conceptuais, mudanças de períodos históricos, mudanças culturais, transformações do cuidado e tratamento dos pacientes. Tratou sobre a obra de (Eugen) Bleuler e do quanto teria sido influenciada pelas contribuições de Freud ('spaltung'/ cisão/ distúrbios associativos). Observou o alargamento das perspectivas de abordagem com a psicologia compreensiva Jaspersiana, o diagnóstico pluridimensional, a análise estrutural de Birnbaum. Comentou sobre o curso e a etiopatogenia da esquizofrenia. Fez ver que se notaram algumas modificações na assistência psiquiátrica após as contribuições de Bleuler, tais como: incentivo à alta precoce e à participação familiar, incremento do cuidado ambulatorial, sistematização da terapia pela ocupação. Notou-se, segundo a análise, uma redução, ainda que parcial, de sintomas regressivos com a instituição de tratamentos socioterápicos e dinâmicos. Refletiu sobre o institucionalismo (tema de seu interesse) e a antipsiquiatria (com críticas à atitude passional). Referiu algumas mudanças transhistóricas e

transculturais acerca da doença esquizofrênica, p.ex. sobre a freqüência dos subtipos sindrômicos; em que estaria havendo aumento das formas paranóides, diminuição das catatônicas e manutenção das hebefrênicas. Terminou relevando a contribuição psicofarmacológica e introduzindo a questão de uma nova entidade/ doença: a esquizoafetiva ou ciclo-esquizofrênica.

Também sobre esquizofrenia/ psicoses versou a tese de livre-docência em Psiquiatria do professor José Lucena, defendida em 1938, intitulada *'Contribuição ao estudo de algumas manifestações iniciais das esquizofrenias'. (86)* Vejamos como o professor pernambucano introduziu o assunto, com destaque para suas implicações,

"A sintomatologia inicial das esquizofrenias sempre foi apontada como imprecisa e de difícil caracterização. A experiência demonstrou aos psiquiatras como quadros sintomáticos de aparência banal e pouco perigosa eram capazes de assumir um aspecto tipicamente maligno e evoluir no fim de um tempo variável, para estados terminais com todos os indícios de deterioração. O reconhecimento precoce desses estados de esquizofrenia implicaria sem dúvida enormes benefícios do ponto de vista clínico, terapêutico e social. Infelizmente é pouco provável – e isso durante um tempo ainda bastante dilatado – que se possa dar resposta definitiva às dúvidas e interrogações que o contato com certos pacientes em fase inicial suscita no espírito do especialista."

O professor Lucena situou ainda os possíveis alcances e limitações do trabalho por ele desenvolvido,

"O presente trabalho não tem por objetivo estabelecer quais os sinais indiscutíveis, característicos ou patognomônicos do processo esquizofrênico e sim apontar os sintomas ou manifestações iniciais do processo sem a preocupação de estabelecer entre eles relações de subordinação ou hierarquia. Tais sintomas ou manifestações iniciais são de importância desigual. A análise estrutural revela estarem alguns ligados ao próprio processo esquizofrênico e representando sua exteriorização e sendo outros simples formas de reação da personalidade invadida e a caminho da desintegração."

José Lucena analisou, de acordo com sua proposta, três grupos, a saber: aquele em que os sintomas foram referidos pela família do paciente e as manifestações eram características de esquizofrenia; outro em que, também com relato dos familiares, as manifestações lembravam, à primeira vista, outra entidade mórbida que não a esquizofrenia e um terceiro grupo em que a anamnese foi fornecida pelos próprios enfermos. Segundo o professor Lucena,

"Uma vez agrupadas as observações de que dispomos segundo a história da doença haja sido fornecida pela família ou pelo próprio enfermo, importa procurar saber quais os sintomas que aparecem em cada um dos grupos considerados."

Concluiu pela ausência de um sintoma único definidor e pela existência de agrupamentos de sintomas nas manifestações iniciais. Em relação aos quadros que poderiam suscitar confusões diagnósticas com a esquizofrenia, estes seriam "*estados psiconeuróticos, as personalidades psicopáticas, a loucura maníaco-depressiva, os quadros parafrênicos e paranóicos.*"

Em outro artigo, '*Uma pequena epidemia mental em Pernambuco',* (89) José Lucena resvalou, entre outros assuntos, para a abordagem e o exame de questões relativas à psicologia das massas/ multidões. O professor teve a oportunidade de examinar 8 participantes de episódio ocorrido em Panelas - PE em maio de 1936, no qual um morador local, João Cícero, após ter se sentido tomado pelo espírito de um padre, o padre Cícero Romão Batista, logo em seguida à passagem de um avião por aquelas terras (fato inédito), liderou um movimento que, partindo de um matiz religioso, terminou por culminar em atos agressivos contra moradores (incluindo o assassinato do diretor de polícia local), com toda a carga de repercussões sociais inerentes. Houve confronto com a polícia, no qual ocorreram mortes tanto do 'bando' comandado por João Cícero quanto dos policiais. Após este episódio, João Cícero, líder do movimento, nunca mais foi visto. José Lucena, em seu relato, narrou os acontecimentos, descreveu o resultado da aplicação de testes psicológicos nos 'pacientes' que teve oportunidade de examinar (liderados de João Cícero) e fez extensa revisão bibliográfica sobre o tema de psicologia das massas. Introduziu a questão das perturbações mentais ocorrendo em vários indivíduos ao mesmo tempo, p.ex. a loucura imposta, a loucura simultânea, a loucura comunicada, que seriam abordadas de forma mais minuciosa em escrito posterior. (90) Buscou a interseção entre os fatos psicopatológico e sociológico. Realizou uma profunda interpretação sobre o comportamento das multidões. Concluiu pela existência de doença mental (psicose de difícil especificação por falta de elementos, sobretudo da história prévia) apenas no 'meneur' (líder) e possivelmente em um dos demais participantes (pai do líder), estando os outros na fronteira entre

uma oligofrenia e uma rudeza intelectual contingente. Comentou que em multidões desorganizadas,

"Exaltação ou intensificação da emotividade dos componentes de uma massa é uma de suas características principais. Em nenhuma outra condição ela adquire tamanha força. Os indivíduos se entregam sem freio às paixões...".

Ao final, invocando uma abordagem múltipla, vaticinou,

"Tais problemas, é certo, muito lucrariam em ser considerados do ponto de vista das diferentes ciências do homem. As diversidades de perspectiva permitem que cada um se beneficie da contribuição de ramos de conhecimentos diferentes."

Aprofundando a apreciação do tema das psicoses reativas, induzidas ou de associação; escreveu José Lucena (em 1946) o estudo '*Psicoses múltiplas predominantemente reativas e psicoses múltiplas predominantemente endógenas'; (90)* a fim de examinar tema que lhe era caro. Trata-se de exame teórico de revisão acrescido de relatos clínicos com pacientes a quem assistiu como médico. Interessou-se, sobretudo, em examinar, no seu próprio dizer, *"... a possibilidade dos distúrbios mentais em um paciente representarem o papel de causa eficiente no aparecimento de perturbações mentais em membros do entourage."* Esmiuçou as descrições clínicas das chamadas loucura comunicada ou imposta (feitas por Berlyn, Lasegue, Falret e Montyel) assim como a loucura simultânea de Regis e a justaposta.

Em outro artigo seu, publicado em 1947, *'Algumas reações psicóticas registradas em reservistas incorporados ao exército'*, (80) flertou com aspectos etiológicos dos transtornos mentais, o que se verificava em muitos de seus trabalhos. Analisou as observações realizadas entre mobilizados na 7ª região militar (do exército), entre 1942 e 1945; comentou sobre aqueles pacientes que tiveram o diagnóstico de psicose reativa (tenha sido exteriorizada como crise onírica ou com delírios de grande polimorfismo), expondo sua importância. Constatou que, (80)

"... a simples incorporação às forças armadas por ocasião da mobilização acarreta para algumas personalidades predispostas o aparecimento de distúrbios mentais de gravidade variável, mas que podem algumas vezes constituir verdadeiros episódios psicóticos.",

embora ressaltasse que, *"... tais reações psicóticas de personalidades predispostas sejam certamente muito menos acentuadas e freqüentes que as chamadas neuroses e psicoses de guerra..."*.

Há um conjunto de estudos 'pioneiros' tratando da incipiente psicofarmacoterapia (81, 82, 83, 84). Trata-se de quatro trabalhos: dois escritos em português e dois em francês, que versaram sobre o uso de dois agentes neurolépticos, a clorpromazina (amplictil) e a reserpina (serpazol). Após, como de costume, ter iniciado fazendo ampla abordagem em que ressaltava a origem histórica das medicações e de sua utilização, partiu para comentar a difusão do uso das mesmas após 1952 (com os trabalhos de Jean Delay e Pierre Deniker). Utilizando-se do linguajar e do conhecimento científico da época, enumerou as 'variadas' indicações psiquiátricas do tratamento neuroléptico (com a clorpromazina e a reserpina): estados maníacos, síndromes maniatiformes, psicoses sintomáticas, reações alcoólicas subagudas, psicoses involucionais, estados de agitação em epilépticos e orgânicos. Refletindo um evidente 'otimismo terapêutico', compreensível em função da nova possibilidade que se abria com a psicofarmacologia, relatou certas indicações particulares em relação aos dois agentes. Nas depressões endógenas 'encurtariam' a duração do tratamento. Em psiconeuróticos teriam indicação de uso não só em estados de ansiedade e reações histéricas, como também, em menor escala, em pacientes obsessivo-compulsivos. Em esquizofrênicos, haveria melhor resposta quando a exteriorização clínica era de quadros oniróides e esquizofrenóides em relação àqueles com núcleo esquizofrênico bem estabelecido. Fez o professor Lucena observação sobre casos de psicose maníaco-depressiva tratados com 'amplictil'; relatou que dos pacientes que estavam em depressão, a melhora veio após tratamento com amplictil mais ECT. De maneira bastante rigorosa, relacionou achados recentes da literatura com experiência pessoal, advinda de observação clínica. Minuciosas, detalhadas, as melhoras clínicas foram explicitadas em função de sintomas – alvo; enumerou por doença específica quantos indivíduos foram expostos ao tratamento com clorpromazina e reserpina, caracterizando um extremo rigor metodológico.

Foi no exame do 'maconhismo' que o professor Lucena escreveu alguns de seus capítulos mais profícuos. Trata-se de várias publicações, contendo abordagens

diversificadas, aqui expostas por ordem cronológica. Na primeira delas, publicada em 1934, *'Os Fumadores de Maconha em Pernambuco', (91)* comentou sobre a origem dos nomes dados à maconha e a correspondência entre eles (p.ex.: quando da penetração da substância no Brasil com negros escravos - fumo da Angola -, na assimilação pelos nativos - fumo de caboclo -. Revelou aspectos epidemiológicos dos usuários da droga; estes seriam predominantemente: homens, menores de 25 anos, de classes pobres, mestiços e negros (o que revelaria aspectos sociais relacionados ao uso); relatou resultados de investigação (com testes) de 08 usuários associado a relato da intoxicação de João Vieira de Menezes (auxiliar) e auto-relato (com exposição de fatos, sentimentos, idéias pessoais) – sob experiência já descrita. Descreveu em pormenores manifestações mentais várias da intoxicação pela maconha. Em outro das publicações, '*Alguns novos dados sobre Fumadores de Maconha', (92)* fez relato de frases ouvidas de seus pacientes quando em contato destes com a cannabis (uso), escreveu ter se sentido satisfeito por ter tido a oportunidade de junto a um paciente *"assistí-lo queimar liamba"* (1,5g de maconha), no que aproveitou para descrever alguns achados psicopatológicos (sobretudo o automatismo mental) colhidos no exame dos pacientes, quais sejam, <u>de loquacidade</u>: *"quando estou com ela, me toca a palavra logo"*, <u>de euforia</u>: *"Liamba... sabe o que faz, e quando vai fazer o negócio adivinha se vai ganhar ou perder..."*; *"Estou dizendo que ela é uma professora"*; *"quando eu fumei, vi um azulão na vista e parece que tudo que havia ali era música"*; assim como de <u>irradiação do pensamento</u>: *"O pensamento que eu penso o senhor pensa também... Eu estou fumando e pensando em Fulano, ele pensa a mesma idéia e eu sei disto, porque a primeira vez que eu me encontrar com esta pessoa que eu pensei, ela me diz..."*. Em escrito seguinte, enveredou pela relação entre maconhismo e alterações sensoperceptivas, '*Maconhismo e Alucinações', (93)* ressaltou poder haver com o uso *"claramente desordens perceptivas"*, que, no entanto, não se encaixavam como alucinatórias; p.ex. as dismorfopsias relatadas por (Arnaldo) Di Lascio e René Ribeiro na citada experiência de uso conjunto da substância por Lucena e seus auxiliares. Em mais um artigo de interesse, '*Dados psicotécnicos sobre um pequeno grupo de fumadores de maconha', (94)* visou a estudar a personalidade dos fumadores, principalmente à luz das modernas técnicas, utilizando métodos projetivos, entre estes, o perfil psicológico de Rossolino, provas de medida da inteligência global, psicodiagnóstico de Rorschach. Após análise, revelou que embora se tratasse de um grupo heterogêneo, os observados apresentaram,

"tipos de estrutura da personalidade, desharmônicos ou mal integrados, embora não podendo ser encaixados em um tipo único, com déficit dos fatores de introversidade, a afetividade ou conscientemente constrita ou reprimida e empobrecida ou solicitada impulsivamente e sem regulação pelas excitações emocionais, esfera afetiva central em alguns deles facilmente perturbada, em relação possível com complexos subjacentes, capacidades intelectuais algo reduzidas."

E concluiu que, "*com tais defeitos da integração pessoal não surpreende que o uso de tóxicos esteja entre suas perturbações de conduta*". Em relação ao psicodiagnóstico miocinético de Mira, reiterou, (94)

"Em todo o pequeno grupo examinado (prevaleceram) a desarmonia, o defeituoso ajustamento e a falta de integração das tendências pessoais, com evidências de instabilidade, excitabilidade, por vezes incontinência de pulsão. Predominaram os traços depressivos reativos, sendo variável a orientação constitucional do humor... A agressividade atual e potencial foi claramente dirigida contra o mundo exterior, embora em uma minoria atenuada por traços de auto-agressão. A capacidade intelectual dos examinandos evidenciou falhas."

Em outras produções, (95, 96, 97) chegou a algumas conclusões relevantes. Por exemplo, expôs como poderiam se desenvolver as relações entre uso de cannabis e psicoses, tema, aliás, que tem sido muito investigado na atualidade.

Destas relações poderiam advir,

1. *Intoxicação aguda*
2. *Psicoses tóxicas*
    a. *chegando até psicose, porém com sinais tóxicos característicos.*
    b. *psicoses funcionais, "iniciadas ou coloridas" pela marihuana.*

Após descrição, ele concluiu relativizando os achados; neste caso, pôs-se a discutir relações entre fatores exógenos e disposições endógenas no desencadeamento das psicoses. Comentou sobre apresentação de sintomas e achados clínicos em série de pacientes, os quais dividiu em três classes.

1. Fenômenos psicopatológicos agudos (durante a embriaguez)
<u>Grupo 1.</u> (Alterações mentais verificadas)

- *Alterações do humor, em geral euforia mas também depressão, apreensão, pânico*
- *Mudanças no curso do pensamento, loquacidade mas também lentidão*
- *Diminuição da atenção e da capacidade de reter informações*
- *Aumento da psicomotricidade, com "necessidade de movimento"*
- *Alteração da noção (orientação) temporal*
- *Distúrbios perceptivos (pseudo-alucinações, alucinações verdadeiras)*
- *Fenômenos delirantes (raros)*
- *Turvação da consciência*

2. Fenômenos psicopatológicos agudos, nos que usaram uma única vez, para fins experimentais.

Grupo 2.

Confirmações ou discretas variações do 1º grupo.

3. Eventuais modificações psíquicas persistentes, encontradas em fumadores habituais.

Grupo 3.

Achados conflitantes.

Para que se sublinhe a atualidade das pesquisas levadas a cabo e a antecipação do professor José Lucena no debate destes assuntos, introduzo classificação constante em importante publicação de psicopatologia, *'Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais', (124)* obra de referência em nossos dias, escrita pelo professor Paulo Dalgalarrondo, da UNICAMP, acerca das relações entre uso de substâncias psicoativas e psicoses, "*De particular interesse à psicopatologia é a diferenciação entre as psicoses tóxicas, as psicoses induzidas por drogas e as psicoses funcionais (esquizofrenias, psicoses afetivas, etc.) desencadeadas por drogas.*"

Abordou ainda, o professor Lucena, tema mais árido, "*Canabismo e reações delituosas*", *(98)* em que revisou certo número de pesquisas nacionais e estrangeiros que se ocuparam das relações entre canabismo e criminalidade. Fez uma análise da distribuição das reações delituosas observadas em 269 'maconhistas' detidos pelas autoridades policiais de PE. Opinou que, "*o canabismo não possuiria um poder específico para o crime, mas libertaria o indivíduo de suas inibições e as ações resultantes seriam tão variadas quanto as personalidades subjacentes*". Em artigo mais recente, "*Algumas mudanças*

atuais do estilo de dependência de drogas", (99) publicado em 1987, encerrou com estilo sua análise sobre a questão do 'maconhismo'. Realizou uma exposição dos critérios da OMS sobre farmacodependência, drogadição ou dependência de drogas (não mais toxicomanias). Fez uma abordagem dos conceitos de dependência física e psíquica (com reservas a tal separação), tolerância, assim como definiu o que seriam uso passageiro, ocasional ou crônico (usos não-médicos das drogas). Situou o problema da "*universal difusão do abuso da droga*" e emitiu comentários epidemiológicos e sociológicos a respeito. Listou possíveis motivações (conscientes ou inconscientes) 'responsáveis' pela conduta psicodependente. Assinalou características da psicodependência na época em que se deu o estudo e comentou sobre condições que poderiam favorecê-la. Dissertou acerca dos diferentes tipos de substância capazes de gerar dependência. Concluiu, com parecer organodinâmico, caracterizando a questão (das drogas),

"*Problema humano de causalidade múltipla, em que se uns são dirigidos sobretudo por pulsões hedonistas, outros têm sede do absoluto, e buscam, confundindo fins e meios, escapar ao vazio interior; a dependência de drogas pertence à patologia da liberdade e é, pois, um estado mórbido, que o psiquiatra tem a responsabilidade de compreender e tentar resolver.*".

Nomenclatura da cannabis sativa e de seus produtos ou similares
(presente na obra do professor Lucena).

Maconha, cânhamo, marajuana, marihuana, grifa, sonadora, mota, oliukqui, donajuanita (as sete últimas principalmente no México), diamba, riamba, tiamba, liamba, haschisch, bang, kiff, chira, majoon, fumo da Angola, fumo de caboclo, birra e dirijo (no Pará), pito de frango.

Em determinado momento de sua vida, o professor Lucena passou a mostrar interesse em tema fronteiriço entre as disciplinas psiquiátrica e neurológica, a psicogeriatria, tendo escrito alguns artigos sobre o tema. (118, 120, 123) Tal interesse se deu quando o professor já se encontrava na maturidade, o que levou alguns alunos, em tom jocoso, a afirmar que o mestre passara a 'legislar em causa própria'. Em um dos trabalhos, '*Aspectos sócio-culturais da saúde mental na terceira idade', (123)* realizou análise histórica sobre o entendimento da sociedade para com a velhice, que cambiava de um "*reconhecimento pessimista*" para uma "*atitude mais compassiva*". Advertiu que "*condições sócio-econômico-ambientais favorecem a precipitação maior de distúrbios mentais nos velhos.*"

Fez alguns comentários pontuais acerca do tema, a saúde mental na terceira idade, vista sob o ângulo dos aspectos sócio-culturais. Afirmou, sobre doenças nos idosos de baixa renda, *"Esses contingentes... não costumam apresentar verdadeiras doenças mentais e sim 'síndromes psíquicas emocionais ou psicossomáticas, sintomas de privações existenciais'."* Em respeito à heterologia do fato psiquiátrico nesta faixa etária, disse, *"... os distúrbios psico-orgânicos não representavam a totalidade das perturbações mentais dos idosos. Um preconceito secular retardara a utilização, em idosos, das novas terapêuticas, possibilitando recuperação."* Quanto à causalidade biológico-orgânica (das doenças mentais), *"Algumas doenças mentais senis estão ligadas a doença física da idade madura"*. No que toca aos traços psicológicos (dos idosos), *"... a vida psíquica do velho é prolongamento da história psicológica anterior"*, citando Ajuriaguerra, *"Envelhece-se como se viveu."* Referente aos aspectos etiológicos de doença mental, *"Conflitos afetivos não resolvidos, defeitos de integração afetivo-instintiva, estados subjetivos persistentes de infelicidade, problemática duradoura no relacionamento humano, na profissão, no casamento, na família, na realização das aspirações prenunciam o surgimento de dificuldades maiores na 3ª idade."*; funcionando ainda como condições estressoras, *"... a morte do cônjuge, de um filho, de outra pessoa querida, o abandono conjugal ou o divórcio, discórdias continuadas no casal, perda de emprego, etc."* e como condições sócio-econômicas e culturais intervenientes, situação financeira e aposentadoria (afastamento compulsório do trabalho). Em outra obra sobre o mesmo tema, *'Alguns aspectos da evolução da psicogeriatria no Brasil' (118),* fez um grande apanhado, em que iniciou diagnosticando, *"Nossa assistência psicogeriátrica não superou ainda os defeitos de a estruturação asilar, que marcaram também muitos hospitais psiquiátricos..."*. Numa visão panorâmica da psicogeriatria nacional, ressaltou progressos tais como, *"... o abandono de antigas posições fatalistas e da chamada 'servidão neurológica', substituídas pela integração e reconhecimento dos fatores biológicos, psicoafetivos, socioculturais, pela busca de modelos assistenciais aceitáveis..."*. Fez uma grande discussão acerca de como se formaram os conceitos de demência, usando mão de uma neuropsiquiatria. Em relação à saúde mental da faixa etária idosa, abordou aspectos dinâmicos, existenciais (analíticos e fenomenológicos); comentou sobre cuidados assistenciais gerais, psicofarmacologia e ECT, progressos nos métodos de investigação e psicoterapia nesta população.

O *2º grupo,* na organização proposta, refere-se a trabalhos que contam em seu bojo com a *Descrição de (ou Avaliação por) Testes Psicológicos*. Diferentemente do professor Galdino

Loreto, aqui incluo estudos em que tal descrição ou avaliação não seja necessariamente o mote principal ou exclusivo do trabalho, portanto aumentando o número daquelas obras que se enquadram neste grupo. (89, 91, 94, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108) Pode-se propor uma divisão por tipo de teste e temática abordada, por exemplo: exame da personalidade de adolescentes, (101) de estrangeiros, (102) de paralíticos gerais, (103) avaliação do estado de consciência e funções psicológicas após choque hipoglicêmico, (100) diferenciação de reações vivenciais depressivas, (104) convulsões na insulinoterapia, (105) integralidade do eu esquizofrênico, (106) medição de inteligência/ afetividade em candidatos ao curso médico, (107) estrutura de pacientes delirantes crônicos. (108)

O teste de Rorschach foi, sem dúvida, o mais utilizado. Em um dos textos, '*O teste de Rorschach em um grupo de paralíticos gerais', (103)* fez José Lucena uma análise dos resultados da aplicação do Rorschach a um grupo (50 pessoas) de paralíticos gerais em período de estado da doença, em comparação com indivíduos normais. Relatou as diferenças encontradas e registrou algumas das significações clínicas. No grupo dos paralíticos estariam presentes,

"*Redução da capacidade associativa, dificuldade dos processos mentais que permitem interpretações, diminuição da capacidade de concentração da atenção e da atividade das funções lógicas; certo grau de estreitamento e empobrecimento da reação aos estímulos emocionais; rigidez dos processos de pensamento; incapacidade em desenvolver novas associações, escassez do patrimônio ideativo, diminuído senso da realidade.*"

Em outra publicação, '*Alguns resultados da aplicação do teste de Rorschach a um grupo de estrangeiros em Pernambuco',* (102) falou da aplicação do Rorschach a esta população de estrangeiros. Trata-se de avaliação psicológica realizada por meio de testes, em "*obediência a exigências legais*", de estrangeiros encaminhados pelas autoridades ao Serviço de Higiene Mental, para que se opinasse sobre as condições de saúde psíquica dos mesmos. O professor Lucena justificou tal propósito,

"*Como sabemos, a prova de Rorschach tem prestado inumeráveis serviços não só no âmbito do psicodiagnóstico clínico como também na investigação das diferenças de cultura e de raça, de suma importância para as ciências sociais e também para a Higiene Mental*".

Foram examinados 169 indivíduos (135 homens e 34 mulheres), 70% deles com idade entre 20 e 40 anos, a maioria deles portugueses (38 pessoas). Foi feita uma comparação dos resultados com outros grupos, avaliados por Alda Campos, Maria da Graça Araújo e Silva e Luiz Cerqueira. José Lucena advertiu sobre fatores que poderiam ter contribuído para os resultados: desinteresse de alguns participantes pela prova, idade mais avançada de outros e certa dificuldade de linguagem naqueles recém-chegados. Concluiu,

"Pesados os aspectos positivos e negativos, o grupo em apreço se mostrou em condições equiparáveis às dos grupos normais brasileiros, resultando suas peculiaridades psicológicas explicáveis pelas circunstâncias que não reduzem o seu valor de higidez."

Ainda referente ao Rorschach, desta feita aplicado a adolescentes, '*O teste de Rorschach em um grupo de adolescentes'*, (101) comentou sobre a exigüidade de pesquisas sobre o tema, situando o corrente como *"parte de uma investigação empreendida em 1947 sobre o emprego comparado do teste de Rorschach e do psicodiagnóstico miocinético de Mira na caracterização da personalidade (dos adolescentes)".* Aplicou-se o teste a 79 rapazes, entre 14 e 19 anos, de instrução secundária. Fez-se, além do teste em questão, determinação da idade mental (IM) e do quociente intelectual (QI), bem como sumário exame psiquiátrico. Os resultados foram comparados com os obtidos em outros grupos de adolescentes e com as estatísticas nacionais de Rorschach em adultos. Após tal análise comparativa, ressaltou o professor Lucena,

"Alguns desses traços indicadores de uma personalidade menos coesa ou integrada que a dos adultos estão certamente na dependência do próprio fato biológico da adolescência mas outros serão possivelmente ligados a circunstâncias de ordem social ou educativa transitórias que influenciaram os jovens submetidos a exame."

Também versando sobre aplicação do teste de Rorschach foi escrita sua tese apresentada no Concurso à Cátedra de Psiquiatria em 1952, '*Modificações psicológicas observadas no decorrer do choque hipoglicêmico de Sakel'. (100)* Tratou, neste estudo, de situar o choque insulínico, ao lado da cardiazoloterapia e do eletrochoque, como parte do arsenal curativo do psiquiatra; embora não se conseguisse explicitar os respectivos mecanismos de ação. Explicou a intenção do estudo, aplicar o Rorschach a um grupo

de pacientes, no intuito de captar as *"eventuais mudanças psicológicas imediatas ocorridas durante o choque hipoglicêmico de Sakel"*.

Em um *3º grupo,* reúno aquelas análises que versam acerca de *Epidemiologia em Psiquiatria* (109, 110, 111, 112, 113, 114, 121).

Em uma destas obras, '*Aspectos da incidência e distribuição das doenças mentais no Brasil'*, (109) José Lucena comentou sobre o pouco interesse que, em geral, se vinha tendo pelo tema em questão (dados epidemiológicos refletindo aspectos das doenças mentais); delimitou, então, o seu objetivo, *"tratar aqui o estudo de curvas de freqüência e tabulação de coeficientes, que constituem uma análise estatística preliminar válida..."*. Frisou que no Brasil, os estudos de tal porte tendiam a examinar quase sempre os pacientes internados em hospitais. Situou, em relação às pesquisas, *"as condições modificadoras da incidência e da prevalência que são habitualmente levadas em conta"*, quais sejam: o sexo, a idade, o tipo étnico, o ambiente rural ou urbano, a educação, o nível social e econômico, o estado civil, a nacionalidade, as influências ecológicas e da localização geográfica. Em outro artigo, '*Saúde mental e adolescência'* (112) relacionou características de personalidade de adolescentes de diferentes culturas fazendo apreciação estatística das diferenças encontradas. Num escrito em que abordou *"O paciente neuropsiquiátrico em face da previdência social"*, (113) discorreu sobre as *"mudanças... da previdência social no Brasil"* e as transformações de seu papel na assistência psiquiátrica *"no sentido de uma assistência principalmente preventiva, social e comunitária."*. Há ainda uma pequena publicação, '*Alguns dados complementares sobre as variações de incidência das doenças mentais entre épocas cronologicamente afastadas'*, (114) continuação de trabalho anterior realizado na França (Departamento do Sena). No texto *'Aspectos culturais na patologia mental em certos grupos brasileiros'*, (111) realizou o professor Lucena uma abordagem de cunho transcultural, em que examinou manifestações psicopatológicas tais como amok, latah, koro, licantropia, banzo e outras. Estudou temas variados tais como as pesquisas sobre possessão feitas por Nina Rodrigues, Artur Ramos, Ulysses Pernambucano e René Ribeiro; as variações de incidência de doença mental entre a população de áreas urbanas e rurais; as 'epidemias' mentais, etc. José Lucena conclamava para a necessidade, no exame destas temáticas, de uma *"... absoluta colaboração interdisciplinar, sobretudo da psiquiatria, epidemiologia e antropologia cultural."*

Agrupam-se entre si, na proposta deste autor, no *4º grupo*, produções concernentes a *Psiquiatria Social, História da Psiquiatria e Serviços Assistenciais Psiquiátricos.* (65, 66, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 125)

O professor Lucena havia escrito em 1937, artigo em que abordou as "*Características da Escola Psiquiátrica orientada pelo professor Ulysses Pernambucano*". (66) Retomou o assunto em outro texto, (65) escrito mais de 40 anos depois, "*Ulysses Pernambucano e sua Escola de Psiquiatria Social*". Tentou, nestes trabalhos, elencar as influências formadoras do pensamento de Ulysses Pernambucano, fazer uma síntese de suas idéias (teóricas) e um retrospecto de suas realizações mais significativas, terminando por apontá-lo como pioneiro da moderna Psiquiatria Social, no sentido de uma busca por integrar os conhecimentos obtidos das ciências sociais com as técnicas e conhecimentos do psiquiatra, diferenciando-a de uma Sociologia Psiquiátrica. A Psiquiatria Social não seria dissociada de uma Psiquiatria Clínica, mas utilizaria, no diagnóstico e tratamento, a perspectiva das relações sociais e grupais. Disse o professor Lucena, "*No modo de conceituar o fato psiquiátrico, preliminar indispensável à ação do psiquiatra social, procurou o professor Pernambucano integrar conhecimentos das ciências do homem, valorizando a unidade biopsicossocial.*" Apesar de o professor Lucena reconhecer ser tarefa difícil a de identificar as influências formadoras do pensamento de Ulysses Pernambucano, tentou algumas incursões por este campo. Iniciou por identificá-las em Juliano Moreira e na orientação clínico-biológica Kraepeliniana. Na consolidação de um modelo médico de psiquiatra teriam contribuído as figuras de Antônio Austregésilo, Ulisses Vianna e Fernandes Figueira. Somar-se-ia a experiência dos 5 primeiros anos de vida profissional do psiquiatra pernambucano como 'omniprático' em municípios do interior (de Pernambuco e do Paraná), com repercussão na percepção do caráter indissociável dos problemas de saúde mental e de saúde pública. Acresça-se a convivência com Gilberto Freyre (primo de Ulysses Pernambucano), Amaury de Medeiros e, em menor escala, Sílvio Rabelo, Olívio Montenegro e Aníbal Fernandes (figuras atuantes em Pernambuco e contemporâneos de Ulysses Pernambucano). Ressalte-se interessante comentário de Ulysses Pernambucano, destacado pelo professor Lucena, acerca de tema pouco examinado em sua produção teórica. Trata-se de sua visão sobre a incipiente psicanálise. Nas palavras de Ulysses,

"A psicanálise é que se há de considerar com o respeito que impõem as coisas que verdadeiramente abalaram as idéias correntes de uma época. Quer como método de estudo, quer como explicação geral da vida psíquica em si e até nas suas manifestações mais complicadas como os sonhos e a interpretação das obras de arte, a psicanálise é o meio mais sutil de penetrar o espírito humano...", para concluir: "Toda psicanálise é um apelo às forças curativas do espírito." (65)

No trabalho, "*Histórico de Pernambuco como pioneiro, na América Latina, no campo da saúde mental", (115)* detendo-se sobre o período entre 1923 e 1935, o professor Lucena ressaltou o pioneirismo de Ulysses Pernambucano na criação de algumas instituições como o Instituto de Psicologia, o Serviço de Higiene Mental e o Hospital Aberto, que, de forma inovadora, *"... cumpriram... várias tarefas que são do domínio da psiquiatria preventiva e da comunidade...".* Revelou que, *"A prioridade de Pernambuco no domínio da prevenção dos distúrbios da saúde psíquica... se funda, sobretudo, na criação do primeiro serviço oficial de Higiene Mental que surgiu no Brasil destinado a essa finalidade exclusiva e também na fundação do primeiro Instituto de Psicologia do Brasil".* Sobre o 'Serviço', tinha por missão destinar-se, *"... a tarefas de ordem prática no terreno da neuro-higiene e à tarefa de investigação científica no domínio da psiquiatria preventiva e social"; "... conjugando aquelas duas finalidades de assistência psico-higênica e de investigação científica"*

Há dois escritos semelhantes em tema e conteúdo, (116, 125) abordando a assistência psiquiátrica no Brasil e no nordeste brasileiro, sobretudo nos 50 anos anteriores aos trabalhos escritos. Mais uma vez (já havia feito tal advertência em obras diversas), começou o autor, no primeira das publicações, *'Aspectos da evolução da assistência psiquiátrica no Brasil nos últimos 50 anos', (116)* por separar a *"... loucura, provavelmente, produto duma gênese multifatorial, em que intervêm fatores biológicos, psicológicos e sócio-econômicos..."* e a assistência aos doentes mentais, *"... produto essencialmente social, influenciada pela conjuntura, pelos desenvolvimentos sociais e culturais e pelo espírito do tempo."* Disse sempre haver, na história psiquiátrica brasileira, o embate entre um lado contestador e outro que se move no conservantismo e idealização do passado. Comentou sobre as primeiras instituições que prestaram serviços aos doentes mentais (hospitais, sanatórios e casas de saúde particulares). Descreveu os primórdios da fundação dos primeiros hospitais para doentes mentais no Brasil; o primeiro, na Praia Vermelha e os seguintes em São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas, Paraíba, Alagoas, Ceará e Estado do Rio (ainda em fins do século XIX) e Minas Gerais e Paraná (início do XX). Esboçou algumas de suas características da

época, *"... era excepcional que dispusessem de organização da praxiterapia e ludoterapia, ficando os doentes 'numa espécie de 'farniente-terapia', nociva sob todos os aspectos'." (Ernani Lopes apud Lucena, 1976).* Estava atento, porém, a que *"... em conseqüência do novo espírito de ação em prol da saúde mental, a assistência psiquiátrica deixou de ser a implacável progressão linear do número de novos leitos em hospitais psiquiátricos para assumir uma feição pluralista, de iniciativas multicêntricas."* E continuou estudando as incipientes *"... mudanças graduais na feição de assistir os doentes."* Referiu algumas destas: atenuação das formas de contenção mecânica e das medidas de força, expansão das praxiterapias, desenvolvimento das ludoterapias *("com seu valor de autoexpressão e descarga de tensões"),* alta precoce dos esquizofrênicos, formação de pessoal mais capacitado, criação dos serviços abertos, facilitação do tratamento em hospitais gerais, estímulo aos ambulatórios psiquiátricos e aos serviços abertos, reinserção social dos ex-internados, extensão da assistência heterofamiliar, somatoterapias mais eficazes, o aparecimento da psicanálise (de Freud), o movimento de higiene mental (depois saúde mental) de Clifford Beers. Refletiu positivamente sobre o caráter de tais mudanças, acreditando que elas poderiam *"... apressar o êxito do programa de transformação de nossos métodos de assistência, mantidos o pluralismo conceptual e flexibilidade de técnicas, garantias únicas do progresso científico e assegurados por outro lado os benefícios sociais, sem distorção, para todos os brasileiros*." Quanto à formação de material humano, lembrava que *"...uma ampliação de oportunidades para desenvolvimento da medicina mental foi dada pelo aumento considerável – sobretudo a partir dos últimos 15 anos – da rede de instituições de Ensino Superior"*. Relembrou ainda a criação, em 02 de abril de 1941, do Serviço Nacional de Doenças Mentais, organismo federal, ligado ao Ministério da Saúde; a estruturação da psiquiatria forense brasileira com Heitor Carrilho e outros; a fundação, em São Paulo – 1927-, da 1ª Sociedade Brasileira de Psicanálise, dirigida por Durval Marcondes.

No segundo estudo, *'Visão crítica da assistência psiquiátrica no nordeste brasileiro', (125)* este versando mais sobre aspectos loco - regionais, o autor examinou a assistência psiquiátrica no nordeste brasileiro partindo de uma visão histórica e chegando às estruturas hodiernas. Deu relevo aos momentos que se sucederam, no tocante às atividades assistenciais, sob o aspecto cronológico e de influência da estrutura social sobrejacente; elencando, então, um 1º período – colonial – em que ainda não se fazia presente o modelo médico de abordagem, vigorando uma atitude de *"coerção segregadora"* por parte da sociedade; um 2º momento – mais urbano, de organização

das cidades – emergiu, no que tange à apreciação da doença mental, um "*reconhecimento pessimista*" (Pelicier apud Lucena, 1979) e um terceiro – em que, sob o signo da influência sobre as concepções psiquiátricas de Pinel e outros – erigiu-se o chamado "*reconhecimento realístico*" (Pelicier apud Lucena, 1979). Trouxe o autor, com precisão histórica milimétrica, o ano de surgimento das primeiras instituições que abrigaram o cuidado aos doentes mentais no nordeste brasileiro. Dialeticamente, concorriam para a criação de asilos; de um lado, proporcionar aos doentes local dotado de maiores recursos assistenciais; de outro, isolar os que apresentavam conduta desviante, ainda que não devida a doença mental. Enveredou o professor Lucena por caminhos muito próximos aos que tomara em artigo já comentado, (116) quando voltou a caracterizar nos aspectos principais os hospitais, "*de feição custodial*" e "*caráter de instituição total*" *(Goffman apud Lucena, 1979)*. Constatou, enfim, uma "*imperfeita estruturação terapêutica do hospital*" e uma "*deficiência de recursos extra-hospitalares*", configurando uma arriscada psiquiatria "*de porta giratória*" (Bastos, O. e Lacerda, C. apud Lucena, 1979). Terminou conclamando por uma necessidade de mudanças, chegando a esboçar algumas delas e invocando a influência dos fatores sócio-econômicos na gênese de, ao menos, parte dos problemas observados, já que, em seu dizer,

"*O baixo nível econômico de grande parte da população dificulta programas de saúde mental, quando necessidades fundamentais – (casa, escola, alimentação, etc.) não são satisfeitas (Brody, W. Penna apud Lucena, 1979). Grande parte da psicopatologia do nordeste, como em grande parte do resto do Brasil, leva o selo da cultura da pobreza e implica uma maior vulnerabilidade das populações. (Loreto, Rubim de Pinho, etc).*"

Compõem o *5º grupo*, na divisão proposta, aqueles relacionados a *Temas Psicológicos* vários. (119, 120, 123)

Escreveu o professor artigo em que abordou, com viés psicológico, a produção intelectual na 3ª idade, *'Alguns aspectos da produtividade intelectual na terceira idade da vida em escritores brasileiros – significação para a saúde mental', (120)* em que dizia, sobre esta fase da vida, "*... a maioria dos psicopatólogos e psicólogos têm descrito principalmente os aspectos negativos*". Ressaltava o professor Lucena haver "*... na senescência normal uma transformação estrutural e não uma desestruturação (von Bracken), que já seria da alçada da*

patologia." Na avaliação de tal mudança, "*Um processo que seria capaz de fornecer resultados interessantes consiste no estudo da produção intelectual, expressiva da criatividade, durante o curso da vida e sobretudo na velhice."* Trata-se , em verdade, de esboço sobre o tema, sem qualquer laivo de conclusão definitiva; senão um exercício de análise. Quanto ao fato de criatividade e originalidade não apresentarem seu máximo em indivíduos idosos, retrucava que "*... o declínio (deve-se) mais a uma diminuição de motivação e de pulsões que a uma decadência real da capacidade criadora.";* embora ressaltasse que não seria tal visão unânime entre os estudiosos. Enumerava características clínicas das mudanças de personalidade da senescência,

"*redução da capacidade de controle dos afetos, irritabilidade, depressão, desconfiança, susceptibilidade, autoritarismo, rigidez, apego ao passado, tendência a idealizá-lo, misoneísmo, propensão ao isolamento, misantropia, preocupações excessivas com a propriedade e a segurança, dificuldade de adaptação a situações novas, conflito habitual com as gerações jovens, consciência de aumentadas dificuldades de aquisição de conhecimentos, redução dos interesses, tendência e se ocupar perseverativamente dos mesmos temas, recusa em aceitar o envelhecimento e a reduzir seu estilo de vida a suas possibilidades".*

Dizia, Sobre a produção dos idosos "*... a necessidade de levar em conta... convergência plurifatorial não só nos aspectos de declínio das funções psíquicas como nos aspectos de compensação, cujo resultado varia de um indivíduo para outro...".*

Foi em 1973, ao escrever capítulo de livro que registrou o encontro comemorativo à vida de Santa Teresa de Jesus, *'Santa Teresa e a psicologia moderna', (119)* que o professor Lucena mais se deixou envolver por seus afetos em sua produção teórica, 'contaminando' observações meramente científicas. Aqui falou menos o cientista e mais o homem de arraigada crença religiosa. No escrito, situou seu tema, pretendia uma contribuição do psicopatólogo num olhar sobre o adoecimento da religiosa, natural de Ávila, nascida em 1515 e falecida em 1582; tentando "*... estabelecer o que há de natural e de sobrenatural no pensamento da grande mística carmelita."* O adoecimento, que teria se iniciado por volta dos 16 anos de idade, foi detalhado em alguns dos episódios paroxísticos; "*... crise de excitação,... convulsões, gritando, mordendo a língua, ferindo-se, entrando depois em imobilidade e letargia."* Discutiu a interpretação dos fenômenos místicos de Santa Teresa dizendo não serem satisfatórias explicações emocionais, sociológicas, etc; já que, "*Esse estado místico superior, consistindo numa 'intuição intelectual do ser' tornado possível por especial misericórdia divina, 'não estaria submetido a qualquer*

determinismo empírico (Marechal apud Lucena, 1973)'." Desconstruiu um presumível diagnóstico de histeria da religiosa, alegando faltarem dados de "*... antecedentes, personalidade anterior, curva de vida...*". Concluiu, catatimicamente,

"*... à luz do critério mais aceitável, clínico e da psicologia histórica, Santa Teresa possuía uma personalidade dotada de extraordinários atributos intelectuais, afetivos e morais e que sua curva de vida é uma das mais superiormente realizadas, adaptadas e produtivas de que tenhamos notícia. Embora haja apresentado traços psiconeuróticos rotuláveis de histeriformes e ligados às reações vivenciais compreensíveis experimentadas ante o impacto da Graça em sua vida, não se pode dizer que tenha sofrido de verdadeira neurose histérica. O observador deve inclinar-se ante a grandeza humana de sua figura, na qual nós, crentes, distinguimos o toque do Sobrenatural.*"

Propõe-se um *6º grupo,* composto de obras de *Elaboração teórica, análise crítica* e daquelas em que é de alguma maneira colocado em relevo *o exame do 'fato' psiquiátrico.* (65, 66, 109, 110, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 125)

Na obra *'Alguns problemas brasileiros de saúde mental', (110)* José Lucena abordou detidamente aqueles que, no seu entender, seriam os problemas (e pseudo-problemas) de saúde mental no Brasil. Listou as condições que interfeririam na relação entre a saúde e a doença da população, a saber: condições climáticas e geográficas, antropológicas e etnográficas, demográficas, médico-patológicas, psicológicas, sócio-culturais e econômicas, assistenciais. Vejamos em maiores detalhes como se expressou a respeito das condições assistenciais. Aprofundando-se em assunto pelo qual tinha flagrante interesse, o professor pernambucano examinou o "*influxo negativo*" do ambiente hospitalar de característica asilar sobre o psiquismo dos pacientes. Citava, por exemplo, as contribuições neste sentido fornecidas por ex-internados como Clifford Beers e Lima Barreto. E, falando por si próprio, dizia,

"*As constatações dos defeitos dos hospitais psiquiátricos, trazidas à luz por psiquiatras com preocupações assistenciais, como Simon, Hamilton, Greenblatt, Maxwell Jones, Brody, Ey, Sivadon, Daumezon, Tosquelles, etc., ou pela análise sociológica do hospital psiquiátrico, considerado como uma pequena cidade (Kirson Weinberg, Caudill, Belknap, Stanton e Schwartz e outros) permitem individualizar uma verdadeira sub-cultura do hospital psiquiátrico, cujos traços principais são: comunidade isolada, com um sistema como de castas, só mudando vagarosamente; rigidez e invariabilidade dos papéis de pessoal técnico e auxiliar; assistência de sentido custodial; atitude médica descuidosa da psicoterapia e das relações humanas, com ênfase organicista extremada... a estrutura de pequena comunidade favorece a*

difusão dos rumores e mexericos ansiosos... Podem, (se contra eles não se ergue a consciência do psiquiatra) descer eventualmente a extremos de embrutecimento e degradação."

E sobre o tema dos problemas brasileiros de modo geral, concluiu,

"A circunavegação que efetua o psiquiatra brasileiro, em torno dos problemas de saúde mental de seu país, coloca-o em face de um duplo desafio: o de reduzir a enorme área do desconhecido da patologia mental, que diariamente ele afronta e, sobretudo, o de promover condições mais humanas e reabilitadoras para as coortes de criaturas confiadas à sua ciência e técnica, e dos quais ele tem que ser o amigo esclarecido e o defensor responsável."

Em importante publicação, "*Contribuição à classificação brasileira de doenças mentais"*, (121) iniciou comentando como se deu o chamado para sua participação. Em 1961, o diretor (Eduardo Maia) do Serviço Nacional de Doenças Mentais reuniu uma comissão para colher sugestões acerca da reforma na classificação brasileira de doenças mentais. José Lucena foi um dos convidados. Trabalhou no sentido de uma absorção dos progressos existentes à época neste campo. Analisou as observações do professor Leme Lopes a respeito das características ideais de uma classificação psiquiátrica, a de ser 'eclética, prática e concisa'. Comentou que, por serem as classificações uma média de opiniões, têm dificuldade de serem originais ou inovadoras. Concordou com as categorias existentes, doenças mentais predominantemente exógenas, endógenas e psicógenas, realizando sugestões e propondo alguns acréscimos.

Há outro trabalho, '*Raízes e tendências da psiquiatria no Brasil', (117)* texto lido em participação no Simpósio Raízes e Tendências da Psiquiatria Brasileira, uma iniciativa da Associação Brasileira de Psiquiatria, espécie de homenagem pela jubilação do professor José Lucena (1978). Agradeceu aos amigos que o haviam saudado pelas palavras carinhosas proferidas e, ao contrário do que havia dito em relação à Epidemiologia, ressaltou que, "*O interesse atual pela história da psiquiatria é fenômeno universal, significativo da busca de identidade, em face de opções múltiplas e até divergentes."* Iniciou, então, abordagem cronológica, "*considerando os fatos em relação ao contexto sócio-cultural e background histórico,* (elencando)

a. período colonial
b. fase inicial com a fundação do Ensino Superior no Brasil (1808)

c. fase iniciada pela construção do Hospício Pedro II, no RJ

d. fase marcada pela reforma da Assistência a Alienados no Rio, de Juliano Moreira até a 2ª Guerra Mundial

e. fase compreendendo o período da Guerra e pós-guerra

f. algumas tendências atuais

Ocupou-se de cada uma destas fases, fazendo-o de modo sistemático, pormenorizado, substanciado (o texto tem 250 referências bibliográficas), com extremo rigor. 'Pensou' o fato psiquiátrico em toda sua heterologia e terminou por situar a psiquiatria nacional, enumerando-lhe algumas feições.

Conclui-se a análise da obra escrita do professor José Lucena com a apreciação de relevante trabalho por ele executado, '*Os limites da atuação do psiquiatra'. (122)* Trata-se de abordagem de cunho reflexivo, em que sobressai a preocupação com a caracterização do 'fato' psiquiátrico. Contava o professor serem tais limites variáveis em função de diferentes épocas históricas e culturais. Estes poderiam ser (quanto às suas origens):

a. *conceptuais (fundações e especificidades do conhecimento psiquiátrico)*
b. *profissionais (qualificação do psiquiatra e cooperação com profissionais correlatos)*
c. *éticos (escala de valores)*

Fez um retrospecto histórico da interpretação da doença mental e acresceu relevante comentário. Mostrou que enquanto a doença mental tem causalidade multifatorial, a assistência psiquiátrica é processo puramente social. Expôs o perigo para a psiquiatria dos reducionismos limitadores (seja os organogenéticos, os psicogenéticos ou os sóciogenéticos) e dos expansionismos ambiciosos. Esboçou sobre estes análises de cunho dialético, pesando pontos positivos e negativos. Quanto à psicanálise, comentou sobre a importância adquirida com a descrição dos conceitos de inconsciente dinâmico, mecanismos de defesa, assim como o papel das pulsões sexuais e agressivas e o conteúdo das neuroses/ psicoses, além da significação simbólica e autobiográfica dos sintomas. Advertiu para o cuidado de não se recair em um reducionismo psicogenético. Quanto à sociogênese, ressaltava o aspecto positivo de se analisar a estrutura do hospital psiquiátrico e de sua deformação custodial, ao mesmo tempo em

que chamava atenção para as *"... confusões realizadas pelos antipsiquiatras entre a história da loucura, fenômeno mórbido natural e a história da assistência psiquiátrica, a instituição social, existente a partir de certa época e suscetível de transformações múltiplas"*, resvalando numa compreensão da doença como desviância social e na conexão entre doença mental e estruturas da sociedade. Passou ao exame de (Karl) Jaspers, tangenciando as definições (diferentes) de explicação (causalidade) e compreensão (apreensão imediata das vivências), referentes ao adoecimento mental. Chegou ao 'estar-no-mundo' e às alterações da forma da existência, constantes na análise existencial. Relevou as explicações unitárias, globalistas, organísmicas, organodinamistas do padecer psíquico. Buscou uma síntese estruturadora para tais conflitos, *"O reconhecimento da heterologia e complexidade do fato psiquiátrico impõe a busca de uma síntese superadora das contradições."* Conduziu-nos à percepção de que *"... uma interpretação multicausal da doença psíquica tem que admitir psicogênese e sociogênese..."* mas *"...fatores psicológicos e forças do ambiente social só exercem seu papel patógeno passando pelo corpo..."*, visto não haver *"emoção desencarnada"* nem *"psiquiatria desencarnada"*. No que toca aos aspectos assistenciais, refletiu sobre as aquisições que julgava positivas do asilo no século XIX, tais como a constituição de um núcleo de conhecimento psicopatológico e o início do estabelecimento de uma nosografia psiquiátrica (ainda que imperfeita). Sobre as transformações da assistência, com o advento de uma psiquiatria *"extra-mural"*, ressaltou a criação de ambulatórios de psiquiatria, dos serviços de psiquiatria em hospitais gerais, a expansão da assistência hetero-familiar e o aparecimento do serviço de egressos. Elogiou (o que fez também em várias outras de suas obras) o movimento de higiene mental de Clifford Beers, que, para o professor Lucena, avivou a consciência social e fez da prevenção uma preocupação prioritária. Justificava o papel de liderança que deveria exercer o psiquiatra na prática assistencial, na relação com os demais membros da equipe,

"Se mais vezes cabe a ele a coordenação do grupo, isso se deve a que a preservação da saúde mental é para ele objeto essencial e obrigatório e para as profissões correlatas objetivo opcional, existindo na área delas, finalidades de ajustamento social ou de investigação científica, sem conexão com o domínio da patologia da liberdade, da expressão de (Henri) Ey.".

Fez um lembrete aos psiquiatras ainda acerca dos *"limites"* da profissão, sugerindo que estes não tivessem, *"... a pretensão de invadir toda a medicina..."*, assim como não pretendessem *"... substituir o pedagogo, o jurista, o cientista social, o urbanista, o*

criminólogo, o filósofo e outros domínios do saber e de prática.". Concluiu com a ressalva de que a delimitação de fronteiras vinha sendo cada vez mais tênue, *"... os limites de atuação do psiquiatra se tornaram mais difíceis de traçar, conseqüência da psiquiatrização da existência (Ey, Bailly-Salin), aspecto particular da medicalização da existência.";* embora, *"Abolir o modelo médico em psiquiatria... (constitua) um erro e... (seja) expressão de um reducionismo psicossociológico infecundo";* vaticinando,

"O psiquiatra não exerce, pois, uma profissão augusta. Seus limites de atuação são também limitações, mas, dentro de suas novas atribuições tem que continuar a preservar a humanidade do homem, ameaçada por distorções de várias procedências e amparar o paciente, escudado numa série de valores que não passarão.".

9. **Discussão e conclusões**

Intencionou-se, ao longo deste trabalho, averiguar as indagações de início propostas. Para tanto, percorreu-se um caminho. Situou-se o local em que ocorreram os eventos sob análise, a cidade do Recife e, acompanhando o esmiuçar do tema principal, foram trazidos dados gerais introdutórios sobre o 'espírito do tempo', fornecendo uma imagem panorâmica a servir de pano de fundo para a narrativa.

Iniciou-se com a abordagem a Ulysses Pernambucano. Este foi mostrado por meio de suas obras, mas, sobretudo, por meio de seus feitos. Explica-se. Foi, Ulysses, predominantemente um homem de ação (embora embasada), um reformador, um homem de realizações. Mostraram-se suas atuações: no hospital de Alienados, na Escola Normal, na Escola de Excepcionais, no Instituto de Psicologia, no Ginásio Pernambucano, no Sanatório Recife, na Faculdade de Medicina, na Assistência a Psicopatas, no estímulo ao surgimento dos periódicos e das Sociedades (de Higiene Mental, p. ex.), além de, claro; naquela que mais nos interessava, na fundação da Escola de Psiquiatria do Recife. Examinou-se sinteticamente sua obra escrita, ressaltando os trabalhos de maior importância.

Foram descritos, ainda, embora de forma mais sucinta, algumas das pessoas que lhe foram próximas, em geral mais jovens, seus alunos mas também colaboradores. Os que lhe seguiram os passos, cada qual com seu modo pessoal, porém todos, ao menos em alguns aspectos, semelhantes ao professor Ulysses Pernambucano no conteúdo das idéias ou na forma de atuar. Entre estes, especificamente no campo psiquiátrico, os psiquiatras e professores Gildo Neto, Arnaldo Di Lascio, René Ribeiro, Luiz Cerqueira, Zaldo Rocha, José Otávio de Freitas Júnior.

Dentre tantos, chegou-se ao professor José Lucena, aquele que se legitimaria como sucessor 'formal' do professor Pernambucano. Se é verdade que assim o fez, em razão de merecimento e talento pessoal, não se podem olvidar circunstâncias da vida que trabalharam neste sentido. Lembre-se o fato de que Gildo Neto, o 'herdeiro' natural na linha sucessória, morreu tragicamente (suicidou-se) e que José Otávio de Freitas Júnior, tão brilhante quanto o professor Lucena, era mais jovem e mais avesso aos ditames sociais que a liturgia do cargo (Catedrático de Psiquiatria) exigia. José Lucena 'herda' então o trono de Ulysses Pernambucano, ao assumir a Cátedra de Psiquiatria na Universidade Federal de Pernambuco, pois era, afinal, a docência, a característica por excelência da Escola.

Do professor Lucena analisaram-se menos os seus feitos do que sua obra publicada. Justifica-se. José Lucena foi um cientista, homem do conhecimento metódico (do qual se forneceram variados exemplos ao longo do texto). O homem de ciência se deve perscrutar por meio dos trabalhos e das pesquisas. Adentramos em sua ciência e nos deparamos com algumas de suas afinidades eletivas (com a Escola). Quanto ao modo de realização dos trabalhos; o rigor, a experimentação. Na temática, a preocupação com questões locais, com as dependências químicas, com a Psiquiatria Social, com a organização dos serviços assistenciais, com temas referentes ao passado histórico, com trabalhos de reflexão crítica, com o debruçar-se sobre o fato psiquiátrico.

Examinando-se os conceitos possíveis de Escola, vê-se que, em relação a pelo menos alguns deles, é plenamente possível se concluir pela existência da Escola de Psiquiatria do Recife. Pode-se dizer que houve Escola no sentido da grandeza do seu maior personagem e animador; na atuação dos componentes em múltiplas frentes, com influência sobre outras áreas (correlatas) do saber; no trabalho agrupado entre mestres e auxiliares e da repercussão desta proximidade no que toca à formação pessoal e profissional de cada um deles (por esta razão é aceitável avaliação que uma fazem da Escola, enxergando-a

como possuidora de uma característica mais 'multipersonalista' que 'multidoutrinária'); numa prática baseada em critérios e características orientadoras (atividade docente e abordagem social como as principais); também em um sentido de disseminação, 'contaminação' e vulgarização de conhecimentos. Esta Escola nasceu com o grande nome da psiquiatria em Pernambuco, Ulysses Pernambucano, sobretudo a partir do momento em que seus colaboradores se aglutinaram em torno de si (início dos anos 30 do século XX). De base ampla, 'invadindo' outros meios científicos e culturais, repercutiu nas áreas afins à Psiquiatria. Deixou diversos continuadores nos mais diferentes ambientes intelectuais/ profissionais, seja naqueles próximos à Psiquiatria (como a Neurologia, a Saúde Mental), seja nos que a vinculação não é tão imediata (Sociologia, Antropologia, Psicanálise). O psiquiatra e professor José Lucena foi o legítimo sucessor de Ulysses Pernambucano no campo psiquiátrico, em função de, por meio de sua atuação como professor e homem de ciência, ter mantido o espírito e as características inicias, fundadoras, da Escola de Psiquiatria do Recife; repassando-os ainda aos alunos seguintes.

Pode-se ainda, especular a respeito da Escola de Psiquiatria do Recife no período 'pós-Lucena'; chegando, por exemplo, a nomes como os de Zaldo Rocha, com o pioneirismo nos temas de estudo (Psiquiatria da Infância, p. ex.), além da profundidade com que os tratou e da produtividade com que os realizou. Ou ao psiquiatra e professor Galdino Loreto, sucessor de José Lucena, de curto reinado à frente da Cátedra de Psiquiatria da UFPE, mas de obra não menos importante nas temáticas escolhidas e no modo de abordagem. Ou ainda ao psiquiatra e professor Othon Bastos, sucessor de Galdino Loreto (e, por extensão, de Ulysses Pernambucano e de José Lucena), com sua característica marcante de correspondência entre pensamento e ação; além de vastíssima obra científica produzida. O professor Othon Bastos é, atualmente, o Professor Titular da disciplina de Psiquiatria nas duas Universidades de Pernambuco (a UPE e a UFPE) – na verdade, nos estertores deste trabalho, dá-se, em função do critério etário, sua jubilação e, ato instantâneo, sua elevação à categoria de

Professor Emérito (UPE). Nossa intenção original era, mantendo o mesmo método de análise utilizado para configurar José Lucena como o primeiro sucessor (na Psiquiatria) de Ulysses Pernambucano; esmiuçar, respectivamente, as obras (sobretudo produção escrita) dos professores Galdino Loreto e Othon Bastos; a fim de delimitar, desta forma, a segunda e a terceira sucessões da Escola do Recife. Diga-se que tal intento não pôde ser realizado por vários fatores, entre os quais ressalto o mais pragmático, a extensão que tomou o trabalho atual, fazendo-nos notar que informações adicionais caberiam melhor em outra obra (talvez de continuação), a fim de não transformar a presente em peça demasiado maçante, em função de sua extensão. A não abordagem minuciosa dos dois professores citados e de suas obras, neste trabalho, não permite conclusões senão inferenciais, que, no entanto, a partir da metodologia que adotamos, acreditamos serem de possível comprovação posterior (com a realização de estudos específicos). De modo que, a linha sucessória na Escola de Psiquiatria do Recife, caminha pelo professor José Lucena, passa pelo professor Galdino Loreto e chega ao professor Othon Bastos, e, durante todo este percurso, mantém, mutatis mutandi, a mesma orientação original que a fez nascer e o mesmo gosto compartilhado pelos temas de estudo; respeitados os contextos em que viveram os personagens e nos quais se deram as atuações dos estudiosos citados; configurando uma Escola Pernambucana de Psiquiatria, a Escola de Psiquiatria do Recife; cujas características foram estudadas por alguns pesquisadores e se encontram mais bem sintetizadas nas palavras do professor Luiz Salvador de Miranda Sá – Jr., as quais referendamos.

Sobre a era 'pós-Othon Bastos', é precoce a abordagem. De início cumpre salientar que o referido personagem permanece atuante na cena psiquiátrica local, nacional e internacional (sobretudo na relação com os países de língua portuguesa). Em segundo lugar, tratar de nosso tempo histórico atual, em que muitas vezes se é, de uma só feita, narrador e personagem, é tarefa árdua, para a qual, acreditamos, se deva aguardar.

Vejamos algumas limitações/ ressalvas do trabalho em curso. Não se pode falar claramente em conclusões definitivas, como já salientado, embora, ao menos em parte, isto se dê pelo próprio teor do assunto estudado. Aqui se fez uma abordagem, que, como proposição científica, pode ser questionada, incrementada, superada, negada. É evidente que são necessários outros estudos de mesmo teor para que se tenha um produtivo confronto de idéias. Deixa-se aqui apenas a nossa verdade. Também de fundamental importância seria o cotejo da Escola de Psiquiatria do Recife com outras Escolas (referendadas) de Psiquiatria, já estabelecidas e configuradas, especificamente as brasileiras, p.ex. dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Rio Grande do Sul, o que não foi realizado neste trabalho. Como também já exposto anteriormente, carece-se de uma avaliação a respeito da continuidade da Escola na época que se sucede ao professor José Lucena, a fim de se investigar os rumos e os caminhos nas gerações consecutivas; a fim de delimitá-la temporalmente.

Ressaltem-se aquelas que entendemos sejam contribuições possíveis deste estudo. De início, a retomada de um tema pouco explorado, a história da psiquiatria, particularmente a de Pernambuco. É sempre de boa monta homenagear as figuras importantes do passado, os fundadores da nossa disciplina, que ajudaram a configurar o nosso momento presente e que servem de exemplos para as gerações posteriores. Pensa-se ainda no fato de que, uma tentativa de abordagem a fim de encontrar algumas respostas (mesmo que parciais, fragmentadas ou incompletas); proporciona-nos novas formulações e proposições para o exame das questões, funcionando como acréscimo na geração de conhecimentos. Há também um aspecto prático de disseminação das informações presentes nos textos analisados. No nosso caso, das obras produzidas (algumas delas de aspecto bastante atual) por Ulysses Pernambucano, José Lucena e, outras menos estudadas por nós, de Galdino Loreto, René Ribeiro, Luiz Cerqueira, José Otávio de Freitas Jr., Arnaldo Di Lascio, Zaldo Rocha, Gildo Neto, Othon Bastos; além de trabalhos produzidos a respeito deles. Lembre-se que, a comprovação da nossa hipótese de trabalho,

investe importância na atuação dos psiquiatras e profissionais de saúde mental deste estado; porque os faz, como 'filhos da Escola do Recife' (alguns já 'netos'), irradiadores do conhecimento desta Escola.

Talvez estejamos ainda muito próximos do tempo em que se deram os fatos e realizações relatados (colhendo alguns de seus louros, identificando-nos com eles), e quiçá estejamos muito embebidos da atmosfera da província para examinar aspectos da própria província, caracterizando uma falta de distanciamento do pesquisador. Desta intempérie não haveria como escapar, pois o autor do trabalho é pernambucano, reside e trabalha neste estado. Há de se descontar, portanto, o peso da catatimia na avaliação realizada. Por outro lado, foi tal vinculação que, em tese, pode comprometer a análise empreendida, que fez com que surgisse o estímulo original idealizador desta obra e que a pôs em curso.

10. Referências

1. *Bastos, Othon. História da Psiquiatria em Pernambuco e outras Histórias. Lemos Editorial, Recife, 2002.*

2. *Quintas, Fátima. O Recife: passeio à antiga.Edições Bagaço, Recife, 2008.*

3. *Freyre, Gilberto. Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife, 5ª edição, 2007 (1ª edição de 1934).*

4. *Braga, João. Trilhas do Recife. Guia Turístico, Histórico e Cultural, 6ª edição, Recife: Bagaço, 2007.*

5. *Andrade, Manuel Correia. Pernambuco: cinco séculos de colonização. João Pessoa – PB: Editora Grafset, 2004.*

6. *Alves da Mota. Recife de ontem e de hoje. Editora Nossa Livraria, 2002.*

7. *Távora, José Geraldo e cols. Octávio de Freitas: um homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.*

8. *Oda, Ana Maria Galdini Raimundo; Piccinini, Walmor; Dalgalarrondo, Paulo. Juliano Moreira (1873–1933): Founder of Scientific Psychiatry in Brazil. American Journal of Psychiatry, 162:4, April 2005.*

9. *Marques de Sá, João. A cadeira n. 5 da Academia Pernambucana de Medicina. Patrono: Ulysses Pernambucano. Neurobiologia. Vol. 37, n. 1, jan./mar. 1974, p. 3-36.*

10. *Neurobiologia. Vol. 8, n. 4, dez 1945.*

11. *Coêlho Filho, Heronides. A Psiquiatria no País do Açúcar, 2ª edição, 1983, Recife.*

12. *Rosas, Paulo. Memória da Psicologia em Pernambuco. Editora universitária da UFPE, 2001, Conselho regional de psicologia, 282 páginas, organizador.*

13. *Neurobiologia. Vol. 16, n. 4, dez 1953.*

14. *Estudos Pernambucanos, Dedicados a Ulysses Pernambucano, Officinas Graphicas da Empresa Jornal do Commercio S/A, Recife – 1937.*

- José Lins do Rego. Ulysses Pernambucano, homem de espírito público, p. 7-8.

- Heitor Carrilho. Ulysses Pernambucano e a organização dos serviços de assistência a psicopatas em Pernambuco, p. 9-15.

- Olívio Montenegro. A ação de um psiquiatra, p. 17-9.

- Annibal Fernandes. Ulysses Pernambucano, o reformador, p. 27-9.

- Austregésilo, A. Ulysses Pernambucano (Amicus ex-animo), p. 31-2.

- Sylvio Rabello. O estudo da criança pernambucana, p. 33-6.

- Júlio Belo. Ulysses Pernambucano, p. 37-9.

- Octávio de Freitas. Ulysses Pernambucano, p. 40.

- Ruy Coutinho. Ulysses Pernambucano, mestre e orientador de pesquisas, p. 41-2.

- Samuel Campelo. O meu testemunho sobre Ulysses Pernambucano, p. 43-5.

- Padre Batista Cabral. Ulysses Pernambucano, o amigo; p. 47-8.

- Estevão Pinto. Ulysses Pernambucano e a Escola Normal de Pernambuco, p. 49-50.

- Pedro Cavalcanti. Ulysses Pernambucano e as seitas africanas, p. 51-2.

- Gilberto Freyre. Os médicos e as reformas sociais em Pernambuco, p. 55-7.

15. *Piletti, Nelson. História do Brasil (Da Pré-História do Brasil aos dias atuais), 12ª edição, Editora Ática, 1991.*

16. *Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. Ano II, n. 1, abril de 1932.*

17. *Neurobiologia. Vol. 1, n. 1, jun 1938.*

18. *Cerqueira, Luiz. Ulysses Pernambucano, fundador da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, 1976.*

19. *Assistência a Psychophatas. Estado de Pernambuco.*

- Decreto n. 26, de 10 de janeiro de 1931.

- Acto n. 583, de 24 de abril de 1931.

- Acto n. 645, de 05 de maio de 1931.

20. *Pernambucano, U. Classificação das crianças anormais. A parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental. Recife, Imprensa Industrial, 1918.*

21. *Pernambucano, U. As médias de estatura dos escolares em Pernambuco. Separata do 'Jornal de Medicina de PE', p. 1-10, janeiro de 1927.*

22. *Pernambucano, U. Formação de hábitos sadios nas crianças. Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XXII (12), p. 167-171, Dez. 1926.*

23. *Pernambuco, U. (Em colaboração com Anita Paes Barreto). Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão. Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XXIII (2), p. 33-73, Fev. 1927.*

24. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Anita Paes Barreto). Ensaio de aplicação do teste das 100 questões de Ballard. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, III, p. 313-345, 1930.*

25. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Anita Paes Barreto). O vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, I (1), p.3-33, Out. 1931.*

26. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Alda Campos). O teste "A bola e o campo" em crianças de 12 a 13 anos. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, I (1), p.34-36, Out. 1931.*

27. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Maria Leopoldina de Oliveira). Quocientes de inteligência em escolares do Recife. Em Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, I (1), p.56-60, Out. 1931.*

28. *Pernambucano, U. A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (I). Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XVII (1), p. 16-18, Jan. 1921.*

29. *Pernambucano, U. A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (II). Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XVII (2), p. 36-38, Fev. 1921.*

30. *Pernambucano, U. A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (III). Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XVII (3), p. 111-115, Mar. 1921.*

31. *Pernambucano, U. A Psicologia em Pernambuco. Arquivos brasileiros de Higiene Mental, III (1), p. 85-90, Mar. 1930.*

    - *Pernambucano, U. Sobre algumas manifestações nervosas da heredo-sífilis. Rio de Janeiro, Tipografia da Papelaria Modelo, 1912.*

32. *Pernambucano, U. Bases Fisiopsicológicas da ambidestria. Recife, Edição do autor, 28 páginas, 1924.*

33. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Gildo Neto e Alcides Benício). Malarioterapia na paralisia geral. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, I (1), p.113-115, Out. 1931.*

34. *Pernambucano, U. (Em colaboração com José Lucena). Um caso de palilalia post-encefálica. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, II (2), p. 184-189, Out. 1932.*

- *Pernambucano, U. Seis casos de miotonia congênita. Neurobiologia, Recife, 2 (2), p. 137-154, Jun. 1939.*

35. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Jarbas Pernambucano). Um caso de atrofia muscular pseudo-hipertrófica. Neurobiologia, Recife, 2 (4), p. 316-319, Dez. 1939.*

36. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Arnaldo Di Lascio e Alcides Benício). A neuromielite epidêmica (Doença de Austregésilo) em Pernambuco. Neurobiologia, Recife, 3 (4), p. 315-357, Dez. 1940.*

37. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Antônio Couceiro). Síndrome de atrofia paleocerebelar. Neurobiologia, Recife, 3 (4), p. 373-382, Dez. 1940.*

38. *Pernambucano, U. Neuropsiquiatria forense. Neurobiologia, Recife, 4 (2), p. 162-75, Jun. 1941.*

39. *Pernambucano, U. Neuropsiquiatria forense (II). Neurobiologia, Recife, 4 (3), p. 242-9, Set. 1941.*

40. *Pernambucano, U. As doenças mentais entre os negros de Pernambuco. (Em colaboração com Helena Campos). Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, II (1), p. 120-127, Abr. 1932.*

41. *Pernambucano, U. Estudo estatístico da paralisia geral. Arquivos da assistência a psicopatas de Pernambuco, Recife, III (2), p. 155, 2º Sem. 1933.*

42. *Pernambucano, U. (Colaboração: Arnaldo Di Lascio, Jarbas Pernambucano, e Almir Guimarães). Alguns dados antropológicos da população do Recife. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, V (1-2), p. 40-45, 1935.*

43. *Pernambucano, U. As doenças mentais entre os negros de Pernambuco (II). In: Estudos Afro-Brasileiros (1º v.), Rio de Janeiro, Ed. Ariel, p. 93-98, 1935.*

44. *Pernambucano, U. (Em colaboração com Arnaldo Di Lascio). Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em quatrocentos primeiros internados em casa de saúde particular. Neurobiologia, Recife, 3 (4), p. 497-504, Dez. 1940.*

45. *Pernambucano, U. Assistência a psicopatas em Pernambuco. Idéias e realizações. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, II (1), p.3-59, Abr. 1932.*

46. *Pernambucano, U. O trabalho dos alienados na assistência a psicopatas de Pernambuco. Arquivos da assistência a psicopatas de Pernambuco, Recife, IV (1), p. 19-25, 1º Sem. 1934.*

47. *Pernambucano, U. Recursos modernos de assistência aos doentes mentais. Neurobiologia, Recife, 1 (1), p. 1-13, Jun. 1938.*

48. *Pernambucano, U. Discurso às professorandas do Colégio Santa Margarida. Jornal de Medicina de Pernambuco. Recife, XVIII (II), p. 1-7, Nov. 1922.*

49. *Noticiário. Na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Arquivos da assistência a psicopatas de Pernambuco, Recife, III (2), p. 208-214, 2º Sem. 1933.*

50. *Pernambucano, U. Organização de um curso de extensão universitária sobre higiene mental na faculdade de Medicina do Recife. Arquivos da assistência a psicopatas de Pernambuco, Recife, V (1-2), p. 78-81, 1935.*

51. *Pernambucano, U. Discurso na sessão comemorativa do centenário do Hospital Psiquiátrico Nacional. Neurobiologia, Recife, 4 (3), p. 265-9, Set. 1941.*

52. *Pernambucano, U. Discurso em homenagem ao Dr. Adauto Botelho. Neurobiologia, Recife, 5 (2), p. 97-100, Jun. 1942.*

53. *Pernambucano, U. Discurso no banquete de confraternização dos médicos brasileiros com os médicos das forças armadas americanas. Neurobiologia, Recife, 7 (1-2), Mar-Jun. 1944.*

54. *Pernambucano, U. A ação social do psiquiatra. Neurobiologia, Recife, 6 (4), p. 153-160, Dez. 1943.*

55. *Dalgalarrondo, Paulo. Religião, Psicopatologia e Saúde Mental. Porto Alegre: ARTMED, 2008.*

56. *Almeida, Angélica. "Uma fábrica de loucos": Psiquiatria vs. Espiritismo no Brasil (1900-1950). Tese de doutorado, Unicamp, 2007.*

57. *Pereira, Mário Eduardo Costa. Ulysses Pernambucano e a questão da "Higiene Mental". Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 7, n. 1, p. 123-9, 2005.*

58. *Larreta, Enrique Rodriguez; Giucci, Guillermo. Gilberto Freyre – uma biografia cultural. A formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936. Tradução de Josely Vianna Batista. Civilização Brasileira, RJ, 2007.*

59. *Ciclo de Estudos Sobre Ulysses Pernambucano, Academia Pernambucana de Medicina, Recife – 1978.*

- Gilberto da Costa Carvalho. Apresentação.
- João Marques e Sá. Abertura.
- Jamesson Ferreira Lima. Psiquiatra Humanista, p. 25-39.
- Cerqueira, L. Ulysses Pernambucano, meu mestre, p. 41-67.
- Ana Paes Barreto. Idealismo de um educador, p. 69-85.
- Leduar de Assis Rocha. Ulysses Pernambucano, retrato um tanto de família, p. 87-102.
- Waldemar Valente. Educador e reformador do ensino primário em Pernambuco, p. 115-28.
- Gilberto Freyre. Sobre Ulysses Pernambucano, p. 129-44.
- José Lucena. Ulysses Pernambucano e sua Escola de Psiquiatria Sócia, p. 145-75.

60. *Medeiros, Adailson. Ulisses Pernambucano. Um mestre adiante de seu tempo. Recife – Maio – 1990.*

61. *Medeiros, Tácito. Formação do modelo assistencial psiquiátrico brasileiro. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1977.*

62. *Legislação em Saúde Mental (1990-2004), Ministério da Saúde, 5ª edição ampliada, Brasília – DF, 2004.*

63. *Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial, Ministério da Saúde, Brasília – DF, 2004.*

64. *Neurobiologia. Vol. 6, n. 4, dez 1943.*

65. *Lucena, J. Ulysses Pernambucano e sua Escola de Psiquiatria Social. In: Ciclo de Estudos Sobre Ulysses Pernambucano, Academia Pernambucana de Medicina, Recife – 1978, p. 145-175 e Neurobiologia, vol. 42, n. 4, out./dez. – 1979, p. 251-338.*

66. *Lucena, J. Característica da Escola Psiquiátrica orientada pelo professor Ulysses Pernambucano. In: Estudos Pernambucanos, Dedicados a Ulysses Pernambucano, Officinas Graphicas da Empresa Jornal do Commercio S/A, Recife – 1937, p. 21-5.*

67. *Neurobiologia. Vol. 41, suplemento, 1978. Raízes e tendências da Psiquiatria no Brasil. (Registro de evento comemorativo da jubilação do professor José Lucena).*

68. *Ribeiro, René. Religião e relações raciais. Ministério da Educação e Cultura, serviço de documentação. 1954 (prefácio: Gilberto Freyre)*

69. *Discutindo Filosofia (revista), ano 2, n. 9. A Escola de Frankfurt.*

70. *Valença, Marcelo Moraes. História da Medicina Pernambucana, Neurologia e Neurocirurgia. Revista Movimento Médico, ano II, n. 7, jun./ago. 2006.*

71. *Saldanha, Nelson. A Escola do Recife, Caderno n. 66, Edição da Faculdade de Direito de Caruaru, Recife, 1971.*

72. *Chacon, Vamireh. Da Escola do Recife ao Código Civil (Artur Orlando e sua geração). Organização Simões editora, 1969, Rio de Janeiro.*

73. *Neurobiologia. Vol. 52, n. 4, out./dez. 1989.*

74. *Ribeiro, René. Cultos Afro-Brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social, 2ª edição, Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.*

75. *Ribeiro, René. Antropologia da Religião e outros estudos, Recife, Editora Massangana, 1982.*

76. *Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. Ano V, n. 1 e 2, 1935.*

77. *Loreto, Galdino. Visão panorâmica da produção científica de José Lucena. Neurobiologia, vol. 46, n. 3, jul./set. 1983, p. 283-300.*

- *Loreto, Galdino. O pensamento psiquiátrico de José Lucena. Neurobiologia, vol. 43, n. 2, 1980, p. 193 – 204.*

78. *Lucena, J. Evolução regressiva de perturbações mentaes na idade involutiva. Neurobiologia, tomo III, n. 4, p. 302-314, dez. 1940*

79. *Lucena, J.; Cavalcanti Borges, JC. Reação delituosa no decurso de paralisia pseudo-bulbar. Neurobiologia; tomo VI, n. 3, p. 133 -144, set. 1943*

80. *Lucena, J. Algumas reações psicóticas registradas em reservistas incorporados ao exército. Neurobiologia, tomo X, n. 1, p. 22-36, mar. 1947*

81. *Lucena, J.; Loreto, G.; Souza Costa, A. Resultados do tratamento de doentes mentais pelo amplictil. Separata de neurobiologia, tomo XIX, n. 1 e 2, mar. / jun. 1956, Recife*

82. *Lucena, J.; Loreto, G.; Souza Costa, A. Resultados do tratamento de doentes mentais pela reserpina. Separata de "O Hospital", abril de 1957, Rio de Janeiro.*

83. *Lucena, J.; Loreto, G.; Souza Costa, A. Traitement de la schizophrenie par la reserpine. Neurobiologia, tomo XX, n. 1, março – 1957, p. 51-55.*

84. *Lucena, J.; Loreto, G.; Souza Costa, A. Traitement neuroleptique par le largactil chez dês schizophrenes. Neurobiologia, tomo XX, n. 1, março – 1957, p. 56-60.*

85. *Lucena, J.; Sette, MCS.; Souza, MM. Idade da menarca e doença mental. (Nota prévia). Neurobiologia, vol. 36, n. 1, jan./mar. 1973, p.3-8.*

86. *Lucena, J. Contribuição ao estudo de algumas manifestações iniciais das esquizofrenias. Neurobiologia, tomo I, n. 2, p. 147-181, set. 1938 (trechos de tese concurso à livre docência de clinica psiq – faculdade de medicina do Recife)*

87. *Lucena, J. Introdução ao Simpósio "Esquizofrenia Hoje". Neurobiologia, vol. 39, suplemento, p. 1-4, 1976*

88. *Lucena, J. Esquizofrenia e sociedade contemporânea – Conceito e mudanças sintomatológicas. Neurobiologia, vol. 39, suplemento, p. 53-67, 1976*

89. *Lucena, J. Uma pequena epidemia mental em Pernambuco. Neurobiologia, tomo III, n. 1, p. 41-91, mar. 1940*

90. *Lucena, J. Psicoses múltiplas predominantemente reativas e psicoses múltiplas predominantemente endógenas. Neurobiologia, tomo IX, n. 2, p. 83-112, jun. 1946*

91. *Lucena, J. Os Fumadores de Maconha em Pernambuco. Arquivos da Assistência a Psicopatas, ano IV, n. 1, p. 53-96, 1934 e A Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros), Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, p. 277-325, 1951*

92. *Lucena, J. Alguns novos dados sôbre Fumadores de Maconha. Arquivos da Assistência a Psicopatas, ano V, n. 1 e 2, p. 197-207, 1935 e A Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros), Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, p. 98-106, 1951*

93. *Lucena, J. Maconhismo e Alucinações. Neurobiologia, tomo II, n. 2, p. 110-120, jun. 1939 e A Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros), Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, p. 116-125, 1951*

94. *Lucena, J. Dados psicotécnicos sobre um pequeno grupo de fumadores de maconha. Neurobiologia, tomo XI, n. 2, p. 81-130, junho – 1948,*

95. *Lucena, J.; Ataíde, L.; Coelho, P. Maconhismo crônico e Psycoses. Neurobiologia, tomo XII, n. 3, p. 235-258, set. 1949 e A Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros), Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, p. 249-276, 1951*

96. *Lucena, J. Súmula dos estudos brasileiros sobre as alterações mentais no maconhismo agudo e crônico. Neurobiologia, vol. 21, n. 1, p.14-26, mar. 1958*

97. *Lucena, J. La symptômatologie du cannabisme. Neurobiologia, vol. 22, 23 e 24; correspondentes a 1959, 1960 e 1961; número único.*

98. *Lucena, J. Canabismo e reações delituosas. Anais da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v. 28/29, p. 129-152, 1968-69*

99. *Lucena, José. Algumas mudanças atuais do estilo de dependência de drogas. Neurobiologia, vol. 50, n. 2, p. 69-88, abr. / jun. 1987*

100. *Lucena, J. Modificações psicológicas observadas no decorrer do choque hipoglicêmico de Sakel. Neurobiologia, Tomo XV, n. 2, junho – 1952, p. 59-82 (condensação da tese apresentada concurso de professor da clínica psiquiátrica – faculdade de medicina do Recife)*

101. *Lucena, J. O teste de Rorschach em um grupo de adolescentes. Neurobiologia, tomo XI, n. 4, dez. 1948, p. 275-344*

102. *Lucena, J.; Campos, A.; Araújo e Silva, MG. Alguns resultados da aplicação do test de Rorschach a um grupo de estrangeiros em Pernambuco. Separata de neurobiologia, tomo XVII – no4, dezembro de 1954, Recife*

103. *Lucena, J.; Campos, A.; Araújo e Silva, MG. O teste de Rorschach em um grupo de paralíticos gerais. Separata de neurobiologia, tomo XVI – no 2, junho de 1953, Recife*

104. *Lucena, J. Possibilidade de utilização de meios complementares no diagnóstico das depressões. Simpósio sôbre depressões; Belo Horizonte, MG – Brasil; março 1970, relatório oficial. Revista Brasileira de psiquiatria, vol. 4, n. 3, set – 1970, p. 88-94*

105. *Lucena, J.; Rocha, Z.; Azoubel Neto, D. Aplicação do teste de Szondi a pacientes que apresentam convulsões no decurso da insulinoterapia. Separata de Neurobiologia, tomo XVI – no4, dezembro de 1953, Recife*

106. *Lucena, J. Le Bender-Gestalt test et quelques données d'analyse structurale em des schizophrènes. Separata de Neurobiologia, tomo XX – n. 3 e 4, set./ dez. 1957, Recife*

107. *Lucena, J.; Sette, P.; Sette, MCS. Algumas considerações sobre os resultados da aplicação de provas de inteligência e de estabilidade emocional a candidatos ao curso médico. Anais da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v. 23, n. 2, 65-94, 1963.*

108. *Lucena, J. Quelques résultats du test de H. Sargent. (insight test), appliqué a des délirants chroniques. Revue de psychologie appliqué, vol. 7, n. 2, avril 1957, p. 81-111.*

109. *Lucena, J. Aspectos da incidência e distribuição das doenças mentais no Brasil. Separata de neurobiologia, tomo XXI – nos 3 e 4, set /dez 1958, Recife*

110. *Lucena, J. Alguns problemas brasileiros de saúde mental. Neurobiologia, vol. 28, n. 3, set. 1965, p. 217-254*

111. *Lucena, J. Aspectos culturais na patologia mental em certos grupos brasileiros. Revista Brasileira de Psiquiatria, vol. 3, n. 1, março 1969 e Neurobiologia, vol. 67, n. 1 e 2, jan./ jun. 2004, p. 53-72*

112. *Lucena, J. Saúde mental e adolescência. Neurobiologia, vol. 33, n. 2, junho 1970, p. 97-110*

113. *Lucena, J.; Oliveira, AE. O paciente neuropsiquiátrico em face da previdência social. Neurobiologia, vol. 39, n. 2, abr./jun. – 1976, p. 77-96*

114. *Lucena, J. Alguns dados complementares sobre as variações de incidência das doenças mentais entre épocas cronologicamente afastadas. Neurobiologia, vol. 27, n. 4, dez. – 1964, p. 283-304.*

115. *Lucena, J. Histórico de Pernambuco como pioneiro, na América Latina, no campo da saúde mental. Neurobiologia, vol. 38, n. 3, jul./set. – 1975 p. 233-248, Recife*

116. *Lucena, J. Aspectos da Evolução da assistência psiquiátrica no Brasil nos últimos 50 anos. Jorn Brás Psiq, vol. 25, 1976, p. 159-194*

117. *Lucena, J. Raízes e tendências da psiquiatria no Brasil. Neurobiologia, vol. 41, suplemento, 1978, p. 05-48*

118. *Lucena, J. Alguns aspectos da evolução da psicogeriatria no Brasil, Vivência (Maceió), n. 6, vol. 1, 1980, p. 36-49.*

119. *Lucena, J. Santa Teresa e a psicologia moderna. In: Semana de Santa Teresa, Instituo de Letras, UFPE, editora universitária, 1973, Recife.*

120. *Lucena, J. Alguns aspectos da produtividade intelectual na terceira idade da vida em escritores brasileiros – Significação para a saúde mental. Jorn Bras Psiq, v. 23?, jul. /dez. 1974, p. 291-312, Rio de Janeiro*

121. *Lucena, J. Contribuição à classificação brasileira de doenças mentais. Neurobiologia, vol. 26, n. 1, março – 1963, p. 10-21*

122. *Lucena, J. Os limites da atuação do psiquiatra. Neurobiologia, vol. 37, 1973, p. 129-148*

123. *Lucena, J. Aspectos sócio-culturais da saúde mental na terceira idade. Neurobiologia, vol. 51, n. 1, jan./mar. – 1988, p. 3-30*

124. *Dalgalarrondo, Paulo. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. Artmed editora, 2000, Porto Alegre.*

125. *Lucena, J. Visão crítica da assistência psiquiátrica no nordeste brasileiro. Boletim de psiquiatria, ano IV, n. 15, set 1979, p. 14-26.*

Bibliografia da metodologia

1. *Boaventura, EM. Metodologia de pesquisa. Editora Atlas S.A., São Paulo, 2004*

2. *Gil, AC. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas, 4ª edição, São Paulo, 2002*

3. *Diehl, AA.; Tatim, DC. Pesquisa em ciências sociais aplicadas. Métodos e técnicas. Prentice Hall, São Paulo, 2004*

4. *Eco, U. Como se faz uma tese. Metodologia. Perspectiva, 20ª edição, São Paulo, 2006.*

5. *Turato, ER. Tratado da metodologia da pesquisa clinico-qualitativa. 2ª edição, editora Vozes, 2003.*

11. Apêndices

11.1 Biografias (ordem numérica)

1. Barão de Lucena, p. 10/11
2. Rosa e Silva, p. 11
3. Dantas Barreto, p. 12
4. Amaury de Medeiros, p. 12
5. Gilberto Freyre, p. 13
6. Octávio de Freitas, p. 14/15
7. Juliano Moreira, p. 17
8. José Antônio G. Mello, p. 17/18
9. Jarbas Pernambucano, p. 17/19
10. Estácio Coimbra, p. 26/27
11. Carlos de Lima Cavalcanti, p. 26/27
12. Agamenon Magalhães, p. 65

11.2 Imagens (ordem numérica)

- Imagem 1 – Recife Antigo
- Imagem 2 – Recife (pontes)
- Imagem 3 – Faculdade de Direito do Recife
- Imagem 4 – Antiga Faculdade de Medicina (Derby)
- Imagem 5 – Ulysses Pernambucano
- Imagem 6 – Ulysses Pernambucano
- Imagem 7 – Ulysses Pernambucano
- Imagem 8 – Tese Formatura em Medicina
- Imagem 9 – Consultório de Ulysses Pernambucano em Vitória
- Imagem 10 – Tese da Escola Normal
- Imagem 11 – Ginásio Pernambucano
- Imagem 12 – Decreto da Reforma da Assistência a Psicopatas de Pernambuco
- Imagem 13 – Organograma da Assistência a Psicopatas
- Imagem 14 e 15 – Ulysses Pernambucano e Gilberto Freyre
- Imagem 16 e 17 – Hospital Ulysses Pernambucano
- Imagem 18 e 19 – Casa da Cultura do Recife (antiga casa de detenção)
- Imagem 20 – Sanatório Recife
- Imagem 21 e 22 – Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste
- Imagem 23 e 24 – Ulysses Pernambucano no Congresso de Natal, 1943
- Imagem 25 – Busto de Ulysses Pernambucano no antigo hospital da Tamarineira
- Imagem 26 – Arquivos da Assistência a Psicopatas

- Imagem 27 – Boletim de Higiene Mental
- Imagem 28 – Neurobiologia
- Imagem 29 – José Lucena (Certidão de nascimento)
- Imagem 30 – José Lucena (Diploma em Medicina)
- Imagens 31 e 32 – José Lucena (Assistência a Psicopatas)
- Imagem 33 – José Lucena (Estudos na França)
- Imagem 34 – José Lucena (Simpósio 'Esquizofrenia Hoje')
- Imagem 35 – José Lucena (Catedrático UFPE)
- Imagem 36 – José Lucena (Fundador e Catedrático UPE)
- Imagem 37 – José Lucena (Professor Emérito UPE)
- Imagem 38 – José Lucena (Academia Pernambucana de Medicina)
- Imagem 39 – José Lucena (Perito em dependência OMS)
- Imagem 40 – José Lucena (Academia Brasileira de Ciências Médico-Sociais)
- Imagem 41 – José Lucena (com Dona Ângela – esposa e os professores Othon Bastos e Tácito Medeiros)
- Imagem 42 – José Lucena (com os professores Othon Bastos e Fernando Figueira)
- Imagem 43 – José Lucena (com os então residentes Osmar Gouveia, Iolita Borges e Sílvio Romero)
- Imagem 44 – José Lucena (com os professores José Leme Lopes, Darci Mendonça Uchoa, Álvaro Rubim de Pinho, Antônio Carlos Pacheco e Silva e Manuel Albuquerque)
- Imagem 45 – José Lucena (com os psiquiatras Gilberto Macedo, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, Ulisses Vianna e Luiz Cerqueira, respectivamente 1º, 3ª, 5º e 7º da esquerda para a direita)

- Imagem 46 – José Lucena (com o professor Arnaldo Di Lascio e respectivas esposas)
- Imagem 47 - José Lucena (com o atual presidente da ABP, Dr. João Alberto de Carvalho)
- Imagem 48 – José Lucena em momento de descontração
- Imagem 49 – Mesa redonda com o professor Luiz Salvador de Miranda Sá-Jr.

11.3 Ulysses Pernambucano (Lista de obras)

- **Periódicos diversos**

Sobre algumas manifestações nervosas da heredo-sífilis. Rio de Janeiro, Tipografia da Papelaria Modelo, 1912.

Classificação das crianças anormais. A parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental. Recife, Imprensa Industrial, 1918.

A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (I). Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XVII (1), p. 16-18, Jan. 1921.

A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (II). Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XVII (2), p. 36-38, Fev. 1921.

A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (III). Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XVII (3), p. 111-115, Mar. 1921.

As médias de estatura dos escolares em Pernambuco. Recife, Imprensa Industrial, 1921.

Discurso às professorandas do Colégio Santa Margarida. Jornal de Medicina de Pernambuco. Recife, XVIII (11), p. 1-7, Nov. 1922.

Bases Fisiopsicológicas da ambidestria. Recife, Edição do autor, 1924.

Formação de hábitos sadios nas crianças. Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XXII (12), p. 167-171, Dez. 1926.

Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão. Em colaboração com Anita Paes Barreto. Jornal de Medicina de Pernambuco, Recife, XXIII (2), p. 33-73, Fev. 1927.

A Psicologia em Pernambuco. Arquivos brasileiros de Higiene Mental, III (1), p. 85-90, Mar. 1930.

Ensaio de aplicação do teste das 100 questões de Ballard. Em colaboração com Anita Paes Barreto. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, III, p. 315-345, 1930.

As doenças mentais entre os negros de Pernambuco (II). In: Estudos Afro-Brasileiros (1º v.), Rio de Janeiro, Ed. Ariel, p. 93-98, 1935.

- **Arquivos da Assistência a Psicopatas**

O vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife. Em colaboração com Anita Paes Barreto. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, I (1), p.3-33, Out. 1931.

O teste "A bola e o campo" em crianças de 12 a 13 anos. Em colaboração com Alda Campos. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, I (1), p.34-36, Out. 1931.

Quocientes de inteligência em escolares do Recife. Em colaboração com Maria Leopoldina de Oliveira. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, I (1), p.56-60, Out. 1931.

Malarioterapia na paralisia geral. Em colaboração com Gildo Neto e Alcides Benício. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, I (1), p.113-115, Out. 1931.

Assistência a psicopatas em Pernambuco. Idéias e realizações. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, II (1), p.3-59, Abr. 1932.

As doenças mentais entre os negros de Pernambuco. Em colaboração com Helena Campos. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, II (1), p. 120-127, Abr. 1932.

Um caso de palilalia post-encefálica. Em colaboração com José Lucena. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, II (2), p. 184-189, Out. 1932.

Estudo estatístico da paralisia geral. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, III (1), p. 155, 2º Sem. 1933.

Noticiário. Na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, III (2), p. 208-214, 2º Sem. 1933.

O trabalho dos alienados na assistência a psicopatas de Pernambuco. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, IV (1), p. 19-25, 1º Sem. 1934.

Alguns dados antropológicos da população do recife. Colaboração: Arnaldo Di Lascio, Jarbas Pernambucano, e Almir Guimarães. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, V (1-2), p. 40-45, 1935.

Organização de um curso de extensão universitária sobre higiene mental na faculdade de Medicina do Recife. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, V (1-2), p. 78-81, 1935.

- **Neurobiologia**

Recursos modernos de assistência aos doentes mentais. Neurobiologia, Recife, 1 (1), p. 1-13, Jun. 1938.

Seis casos de miotonia congênita. Neurobiologia, Recife, 2 (2), p. 137-154, Jun. 1939.

Um caso de atrofia muscular pseudo-hipertrófica. Em colaboração com Jarbas pernambucano. Neurobiologia, Recife, 2 (4), p. 316-319, Dez. 1939.

A neuromielite epidêmica (Doença de Austregésilo) em Pernambuco. Em colaboração com Arnaldo Di Lascio e Alcides Benício. Neurobiologia, Recife, 3 (4), p. 315-357, Dez. 1940.

Síndrome de atrofia paleocerebelar. Em colaboração com Antônio Couceiro. Neurobiologia, Recife, 3 (4), p. 373-382, Dez. 1940.

Introdução ao número especial de Neurobiologia dedicado ao Congresso de Aracaju. Neurobiologia, Recife, 3 (4), 4 páginas, Dez. 1940.

Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em quatrocentos primeiros internados em casa de saúde particular. Em colaboração com Arnaldo Di Lascio. Neurobiologia, Recife, 3 (4), p. 497-504, Dez. 1940.

Neuropsiquiatria forense. Neurobiologia, Recife, 4 (2), p. 162-175, Jun. 1941.

Neuropsiquiatria forense (II). Neurobiologia, Recife, 4 (3), p. 242-249, Set. 1941.

Discurso no centenário do hospital psiquiátrico Nacional. Neurobiologia, Recife, 4 (3), p. 265-269, Set. 1941.

Discurso em homenagem ao Dr. Adauto Botelho. Neurobiologia, Recife, 5 (2), p. 97-100, Jun. 1942.

A ação social do psiquiatra. Neurobiologia, Recife, 6 (4), p. 153-160, Dez. 1943.

Discurso no banquete de confraternização dos médicos brasileiros com os médicos das forças armadas americanas. Neurobiologia, Recife, 7 (1-2), Mar-Jun. 1944.

- **Obras Sobre Ulysses Pernambucano**

Estudos Pernambucanos, Dedicados a Ulysses Pernambucano, Officinas Graphicas da Empresa Jornal do Commercio S/A, Recife – 1937.

Discurso de posse no cargo de professor catedrático de Clínica Neurológica. In: Marques de Sá, João. A cadeira No 5 da Academia Pernambucana de Medicina: Ulysses Pernambucano. Neurobiologia, Recife, 37 (1), p. 22-23, Jan - Mar. 1974.

Ciclo de Estudos Sobre Ulysses Pernambucano, Academia Pernambucana de Medicina, Recife – 1978.

11.4 José Lucena (Lista de obras)

1932

Lucena, J. A paralisia geral em Pernambuco. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, ano II, n. 1, abril – 1932, p. 93-9.

Lucena, J. (colaboração de Lourdes Paes Barreto) Nível de inteligência e desenvolvimento físico. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, ano II, n. 1, abril – 1932, p. 123-33.

1933

Lucena, J. Caso de paranóia. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, ano III, n. 1, abril – 1933, p. 45-8.

Lucena, J. Perturbações mentais simultâneas em vários membros de uma família. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, ano III, n. 1, abril – 1933, p. 64-8.

Lucena, J. Variações fisiológicas da época de aparecimento da puberdade feminina. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, ano III, n. 2, 2º semestre – 1933, p. 165-76.

1934

Lucena, J. Os fumadores de maconha em Pernambuco. Arquivos da Assistência a Psicopatas, ano IV, n. 1, p. 53-96, 1934. e A Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros), Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, p. 277-325, 1951

1935

Lucena, J. (com colaboração de René Ribeiro) Inquérito sobre as instalações e métodos educativos dos orfanatos do Recife. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, ano V, n. 1 e 2, 1935, p. 145 - 63.

Lucena, J. Alguns novos dados sobre os fumadores de maconha. Arquivos da Assistência a Psicopatas, ano V, n. 1 e 2, p. 197-207, 1935 e A Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros), Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, p. 98-106, 1951

1937

Lucena, J. Características da escola psiquiátrica orientada pelo professor Ulysses Pernambucano. Estudos Pernambucanos sobre Ulysses Pernambucano, 1937, p. 21-26

1938

Lucena, J. (com colaboração de Antônio Couceiro) Atrofias musculares localizadas aparecendo no decurso da paralisia geral. Neurobiologia, vol. 1, n. 1, jun 1938, p. 36-43.

Lucena, J. Contribuição ao estudo de algumas manifestações iniciais das esquizofrenias. Neurobiologia, tomo I, n. 2, p. 147-181, set. 1938 (trechos de **tese** de concurso à livre docência de Clinica Psiquiátrica – Faculdade de Medicina do Recife)

1939

Lucena, J. Maconhismo e Alucinações. Neurobiologia, tomo II, n. 2, p. 110-120, jun. 1939 e A Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros), Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, p. 116-125, 1951

1940

Lucena, J. Uma pequena epidemia mental em Pernambuco. Neurobiologia, tomo III, n. 1, p. 41-91, mar. 1940

Lucena, J. Evolução regressiva de perturbações mentaes na idade involutiva. Neurobiologia, tomo III, n. 4, p. 302-314, dez. 1940

1941

Lucena, J.; Botelho, G. Tempo de aparecimento de sintomas cutâneos pelagrosos em psicopatas hospitalizados. Neurobiologia, vol. 4, n. 2, jun 1941, p. 83-95.

Lucena, J.; Benício, A. Variações de temperatura imediatamente consecutivas à retirada de líquido céfalo-raquiano. Neurobiologia, vol. 4, n. 3, set 1941, p. 213-24.

1942

Lucena, J. Resultados negativos da injeção de urina de mulher grávida sobre a ovulação do sapo. (Bufo Marinus). Separata de Neurobiologia, tomo V – n. 2, junho de 1942, Recife

Lucena, J. Pesquisa de alguns fatores do complexo B em frutos do maxixe. Neurobiologia, vol. 5, n. 2, jun 1942, p. 89-92.

Lucena, J. Contribuição à pesquisa biológica da vitamina B1 em alguns alimentos brasileiros **(Tese** para concorrer à vaga de Professor Catedrático de Fisiologia na Faculdade de Medicina do Recife). Recife – 1942

1943

Lucena, J. (colaboração de José Carlos Cavalcanti Borges) Reação delituosa no decurso de paralisia pseudo-bulbar. Neurobiologia; tomo VI, n. 3, p. 133 -144, set. 1943

Lucena, J. (colaboração de Pedro Cavalcanti) Algumas repercussões da vertigem voltáica sobre o sistema vegetativo. Neurobiologia, tomo VI, n. 4, dez. 1943, p. 364-70

1946

Lucena, J. Psicoses múltiplas predominantemente reativas e psicoses múltiplas predominantemente endógenas. Neurobiologia, tomo IX, n. 1, p. 83-112, jun. 1946

1947

Lucena, J. Algumas reações psicóticas registradas em reservistas incorporados ao exército. Neurobiologia, tomo X, n. 1, p. 22-36, mar. 1947

1948

Lucena, J. Dados psicotécnicos sobre um pequeno grupo de fumadores de maconha. Neurobiologia, tomo XI, n. 2, p. 81-130, junho – 1948

Lucena, J. O teste de Rorschach em um grupo de adolescentes. Neurobiologia, tomo XI, n. 4, dez. 1948, p. 275-344

1949

Lucena, J. (colaboração de Luís Ataíde e Pedro Coelho) Maconhismo crônico e Psicoses. Neurobiologia, tomo XII, n. 3, p. 235-258, set. 1949 e A Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros), Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, p. 249-276, 1951

1952

Lucena, J. Modificações psicológicas observadas no decorrer do choque hipoglicêmico de Sakel. Neurobiologia, Tomo XV, n. 2, junho – 1952, p. 59-82 (condensação da **tese** apresentada no concurso de Professor Catedrático da Clínica Psiquiátrica – Faculdade de Medicina do Recife)

1953

Lucena, J. (colaboração de Alda Campos e Maria da Graça Araújo e Silva). O teste de Rorschach em um grupo de paralíticos gerais. Separata de neurobiologia, tomo XVI – n. 2, junho de 1953, Recife, p. 101-26

Lucena, J. (colaboração de Zaldo Rocha e David Azoubel Neto) Aplicação do teste de Szondi a pacientes que apresentam convulsões no decurso da insulinoterapia. Separata de Neurobiologia, tomo XVI – n. 4, dezembro de 1953, Recife, p. 329-47.

1954

Lucena, J. (colaboração de Alda Campos e Maria da Graça Araújo e Silva) Alguns resultados da aplicação do test de Rorschach a um grupo de estrangeiros em Pernambuco. Separata de neurobiologia, tomo XVII – n. 4, dezembro de 1954, Recife, p. 231-58

1956

Lucena, J. (colaboração de Galdino Loreto e Antônio de Souza Costa) Resultados do tratamento de doentes mentais pelo amplictil. Separata de neurobiologia, tomo XIX, n. 1 e 2, mar. / jun. 1956, Recife, p. 3-20

1957

Lucena, J. (colaboração de Galdino Loreto e Antônio de Souza Costa) Resultados do tratamento de doentes mentais pela reserpina. Separata de "O Hospital", abril de 1957, Rio de Janeiro, p. 431-50

Lucena, J. (colaboração de Galdino Loreto e Antônio de Souza Costa) Traitement de la schizophrenie par la reserpine. Neurobiologia, tomo XX, n. 1, março – 1957, p. 51-55

Lucena, J. (colaboração de Galdino Loreto e Antônio de Souza Costa) Traitement neuroleptique par le largactil chez dês schizophrenes. Neurobiologia, tomo XX, n. 1, março – 1957, p. 56-60

Lucena, J. (colaboração de J. C. Cavalcanti Borges, Paulo Sette e Maria do Carmo Souto) Le Bender-Gestalt test et quelques données d'analyse structurale em des schizophrènes. Separata de Neurobiologia, tomo XX – n. 3 e 4, set./ dez. 1957, Recife, p. 170 - 3

Lucena, J. Quelques résultats du test de H. Sargent. (insight test), appliqué a des délirants chroniques. Revue de psychologie appliqué, vol. 7, n. 2, avril 1957, p. 81-111

1958

Lucena, J. Modifications des données du test de Rorschach pendant les phases du choc insulinique. Revue de psychologie appliqué, vol. 8, n. 1, janvier 1958, p. 25-35

Lucena, J. Aspectos da incidência e distribuição das doenças mentais no Brasil. Separata de neurobiologia, tomo XXI – n. 3 e 4, set /dez 1958, Recife, p. 252-73

Lucena, J. Súmula dos estudos brasileiros sobre as alterações mentais no maconhismo agudo e crônico. Neurobiologia, vol. 21, n. 1, mar. 1958, p.14-26

1959

Lucena, J. La symptômatologie du cannabisme. Neurobiologia, vol. 22, 23 e 24; correspondentes a 1959, 1960 e 1961; número único, p. 17-33

1963

Lucena, J. Contribuição à classificação brasileira de doenças mentais. Neurobiologia, vol. 26, n. 1, março – 1963, p. 10-21

Lucena, J. (colaboração de Paulo Sette e Maria do Carmo Souto Sette) Algumas considerações sobre os resultados da aplicação de provas de inteligência e de estabilidade emocional a candidatos ao curso médico. Anais da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v. 23, n. 2, 65-94, 1963

1964

Lucena, J. Variações de incidência de doenças mentais entre épocas cronologicamente afastadas. Neurobiologia, vol. 27, n. 1, mar. 1964, p.22-35

Lucena, J. Alguns dados complementares sôbre as variações de incidência das doenças mentais entre épocas cronològicamentes afastadas. Neurobiologia, vol. 27, n. 4, dez. – 1964, p. 283-304

1965

Lucena, J. Alguns problemas brasileiros de saúde mental. Neurobiologia, vol. 28, n. 3, set. 1965, p. 217-254

1966

Lucena, J. Quelques aspects des statistiques de l'incidence et de la prevalence des maladies mentales dans le Department de la Seine et de leurs rapports réciproques – L'Evolution psychiatrique 31: 341-62, 1966.

1968

Lucena, J. Canabismo e reações delituosas. Anais da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v. 28/29, p. 129-152, 1968-69

1969

Lucena, J. Aspectos culturais na patologia mental em certos grupos brasileiros. Revista Brasileira de Psiquiatria 3: 7-30, 1969 e Neurobiologia, 2004

1970

Lucena, J. Possibilidade de utilização de meios complementares no diagnóstico das depressões. Simpósio sôbre depressões; Belo Horizonte, MG – Brasil; março 1970, relatório oficial. Revista Brasileira de psiquiatria, vol. 4, n. 3, set – 1970, p. 88-94

Lucena, J. Saúde mental e adolescência. Neurobiologia, vol. 33, n. 2, junho 1970, p. 97-110

Lucena, J. Application de La Psychanalyses à La Semiologie Psychiatrique (resposta à enquete de M. G. Daumezon) – L'Information Psychiatrique – 46: 550-3, 1970.

1973

Lucena, J. (colaboração de Maria do Carmo Souto Sette e Marluce Muniz de Souza) Idade da menarca e doença mental. (Nota prévia). Neurobiologia, vol. 36, n. 1, jan./mar. 1973, p.3-8

Lucena, J. Santa Teresa e a psicologia moderna. In: Semana de Santa Teresa, Instituo de Letras, UFPE, editora universitária, 1973, Recife

1974

Lucena, J. Os limites da atuação do psiquiatra. Neurobiologia, vol. 37, 1973, p. 129-148

Lucena, J. Alguns aspectos da produtividade intelectual na terceira idade da vida em escritores brasileiros – Significação para a saúde mental. Jorn Bras Psiq, v. 23?, jul. /dez. 1974, p. 291-312, Rio de Janeiro

1975

Lucena, J. Histórico de Pernambuco como pioneiro, na América Latina, no campo da saúde mental. Neurobiologia, vol. 38, n. 3, jul./set. – 1975 p. 233-248, Recife

1976

Lucena, J. (colaboração de Ariano Ernesto de Oliveira) O paciente neuropsiquiátrico em face da previdência social. Neurobiologia, vol. 39, n. 2, abr./jun. – 1976, p. 77-96

Lucena, J. Aspectos da Evolução da assistência psiquiátrica no Brasil nos últimos 50 anos. Jorn Brás Psiq, vol. 25, 1976, p. 159-194

Lucena, J. Introdução ao Simpósio "Esquizofrenia Hoje". Neurobiologia, vol. 39, suplemento, p. 1-4, 1976

Lucena, J. Esquizofrenia e sociedade contemporânea – Conceito e mudanças sintomatológicas. Neurobiologia, vol. 39, suplemento, p. 53-67, 1976

Lucena, J. Erros e acertos na formação do psiquiatra no Brasil – 4º Congresso Brasileiro de Psiquiatria, volume dedicado ao tema oficial (mimeografado): 1-6, Fortaleza, 1976.

1978

Lucena, J. Raízes e tendências da psiquiatria no Brasil. Neurobiologia, vol. 41, suplemento, 1978, p. 05-48

1979

Lucena, J. Visão crítica da assistência psiquiátrica no nordeste brasileiro. Boletim de psiquiatria, ano IV, n. 15, set 1979, p. 14-26

Lucena, J. Ulisses Pernambucano e sua Escola de Psiquiatria Social. Neurobiologia, vol. 42, n. 4, out./dez. 1979, p. 253-282

1980

Lucena, J. Alguns aspectos da evolução da psicogeriatria no Brasil, Vivência (Maceió), n. 6, vol. 1, 1980, p. 36-49

1987

Lucena, José. Algumas mudanças atuais do estilo de dependência de drogas. Neurobiologia, vol. 50, n. 2, p. 69-88, abr. / jun. 1987

1988

Lucena, J. Aspectos sócio-culturais da saúde mental na terceira idade. Neurobiologia, vol. 51, n. 1, jan./mar. – 1988, p. 3-30

Obras sobre José Lucena

- Loreto, G. Visão panorâmica da produção científica de José Lucena. Neurobiologia, vol. 46, n. 3, jul. /set. 1983, p. 283-300.

- Loreto, G. O pensamento psiquiátrico de José Lucena. Neurobiologia, vol. 43, n. 2, 1980, p. 193 – 204.

12. Anexo (Imagens)

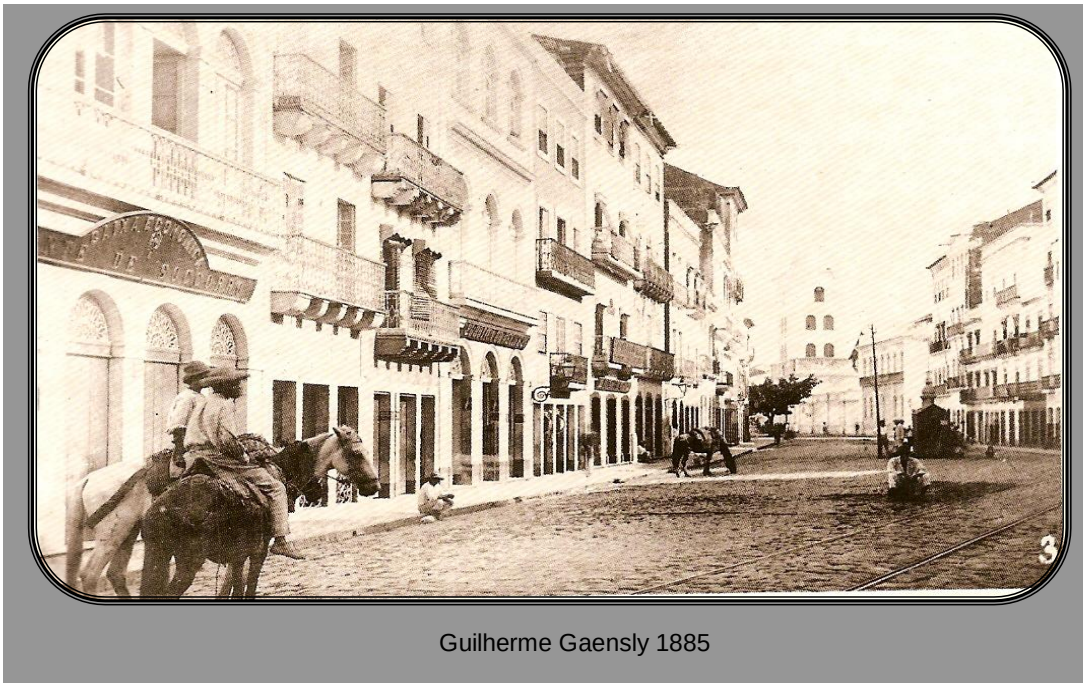


Imagem 1. (Recife antigo), fonte: Gilberto Ferrez (Velhas fotografias pernambucanas)

Imagem 2. (Vista aérea do Recife e algumas de suas pontes)

Imagem 3. (Faculdade de Direito do Recife)

Imagem 4. (Antigo prédio da Faculdade de Medicina do Recife), foto: Pedro Batista

Imagens 5, 6 e 7. (Ulysses Pernambucano)

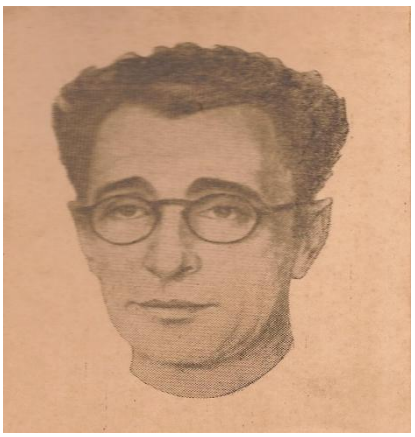


Imagem 5.
(bico de pena de Ismailovitch)

Imagens 6 e 7.
Ulysses Pernambucano fotografado
(arquivo prof. Othon Bastos)

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

THESE

Apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Em 14 de Novembro de 1912

e defendida em 27 de Dezembro de 1912

POR

Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho

NATURAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Filho legitimo do Dr. José Antonio Gonsalves Mello e D. Maria da Conceição de Mello

AFIM DE OBTER O GRÃO DE DOUTOR EM MEDICINA

DISSERTAÇÃO

Cadeira de Clinica Psychiatrica e Doenças Nervosas

Sobre algumas manifestações nervosas da heredo-syphilis

(Contribuição pessoal a seu estudo)

Approvada com distincção

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras do curso de sciencias medico-cirurgicas

RIO DE JANEIRO

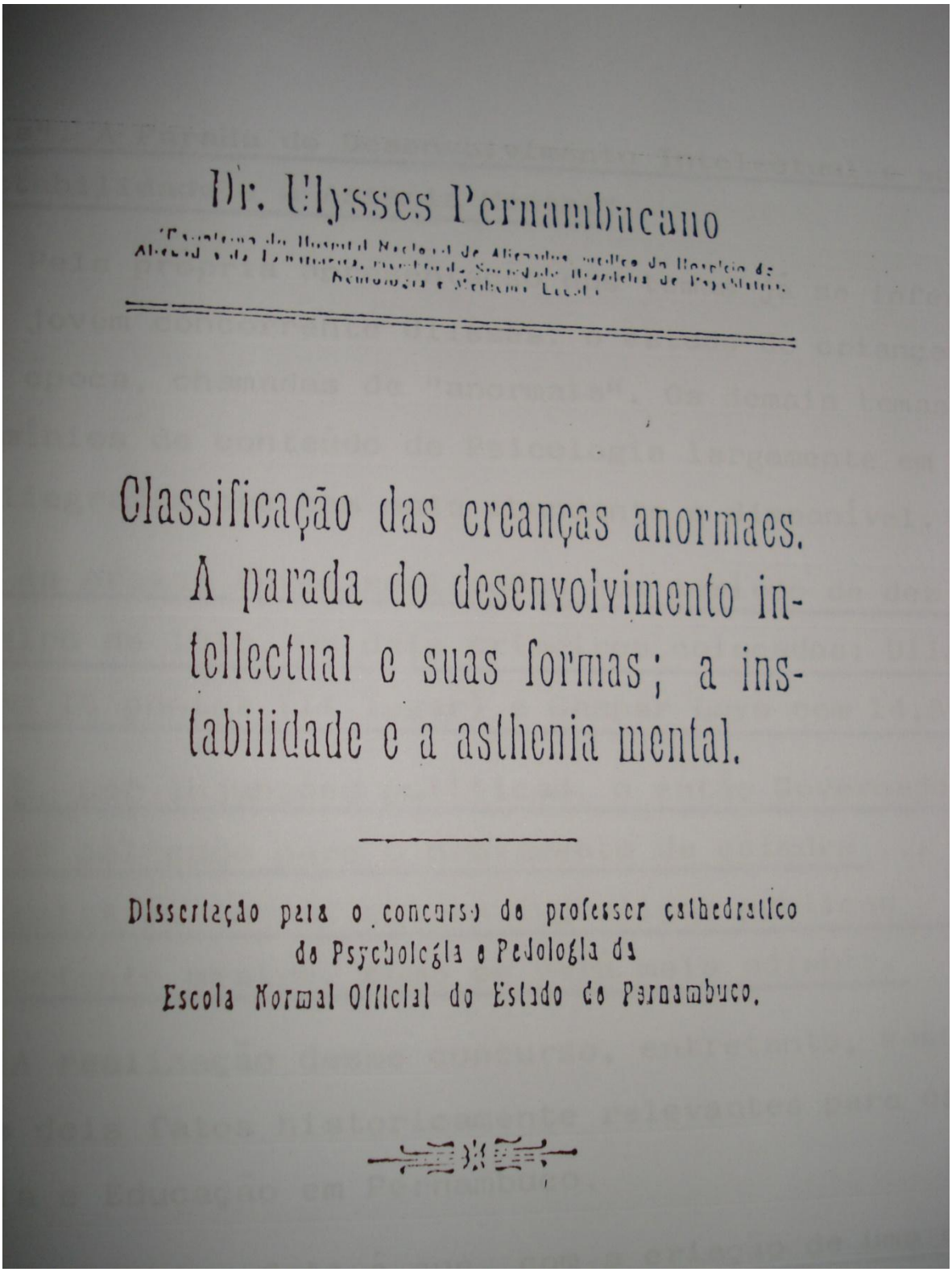
Typ. da Papelaria MODELO — José Ayres & Chaves — Visconde de Inhaúma, 54

1912

"Sobre Algumas Manifestações Nervosas da Here-do-Sífilis". Tese com a qual obteve o grau de "doutor em Medicina". Com 132 páginas, Ulisses Pernambucano ao defendê-la tinha 20 anos de idade. (Foto: Eliane Velozo).

Imagem 8. (Tese de graduação em Medicina), fonte: Adailson Medeiros (60)

Imagem 9. (Consultório em Vitória de Santo Antão - PE), fonte: Neurobiologia. Vol. 37, n. 1, jan./ mar. 1974



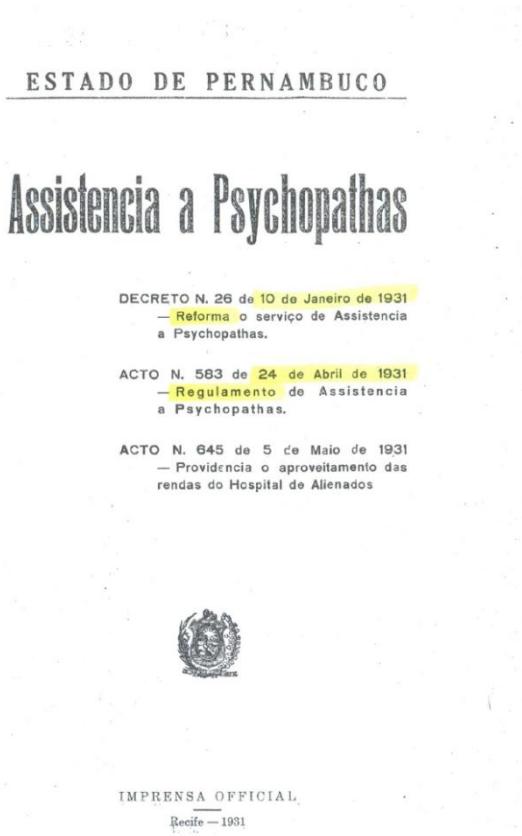
Dr. Ulysses Pernambucano

Classificação das creanças anormaes. A parada do desenvolvimento intellectual e suas formas; a instabilidade e a asthenia mental.

Dissertação para o concurso de professor cathedratico da Psychologia e Pedologia da Escola Normal Official do Estado de Pernambuco.

Imagem 10. (Tese para concurso na Escola Normal)

Imagem 11. (Ginásio Pernambucano), foto: Pedro Batista



ESTADO DE PERNAMBUCO

Assistencia a Psychopathas

DECRETO N. 26 de 10 de Janeiro de 1931
— Reforma o serviço de Assistencia a Psychopathas.

ACTO N. 583 de 24 de Abril de 1931
— Regulamento de Assistencia a Psychopathas.

ACTO N. 645 de 5 de Maio de 1931
— Providencia o aproveitamento das rendas do Hospital de Alienados

IMPRENSA OFFICIAL
Recife — 1931

Imagem 12.
(Decreto da Reforma da Assistência a Psicopatas)

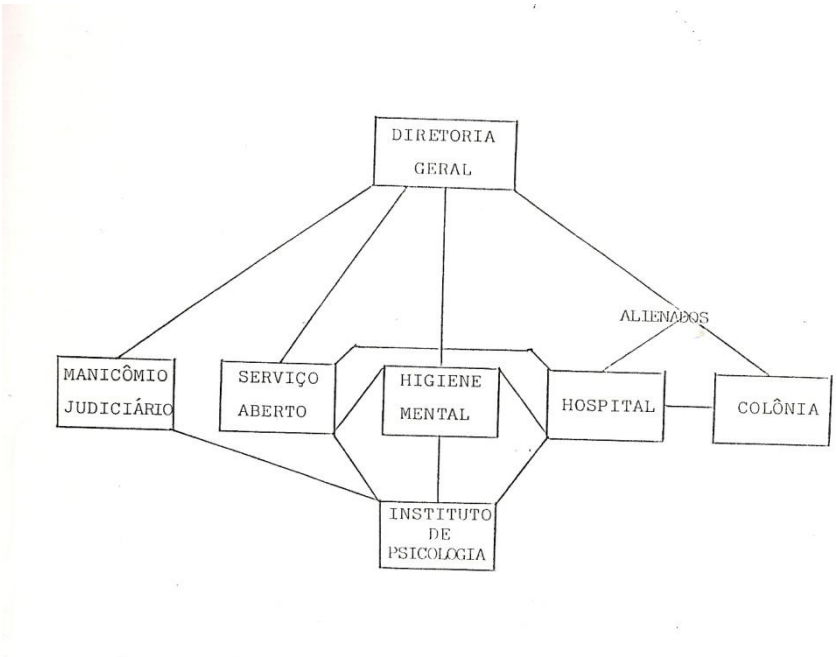


Imagem 13. (Organograma da Assistência a Psicopatas de Pernambuco), fonte: Adailson Medeiros (60)

Imagens 14 e 15. (Ulysses Pernambucano com Gilberto Freyre e Olívio Montenegro)

Imagens 16 e 17. (Antigo Hospital de Alienados – Tamarineira, hoje Hospital Ulysses Pernambucano)

Imagens 18 e 19. (Antiga casa de detenção, onde Ulysses permaneceu detido por 40 dias, às margens do rio Capibaribe) – hoje Casa da Cultura do Recife.

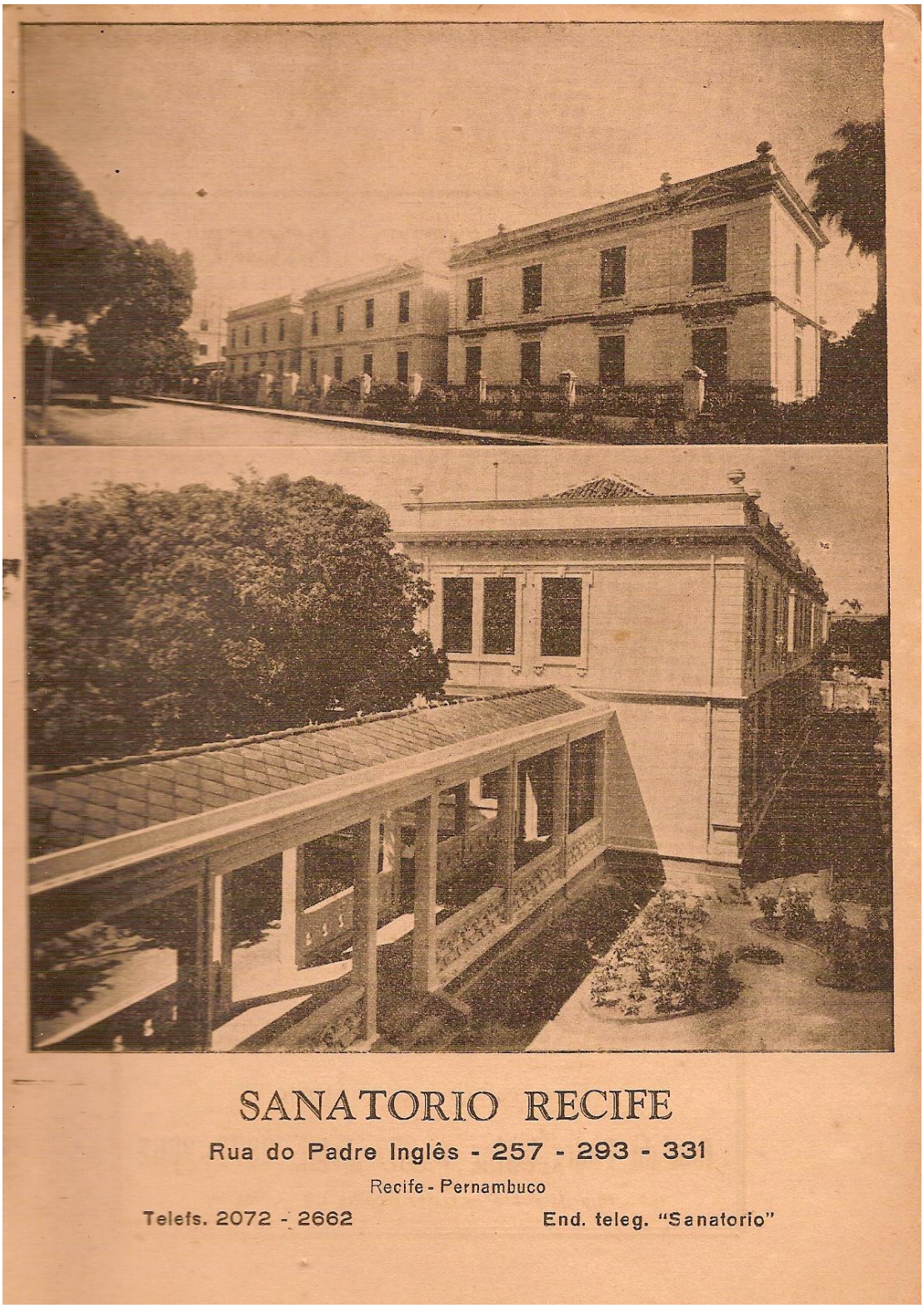
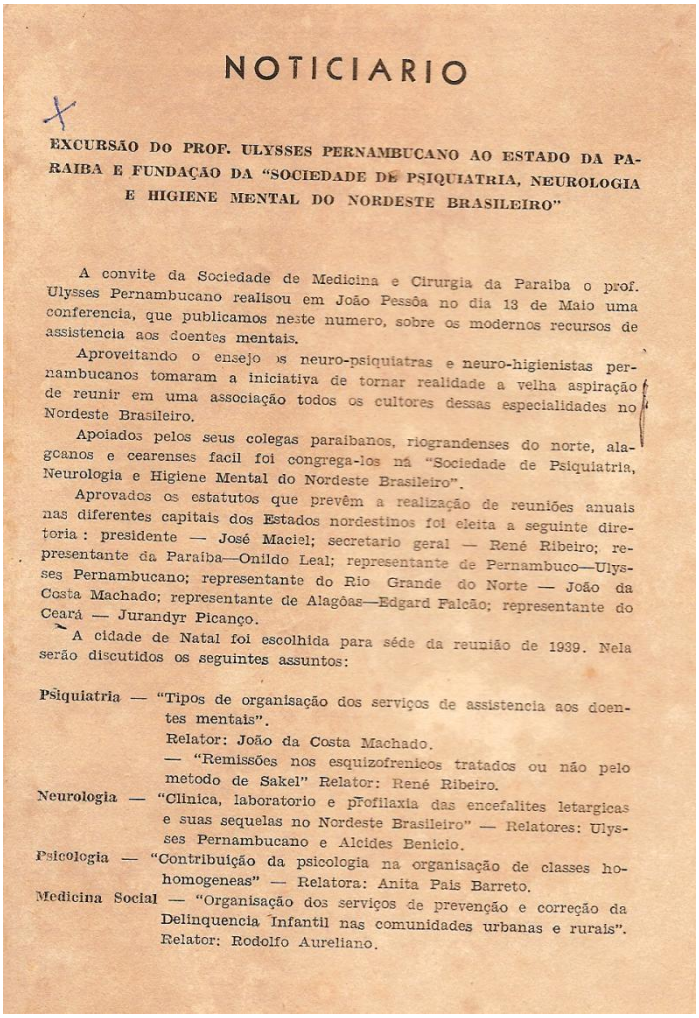


Imagem 20. (propaganda do Sanatório Recife em Neurobiologia, revista).



NOTICIARIO

EXCURSÃO DO PROF. ULYSSES PERNAMBUCANO AO ESTADO DA PARAIBA E FUNDAÇÃO DA "SOCIEDADE DE PSIQUIATRIA, NEUROLOGIA E HIGIENE MENTAL DO NORDESTE BRASILEIRO"

A convite da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraiba o prof. Ulysses Pernambucano realisou em João Pessôa no dia 13 de Maio uma conferencia, que publicamos neste numero, sobre os modernos recursos de assistencia aos doentes mentais.

Aproveitando o ensejo os neuro-psiquiatras e neuro-higienistas pernambucanos tomaram a iniciativa de tornar realidade a velha aspiração de reunir em uma associação todos os cultores dessas especialidades no Nordeste Brasileiro.

Apoiados pelos seus colegas paraibanos, riograndenses do norte, alagoanos e cearenses facil foi congrega-los ná "Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro".

Aprovados os estatutos que prevêm a realização de reuniões anuais nas diferentes capitais dos Estados nordestinos foi eleita a seguinte diretoria: presidente — José Maciel; secretario geral — René Ribeiro; representante da Paraiba—Onildo Leal; representante de Pernambuco—Ulysses Pernambucano; representante do Rio Grande do Norte — João da Costa Machado; representante de Alagôas—Edgard Falcão; representante do Ceará — Jurandyr Picanço.

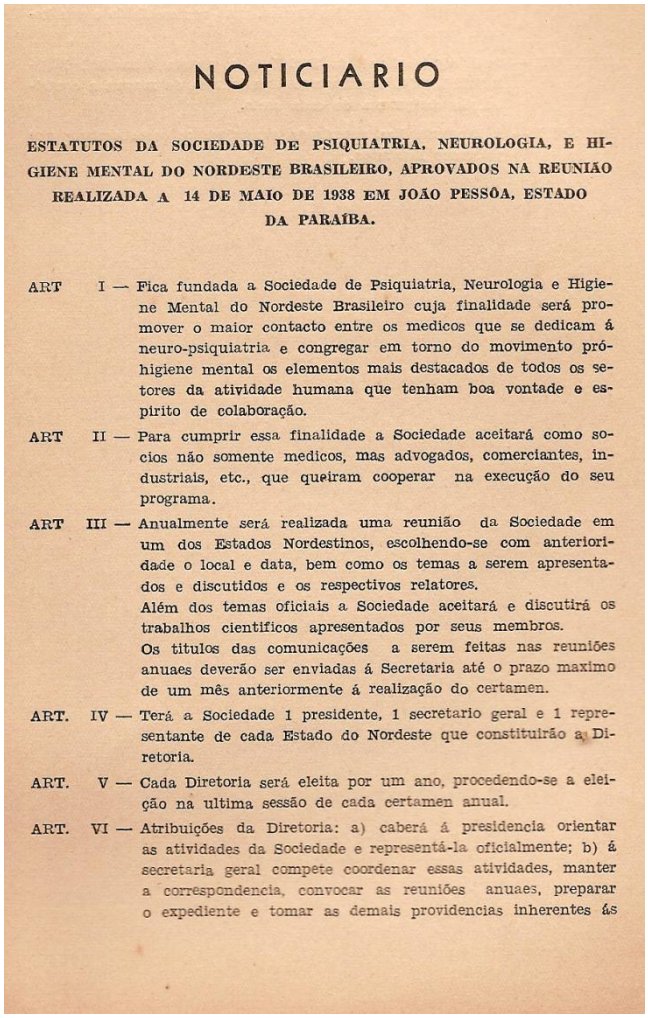
A cidade de Natal foi escolhida para séde da reunião de 1939. Nela serão discutidos os seguintes assuntos:

Psiquiatria — "Tipos de organisação dos serviços de assistencia aos doentes mentais".
Relator: João da Costa Machado.
— "Remissões nos esquizofrenicos tratados ou não pelo metodo de Sakel" Relator: René Ribeiro.

Neurologia — "Clinica, laboratorio e profilaxia das encefalites letargicas e suas sequelas no Nordeste Brasileiro" — Relatores: Ulysses Pernambucano e Alcides Benicio.

Psicologia — "Contribuição da psicologia na organisação de classes homogeneas" — Relatora: Anita Pais Barreto.

Medicina Social — "Organisação dos serviços de prevenção e correção da Delinquencia Infantil nas comunidades urbanas e rurais". Relator: Rodolfo Aureliano.



NOTICIARIO

ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE PSIQUIATRIA, NEUROLOGIA, E HIGIENE MENTAL DO NORDESTE BRASILEIRO, APROVADOS NA REUNIÃO REALIZADA A 14 DE MAIO DE 1938 EM JOÃO PESSÔA, ESTADO DA PARAÍBA.

ART I — Fica fundada a Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro cuja finalidade será promover o maior contacto entre os medicos que se dedicam á neuro-psiquiatria e congregar em torno do movimento próhigiene mental os elementos mais destacados de todos os setores da atividade humana que tenham boa vontade e espirito de colaboração.

ART II — Para cumprir essa finalidade a Sociedade aceitará como socios não somente medicos, mas advogados, comerciantes, industriais, etc., que queiram cooperar na execução do seu programa.

ART III — Anualmente será realizada uma reunião da Sociedade em um dos Estados Nordestinos, escolhendo-se com anterioridade o local e data, bem como os temas a serem apresentados e discutidos e os respectivos relatores.
Além dos temas oficiais a Sociedade aceitará e discutirá os trabalhos cientificos apresentados por seus membros.
Os titulos das comunicações a serem feitas nas reuniões anuaes deverão ser enviadas á Secretaria até o prazo maximo de um mês anteriormente á realização do certamen.

ART. IV — Terá a Sociedade 1 presidente, 1 secretario geral e 1 representante de cada Estado do Nordeste que constituirão a Diretoria.

ART. V — Cada Diretoria será eleita por um ano, procedendo-se a eleição na ultima sessão de cada certamen anual.

ART. VI — Atribuições da Diretoria: a) caberá á presidencia orientar as atividades da Sociedade e representá-la oficialmente; b) á secretaria geral compete coordenar essas atividades, manter a correspondencia, convocar as reuniões anuaes, preparar o expediente e tomar as demais providencias inherentes ás

Imagens 21 e 22. (Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro – Fundação e Estatutos), revista Neurobiologia

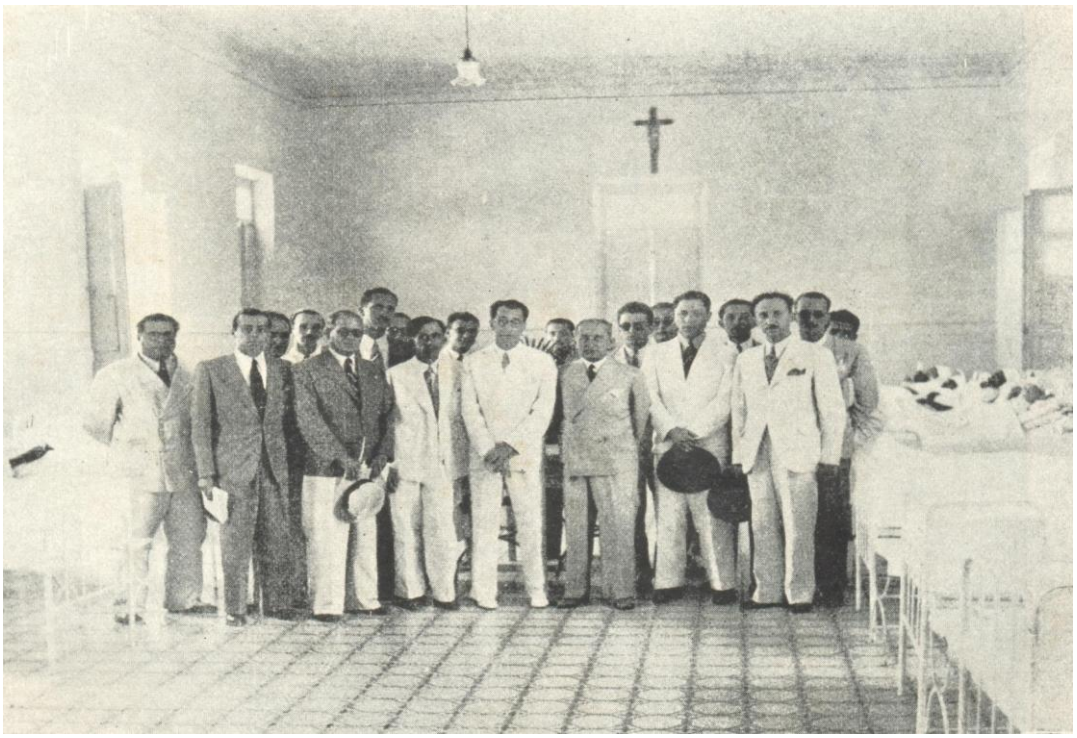
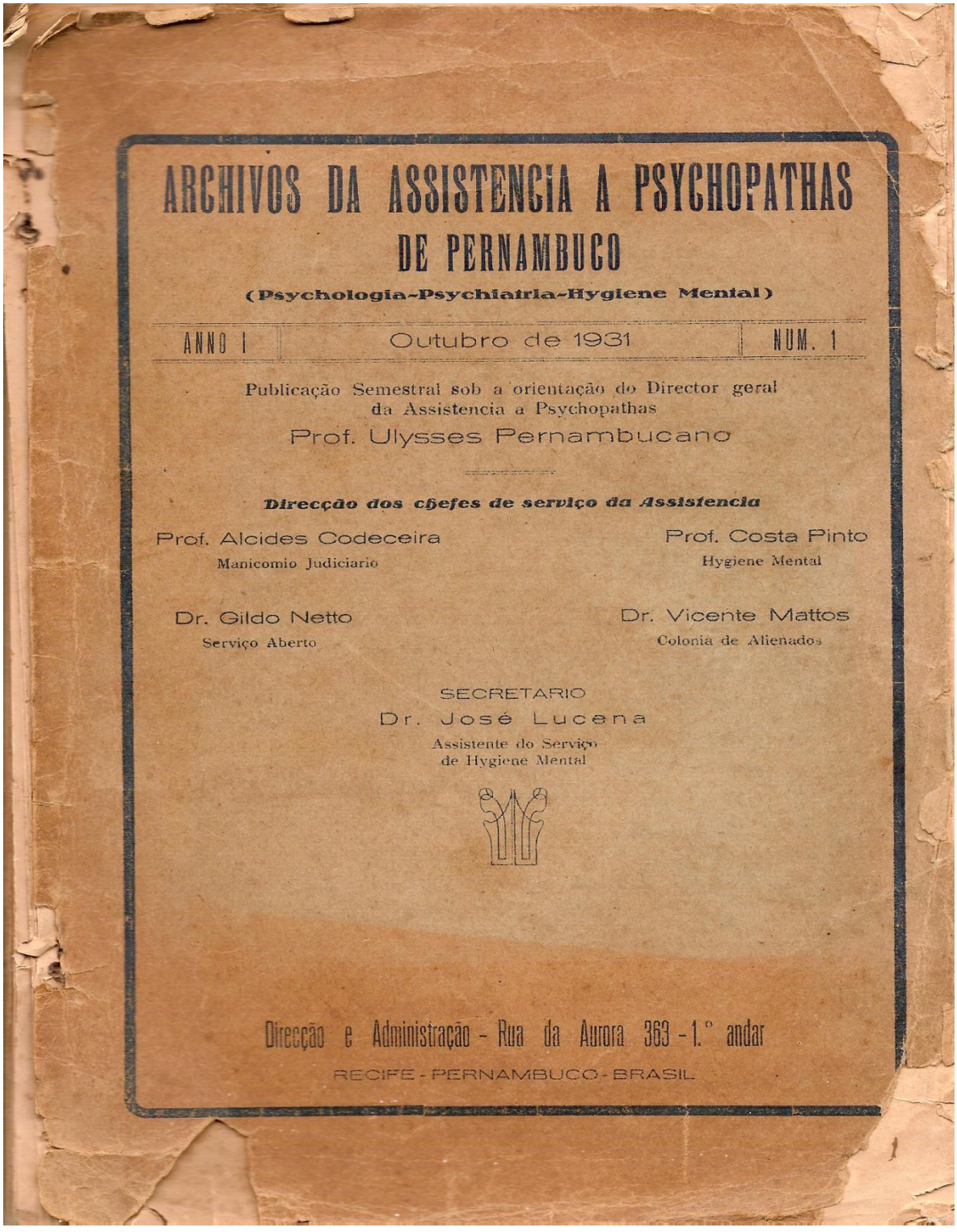


Imagem 23 e 24. (Ulysses Pernambucano discursando no Congresso de Aracaju, 1940 e visitando instalações no mesmo evento), fonte: Neurobiologia, revista.

Imagem 25. (Busto de Ulysses Pernambucano no pátio do hospital de mesmo nome)



ARCHIVOS DA ASSISTENCIA A PSYCHOPATHAS
DE PERNAMBUCO
(Psychologia-Psychiatria-Hygiene Mental)

ANNO I | Outubro de 1931 | NUM. 1

Publicação Semestral sob a orientação do Director geral da Assistencia a Psychopathas
Prof. Ulysses Pernambucano

Direcção dos chefes de serviço da Assistencia

Prof. Alcides Codeceira
Manicomio Judiciario

Prof. Costa Pinto
Hygiene Mental

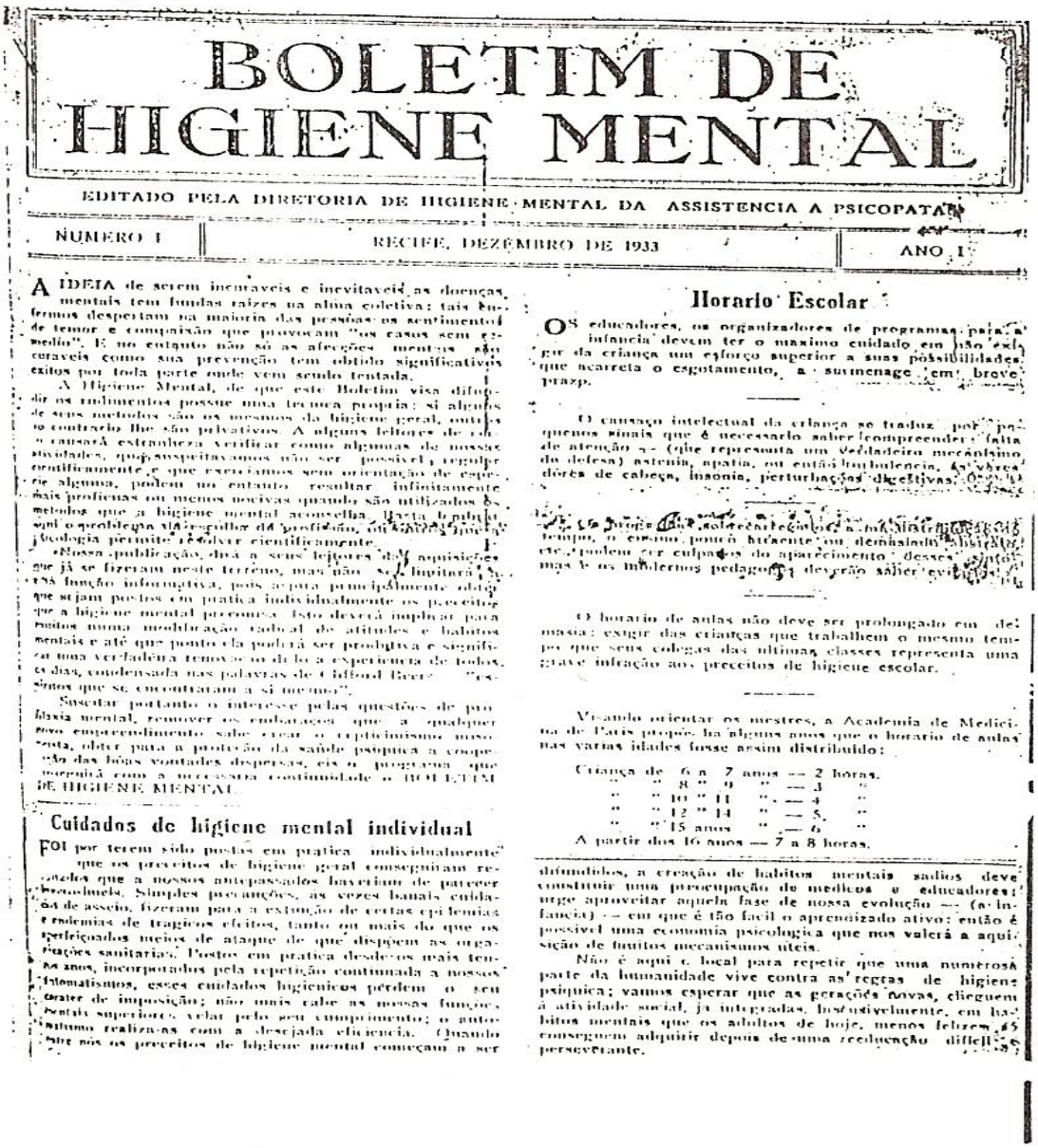
Dr. Gildo Netto
Serviço Aberto

Dr. Vicente Mattos
Colonia de Alienados

SECRETARIO
Dr. José Lucena
Assistente do Serviço de Hygiene Mental

Direcção e Administração - Rua da Aurora 363 - 1.° andar
RECIFE - PERNAMBUCO - BRASIL

Imagem 26. (1º exemplar da revista 'Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco), outubro de 1931



BOLETIM DE HIGIENE MENTAL

EDITADO PELA DIRETORIA DE HIGIENE MENTAL DA ASSISTENCIA A PSICOPATAS

NUMERO 1 | RECIFE, DEZEMBRO DE 1933 | ANO I

A IDEIA de serem incuraveis e inevitaveis as doenças mentais tem fundas raizes na alma coletiva; tais horrores despertam na maioria das pessoas os sentimentos de temor e compaixão que provocam "os casos sem remedio". E no entanto não só as afecções mentais não curaveis como sua prevenção tem obtido significativos exitos por toda parte onde vem sendo tentada.

A Higiene Mental, de que este Boletim visa difundir os rudimentos possue uma technica propria: si alguns de seus methodos são os mesmos da hygiene geral, outros ao contrario lhe são privativos. A alguns leitores de cultura causará estranheza verificar como algumas de nossas atividades, que suspeitavamos não ser possivel regular scientificamente, e que exercitamos sem orientação de especie alguma, podem no entanto resultar infinitamente mais proficuas ou menos nocivas quando são utilizados os methodos que a higiene mental aconselha. Havia [illegible] qual o problema [illegible] da profissão, ou a [illegible] que a psychologia permite resolver scientificamente.

«Nossa publicação, dirá a seus leitores das aquisições que já se fizeram neste terreno, mas não será limitará sua função informativa, pois aceita principalmente obrigar que sejam postos em pratica individualmente os preceitos que a higiene mental preconisa. Isto deverá implicar para muitos numa modificação radical de attitudes e habitos mentais e até que ponto ela poderá ser prodigiosa e significar uma verdadeira renovação de toda a experiencia de todos os dias, condensada nas palavras de Clifford Beers: "os sintos que se encontrariam a si mesmo".

Suscitar portanto o interesse pelas questões de prophylaxia mental, remover os embaraços que a qualquer novo empreendimento sabe crear o ceticismo mesquinho, obter para a protecção da saúde psiquica a cooperação das bôas vontades dispersas, eis o programma que reputará como a necessaria continuidade o BOLETIM DE HIGIENE MENTAL.

Cuidados de higiene mental individual

FOI por terem sido postos em pratica individualmente que os preceitos de higiene geral conseguiram resultados que a nossos antepassados haveriam de parecer phenomenaes. Simples precauções, as vezes banais cuidados de asseio, fizeram para a extinção de certas epidemias endemias de tragicos effeitos, tanto ou mais do que os aperfeiçoados meios de ataque de que dispõem as organisações sanitarias. Postos em pratica desdeos mais tenros annos, incorporados pela repetição continuada a nossos automatismos, esses cuidados higienicos perdem o seu caracter de imposição; não mais cabe as mesmas funções mentais superiores velar pelo seu cumprimento; o automatismo realiza-as com a desejada eficiencia. Quando sobre nós os preceitos de higiene mental começam a ser

Horario Escolar

OS educadores, os organizadores de programmas para a infancia devem ter o maximo cuidado em não exigir da criança um esforço superior a suas possibilidades, que acarreta o esgotamento, a surmenage em breve prazo.

O cansaço intelectual da criança se traduz por pequenos sinais que é necessario saber [illegible] (falta de attenção — (que representa um verdadeiro mecanismo de defesa) astenia, apatia, ou então [illegible] irritabilidade, dôres de cabeça, insonia, perturbações digestivas. [illegible]

[illegible] tempo, o ensino pouco intuitivo ou demasiado abstrato, etc. podem ser culpados do apparecimento desses [illegible] mas os modernos pedagogos devem saber evitar [illegible]

O horario de aulas não deve ser prolongado em demasia; exigir das crianças que trabalhem o mesmo tempo que seus collegas das ultimas classes representa uma grave infração aos preceitos de higiene escolar.

Visando orientar os mestres, a Academia de Medicina de Paris propôs ha alguns annos que o horario de aulas nas varias idades fosse assim distribuido:

Criança de	6 a 7 annos	—	2 horas.
"	" 8 " 9 "	—	3 "
"	" 10 " 11 "	—	4 "
"	" 12 " 14 "	—	5 "
"	" 15 annos	—	6 "

A partir dos 16 annos — 7 a 8 horas.

[illegible] diminuidos, a creação de habitos mentaes sadios deve constituir uma preoccupação de medicos e educadores; urge aproveitar aquela fase de nossa evolução — (a infancia) — em que é tão facil o aprendizado ativo: então é possivel uma economia psicologica que nos valerá a aquisição de muitos mecanismos uteis.

Não é aqui o local para repetir que uma numerosa parte da humanidade vive contra as regras de higiene psiquica; vamos esperar que as gerações novas, chegando á atividade social, já integradas, substituam, em habitos mentais que os adultos de hoje, menos felizes, conseguem adquirir depois de uma reeducação difficil e perseverante.

"Boletim de Higiene Mental". Publicação mensal, com 4 páginas e distribuição gratuita representava o elo de ligação entre o Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas e o grande público. Fundado em 1933, foi editado regularmente durante vários anos. (Foto: Eliane Velozo).

Imagem 27. (1º exemplar do Boletim de Higiene Mental), dezembro de 1933,

fonte: Adailson Medeiros (60)

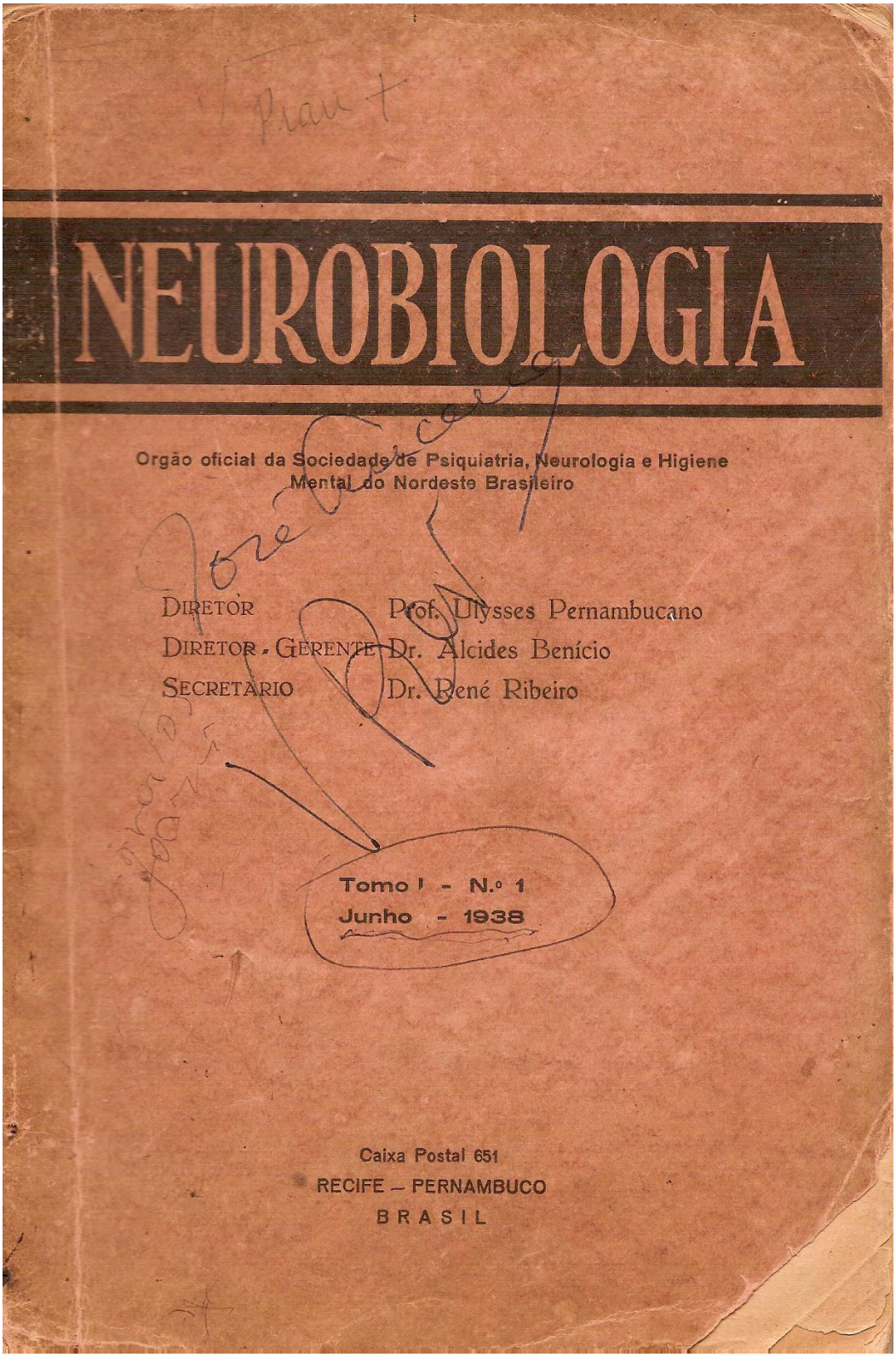


Imagem 28. (1º exemplar da revista Neurobiologia), junho de 1938

Republica dos Estados Unidos do Bra

ESTADO DE PERNAMBUCO

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Manoel Gomes de Andrade Lima *Oficial do Registro Civil do segundo Distrito do Municipio de Vicencia do Estado de Pernambuco, em virtude da lei, etc.*

Certifico, *que do livro numero* um *de registro de nascimento, deste Distrito á folhas numero* quarenta e tres verso, *sob o numero de ordem* sitenta e dois *consta o de* José, nascido em a Propriedade do Engenho Brocs deste destrito. á nove horas do dia vinte do mes de Fevereiro do ano de milnovecentos e nove filho de José Lucena da Mota Silveira e de Felicina da Mota Silveira

neto paterno de Antonio da Mota Silveira Cavalcante Junior e materno de Geronimo de Oliveira Cavalcante e Joaquina Antonia da Mota Silveira foram testemunhas da declaração Pompeo Apolonio Gonsalves Guerra e Joaquim Pereira de Andrade Pereira e declarante José Lucena da Mota Silveira *O referido é verdade:* Depois este, lavrado no dia vinte oito de mes de Fevereiro de milnovecentos e nove

Sirinhaém, 1946

Oficial do Registro

MANOEL GOMES DE ANDRADE LIMA Official do Registro Civil do 2º Districto do Municipio de Vicencia

Firma no Tab. PRAGANA Imperador, 468-Recife

Imagem 29. (Certidão de nascimento de José Lucena)

DIPLOMA DE MEDICO

Republica dos Estados Unidos do Brasil

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

Em nome do Governo da Republica dos Estados Unidos do Brasil,

Eu, José Antonio de Abreu Fialho, Doutor em medicina, Professor cathedratico de Clinica Ophthalmologica, Director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo presente o termo de collação de gráo de Medico, conferido no dia 28 de Dezembro de 1929, ao Sr. José Cavalcanti Lucena da Motta Silveira, natural do Estado de Pernambuco, filho de José Lucena da Motta Silveira e D. Celecina Cavalcanti da Silveira, nascido no dia 20 de Fevereiro de 1908, depois de ter sido approvado em todas as cadeiras do curso medico, mandei passar-lhe, em virtude da autoridade que me confere o Regimento da Faculdade, este diploma de medico, afim de que possa exercer a sua profissão nos Estados Unidos do Brasil, com os direitos e prerogativas concedidos pelas leis da Republica.

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1930.

O Reitor da Universidade

O Director da Faculdade

Assignatura do Medico

O Secretario

DECRETO N. 14.783 A de 13 de Janeiro de 1921

Imagem 30. (José Lucena - Diploma de Formatura/ 1929)

12mo Snr. Dr. Diretor Geral da Assistencia a Psicopatas de Pernambuco.

José Cavalcanti Lucena da Motta Silveira vem requerer a V. S. que se digne mandar certificar si o requerente foi classificado em primeiro lugar no Concurso para Assistente effetivo da Assistencia a Psicopatas realizado no anno de 1932.

Nestes termos
P/ deferimento.
Recife 22 de Dezembro de 1946.
José Cavalcanti Lucena da Motta Silveira

Estado de Pernambuco

Nomeio o dr José Cavalcanti Lucena da Motta Silveira para exercer o cargo de Assistente do Serviço de Assistencia a Psychopatas.
Palacio da Presidencia, em 17 de março de 1932.
Carlos de Lima Cavalcanti
Adolpho Herbster Coelho Cavalcanti

Imagem 31 e 32. (José Lucena – Concurso e nomeação na Assistência a Psicopatas)

N° de la Carte
1090
Date de délivrance
1er.11.1960
Valable jusqu'au
30.4.1961

Monsieur
DA MOTTA SILVEIRA
Prénoms José
né le 20 Février 1908
de nationalité Brésilienne
a été invité à accomplir un stage en France en qualité de
BOURSIER DU GOUVERNEMENT FRANÇAIS
Signature du titulaire :

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Paris - 3 NOV 1960
1, rue de Tilsitt (VIII°)

ATTESTATION

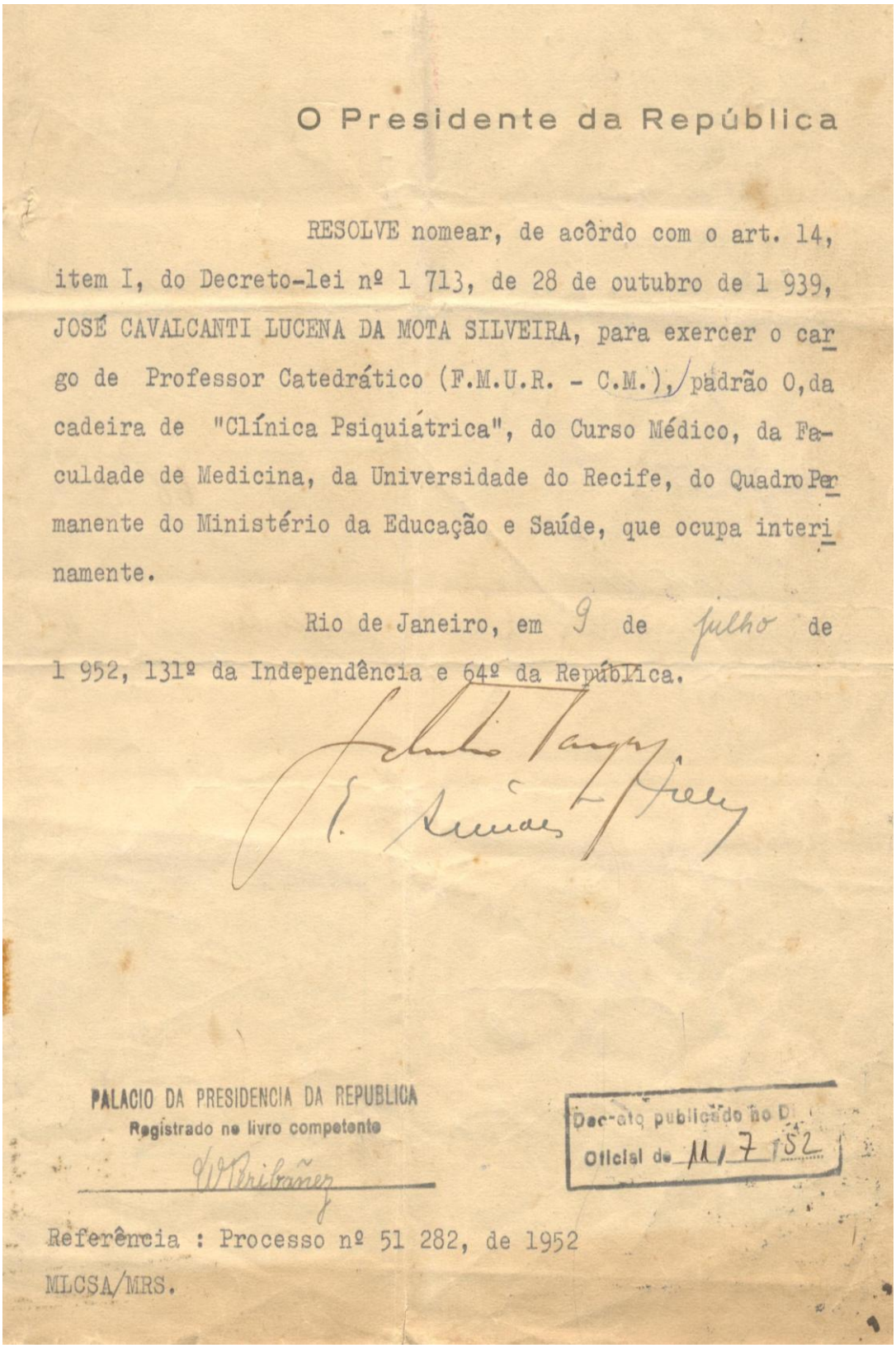
Le Directeur de l'Ecole Nationale de la Santé Publique, soussigné, atteste que le Docteur DA MOTTA SILVEIRA, de nationalité brésilienne, Professeur de Psychiatrie à la Faculté de Médecine de RECIFE bénéficiaire d'une bourse de perfectionnement du Gouvernement Français au titre de l'Assistance Technique accomplit auprès de l'Ecole à partir du 3 novembre 1960 un stage consacré à l'étude de la psychiatrie et de l'hygiène mentale.

Le séjour d'études de Monsieur DA MOTTA SILVEIRA à été fixé à 6 mois.

Le Directeur
de l'École Nationale
de la Santé Publique et
L'Inspecteur des Études

Imagem 33. (José Lucena - Estudos na França, 1960)

Imagem 34. (José Lucena – Simpósio Esquizofrenia Hoje, Recife 1974).



O Presidente da República

RESOLVE nomear, de acôrdo com o art. 14, item I, do Decreto-lei nº 1 713, de 28 de outubro de 1 939, JOSÉ CAVALCANTI LUCENA DA MOTA SILVEIRA, para exercer o cargo de Professor Catedrático (F.M.U.R. - C.M.), padrão O, da cadeira de "Clínica Psiquiátrica", do Curso Médico, da Faculdade de Medicina, da Universidade do Recife, do Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde, que ocupa interinamente.

Rio de Janeiro, em 9 de julho de 1 952, 131º da Independência e 64º da República.

PALACIO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
Registrado no livro competente

Decreto publicado no D.
Oficial de 11/7/52

Referência : Processo nº 51 282, de 1952
MLCSA/MRS.

Imagem 35. (José Lucena – Professor Catedrático da Faculdade de Medicina do Recife)

cadeira de CLINICA PSIQUIÁTRICA desse novo estabelecimento de ensino médico.

N. termos,

P. deferimento,

Recife, 17 de agosto de 1951.

José Cavalcanti Lucena da Mota Silveira

C E R T I F I C O , em obediência ao despacho supra, do Senhor Doutor Diretor, que, de acôrdo com as atas de fundação e demais assentamentos, consta ser o PROFESSOR JOSÉ CAVALCANTI LUCENA DA MOTA SILVEIRA um dos fundadores dêste Estabelecimento, havendo sido, outrossim, escolhido para reger a cadeira de CLINICA PSIQUIÁTRICA. Em firmeza do que lavrei a presente certidão que assino, eu Célia Ferreira, escriturário o subscrevi.

Faculdade de Ciencias Medicas de Pernambuco.

Recife, 20 de agosto de 1951

Célia Ferreira

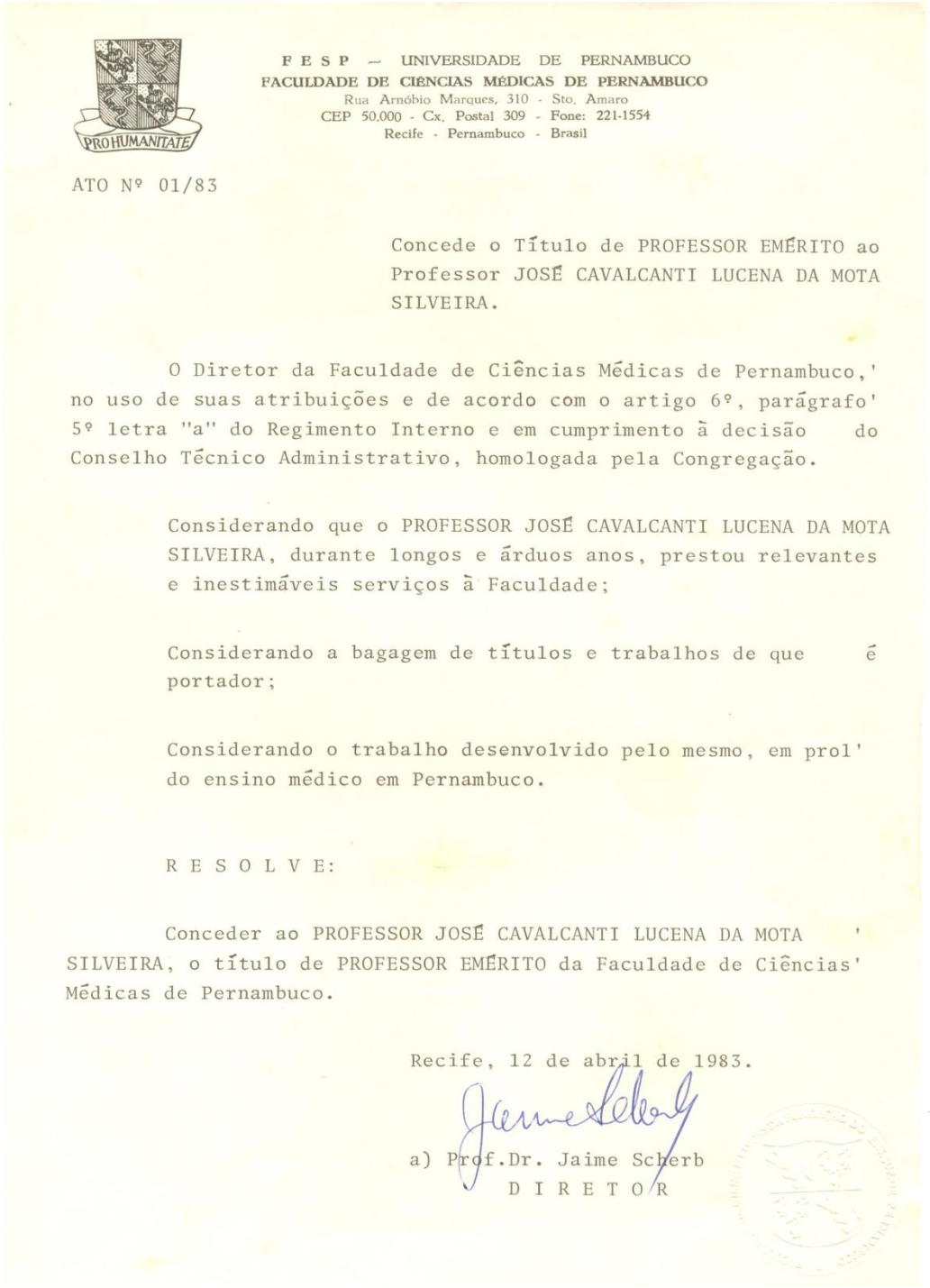
VISTO:

Recife,

a) Adauto Ferreira Gonçalves
Secretário

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE PERNAMBUCO

Imagem 36. (José Lucena – Professor fundador e Catedrático da Faculdade de Ciências Médicas de Recife, atual UPE)



FESP — UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE PERNAMBUCO
Rua Arnóbio Marques, 310 - Sto. Amaro
CEP 50.000 - Cx. Postal 309 - Fone: 221-1554
Recife - Pernambuco - Brasil

PRO HUMANITATE

ATO Nº 01/83

Concede o Título de PROFESSOR EMÉRITO ao Professor JOSÉ CAVALCANTI LUCENA DA MOTA SILVEIRA.

O Diretor da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, no uso de suas atribuições e de acordo com o artigo 6º, parágrafo 5º letra "a" do Regimento Interno e em cumprimento à decisão do Conselho Técnico Administrativo, homologada pela Congregação.

Considerando que o PROFESSOR JOSÉ CAVALCANTI LUCENA DA MOTA SILVEIRA, durante longos e árduos anos, prestou relevantes e inestimáveis serviços à Faculdade;

Considerando a bagagem de títulos e trabalhos de que é portador;

Considerando o trabalho desenvolvido pelo mesmo, em prol do ensino médico em Pernambuco.

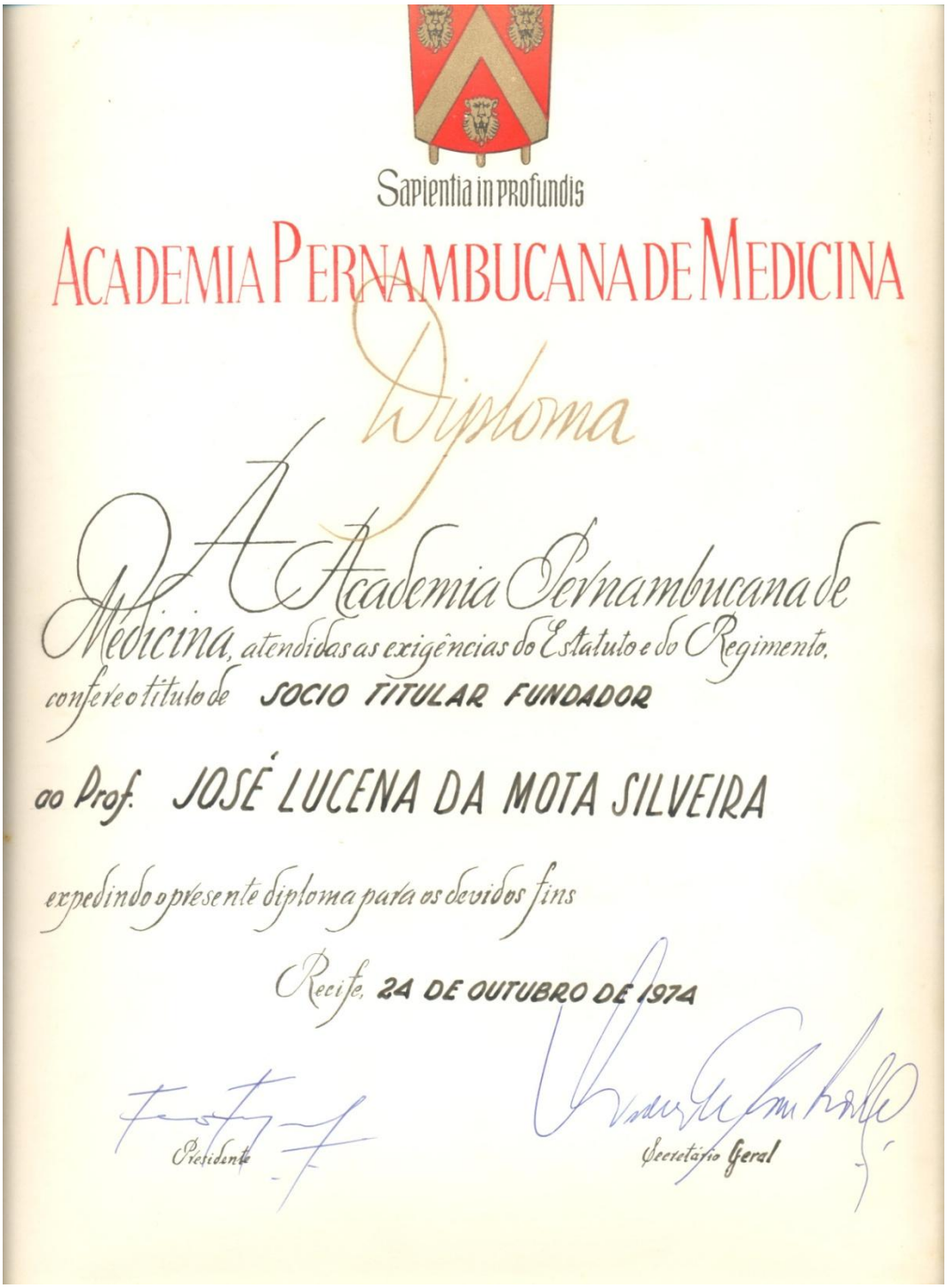
R E S O L V E:

Conceder ao PROFESSOR JOSÉ CAVALCANTI LUCENA DA MOTA SILVEIRA, o título de PROFESSOR EMÉRITO da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco.

Recife, 12 de abril de 1983.

a) Prof.Dr. Jaime Scherb
D I R E T O R

Imagem 37. (José Lucena – Professor Emérito da UPE)



Sapientia in profundis

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA

Diploma

A Academia Pernambucana de Medicina, atendidas as exigências do Estatuto e do Regimento, confere o título de SOCIO TITULAR FUNDADOR

ao Prof. JOSÉ LUCENA DA MOTA SILVEIRA

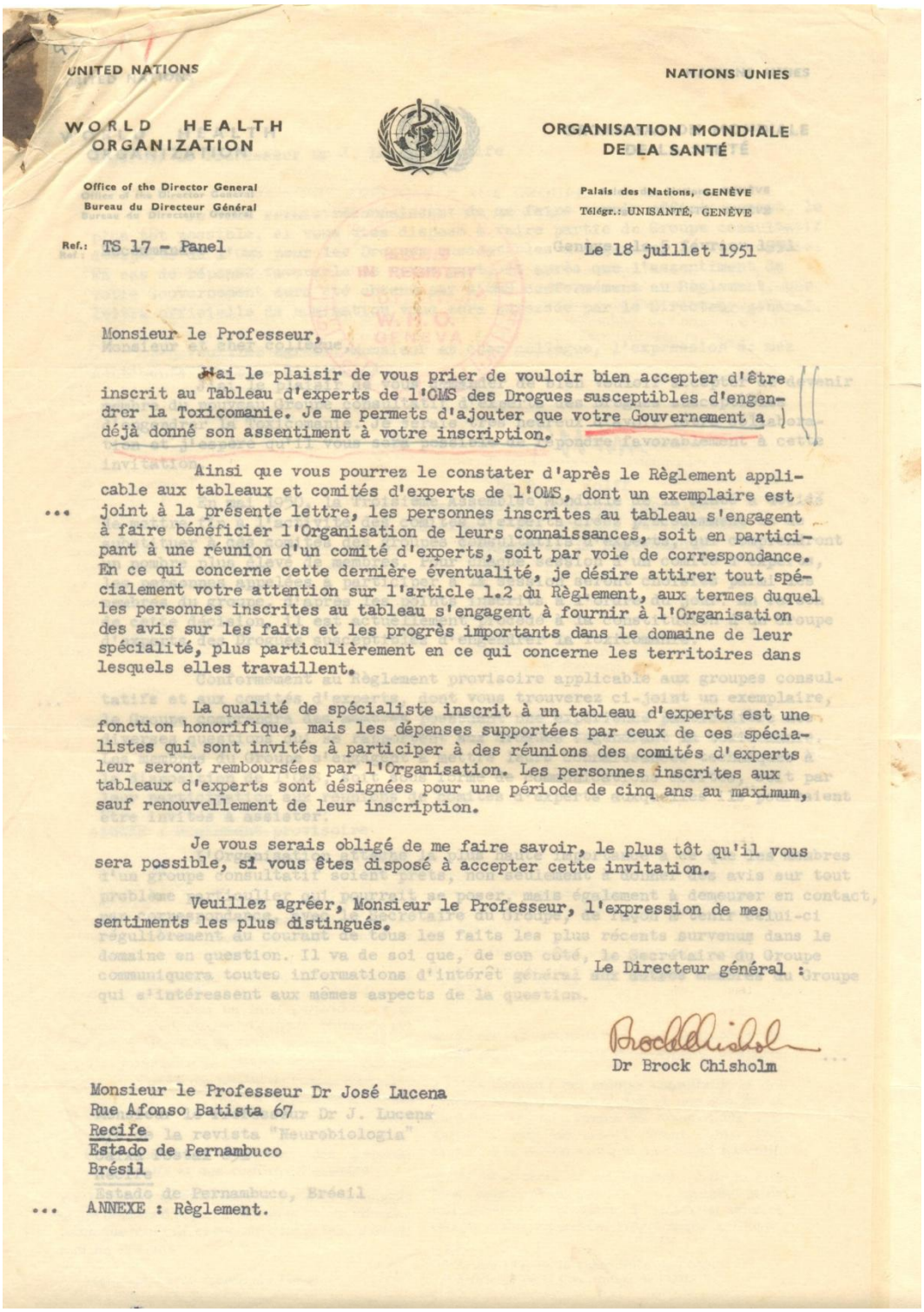
expedindo o presente diploma para os devidos fins

Recife, 24 DE OUTUBRO DE 1974

Presidente

Secretário Geral

Imagem 38. (José Lucena – Membro da Academia Pernambucana de Medicina)



UNITED NATIONS

NATIONS UNIES

WORLD HEALTH ORGANIZATION

ORGANISATION MONDIALE DE LA SANTÉ

Office of the Director General
Bureau du Directeur Général

Palais des Nations, GENÈVE
Télégr.: UNISANTÉ, GENÈVE

Ref.: TS 17 - Panel

Le 18 juillet 1951

Monsieur le Professeur,

J'ai le plaisir de vous prier de vouloir bien accepter d'être inscrit au Tableau d'experts de l'OMS des Drogues susceptibles d'engendrer la Toxicomanie. Je me permets d'ajouter que votre Gouvernement a déjà donné son assentiment à votre inscription.

Ainsi que vous pourrez le constater d'après le Règlement applicable aux tableaux et comités d'experts de l'OMS, dont un exemplaire est joint à la présente lettre, les personnes inscrites au tableau s'engagent à faire bénéficier l'Organisation de leurs connaissances, soit en participant à une réunion d'un comité d'experts, soit par voie de correspondance. En ce qui concerne cette dernière éventualité, je désire attirer tout spécialement votre attention sur l'article 1.2 du Règlement, aux termes duquel les personnes inscrites au tableau s'engagent à fournir à l'Organisation des avis sur les faits et les progrès importants dans le domaine de leur spécialité, plus particulièrement en ce qui concerne les territoires dans lesquels elles travaillent.

La qualité de spécialiste inscrit à un tableau d'experts est une fonction honorifique, mais les dépenses supportées par ceux de ces spécialistes qui sont invités à participer à des réunions des comités d'experts leur seront remboursées par l'Organisation. Les personnes inscrites aux tableaux d'experts sont désignées pour une période de cinq ans au maximum, sauf renouvellement de leur inscription.

Je vous serais obligé de me faire savoir, le plus tôt qu'il vous sera possible, si vous êtes disposé à accepter cette invitation.

Veuillez agréer, Monsieur le Professeur, l'expression de mes sentiments les plus distingués.

Le Directeur général :

Dr Brock Chisholm

Monsieur le Professeur Dr José Lucena
Rue Afonso Batista 67
Recife
Estado de Pernambuco
Brésil

ANNEXE : Règlement.

Imagem 39. (José Lucena- Perito em Dependências Químicas pela OMS)

Imagem 40. (José Lucena – Membro da Academia de Ciências Médico- Sociais)

Imagem 41. (José Lucena com a esposa D. Ângela e os alunos Othon Bastos e Tácito Medeiros)

Imagem 42. (José Lucena sendo cumprimentado pelo professor Fernando Figueira, observado pelo professor Othon Bastos)

Imagem 43. (José Lucena com os residentes de psiquiatria Osmar Gouveia, Iolita Borges e Sílvio Romero)

Imagem 44. (José Lucena com os professores José Leme Lopes, Darci Mendonça Uchoa, Álvaro Rubim de Pinho, Antônio Carlos Pacheco e Silva e Manuel Albuquerque).

Imagem 45. (José Lucena com os psiquiatras Gilberto Macedo, Maria Cristina Cavalcante de Albuquerque, Ulisses Vianna e Luiz Cerqueira, respectivamente 1º, 3ª, 5º e 7º da esquerda para a direita)

Imagem 46. (José Lucena com o professor Arnaldo Di Lascio e esposas)

Imagem 47. (José Lucena com o atual presidente da ABP, Dr. João Alberto de Carvalho)

Imagem 48. (José Lucena em momento de descontração)

Imagem 49. Mesa redonda com o professor Luiz Salvador de Miranda Sá-Jr.